

FABIANA RODRIGUES CARRIJO

**NAS FISSURAS DOS CADERNOS ENCARDIDOS: PROCESSOS DE
SUBJETIVAÇÃO E A DISCURSIVIDADE LITERÁRIA EM CAROLINA
MARIA DE JESUS**

UBERLÂNDIA/MG

2013

FABIANA RODRIGUES CARRIJO

**NAS FISSURAS DOS CADERNOS ENCARDIDOS: PROCESSOS DE
SUBJETIVAÇÃO E A DISCURSIVIDADE LITERÁRIA EM CAROLINA
MARIA DE JESUS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Linha de Pesquisa: Linguagem, Texto e Discurso

Projeto de Pesquisa vinculado: Michel Foucault na Análise do Discurso: aportes teóricos e metodológicos

Orientador: Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes

**UBERLÂNDIA/MG
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C316n
2013 Carrijo, Fabiana Rodrigues, 1973-
Nas fissuras dos cadernos encardidos: processos de subjetivação e a
discursividade literária em Carolina Maria de Jesus / Fabiana Rodrigues
Carrijo. -- 2013.

176 f.

Orientador: Cleudemar Alves Fernandes.
Tese (doutorado) -- Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977 - Teses.
3. Análise do discurso - Teses. 4. Estilo literário - Teses. I. Fernandes,
Cleudemar Alves, 1966- II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa
de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

FABIANA RODRIGUES CARRIJO

**NAS FISSURAS DOS CADERNOS ENCARDIDOS: PROCESSOS DE
SUBJETIVAÇÃO E A DISCURSIVIDADE LITERÁRIA EM CAROLINA
MARIA DE JESUS**

Tese **apresentada** ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos e **defendida em** 16 de dezembro de 2013. Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Aprovada em: 16/12/2013.

Uberlândia – MG

Banca Examinadora

|
Prof. Cleudemar Alves Fernandes – Orientador (UFU)
Doutor em Linguística

Prof^a Mara Rúbia de Souza Rodrigues Moraes (IFG)
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa

|
Prof. Sandro Braga (UFSC)
Doutor em Linguística

Prof^a Simone Tieme Hashiguti (UFU)
Doutora em Linguística Aplicada

|
Prof. Fábio Figueiredo Camargo (UFU)
Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa

Ao Prof. Dr. Cleudemar A. Fernandes, pela
cumplicidade teórica, sensibilidade artística e por ter
me agasalhado (junto com Foucault) no exercício
maduro do livre-arbítrio acadêmico.

HOMENAGEM ESPECIAL

Para a minha avó Aucélia (em outro ‘espaço-dimensão’) que me ensinou, diuturnamente, que, se a coragem não vem esquadrinhada nos genes de nossa família, deve se instituir como um exercício diário de conquista. Para aquela que me fez pensar que eu era forte, talvez tivesse sido um dia! Não sei! Imaginei-me renovável na ação de seguir, porque sempre houve em mim o desejo de chegar em algum lugar – aquele que eu diria: ‘_ Enfim, achei meu ninho, encontrei meu lugar e que enternecida pelo calor e pela suavidade de um olhar febril me dissesse seja bem-vinda’!

Para Nina querida, que saiu do lixão de Goiânia/GO para prontamente habitar o espaço restrito de meu coração. Felina de pequeno porte, olhos verdes, patas grandes e de potenciais gestos de carinho... meus sinceros agradecimentos por sua vigília, pelo seu companheirismo. Para aquela que preenche os meus dias de singularidade, fazendo-me crer que, se os dias são quase sempre iguais, a dedicação de um bichinho é diversa, e, nas noites insones, sobretudo nelas, aprendo que a afeição pelos bichos tem me lecionado a ser um ser humano melhor no decurso deste viver.

HOMENAGEM ESPECIAL 2

Para a outra ‘menininha-pardal’(minha irmã-gêmea) que também caíra de véspera no colo da vovó; pela compreensão de sempre, pela partilha e pelo exercício de obstinação. Se, em outras preleções, há tantas falhas que fique neste estágio de convivência a lição aprendida de cor: Perseverar!

Para a outra filhotinha e para a nossa ‘mãe-pardalzinha’(menor); sempre agregadas à delicadeza e à generosidade e que me ensinam na cantilena diária a prática do amor.

AGRADECIMENTOS

O espaço limítrofe de uma página é pequeno demais para assegurar às pessoas queridas o lugar de afeto que a elas é devido. Estarei, pois, com uma incumbência impossível: ser justa e não me esquecer de ninguém, como se houvesse justeza de propósitos ao lidarmos com a memória que se encarrega, naturalmente, de esquecer aquilo que jamais poderíamos ter esquecido: os laços de afeto e os incentivos por esta conquista. O tempo é inexorável. Penso que, para algumas pessoas não instituir-lhes um lugar nesta página, é não revelar-lhes a gratidão esperada e/ou merecida.

Nesse sentido, para evitar lapsos, possíveis excessos, ausências e ‘infelicitações’, deliberei tatuar aqui os meus mais sinceros votos de agradecimento e, por outro turno, de escusas pelas faltas na convivência afetiva, amorosa e por que não íntima. Assim, ao me valer da ‘ideia-sentimento’ de ofertar esta tese para Nina e para minha avó Aucélia estendo este agradecimento a todas as pessoas e instituições que, no maior gesto ou na menor intenção, são merecedores deste simples e fidedigno agradecimento.

Que o espaço restrito desta página possa acolher e quem sabe fazer jus minimamente aos gestos, aos sentimentos de abono e/ou desabono por esta ou aquela conduta empreendida durante este processo de doutoramento. Que na ação de caminhar e colher os frutos amarelecidos pela ação do tempo haja solenemente concretizado/concretizável o vocábulo ‘obrigada’ e seus correlatos.

Agradeço, em especial, a minha avó Aucélia que me ensinou com a lida o gene da coragem impregnado, impregnável, possível. Mal sabia o serviço das palavras, mas entrevia longe, como se estivesse sempre com o olhar para o infinito, para o distante. Deixou-nos um legado de amor, um amor incondicional pelos seus e pelos outros. Abrigava, acolhia e recolhia gente, os categorizados de andarilhos (Ana Boba, Padrinho Carlito), de seres “descabeceados” e tantos outros que ali faziam morada e, tão logo melhorados, se punham ao destino fatídico de perambular e tantas e tantas vezes retornar por aquele lugar... lugar de cuidados, lugar de afagos, lugar de curar gente cuja doença carecia apenas de acalanto e amor, doenças que a sociedade rotulava de lepra, cegueira, dor de amor, loucura, bestialidade. Minha avó, certamente, não sabia o ofício

das palavras, assim miudinho como se aprende na escola, mas, na nobre missão de recolher vidas em risco, aprendeu que a maior lição não vem dos livros; ao revés, ela vem e sempre veio da necessidade e coragem de proteger outrem, ter compaixão, ter amor e, sobretudo, extrema coragem.

Para a minha avó tão achegada de Carolina Maria de Jesus meus legítimos agradecimentos! Que uma (minha avó que criou a tática de sobrevivência de quem mesmo lidando com bichos venenosos compreende que eles nunca atacam com o intuito de simplesmente investir, eles só atacam quando se sentem, por deveras ameaçados e que aprendeu com o ofício de retirar veneno de cobra, a ter um antídoto mais eficaz e poderoso que aquele retirado por detrás das presas das cobras, o amor) e outra (aquela que escrevia em cadernos encardidos pela ação do tempo com o desejo legítimo de mudar o curso de sua história) possam se sentir abrigadas pelo olhar entusiástico de uma ‘menina-mulher’.

SUMÁRIO

DO PREÂMBULO

I-Considerações Iniciais.....	15
II - Delineando um caminho possível:	
2.1- Roteiro teórico-metodológico e circunscrição dos espaços prováveis para esta pesquisa.....	20
2.2- Ações que perpassam a pesquisa e esboço da composição do <i>corpus</i>	28

CAPÍTULO I – FORTUNA CRÍTICA E ESCRITA DE SI

1-Contextualização da fortuna crítica e constituição de um lugar possível para os dois diários de Carolina Maria de Jesus.....	35
1.1- Linguagem, obra e literatura.....	35
1.2- O cuidado de si.....	45
1.3- A escrita de si.....	48
1.3.1-No ensaio da <i>escrita de si</i> : a constituição de um sujeito na contradição (nem totalmente delator, nem propriamente porta-voz dos excluídos).....	49
1.3.2- Escrita de si, cuidado de si e governamentalidade: alinhavos prováveis.....	65
1.3.3- Escrita de si: fios que se (des)tecem em uma gradação de cores.....	80
1.3.4- Confissão: sinuosidades das/nas relações do poder.....	87

CAPÍTULO II- DIÁRIOS ÍNTIMOS, *LETTRES DE CACHET* E *HYPOMNEMATA*

2-Esquadrinhando uma <i>escrita de si</i> pelos meandros dos diários íntimos.....	90
2.1-Linguagem Rasurada, discursividade e devir.....	90
2.2- <i>Lettres de Cachet</i> , <i>hypomnemata</i> : algumas considerações.....	96

CAPÍTULO III- PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

3- Nos processos de subjetivação: o prenúncio de uma subjetividade.....	109
3.1-Lugar social, invisibilidade social e discursividade não-canônica.....	117
3.2- A posição-sujeito menina errante em DB – algumas singularidades:.....	123

CAPÍTULO IV- AUTORIA, ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA E EXCEDENTE DE VISÃO

4-Autoria: princípio e agrupamento de uma discursividade.....	129
---	-----

4.1- Os diários íntimos e a noção de excedente de visão: primeiros apontamentos	132
4.2.-O diário como tentativa de serenar a solidão, acobertar-se da loucura e atenuar o perigo da morte: outros mais arremates.....	144
4.2.1- Mathias, Bakhtin e Foucault	145
4.3-Nas marcas de um dito, a inscrição de um já-dito: assim, “já não falamos senão entre aspas”.....	152
4.4- A Discursividade Rasurada em Quarto de despejo.....	157
Considerações Finais.....	164
Referências.....	172

RESUMO

Esta pesquisa investigou, a partir de uma análise teórico-metodológica repousada nos aportes da AD francesa, como um sujeito de um discurso constitui sua subjetividade através do exercício de uma *escrita de si*. Assim, esta tese elencou as singularidades desta *escrita de si*, especialmente, por intermédio de dois diários íntimos de Carolina Maria de Jesus, notadamente, a partir do Quarto de despejo (1960). Os estudos apresentados, neste trabalho, intencionavam discutir o sujeito como um sujeito da escrita que se vale dela com o intuito de preservar o dia vivido na esperança blanchotiana de que se deve anotar para preservar e preserva-se para não passar incólume. Esta problemática do sujeito, relacionada com o produto de sua escrita, foi tomada por meio dos estudos apresentados por Foucault a partir das noções de escrita de si, cuidado de si, dos *hypomnemata* e das *lettres de cachet*, o que possibilitou inventariar a constituição de um sujeito por meio de sua escrita. Neste exercício de análise discursiva de um corpus de base literária, a partir de noções foucaultianas e de algumas notações temáticas de outros campos teóricos (como da crítica literária e dos estudos bakhtinianos), deliberou-se que a constituição do sujeito em várias posições-sujeito se produziu na e pela contradição: nem totalmente delator, nem propriamente porta-voz dos excluídos. Esta proposta de trabalho se valeu da noção de discursividade proposta por Orlandi (sob influência pecheutiana) e adicionou-se a ela a palavra literária para singularizar uma escrita de si que se inscreveu na ordem do devir como uma discursividade outra, talvez de outra ordem. Nesse sentido, o termo literário não carregou aqui as correlações com o que seria um estatuto literário, passou além destas atribuições. Este exercício de análise, ou ainda este gesto de leitura realizou a descrição do processo de objetivação de uma subjetividade, como um ‘efeito-sujeito’, a partir da escrita de si. Corolário a essa constituição de sujeitos plurais, observou-se uma *escrita de si* que para além de dizer de si e de evidenciar a constituição de um sujeito por meio de sua *escrita de si*, singularizou a essência de uma escrita de *outrem*, a dos ébrios, a dos indigentes, a das mulheres que vivem no penado enquanto os homens se regozijam com a situação de serem providos por essas mulheres.

Palavras-chave: Escrita de si; Discursividade literária; Carolina Maria de Jesus; Análise do Discurso, Foucault

ABSTRACT

This research investigated, from a theoretical and methodological analysis rested on the French contributions AD as a subject of a discourse constitutes his subjectivity through the exercise of *writing himself*. Thus, this thesis listed the singularities of this writing himself especially through two particular diaries of Carolina Maria de Jesus especially “Quarto de Despejo” (1960). The studies presented in this work intended to discuss the subject as a writing subject that is worth in order to preserve the living day in blanchoniana hope that it should be noted for preserving and preserves itself not to pass unscathed. This problematic subject related with his writing was taken by Foucault presented studies from the notions himself writing, self care from *hypomnemata* and of *lettres de cachet*, that allowed to make an inventory of a subject constitution through his writing. In this discursive analysis exercise of a literary basis corpus, from Foucault’s notions and notations from other theoretical fields (such as literary criticism and Bakhtin’ studies), it ruled that the subject constitution in various subject-positions produced in and contradiction by himself: nor fully racked, nor spokesman deleted. This working purpose made use of discursivity notion proposed by Orlandi (pecheutiniana influence) and added in it the literary word to specify a writing by itself that signed up in order as a becoming discourse in another one may be from another order. In this sense, the literary term did not take here correlations which would be a literary statute. it was beyond these assignments. This analysis exercise, or still this reading gesture made a objectification process description of a subjectivation as an “subject-effect”, from writing himself. Corollary to this plural subject constitution, it observed a *writing from himself* that says not only something more about himself and to evidence a subject constitution by *writing himself*, singled the essence of a writing from *another ones*: drunkards, indigents, women that lived in penate while men rejoice with the situation because they are provided by these women.

Key-words: Writing from himself; Literary Discursivity; Carolina Maria de Jesus; Discourse Analysis; Foucault

Para sempre é sempre por um triz
(Chico Buarque)

NAS FISSURAS DOS CADERNOS ENCARDIDOS: PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E A DISCURSIVIDADE LITERÁRIA EM CAROLINA MARIA DE JESUS

DO PREÂMBULO

1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS

E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.

(JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**, 1960, p.37)

Este estudo se ocupa *do processo de subjetivação e da discursividade literária em Carolina Maria de Jesus*. Assim, partindo dos aportes teóricos da Análise de Discurso, de base francesa¹ e tomando o discurso em uma visão foucaultiana enquanto “algo inteiramente diferente do lugar em que vêm se depositar e se superpor, como em uma simples superfície de inscrição, objetos que teriam sido instaurados anteriormente” (FOUCAULT, 2008, p.48), almejamos, por meio da materialidade discursiva, constituída pelos dois diários de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo* (1960)² e *Diário de Bitita*³ (2007), delinear os processos de subjetivação e a discursividade literária nessa autora.

Entendemos como discursividade aquela proposta por Orlandi: “Tomamos a discursividade, por definição, como o lugar que nos permite observar os efeitos materiais da língua, enquanto sistema passível de jogo, na história. Resulta desse jogo que a produção de sentidos é marcada necessariamente pelo equívoco” (1996, p. 132).

Os processos de subjetivação serão estudados via apontamentos discursivos e pela discursividade literária. Não há um único caminho possível, quer seja, só via discursividade literária. Acreditamos que ele se faz em mão dupla; assim, tanto delinearíamos os processos de subjetivação via apontamentos teóricos quanto via discursividade literária em Carolina Maria de Jesus (por intermédio da análise do corpus selecionado para esta pesquisa).

¹ - Doravante apenas AD

² - Trata-se da primeira edição de Quarto de despejo.

³ - A partir deste momento, recorreremos apenas à abreviatura das duas obras que assim ficariam, sucessivamente, QD e DB. Todos os excertos serão retirados destas edições, por isso, limitaremos a colocar as iniciais seguidas do número de página. O DB será utilizado, nesta pesquisa, apenas como uma materialidade complementar, já que nos interessa, sobremaneira, o QD.

Por ora, apenas, antecipamos que os processos de subjetivação, tomados por meio da materialidade linguística, constituída pelos dois diários, *QD* e *DB*, parecem entremostrear um jogo de relações precisas de saber e poder, delineando as marcas possíveis de uma discursividade que faz emergir ou que aponta para a constituição de várias posições do sujeito⁴; tanto àquele delineado por uma posição tributável de autoria quanto outros sujeitos (plurais) que vão sendo esboçados nessa discursividade, a saber: o sujeito discursivo⁵ delator, o sujeito discursivo religioso ou sob efeitos de uma religiosidade, o sujeito discursivo escritor, o sujeito discursivo apaziguador das brigas, o sujeito discursivo porta-voz dos favelados, dentre outros que nos foram e serão possíveis depreender a partir dos estudos propostos com esta pesquisa.

Cumpre-nos, neste momento, anunciar que *QD* e *DB* são considerados diários íntimos, anotações memorialísticas que tentam reconstruir o passado no momento presente. O primeiro deles traz as indicações de data no início de cada relato e o leitor percebe que houve supressão de algum tempo (aproximadamente três anos) nas anotações⁶. Os primeiros relatos iniciam em 15 de julho de 1955, encerram-se, parcialmente, em 28 de julho de 1955 – quando há a indicação sobre o fim do diário de 1955. Depois são retomados em 02 de maio de 1958 e sofrem nova supressão em 23 de fevereiro – quando há o apagamento de quase dois meses, só reiniciando em 29 de abril de 1959. Neste mesmo dia, há uma possível justificativa da autora para o fato de ter parado de escrever: “Eu parei de escrever o Diário porque fiquei desiludida. E por falta de tempo.” (*QD*, p.154). Há uma nova supressão, cerca de um mês – de 12 de maio a 12 de junho de 1959. Depois, em agosto, há uma interrupção de aproximadamente dez dias (do dia 16 de agosto para 26 de agosto) e, nesse dia, quer seja, 26 de agosto, uma única linha de relato: “A pior coisa do mundo é a fome!” (*QD*, p.181). As anotações decorrem para 31 de dezembro de 1959 e o diário é encerrado em 1º de janeiro de 1960 com: “Levantei as 5 horas e fui carregar água” (*QD*, p.182).

⁴ - São diversas situações/posições que podem ser ocupadas pelo sujeito do discurso. Este conceito aparece em *Arqueologia do Saber*, notadamente, no tópico: A formação das modalidades enunciativas. (FOUCAULT, 2008, p.56-61).

⁵ - Sujeito discursivo, grosso modo, é o sujeito que enuncia no discurso. É uma posição que pode ser ocupada, segundo Foucault (2008, p.130), sob certas condições, por indivíduos indiferentes. São lugares ocupados no momento da enunciação. E esses lugares são: históricos, sociais, culturais.

⁶ - O livro passou pela organização do jornalista Audálio Dantas que assume na apresentação do livro em sua 1ª edição (1960) que o diário começa no dia 15 de julho de 1955, no aniversário da filha de Carolina Maria de Jesus. O referido organizador do livro se recusa a dizer prefácio, pois diz que esse tem regras e ele não gosta delas, apenas se limita a apresentar a Carolina – escritora moradora da favela do Canindé: “Tenho de contar uma história, conto. Em contada, no exato acontecido, sem inventar nada. Não é no jeito meu, comum de repórter, mas é uma história de Carolina Maria de Jesus, irmã nossa, vizinha nossa, ali da favela do Canindé, Rua A, número 9” (Apresentação de Audálio Dantas ao livro *QD*, 1960, p.05).

Para além dos litígios que possam ser apontados no tocante à supressão ou não do relato de Carolina Maria de Jesus ao ser organizado para publicação, o fato é que os diários receberam um recorte neste ou naquele dia, neste ou naquele ano. Se no início dos relatos há quase a anotação diária, ao fim do Diário, os relatos vão se espaçando. Na 9ª edição ao QD, datada de 2007 e cuja apresentação realizada por Audálio Dantas data de 1993, o jornalista assume que fez recortes no texto para evitar a repetição da rotina favelada que seria exaustiva, já que se tratava de mais de vinte cadernos sobre o cotidiano na favela. Reconhece que fez algumas alterações na pontuação e em algumas palavras cuja grafia poderia levar à incompreensão da leitura. E confessa, pois, que estas foram as únicas modificações feitas.

A obra QD obteve diversos estudos, e fora, quiçá mundialmente conhecida como obra de testemunho. Neste diário, temos o depoimento de uma mulher negra, favelada sobre o dia-a-dia de suas desventuras para obter o seu sustento e o de seus filhos. Houve na época da publicação do aludido livro, década de 1960, suspeitas sobre a veracidade e a assunção de autoria. Foi posta sob suspeição a veracidade de seu testemunho; se, efetivamente, os relatos eram tais e quais atribuídos à autora Carolina Maria de Jesus ou foram burilados pelo apresentador da autora e de seu livro, Audálio Dantas.

Nesse sentido, pode-se deduzir que lhe fora concedida a liberdade de falar, mas esta fala parece ter permanecido circunscrita ao teor testemunhal, validou e é legitimada enquanto depoimento e não como obra literária, ao menos, não por uma crítica literária, já que tem sido recorrida, enquanto sucesso editorial da época e tem recebido acenos mais amiúdes enquanto fundamentação teórica, de base sociológica, antropológica e histórica⁷.

DB fora publicado primeiramente na França, em 1982, por uma jornalista francesa. Só quatro anos depois ganharia uma edição brasileira, realizada pela Nova Fronteira. Esta obra, contrariamente ao QD, passou por uma revisão ortográfica antes de sua publicação. Trata-se do relato de Bitita – apelido de Carolina Maria de Jesus – testemunhando sua vida andarilha até transformar-se em mulher adulta, sempre às voltas com a pobreza, a errância e o preconceito.

O relato principia com um capítulo intitulado “Infância” e se encerra com “Ser Cozinheira”, no qual o sujeito discursivo expõe sua efêmera felicidade ao conseguir um emprego em uma casa de família, não obstante acaba tendo que sair deste emprego e se lançar novamente à vida errante, vai para São Paulo. O relato termina com o anúncio desse sujeito ao

⁷- Alguns trabalhos têm sido referência no campo literário, a saber: SOUSA (2004), PERPÉTUA, (2000) e FERNANDEZ (2008).

chegar à cidade grande, onde intenta “conseguir meios para comprar uma casinha e viver o resto de meus dias com tranquilidade...” (DB, p.250).

Em DB, temos um relato desde a infância, a ida para escola, a condição dos negros, a inteligência do avô, considerado pelo sujeito do discurso como um Sócrates Africano até a ida para São Paulo quando, então, enche-se de sonhos na esperança de comprar uma casa de alvenaria que, a propósito, constituir-se-ia em mote para a composição e publicação de outro livro, de título homônimo.

DB não recebeu, quando confrontado com QD, a mesma atenção do público leitor, tendo passado quase despercebido, talvez por não apresentar a linguagem fraturada ou, então, porque já havia sido apresentado ao leitor o quarto de despejo com as misérias humanas.

Depois de circunscritas as características do corpus para a presente análise discursiva, anunciamos que investigaremos, nesta pesquisa, quais as singularidades de uma dada discursividade se fazem entremostrear as peculiaridades de um processo de subjetivação via fissuras dos cadernos encardidos. Seguindo este raciocínio, proferimos que, em QD e DB, o sujeito tributável de uma dada autoria parece fugir às tentativas céleres de categorização.

O termo fissuras empregado no título é utilizado com o objetivo de sugerir os possíveis interstícios em que parece se dá a constituição de um sujeito via relações de poder e saber, via *escrita de si*, cuidado de si e prática de si nos moldes foucaultianos. Nessas acepções, o sujeito não é substância, mas forma e esta não é idêntica a si mesma. O sujeito não tem consigo próprio o mesmo tipo de relação enquanto sujeito político e enquanto sujeito de uma historicidade ou ainda sujeito de uma sexualidade. Em cada relação que institui, se posicionará de uma forma dessemelhante. Há, então, várias formas de sujeito conforme as relações que este assenta com os diversos ‘jogos de verdade’. A constituição histórica dessas diferentes formas de sujeito é o que interessa a Foucault. E é também o que nos incita, especialmente, nesta tese, ao discorrermos sobre a constituição de uma dada subjetividade.

Acreditamos que esta proposta de tese para um doutoramento se constitui como uma contribuição especialmente para os estudos linguísticos, conquanto possa também interessar a outros campos epistemológicos, já que a exemplo de Ítalo Calvino (1990), entendemos que os saberes não se excluem, mas se interpenetram. E como a AD é devedora dos aportes teóricos que se valem da confluência dos saberes, procuramos, nesta pesquisa, uma leitura que municie destes campos teóricos que se entrelaçam, revelando-se transdisciplinares.

Ao principiar esta tese, cuja temática é delinear os processos de subjetivação, a partir das singularidades de uma escrita de si pelo viés de uma discursividade rasurada⁸, nos vêm à baila algumas demandas que não podem ser esquecidas: 1) Como se dá a constituição do (s) sujeito(s) via escrita rasurada de si? 2) Como escrever e inventariar o que seria *a priori* da ordem do não inventariável⁹: os matizes da miséria, por intermédio de uma escrita rasurada e traçada com fios diversos? 3) Como se dá o processo de constituição dos sujeitos em meio a sua *escrita de si*? 4) Como se apresenta a discursividade literária em uma escritura rasurada? 5) Que constituições de sujeito se fazem entrever na materialidade linguística cotejada e como isto se relaciona com o fato de ser catadora de lixo, favelada, escritora? Em síntese, como os sujeitos são constituídos e que relação eles estabelecem com a discursividade literária em Carolina Maria de Jesus?

Nesse sentido, faz-se singular rastreamos e tentarmos arrolar o princípio dessa pesquisa, isto é, por onde encontramos Carolina Maria de Jesus? Desembrulhamos a referida autora de um papel encardido pela ação do tempo com o ardor e a leveza com que, em um passado remoto, desembulhávamos as balas de abacaxi com mamão em papel celofane, aquele mesmo alegre e febril. Persistimos, neste momento que, no ato de desembulhar, de desenrolar, de deixar vir à baila, ousamos entrever pelas fissuras de um livro também amarelecido pela ação do tempo implacável¹⁰, a singularidade de uma materialidade linguística. Assim, esta pesquisa tem o objetivo de problematizar o sujeito, *a priori*, como sujeito de uma escrita, de uma dada discursividade.

Com o mesmo rubor da ação de desembulhar balas, descobrimos uma função autor que chamava a atenção pelo jogo de opostos: uma discursividade reentrante, rasurada, que perseverava em contar e inventariar a vida dos infortunados, das personagens que tinham em comum simplesmente sua vida infame e o fato de pertencerem, aliás, de se constituírem nos badulaques que, ininterruptamente, são lançados ao quarto de despejo. Nesse momento,

⁸ - A escrita rasurada é aquela que escreve por sobre. É aquela escrita que evidencia por vestígios no dito o processo de aquisição de uma língua. Há indícios da inscrição de uma autora (na escrita), onde ela tenta se corrigir e acaba por desvelar nessa escrita este processo de apropriação de um código linguístico, seja através da hipercorreção, seja através da reescrita (quando a autora volta ao texto e coloca maiúscula onde estava minúscula). Observamos parte dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus e este exercício de observação fora feito de maneira qualitativa e não quantitativa, já que teríamos que colocar este foco como a grande questão de tese e enveredar para uma pesquisa de análise detalhada dos manuscritos, conquanto essa (análise) poderia se constituir em uma atividade enfadonha, já que desde os primeiros manuscritos de Carolina Maria de Jesus já se evidencia o processo de apagamento e (re)inscrição por cima com letras maiúsculas onde, em princípio, estariam minúsculas.

⁹ - Intitulamos de não-inventariável porque, de certo modo, as agruras, a extrema miséria e, especialmente, a vida de pessoas desventuradas não são, costumeiramente, estimuladas como dignos de nota.

¹⁰ - Estamos fazendo referência ao livro que tivemos contato com a obra de Carolina Maria de Jesus, trata-se da primeira edição de QD com uma dedicatória da autora para o então governador do Estado de São Paulo (Carlos Alberto de Carvalho Pinto).

estamos realizando uma alusão ao texto de Foucault alcunhado de “A vida dos homens infames” para asseverar que Carolina Maria de Jesus colocou na ordem do dia, ou na ordem do discurso, as vidas sem notoriedades, as histórias minúsculas, os desfechos tristes.

Desse modo, vimos na escrita de Carolina Maria de Jesus a remota possibilidade de e/ou o intrínseco desejo de restituir-lhe, ainda que, espaçadamente, a vontade premente de ser conhecida como poeta. Papéis revoltos trouxeram à tona a presença reentrante de uma posição-sujeito, porque sua escrita intriga-nos e obriga-nos a rever ou simplesmente ver de novo como se fora a primeira vez para aquela que nos despertava (quer seja, nesse sujeito-pesquisador), sentimentos controversos: encantamento e tristeza, desespero e amor, alívio e dor, renascendo por entre as fissuras dos cadernos encardidos.

II - Delineando um caminho possível

2.1-Roteiro teórico-metodológico e circunscrição dos espaços prováveis para esta pesquisa

Qual seria a atribuição do analista de discurso ao se debruçar sobre o *corpus*, senão, seguramente, introduzir-se em uma tarefa em que sujeito e sentido estão se constituindo, ininterruptamente? Assim sendo, tentar apreender estes efeitos de sentido que aparecem em uma dada materialidade linguística, fazendo insurgirem sujeitos singularizados por uma *escrita de si*, por uma inscrição de si (enquanto constituição de sujeitos), por uma reinvenção de ‘si’¹¹, apresenta-se como uma empreitada absorvente, contudo, paradoxalmente, prazerosa e que, ora, institui-se como tarefa desta pesquisa, a saber: delinear, por meio da materialidade linguística, as especificidades de um *corpus*. É na ocupação de si que o sujeito em função de autoria, apreensível em QD e DB, atualiza os dizeres de Foucault (2011) ao retomar Blanchot de que “é preciso escrever para não morrer” (2005); “É preciso tempo para isso. E é um dos grandes problemas dessa cultura de si fixar, no decorrer do dia ou da vida, a parte que convém consagrar-lhe” (FOUCAULT, 2011 c, p.56).

Entendemos que o sentido em dado discurso, em uma dada discursividade nunca será ‘o sentido’, substantivo singular, pois, como pesquisadores, em AD, somos devedores de uma predicação: conceber o sentido sempre no plural e desde sempre como efeito de sentidos entre interlocutores, como já dizia Pêcheux (1997). Neste caso, o sentido não está associado

¹¹- Foucault, ao longo de suas pesquisas, discorre sobre a estética da existência, em que o sujeito ao se produzir como sujeito o faz singularizando sua vida como se esta fosse uma obra de arte. O sujeito ao se reinventar o faz mediante uma tentativa de criar uma estética de si, tentando passar sua vida quase ‘a limpo’, quer seja reescrevendo-a.

simplesmente nem às palavras, nem aos enunciados, mas é tributário, de alguma forma, da enunciação dos enunciados, o que, por sua vez, depende de condições específicas de sua produção.

Em diversos momentos, um percurso discursivo de descrição e análise teórica-metodológica de um *corpus*, via materialidade linguística, é tarefa de mão dupla: tanto o *corpus* vai esboçando as exigências deste ou daquele escopo teórico quanto este campo teórico esboça as singularidades daquele que, em um primeiro momento, nem atinávamos que haveríamos de usá-lo. Talvez, data daí a estreita e dupla relação entre análise – teoria – análise, pois o analista terá que voltar ao *corpus* infinitas vezes; assim, uma vez principiado uma análise discursiva, o analista não se furtará de aferir este mesmo *corpus* e o escopo teórico lançado mão para embasar sua análise discursiva.

Como elegemos nesta tese delinear a constituição do sujeito, *a priori*, havíamos pensado na possibilidade de cotejar este aspecto em Pêcheux (1997), já que ele discorre sobre a *forma-sujeito*, na intrínseca relação entre esta, a ideologia e o inconsciente. Poderíamos, ainda, recorrer a Foucault (2009) e, ainda, a Bakhtin (1997), contudo, não é possível declinar, detidamente, todos os conceitos correlacionados ao sujeito e à ideologia, a partir destes três autores, dadas as limitações espaços-temporais de uma tese de doutoramento. E, ainda, porque esta talvez fosse uma expedição exaustiva e desnecessária, uma vez que facilmente um destes pensadores já nos ofertaria um leque de possibilidades. É evidente que não nos furtaremos assim que o *corpus* impetrar, à possibilidade de recorrer a este ou aquele conceito, deste ou daquele autor, conquanto não temos e, ainda não teremos, a rigor, o ímpeto de declinar a noção de sujeito e de ideologia em todos os autores supracitados.

Em uma leitura mais explicitada, o prontamente aguardado é que o fizéssemos tomando como escopo teórico tão somente as asseverações de Foucault sobre a *escrita de si*, sobre a noção de autoria e sobre a constituição do sujeito por atravessamentos diversos, da história, da memória, do lugar social. Contudo, assim que íamos esboçando um olhar e/ou vários olhares sob o *corpus* da pesquisa, percebíamos que, em algum momento, teríamos que lançar mão de um e de outro, em uma espécie de concubinato (Foucault e Bakhtin), para nos focarmos tão somente nesses dois autores. Assim constituiríamos uma base teórica que pudesse fornecer-nos os elementos imprescindíveis para esquadriñar a *escrita de si* e a constituição do sujeito na materialidade constituída pelos textos de Carolina, especialmente, nas fissuras dos cadernos encardidos.

Muito mais que a abundância de teoria a ser cotejada, o que ambicionamos é ter clareza o suficiente para escolher um flanco teórico que contemple as singularidades de nosso

corpus, ainda que tenhamos que lançar mão de outras bases, para além da teórica (FOUCAULT, 2001; 2007; 2008; 2009; 2011a; 2011b; 2011c; 2011d; 2011e; 2012a; 2012b), uma base referencial (BAKHTIN, 1995, 1997, 2008) e uma outra base que aqui denominamos de complementar; a saber, os textos sobre os diários íntimos, um deles, **O livro por vir**, de Blanchot (2005). Ao observarmos detidamente esse *corpus*, fomos delineando a possibilidade de recortá-lo tendo em vista também as considerações de Bakhtin (1997) sobre a intrínseca constituição do sujeito que se dá via alteridade. Seria o excedente de visão de *outrem* que daria os contornos possíveis do “eu”. Destarte, insistimos em dizer que a base referencial (noções de dialogismo e de excedente de visão) serão invitadas para elaborar uma conjuntura teórica coadjuvante que explique a ocorrência de uma discursividade literária em Carolina Maria de Jesus.

Assim, seria necessário elucidar um tópico que tem se tornado um ponto de inflexão proeminente nesta tese. Trata-se de explicar o que é uma base teórica, uma base referencial e uma base complementar. A base teórica diz respeito ao suporte teórico que norteará a pesquisa como um todo. Ela orienta, especialmente, os enfoques a serem explorados na pesquisa. Já a base referencial refere-se aos elementos que serão combinados à base teórica para instaurarem uma forma de abordagem à focalização da pesquisa. Como base referencial, tomaremos as noções de excedente de visão e de dialogismo em Bakhtin para servir de respaldo epistemológico para cotejarmos os processos de subjetivação, fundados teoricamente no pensamento foucaultiano, que deliberamos constituir a base teórica desta tese. A base complementar, por sua vez, diz respeito a elementos que são chamados para ilustrar a composição teórica resultante da base teórica e da base referencial. Nesta tese, recorreremos à noção de diário em Blanchot (2005) como base complementar.

A presente disposição da tese se acha assim delineada apenas para fins didáticos, uma vez que os direcionamentos teóricos podem desvelar-nos outras trilhas possíveis e, neste caso, o que *a priori* fora intitulado como complementar terá ou ganhará outras configurações e espaço nesta pesquisa. Entendemos, ainda, que esta marcação didática não é e nem pode ser um entrave, um molde a ser seguido; trata-se apenas de uma sinalização para o leitor.

Anunciamos que, com respeito ao vocábulo ‘encardido’, não há na escolha deste para intitular a referida pesquisa, nenhuma conotação pejorativa, apenas se está cumprindo aqui uma referência aos cadernos de Carolina que eram, a exemplo de seu sustento e o de seus filhos, retirados do lixo; por isso, para recorrer, aqui, a um trocadilho, ainda jazem encardidos pelo tempo, pela ausência e, ainda, pelo silêncio de uma crítica que não lhe conferiu o estatuto de uma obra, notadamente literária, não nos moldes de nossa crítica literária, que ainda

sustenta a *imortalidade* para os afeitos ao dom da palavra e ocupantes de uma dada cadeira. É revelador, para não dizer intrigante, que a obra completa de Carolina Maria de Jesus só se acha, devidamente, reeditada em língua inglesa. A referida autora é bem mais conhecida/(re)conhecida em país alheio ao seu nascimento.

Estamos trabalhando neste texto com a noção de obra dada em Foucault (2009) – como uma “curiosa unidade” em contraponto com o que circunscrevera o referido autor para o nome do autor que “serve para caracterizar um modo de ser do discurso”. Com base em algumas características tributárias de uma dada relação entre sujeito, sentido e exterioridade, fosse possível atribuir a uma discursividade as marcas de uma autoria.

Em razão disso, esta tese não tem a rigor o objetivo de explicitar a quem pode ser conferido o estatuto de uma obra literária para um dado autor. Apenas reiteramos que a crítica literária confere legitimidade, quer seja reconhece este ou aquele autor por meio de critérios nem sempre aparentes e, não raras vezes, esses resvalam em questões outras, além das linguísticas e estético-literárias.

Quanto à possível notoriedade a ser apresentada enquanto *justificativa* para a temática desta pesquisa, entendemos, aqui, que a questão do sujeito e, portanto, o que intitulamos *de processos de subjetivação*, é por entendermos que a noção de sujeito é tão complexa, polêmica e a despeito do falar diverso sobre este tema, ele ainda se apresenta enquanto campo de análise, de estudo extremamente profícuo e aberto. O único ponto quicá consensual, se é que assim o podemos designá-lo, entre as diversas abordagens que já foram tecidas sobre o sujeito, é que ele não é mais o sujeito cartesiano¹².

Nesse sentido, para uns, entre eles M. Pêcheux (1997), seguindo a trilha de Althusser, o sujeito é *assujeitado* em via ininterrupta de assujeitamento e/ou, ainda, um sujeito que é sempre interpelado (chamado à existência) por intermédio da ideologia e, por meio de determinadas condições materiais de produção de uma dada formação discursiva. Para outros, o sujeito não é origem de seu dizer e carrega em si, a exemplo de Sísifo, o fardo de que *outras* vozes dizem e falam em seu *dizer* – um dizer dialógico, atravessado por outras e tantas outras vozes, conforme pontuava Bakhtin (2008) sobre a noção de dialogismo. Para outros, haveria, ainda, o que muito se propalou: *a morte do autor*, conforme assevera Barthes (1994); e para

¹² -A questão do sujeito é uma questão aberta. Para analistas do discurso afetados de alguma forma pelo ‘ar do tempo’ da época heróica da fundação da disciplina, só há um consenso absoluto: o fim do sujeito cartesiano. (...) quanto às especificidades que ultrapassem a negação do sujeito dito uno e consciente, penso que o campo está aberto. Como sempre as respostas provisórias, ou as tentativas de dá-las, que têm algum interesse provêm de detalhamentos teóricos e de análises de corpora variados. (POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p.82).

outros, seguindo a linha de Michel Foucault¹³ (2009), haveria o que se intitulou a **função autor** em que o sujeito ocuparia, em um dado momento, uma dada função, entre tantas outras possíveis. Em outros, o sujeito é sujeito da enunciação porque ele se assume enquanto um “Eu” e passa a exigir, em uma dada enunciação, a presença de um “Tu”, nos moldes do que afirmava Benveniste (1989) em **O aparelho formal da enunciação**. É evidente que este último não se apresenta no campo teórico da AD, mas fora ele que, sob certo aspecto, principiou os trabalhos com a intitulada enunciação.

Entendemos, nessa direção, que nas brechas, nos intervalos em que atua a AD (que reconhece em uma de suas facetas, como um campo de análise que trabalha precisamente neste entremeio, neste intervalo de outros espaços teóricos) que a constituição do sujeito parece ser mais ampla que as outras acepções pontuadas acima. Compreendemos por ampla a acepção de vasta, em que incidem sobre o sujeito e em sua constituição uma rede de relações: do sujeito com a verdade, do sujeito com a sua constituição e do sujeito com os efeitos de poder.

É sobre os processos de subjetivação que a presente tese deverá tomar como sua base eminentemente teórica. Para Foucault, a questão do sujeito é o que move todas as suas investigações, aliás, essas são investigações de uma vida destinada à pesquisa. O sujeito enquanto posicionamento, é um entre vários outros aspectos contemplados por Foucault e, sendo assim, compreendemos que falar em função autoria pareceria, desavisadamente, modesto, uma vez que o referido autor teceu vários trabalhos sobre o sujeito. Por isso, insistimos aqui em deliberar sobre os processos de subjetivação na tentativa de sinalizar a constituição de um sujeito via escrita de si, via cuidado de si.

Em face ao exposto, o que explica a presente pesquisa é a questão entreaberta sobre a noção do sujeito e/ou o que se convencionou, neste trabalho, ao recorrermos, notadamente aos trabalhos de Foucault (2011d) de processos de subjetivação, evidentemente, acoplada à noção de sentido e, ainda, correlacionada com a questão da discursividade literária em Carolina Maria de Jesus.

Se o sujeito é diverso, plural e, paradoxalmente, singular, se não há uma questão fechada para a acepção de sujeito, é partindo destes processos de subjetivação (isto é, como os sujeitos se constituem sujeitos via relação consigo mesmo e com o outro, via escrita de si, mediado pelo cuidado de si e também de outrem nas fissuras dos cadernos encardidos) que se

¹³ - Vale lembrar que Foucault fora instigado ainda que ao revés pelo texto de Barthes (A morte do autor) ao escrever O que é o autor?. Segundo o próprio Foucault em alusão àquele: “Mas não chega, evidentemente, repetir a afirmação oca de que o autor desapareceu. Do mesmo modo, não basta repetir indefinidamente que Deus e o homem morreram de uma morte conjunta” (FOUCAULT, 2009, p.41).

intenta delinear as singularidades de uma *escrita de si* em Carolina Maria de Jesus. Essa tarefa se revela de natureza descritiva e interpretativa para esboçar, por intermédio da materialidade discursiva de Carolina, apreendida em seus textos, um método de análise descritiva e interpretativa; entendam-se, aqui, alguns enunciados recursivos, na acepção dada por Foucault (2008) que entremostrem os processos de constituição do sujeito e, ainda, o que denominamos *a priori* de discursividade literária em Carolina Maria de Jesus.

Tomamos por enunciado a definição dada por Foucault:

Um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (FOUCAULT, 2008, p. 31-32).

Por outros termos, o enunciado não pode ser tomado isoladamente. Ele faz parte de uma rede e é, portanto, nesta rede, nesta relação intrínseca com outros enunciados que deve e poderá ser assumido. Foucault acrescenta ainda que o enunciado deve ser considerado como algo que aponta para a exterioridade daquilo que ele mesmo representa, já que ele não é apenas o conjunto gramatical que o sinaliza. Como constituído por e na linguagem e esta é “atormentada pela ausência”, o enunciado:

não é uma unidade ao lado – acima ou abaixo – das frases ou das proposições; está sempre dentro de unidades desse gênero, ou mesmo em seqüências de signos que não obedecem a suas leis (e que podem ser listas, séries ao acaso, quadros); caracteriza não o que nelas se apresenta ou a maneira pela qual são delimitadas, mas o próprio fato de serem apresentadas, e a maneira pela qual o são. Ele tem essa quase-invisibilidade do “há”, que se apaga naquilo mesmo do qual se pode dizer: “há tal ou tal coisa” (FOUCAULT, 2008, p.126 – destaques do autor).

Ao recorrermos aqui aos enunciados recolhidos especialmente de QD e descrevê-los a partir de suas condições de produção, de seus efeitos de sentido com vista a realizar uma análise discursiva dessa materialidade, talvez valhamos de expressões transparentes, contudo, ainda assim, estaremos, fundamentalmente, apontando para esse lugar instável do discurso – lugar de movência, opacidades ou, como diria Foucault, “lugar de plenitude e riqueza indefinida” (FOUCAULT, 2008, p.135).

Antes, porém, da análise discursiva, um pouco das condições de produção que gestaram as singularidades de autora e obra. Carolina passou o resto de sua vida e com os poucos recursos financeiros advindos do sucesso editorial de QD, *tentando* ser reconhecida como poeta, mas viu todos os seus esforços fadados ao infortúnio. Não fora perfilhada como poeta que gostaria de ter sido e as suas obras publicadas após QD estiveram fadadas ao fracasso editorial: **Casa de alvenaria** (1961), **Provérbios** (1963) e **Pedaços de fome** (1963), sem contar ainda que sua Antologia Poética só fora editada após sua morte.

Importa, por ora, considerar condições de produção, como as condições de uma dada época que oportunizaram singularizar a partir de um lugar social, de um dado contexto histórico-ideológico e econômico imediato, a circunscrição da obra e da autora Carolina Maria de Jesus.

Nessa perspectiva, talvez seja neste silêncio, neste *não-lugar* para os textos de Carolina, sobretudo por serem oriundos de um lugar social não legitimado, o lugar social e histórico de uma favelada e semiescolarizada que se encontra uma possível segunda *justificativa* para a proposição de uma tese intitulada: “Nas fissuras dos cadernos encardidos: processos de subjetivação e a discursividade literária em Carolina Maria de Jesus”, já que ela poderá constituir, ainda que, minimamente, em um exercício para o falar sobre.

Circunscrito o elemento material com o qual trabalharemos nesta análise discursiva, passamos, pois, para outras abordagens conceituais que estão na constituição desta análise investigativa.

Ao tomarmos a noção de sujeito dada em Foucault, espera-se discutir como se apresenta o processo de constituição de sujeito(s) via cuidado de si. Assim em conformidade com esse autor:

Estará no centro, creio, de toda a teoria e prática do cuidado de si em Epicteto: ocupar-se consigo mesmo será ocupar-se consigo enquanto se é: “sujeito de”, em certas situações, tais como sujeito de ação instrumental, sujeito de relações com o outro, sujeito de comportamentos e de atitudes em geral, sujeito também da relação consigo mesmo. É sendo sujeito, esse sujeito que se serve, que tem essa atitude, esse tipo de relações, que se deve estar atento a si mesmo (FOUCAULT, 2011d, p.53).

Seria oportuno discutir sobre o que estamos chamando de processo de subjetivação e evidenciar que o sujeito para Foucault é efeito de subjetividade, à medida que o sujeito intenta se constituir, ele o faz sob legítimas inscrições históricas, sociais, políticas e, mediante relações de poder. Insistimos que, ao se constituir sujeito, esta constituição é mediada por efeitos de poder. E tanto mais haverá efeitos de poder quanto mais o sujeito tentar escapar a

este mesmo (poder). Daí, o que se convencionou dizer, a partir dos estudos foucaultianos que, se há relação de poder, há e haverá sempre possibilidade de resistência.

Importa-nos dizer que, para Foucault, as relações de poder são relações de força, enfrentamentos, embates, portanto, sempre reversíveis:

Não há relações de poder que sejam completamente triunfantes e cuja dominação seja incontornável. [...] As relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia, quanto maior for a resistência (FOUCAULT, 2012b, p.227).

Assim, com base, nas postulações foucaultianas, os sujeitos na medida em que resistem aos efeitos de poder sobre sua constituição vão produzindo ‘a si mesmos’, ou seja, vão produzindo sua subjetividade. É a isso que designamos, aqui, sobretudo, a partir dos estudos de Foucault, de processos de subjetivação.

Fernandes (2012), ao realizar um estudo sobre o sujeito em Foucault, explicita tal noção, anunciando que esta constitui o tema geral das pesquisas empreendidas pelo referido pensador francês. Neste mesmo texto, Fernandes estabelece a definição de processos de subjetivação na acepção foucaultiana. Vejamos:

No artigo *O Sujeito e o poder*, quando Foucault (1995a) afirma que é o sujeito que constitui o tema geral de suas pesquisas, ele assinala a história de como os seres humanos tornam-se sujeito e discorre sobre o poder existente sob a forma de relações perpassadas pelos discursos. A leitura desse texto, sem margem de dúvida, autoriza a afirmar que a subjetivação consiste justamente no processo constitutivo dos sujeitos, pela produção da subjetividade que possibilita, em acepção foucaultiana, a objetivação dos sujeitos. Considerando que os modos de subjetivação produzem sujeitos singulares, deve-se procurar mostrar, por meio da análise dos discursos, os procedimentos mobilizados para a produção da subjetividade e, consequentemente, dos sujeitos (FERNANDES, 2012, p.74).

Nesta pesquisa, após realizada uma primeira abordagem de algumas notações temáticas de base foucaultiana e pré-análise de dois diários de Carolina Maria de Jesus, deliberamos a constituição do sujeito mediante *escrita de si*, entendida como exercício de constituição de uma subjetividade e/ou treino de si e que tinha como um dos seus objetivos, veiculados no período helenístico, a prática de moldagem do caráter ou de constituição de um sujeito: livre das confusões, afastado dos vícios que podem contaminar e roubar o sujeito dos propósitos estabelecidos por si mesmo.

A *escrita de si* se constitui em ferramenta ou instrumento disponível ao sujeito com o intuito de apreender a exterioridade (entendida como esta pluralidade de imagens e

representações existentes no mundo exterior ao sujeito). Deveríamos acrescentar que *a escrita de si* se institui como possibilidade de rememoração daquilo que mereça¹⁴ ou necessite se rememorado e permite que a vontade não se dissipe.

Estaremos, pois, aportados nos estudos de Foucault (2009) sobre *a escrita de si*, embora tal prática tivesse sido utilizada pelos gregos no século IV a.C. , perpetuado por aproximadamente sete séculos e, tendo sido, ainda, apregoada pelos filósofos ao prescreverem exercícios aos seus discípulos; não será utilizada nesta pesquisa à moda do mitológico ‘Leito de Procusto’¹⁵, ao realizarmos uma correlação com a escrita exercida por Carolina Maria de Jesus ao diligenciar os seus diários com *a escrita de si* inicialmente utilizada pelos gregos. Em muitos aspectos, os exercícios de anotar o dia e preservar o momento vivido em Carolina e aqueles realizados pelos gregos se divergem. Que fique, sobretudo, *a escrita de si* enquanto exercício de meditação e de tentativa daquele que o faz, de assenhorar-se de si mesmo.

2.2- Ações que perpassam a pesquisa no desenho da composição do *corpus*

O essencial sempre nos escapa e ainda é preciso partir à sua procura.

(FOUCAULT, 2011b, p.39)

Como a AD demanda ‘um ir-e-vir constante’, para recorrermos aos dizeres de Orlandi (2001a, p. 67), ou seja, um constante procedimento de consulta entre teoria, consulta ao *corpus* e análise, devemos pontuar como informação adicional que nesta pesquisa, tal procedimento (este ir-e-vir constante) principiou antes mesmo da pesquisa propriamente dita e se estenderá até aos limites finais da tese de doutoramento, uma vez que, analisado o objeto, ele ainda permanece para outras e novas abordagens. Esperamos, aqui, tão somente construir um percurso de leitura, aliás, um gesto de interpretação como diria Orlandi (2001b) e entremostrear uma análise discursiva que leve em consideração como se dá a constituição de um sujeito sob o viés foucaultiano e como se apresentam as singularidades de uma discursividade literária nos diários de Carolina Maria de Jesus.

Assim, se o analista do discurso é também um sujeito-leitor e como tal também se encontra aguilhoado a constituir sujeito e ao se constituir sujeito o faz na/pela linguagem e, ainda, em consonância com sua formação ideológico-social/religiosa/estético-

¹⁴ - Estamos contemplando a ideia de merecimento enquanto algo aleatoriamente atribuído pelo próprio sujeito para aquilo que seja recortado enquanto passível de nota. Há nesta escolha um entrelaçamento entre aquilo que devesse ser lembrado e aquilo outro que requer ser esquecido.

¹⁵ - Moldando veementemente esta ou aquela notação temática ao tamanho/ao molde exato.

retórica/histórica, poderíamos, por este viés, conjecturar que ao organizar um *corpus* para uma possível análise, há de se pensar também que sua construção está intimamente relacionada, segundo atesta Orlandi (2001a), com a análise enquanto *corpus*, e que decidir acerca desse é, também, deliberar sobre suas propriedades discursivas.

Nesse caso, ao propormos, aqui, uma delimitação de um *corpus*, já de antemão se observa, na escrita de Carolina Maria de Jesus, uma tessitura singular e, ao ser identificada esta natureza (singular), o analista de discurso, antes um sujeito-leitor, faz recortes e, ao fazê-los, faz imbuído de um trabalho de análise descritiva e interpretativa, delineando-se limites e fazendo retalhes por este ou aquele aspecto deste e/ou daquele *corpus*.

Esta pesquisa anseia, amiúde, aferir em um de seus vieses de análise a questão da discursividade literária rasurada em Carolina Maria de Jesus, o que constituiria em nosso objetivo complementar a ser obtido assim que forem apresentados os conceitos com os quais trabalhamos ao longo desta pesquisa. Teremos em pauta algumas questões que serão, futuramente, contempladas tendo em vista a materialidade discursiva de Carolina Maria de Jesus, a saber: Quais as posições-sujeito trazidas à baila na discursividade rasurada em Carolina Maria de Jesus e que sentidos elas assumem na enunciação? Como se dão os atravessamentos no/do sujeito por filiações diversas: políticas, sociais, estético-literárias, dentre outras?

Ao discutirmos sobre uma discursividade literária em Carolina Maria de Jesus, esperamos colocar em funcionamento como um processo de subjetivação institui posições-sujeito diversas e/ou contraditórias. Impetramos analisar como um sujeito-autor, a exemplo do que propôs Foucault (2011), se vale de signos, letras e palavras para compor, por meio da inquietante linguagem da ficção, suas unidades, seus nós de coerência e sua inserção no real. Não temos, a rigor, neste trabalho, o intuito de problematizar o que seria da ordem do literário por crermos que, ao evidenciar a discursividade em Carolina Maria de Jesus, outras questões serão invitadas e, neste caso, intentaremos singularizar as marcas de um sujeito autor em seus escritos.

É interessante destacar que esses sujeitos, os enunciadores, a quem é dado o direito de enunciar nestas produções (nos diários de Carolina), são uma construção do sujeito-autor, um sujeito constituído historicamente, que ocupa um lugar social de onde enuncia. Em razão disso, ao iniciarmos esta tese o fizemos com um enunciado de QD, a saber, “Tenho a impressão que quando estou no quarto de despejo sou um objeto fora de uso, digno de estar no quarto de despejo” (QD, p.37) que aponta para a problemática do sujeito que, ao enunciar de um lugar o faz imbuído de uma dada historicidade.

Nesse sentido, que sujeito é esse que se sente como um objeto fora de uso, digno de estar em um quarto de despejo? É imperioso destacar, aqui, que se trata de um sujeito afetado por condições sócio-históricas que lhe possibilitam certos dizeres e não outros, assim como profere Foucault:

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos (FOUCAULT, 2011b, p.33-34).

O termo sujeito-autor será tomado aqui na mesma acepção que função e/ou posição autor e estes serão empregados como sendo de mesma base epistemológica, já que são tomados a partir dos postulados foucaultianos. A posição e/ou função autor é apenas uma dentre tantas outras possíveis e discutidas por Foucault, embora um dos seus trabalhos tenha atestado e esboçado especialmente a figura do autor como uma função sujeito variável do discurso.

Assim, acreditamos que, não só a noção de sujeito, aporte teórico desta análise discursiva, fundada nos postulados da AD, não foi amplamente esgotada, como, ainda, este *corpus*, QD e DB¹⁶, outra contraparte desta pesquisa, desta feita, sob os aportes teóricos de base literária, também se apresenta enquanto algo singular. Não há notícia, na fortuna crítica da aludida autora, nada que se assemelhe com a presente discussão. Nesse sentido, esta pesquisa tem o intento de contribuir para as discussões referendadas em AD a partir de textos memorialísticos e propende acrescentar uma abordagem investigativa que, partindo dos preceitos da AD, notadamente, dos processos de subjetivação, cotejam os textos (elegidos aqui) para a constituição do *corpus* desta pesquisa.

Como proferíamos, a maioria dos trabalhos com os textos de Carolina se circunscrevem no campo da sociologia, historiografia e/ou antropologia: Vogt (1983); Meihy (1994; 1996; 2001); Levine (1994) e no campo literário: Dalcastagné (2009a; 2009b); Fernandez (2008), Magnabosco (2002); Sousa (2004); Perpétua (2000); Lajolo (1997). Uma rara exceção, ao realizar uma análise discursiva, é a tese de doutoramento de Moraes (2010) que, ao apontar uma leitura sob os aportes discursivos realiza uma comparação entre a obra de Cora Coralina e Carolina Maria de Jesus sob a ótica da poética dos excluídos, tentando

¹⁶ - Insistimos que, nesta pesquisa, deliberamos recorrer, notadamente, ao livro QD.

compreender a construção de um efeito identitário nas escritas dessas autoras. Assim, esta tese que ora se descortina, tem o desejo de se inscrever enquanto um gesto de leitura em AD.

Destarte, os trabalhos de Dalcastagné (2009a; 2009b) estabelecem as especificidades de uma literatura contemporânea, tal como é produzida hoje, a partir, igualmente, dos trabalhos sobre a representatividade da literatura de autoria feminina na contemporaneidade. A propósito, segundo Dalcastagné (2009b, p.3), ao citar os estudos de Bourdieu, o controle do discurso é a negação do direito de fala àqueles que não preenchem determinados requisitos sociais: uma censura social velada, que silencia os grupos dominados.

Desse modo, ao se eleger entre a pequena “representatividade” dos escritos de autoria feminina e negra – os escritos de Carolina Maria de Jesus – impetramos dar voz e vislumbrar as diversas censuras silenciadas pelo discurso vigente. Tanto assim o é, que a obra mais conhecida desta autora (QD) fora apresentada por um jornalista, Audálio Dantas e não recebeu, na época, como continua, de certo modo, não recebendo uma leitura, amiúde, sob a ótica dos estudos literários e, ainda, discursivos.¹⁷

É sobre este não-lugar que se define, por ora, a apresentação de uma tese, em que o seu *corpus* de análise fora constituído por enunciados tomados em QD e DB, notadamente naquele. Entendemos por não-lugar como um silenciamento para autora e obra e, *a posteriori*, (na segunda parte desta tese), um possível lugar para os estudos de Carolina Maria de Jesus, já que o não-lugar pode se constituir em um lugar possível para se cotejar a discursividade literária em Carolina Maria de Jesus.

Faz-se proeminente esclarecer o que estamos denominando nesta pesquisa de tentativa de apreensão dos sujeitos que se apresentam a partir de uma posição-sujeito dada, especialmente em QD, já que estamos insistindo, ao longo desta tese, na possibilidade de identificar outras constituições de sujeito a partir dessa posição singularizada de um sujeito reentrante em QD e DB: o escritor, o delator das mazelas do favelado, o morador de quarto de despejo. Em nossa hipótese de pesquisa (ou como apeteça alguns), na problematização da pesquisa, haveria outras constituições possíveis; entre elas, a do sujeito do labor, a do sujeito da religiosidade, a do sujeito da escrita e da leitura, a do sujeito da contradição.

Com base nos aportes teóricos foucaultianos, ambicionamos cotejar a discursividade literária caroliniana enquanto uma *escrita de si e/ainda reescrita de si*¹⁸ e *escrita de outro*

¹⁷ - Só recentemente encontramos uma tese de doutorado de MORAIS, Mara Rúbia de Souza Rodrigues. **A trama discursiva de si, entre o estético e o ordinário: identidade e diferença nos fios da memória**. UNESP, Araraquara, 2010.

¹⁸ - Reescrita de si na acepção de que o sujeito ao realizar uma escrita de si, um exercício de análise de si, por meio da escrita, obtém a oportunidade de ressignificar-se, dando sentidos outros para informações já dadas/tidas

(sobre o outro), que, não raras vezes, também incide pela tentativa de invenções e reinvenções *de si*. Não queremos contemplar tão somente a discursividade de uma escritora favelada, tema este já arrolado nas dissertações e teses de base literária e também de outros campos epistemológicos, quer seja, o da sociologia e antropologia.

Desejamos, seguramente, abordar as singularidades de uma *escrita de si* que ambiciona encontrar uma legitimidade possível para uma escrita de autoria negra em meio uma política editorial e canônica circunscrita, entenda-se legitimada, por critérios fundantes por uma maioria autoral branca e, comumente, detentora de alta escolaridade.

Faremos algumas incursões em torno das especificidades da autora elegida enquanto *corpus* de e para análise discursiva (seu lugar histórico, social e político); contudo, trata-se apenas, de elencar uma anterioridade histórica, pois, o nosso objetivo primeiro e fundante é contemplar a discursividade caroliniana e sua *escrita de si e de outrem*. O adjetivo ‘favelada’ que incide sobre o substantivo Carolina se constitui apenas em uma referência à autora e, este, seguramente, já lhe referenciou em muitos trabalhos de aportes teóricos diversos.

O critério eleito para a constituição do *corpus* para esta análise discursiva buscou reunir traços de uma *escrita de si* que se singulariza ao falar de si (de uma voz enunciativa intitulada autobiográfica). Esse dito desvela a constituição de um sujeito que, a despeito do lugar social originário de uma favela, cunha uma *escrita de si* e de *outrem* para além das marginalidades, intuindo que o seu desejo de ser considerada poeta a autêntica (ainda que para si mesma) a entremostrear uma escrita (quer se quer libertária e/ou resistente esquadrinha e se pauta por revelar sonhos emancipatórios) e alça ser aquela escrita que intenta realizar uma interpretação de si e dos outros por intermédio de uma memória discursiva, anunciando processos intermitentes de alteridade e apropriada autonomia.

Essa tentativa de descrição do processo de objetivação de uma subjetividade a partir da *escrita de si*, lembrando que este *si* não se trata de uma possível individualidade, mas, sim, de uma singularidade e, anuncia, seguramente, uma construção constituída na/pela linguagem é uma das razões que nos impulsionaram a realizar a presente análise discursiva. Não é sem razão que esse sujeito a quem é oportunizado a possibilidade de dizer, de emitir o dito se constitua, de maneira paradoxal. Por um momento, esse sujeito discursivo retrata as agruras dos favelados, em outros, também se distancia desse lugar de favelada e ousa dizer o dito em outra inscrição que não àquela que subjaz, supostamente, entranhada em sua constituição.

de si por si mesmo. Em uma analogia com Foucault sobre uma ética e estética da existência, poderíamos pensar na possibilidade de o sujeito, ao ‘ressignificar-se’, ter a chance de poder passar a vida a limpo. Implica-nos dizer que, ‘ressignificar-se’ tem, aqui, a dupla intenção de construir novos signos para signos já existentes sobre si, quanto dar novos signos/sentidos para uma vida que se ‘ressignifica’, que se reescreve.

Esse experimento de dizer do lugar de uma favelada e também de dizer de outros lugares que não necessariamente o de uma favelada é instigante e vai apontando para o processo de constituição da posição autoria. Não mais individualidade em ato, mas revela um sujeito sendo objetivado por uma prática: o processo de escrita. Esse aspecto será abordado, efetivamente, em outros momentos ao longo deste trabalho.

A presente tese é composta por quatro capítulos. Elegemos, aqui, não rascunhar um capítulo essencialmente teórico e, neste caso, a teoria encontra-se enquanto elemento constituinte para todos eles, indistintamente. No capítulo I, esboçaremos as margens possíveis da fortuna crítica, delineando as pesquisas que já foram tecidas sobre a obra de Carolina Maria de Jesus e, ainda, teceremos uma representação teórica da questão da autoria para Foucault, sobretudo, a partir das noções referentes à escrita de si, à governamentalidade e ao cuidado de si.

O Capítulo II tem o desígnio de retomar a noção de *escrita de si* a partir dos textos memorialísticos. Diligência ainda outros tipos de *escrita de si* a partir dos cadernos de anotações (os *hypomnemata*) e as *lettres de cachet* nas configurações propostas por Foucault. Intenta, também, resvalar na noção de devir, fundada a partir dos trabalhos de Gilles Deleuze ao impetrarmos uma analogia entre este conceito e a discursividade literária em Carolina Maria de Jesus como sendo da ordem do devir.

O capítulo III, ao se valer das configurações teóricas já apontadas anteriormente no capítulo I e II, pretende desenvolver com base nos enunciados recolhidos em QD e DB, o tópico sobre os processos de subjetivação, quer seja como os sujeitos se constituem em sujeito, a partir do que estamos denominando de um ensaio da *escrita de si*. Este capítulo espera contemplar, ainda, uma análise do DB – utilizado nesta pesquisa como uma obra complementar de nosso corpus, já que nos detivemos no QD – tomado nesta pesquisa como essencialmente o corpus desta análise discursiva. Por isso, o leitor observará que DB fora utilizado, especialmente, neste capítulo e não no decorrer de toda a pesquisa.

O capítulo IV ambiciona discutir a correlação entre as particularidades constituintes do gênero memorialístico fundante de QD e DB com os apontamentos aferidos por Mathias (1997) e Blanchot (2005) sobre as características do diário íntimo. Tenciona, ainda, realizar uma analogia entre os trabalhos de Bakhtin, Mathias, Blanchot e Foucault, resguardadas as diversas configurações de cada um deles e de seus campos epistemológicos.

Nas considerações finais – espaço em que o sujeito deste texto deixa à mostra sua posição autoria enquanto ‘nós de uma coerência interna’ – há um tentame de entrelaçar as

asseverações foucautianas discutidas, no decorrer desta pesquisa, com os nossos gestos de leitura sobre essas notações temáticas utilizadas.

Incurcionados os desígnios deliberados para cada capítulo, diremos que cumprimos, de certa maneira, uma espécie de prelúdio à tese propriamente dita.

CAPÍTULO I

FORTUNA CRÍTICA E ESCRITA DE SI

1- Constituição de um lugar possível para os dois diários de Carolina Maria de Jesus

Após a morte de Carolina Maria de Jesus, ocorrida em 1977, foram encontrados aproximadamente 37 (trinta e sete) cadernos encardidos e nestes existiam quatro romances, peças teatrais, memórias, cartas, poesias entre outros gêneros discursivos. Carolina, enquanto sujeito-empírico, conforme já fora dito, aqui, e, em tantos outros trabalhos que versam sobre sua obra, tinha como aspiração genuína: *ser poeta*. Contrariamente, não foi este o gênero discursivo que a fez conhecida no Brasil e, especialmente, no exterior. Sua obra mais conhecida é QD que teve aproximadamente nove edições no Brasil.

No presente caso, gostaríamos de deixar evidente que recorreremos ao termo poeta e não poetisa, por entendermos que aquele seja bem mais amplo e não carrega em si, pelo menos, não por ora, uma acepção de gênero: feminino e/ou masculino. Escrever é um ofício humano embora tenha sido atribuído a um ofício tipicamente masculino/de homem. Mulheres que escreviam, poderiam conspirar, o medo de serem pegas em flagrante delito, afastavam-nas, quando não as segregavam, fazendo com que para serem aceitas em um mundo caracteristicamente masculino tivessem que recorrer à pena com pseudônimos masculinos. Cumpre-nos dizer que a referida autora também se intitulava poeta e não poetisa.

1.1- Linguagem, obra e literatura

Realizando um parêntese, neste momento, para problematizarmos a questão da literatura, da linguagem e da obra, valemo-nos dos trabalhos de Foucault (2001) que recorre à ideia de um triângulo para explicar os desdobramentos entre o que seria a **linguagem**, murmúrio de tudo o que é pronunciado; **a obra**, essa coisa estranha que se detém em si própria, se imobiliza e constrói um espaço que lhe é próprio, retendo nesse espaço o fluxo do murmúrio que dá espessura à transparência dos signos e das palavras e a **literatura**, o vértice de um triângulo por onde passa a relação da linguagem com a obra e da obra com a linguagem. Cumpre mencionar que, embora não faça parte dos objetivos elencados para esta

tese uma entrada, efetiva, no que seria ou não da ordem da literatura, pois estenderia às extensões espaciais e temporais desta, optamos tão somente por tracejar, de maneira embrionária, o que estamos tomando ao modo de Foucault por literatura, linguagem e obra, neste trabalho. Assim, não tem esta tese o propósito, o desafio de problematizar questões sobre o que é a literatura, qual o seu estatuto, dentre outras caras ao fazer literário e à crítica literária.

Segundo Foucault:

A literatura não é o fato de uma linguagem transformar-se em obra, nem o fato de uma obra ser fabricada com linguagem; a literatura é um terceiro ponto, diferente da linguagem e da obra, exterior à linha reta entre a obra e a linguagem, que, por isso, desenha um espaço vazio, uma brancura essencial que, na verdade, é essa própria questão. Por isso, a questão não se superpõe à literatura, não se acrescenta a ela por obra de uma consciência crítica suplementar: ela é o próprio ser da literatura originariamente despedaçado e fraturado (FOUCAULT 2001, p.141).

É especialmente sobre este ser despedaçado e fraturado – lugar de instabilidades, de transgressões e possíveis resistências que serão tomados QD e DB como uma acepção possível dada ao adjetivo (literária) que acompanha o substantivo discursividade, não alçados aqui os desdobramentos que esta acepção possa ter com relação ao estatuto literário, ao trabalho com a força dos signos (*semiosis*), com a força dos saberes (*mathesis*), e, ainda, com o gosto/modelo estético, dentre tantos outros.

Costumeiramente, lembra-nos Foucault que somos tomados pela ideia de que a literatura se fez de si própria – “segundo a qual é uma linguagem, um texto feito de palavras, palavras como as outras, mas suficientemente e de tal modo escolhidas e dispostas que, através delas, passe algo inefável” (FOUCAULT, 2001, p.141). Em conformidade com este pensador, a literatura não é feita de um inefável. Ela é feita de um não-inefável, de algo que poderia ser intitulado de fábula, no sentido rigoroso e originário do termo. Ela é feita de algo que deve e pode ser dito; uma fábula que, todavia, é dita em uma linguagem de ausência, assassinato, duplicação, simulacro.

Foucault (2001) profere que a literatura não é o fato bruto de linguagem que se deixa, aos poucos, penetrar pela questão sutil, secundária, de sua essência e de seu direito à existência. A literatura seria, então, uma distância aberta no interior da linguagem, uma distância incessantemente percorrida e jamais coberta; uma espécie de vibração imóvel. De acordo com este autor, talvez, as palavras oscilação e vibração sejam insuficientes e não recobrem satisfatoriamente a literatura, pois sugerem dois pólos: a literatura seria, ao mesmo tempo, literatura, mas, também, linguagem e haveria entre a literatura e a linguagem como que uma hesitação.

O autor acresce:

O que faz com que a literatura seja literatura, que a linguagem escrita em um livro seja literatura, é uma espécie de ritual prévio que traça o espaço consagrado das palavras. [...] Quando a página em branco começa a ser preenchida, quando se começa a transcrever palavras nessa superfície ainda virgem, cada palavra se torna de certo modo absolutamente decepcionante com relação à literatura, pois não há nenhuma palavra que pertença por essência, por direito de natureza, à literatura. De fato, desde que uma palavra esteja escrita na página em branco, ela deixa de ser literatura. Quer dizer que cada palavra real é de certo modo uma transgressão da essência pura, branca, vazia, sagrada da literatura que faz de toda obra não a realização da literatura, mas sua ruptura, sua queda, seu arrombamento. Qualquer palavra, prosaica ou cotidiana, sem status ou prestígio literário é um arrombamento, mas qualquer palavra desde que esteja escrita é, igualmente, um arrombamento (FOUCAULT, 2001, p.142).

Conjeturando sobre as postulações foucaultianas referentes à literatura, à obra e à linguagem, poderíamos discutir aqui e é, precisamente, sobre este aspecto que devemos concentrar nossos esforços no sentido de apontar para a discursividade literária, enquanto espaço possível para: 1) constituição de uma prática de subjetividade; 2) transgressão e resistência.

Tomamos os dois diários de Carolina QD e DB como espaço possível para uma discursividade ‘outra’, quiçá à margem de um gosto/modelo estético e à margem de um centro hegemônico; neste caso, seria ‘marginal’/estranha – aquela que se inscreve à margem (fora dos centros), à margem de um cânone, não içadas, por ora, as razões que circunscreveram e circunscrevem o que é e seria da ordem do cânone, por estender aos objetivos desta pesquisa.

Foucault, ao tomar emprestada a noção de ‘transgressão’ (de BATAILLE, 1963) e de exterior (de BLANCHOT, 2007), descreve a maneira pela qual o indivíduo singular, por meio de um método que é, em geral, de escritura impetrou, “de maneira voluntária ou fortuita, ‘escapar’ dos dispositivos de identificação, de classificação e de normalização do discurso”, para valermos das palavras de Revel (2009, p.74).

Desse modo, inferimos que a discursividade em Carolina parece restar à margem de uma classificação, de uma identificação e de uma normalização do discurso: poética de resíduos, linguagem lacerada, linguagem rasurada, composição poética híbrida. As condições históricas, sociais e econômicas imediatas que gestaram as singularidades de constituição desta discursividade circunscrevem-na como à margem de um modelo, à margem de um padrão e a singularizou, em um instante em que por esta ou aquela razão: a) necessidade de mostrar a favela por uma favelada; b) comprometimento provisório em mostrar uma breve prova dos escassos e isolados momentos de popularização do país rompeu a determinação casuísta e, fortuitamente, apareceu uma escritora, obscura na sua pátria de origem e afoita

para ser apreciada como literata no mundo dos brancos e intelectuais. O que, inversamente, também acabou por lhe assegurar certo exílio e antipatia por estes mesmos favelados retratados e, de certo modo, escriturados em seus diários, já que uma das posições-sujeitos que surge em sua discursividade, em diversos momentos, institui-se como a delatora dos sobejos humanos e atemorizadora deste ou daquele morador da favela de valer-se desta ou daquela conduta como pauta/ingrediente para os relatos de seu diário.

Anunciávamos anteriormente que a discursividade literária será abordada como espaço possível para a constituição de sujeitos, espaço de transgressão e, ainda, de resistência. Estamos tomando a definição de resistência com base nos trabalhos de Michel Foucault e também, a partir do que nos enfatiza Judith Revel (2005) sobre o referido conceito foucaultiano, como sendo “a possibilidade de criar espaços de lutas e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte” (REVEL, 2005, p.74).

Para Foucault (2012b), a resistência não é anterior ao poder que ela enfrenta. Ela estaria vinculada ao poder e/ou aos efeitos de poder. A resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações, na medida em que as relações de poder estão em todo lado e não se produzem do mesmo modo. O referido autor discorre, pois, sobre os mecanismos de poder e sobre as estratégias e táticas de resistência. Não haveria, assim, a correspondência dialética do par: resistência/poder x liberdade/dominação. As estratégias de resistência possuiriam, a rigor, a mesma natureza que o poder, já que se valem das mesmas características para justamente se instituírem contra este mesmo poder. A resistência seria da mesma natureza, com as mesmas características que o poder e uma se institui contra o outro porque ambos são inventivos, móveis, produtivos e reversíveis. Segundo Revel (2005, p.75), “as resistências podem fundar novas relações de poder, como novas relações de poder podem, inversamente, suscitar a invenção de novas formas de resistência”.

Para além das questões que possam ser aferidas sobre os efeitos de poder e as práticas de resistência, tomaremos QD e DB como a tentativa de criação de um espaço de/ou para resistência. É nesta linguagem que estamos chamando de rasurada que o sujeito-autor como uma posição possível tenta proceder à *escrita de si*, valendo-se do processo de leitura e escrita como formas de inserção no mundo e inserção em ‘si’, através de exercícios do pensamento. Contabiliza o dia, documenta as tarefas do dia e/ou ainda refaz o percurso vivido, refazendo-se a si e tentando organizar outrem – os moradores da favela.

Poderíamos, ainda, dizer que, contemplar QD e DB, sob os moldes da discursividade, implica abordá-los em um contexto bastante complexo em que se ponderam os sujeitos interlocutores, a situação de produção enunciativa e o contexto histórico constitutivo.

Nas condições de produção¹⁹ que gestaram um possível discurso dos desvalidos, não se pode falar que esse restrito saber de Carolina Maria de Jesus (que enquanto sujeito empírico só cursou dois anos do antigo primário) assegurava-lhe a possibilidade de dizer, já que este dizer está e esteve condicionado a um possível movimento de popularização no Brasil; tanto assim o é que não fora qualquer pessoa autorizada a dizer dos desarrimados. Nesse sentido, era imperioso fazer falar a favela por ela mesma e, nesse caso, à Carolina, por um determinado e limitado momento, fora concedida a liberdade de falar, ainda que condicionada por intensas coibições do poder. É em razão disso, que reiteramos nesta tese que não é qualquer discurso que pode e pôde vir à tona. O dizer de uma posição-sujeito autoria fora proferido, conquanto o teve e sempre o tivera enormes restrições quanto à validade de seu testemunho.

Não fora qualquer sujeito morador da favela que se dispôs a falar, fora um sujeito com algumas singularidades, um sujeito histórico, social, político que se aventurou a gritar ao mundo, especialmente, em seu meio socioeconômico e político, as singulares relações de poder. São relações diversas de poder: **um poder primeiro** exercido junto aos outros favelados que não possuíam, ainda que, minimamente, o saber da escrita e aquele apreendido na leitura de livros recolhidos do lixo ou adquiridos por outros meios; e **um saber outro**, de outra ordem, que fora conquistado, sobretudo, porque havia uma compassiva necessidade de mostrar a favela por ela mesma, quer seja, por uma favelada. Entenda-se, aqui, a exterioridade delimitando e reconfigurando a possibilidade de um saber e um poder sobre o quarto de despejo (espaço público, a favela), pelo viés de uma moradora da favela, já que era chegado o denominado movimento de popularização tão em voga no Brasil.

No final dos anos 1950 e início da década de sessenta, havia um movimento de popularização do país. Diríamos certo incentivo em mostrar os movimentos populares, porque se quisesse e fosse necessário, naquele momento, dizer do lugar de uma favelada e mostrar que o país estava predisposto a demonstrar uma espécie de contracultura e os movimentos populares.

O termo contracultura está sendo utilizado na acepção de um movimento que insurge adverso do que era estabelecido como cultura. Vai em direção aos movimentos populares e

¹⁹ - “O que são as condições de produção? Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória ‘aciona’, faz valer, as condições de produção é fundamental. [...] Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideremos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (ORLANDI, 2001 a, p.30).

tenta se instituir como um lugar possível para falar de outras e diversas formas de se conceber a cultura, talvez por isso tenha sido nomeada de contracultura.

E haveria ainda outras relações de poder e saber, aquelas estabelecidas entre o sujeito autor – destituído de meios para negociar junto ao jornalista Audálio Dantas, a legitimidade de uma autoria que não coube, nem caberia nos moldes de um intitulado código letrado e canônico e até frente às próprias editoras. Esse sujeito-autor desconhecia o valor do dinheiro²⁰, sempre vivera do lixo que juntava e trocava por gêneros alimentícios; portanto, só compreendia o dinheiro enquanto moeda de troca. Assim, como saber do valor, em todas as acepções do termo, de um livro, o seu livro – tão apetecido? Conquanto almejasse desde sempre sobreviver da escrita, do produto da escrita e obter uma casa de alvenaria e sair da favela.

Poderíamos insistir que, em relação ao mercado editorial e diante da academia, não há como negociar, já que esse sujeito-autor não sabia mesurar o valor pago para editar um livro desejado e desconhecia a chancela para ser aceito pelos acadêmicos.

Não estamos avaliando as intenções do sujeito empírico Carolina Maria de Jesus sobre sua impossibilidade de negociar junto às editoras – tal temática não parece ajustada aos propostos da AD. Aliás, se observássemos as condições de produção em QD talvez devêssemos dizer que ela (Carolina) fora cooptada ao pensar e desejar ser aceita por outros escritores. Mas ‘ser aceita’, não representaria, necessariamente, chegar ao cânone. Ser aceita era ser ‘lida’, reconhecida como autora, tornar-se visível e ascender, socialmente e, obter uma convivência com outros escritores. Das vezes que impetrou participar de lançamentos de livros, especialmente, do lançamento de *Maçã no Escuro*, de Clarice Lispector, não se sentiu partícipe daquele espetáculo e lamentou o dinheiro gasto na produção de sua imagem para ir até o evento, como pode ser constatado pelas entrevistas concedidas por Carolina Maria de Jesus ou notas da autora, nos jornais da época.

Destarte, poderíamos ainda pontuar que não fora qualquer pessoa a dizer, não é dada a qualquer um a possibilidade de um ‘dito’. À revelia, poder-se-ia pensar que, a outros moradores e personagens da favela, poderia ter sido assegurado ‘o dito’, contudo, não o fora. Por inúmeras razões, uma delas é que Carolina tivesse os ingredientes cogentes para dar voz a uma favelada e não a outros, já que tinha como legítimo desejo o da escrita e, por outros motivos, sabia ler e escrever, ainda que só cursados dois anos do antigo primário na década de

²⁰ - Desconhecia o valor do dinheiro, embora ambicionasse sobreviver da escrita e alçar socialmente. Este desconhecia refere-se ao fato de Carolina Maria de Jesus não saber lidar bem com o dinheiro, já que no dia-a-dia sobrevivia do lixo trocado por gêneros alimentícios (o dinheiro enquanto moeda de troca).

20 em um Colégio Espírita de Sacramento. Aliás, este colégio fora considerado modelo para o padrão de educação da época.

De modo geral, poderíamos singularizar que é Carolina, na posição de sujeito-autor que foram oportunizados alguns dizeres e esses dizeres ainda que rasurados – uma escrita que se escreve por sobre – chegaram em uma velocidade surpreendente tanto para Carolina (sujeito empírico)²¹ quanto para o próprio jornalista e responsável pela editoração de QD, Audálio Dantas.

Ao nos valermos, mais uma vez dos trabalhos de Foucault, poderíamos dizer que: “Sabe-se que bem mais que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2011a, p. 09).

Os dizeres acima ressoam e pronunciam, resguardadas as devidas distinções, as especificidades do sujeito-autor. A esse sujeito fora dada ainda que, minimamente, a possibilidade de falar dos desafortunados, conquanto este dizer fora restrito a uma circunscrita ocasião. Era preciso fazer falar a favela por uma favelada, ainda que o ambicionado desejo do sujeito em posição autoria, apreensível pelos enunciados citados e eleitos como *corpus* desta análise discursiva, era mais que isso. Desejava sobreviver de sua escrita, embora tal não pudesse ocorrer, como assim de fato não ocorreu, após o sucesso editorial de QD, seguiu-se um silenciamento para autora e obra²². Foucault dizia em sua obra sobre a produção do discurso e como este é atrelado ao controle, organização e redistribuição por certo número de procedimentos. Retomando a questão desta tese, poderíamos conjecturar que, ao sujeito-autor Carolina fora concedido o direito à fala, ainda que limitada e supervisionada.

Após esse noticiado sucesso editorial de QD, houve uma intitulada interdição. O tempo do sujeito fora controlado, já não era mais necessário revelar esse período de suposta popularização de um país, no caso, Brasil. Isso já fora brevemente e astutamente realizado. Calou-se uma voz; interditou-se um grito (o dos desafortunados, o dos denunciadores das injustiças sociais). Conteve-se um clamor que tentou driblar as astúcias do poder e do mercado editorial. Refreou-se um brado em alarido aos desfavorecidos. Interditou-se uma fala que sussurrava e entremostrava a vontade premente de modificar o circundante. Sobrepujou-

²¹ - Dizemos da rapidez com que o livro *Quarto de despejo* (1960) se espalhou pelo país, já que no dia em que fora publicado a autora ainda saiu, como cotidianamente saía em busca de seu sustento diário: recolher lixo, não se dando conta de que naquele dia seu livro se tornaria um *best-seller*. Nesse sentido, o livro fora uma grata surpresa tanto para a autora quanto para o próprio responsável pela editoração do mesmo, ainda que não tenha tirado Carolina, efetivamente, da pobreza.

²²- Vale lembrar que autora Carolina Maria de Jesus não foi a única que não conseguiu sobreviver de sua escrita, muitos outros escritores também não conseguiram e, ainda, não conseguem.

se um bramido de (um sujeito-autor) que ousava balbuciar as contradições, as maledicências, as desditas, as injustiças, a podridão do/no quarto de despejo, as promessas vãs de políticos que retornam à favela de quatro em quatro anos. Jugulou-se a voz inquietante de um sujeito-autor, também sujeito-favelado e morador de quarto de despejo que colocava sob julgo o que de fato precisa/quer uma mulher. Reprimiram-se as aspirações incomuns de um sujeito que ambicionava sobreviver de sua escrita. Este processo de interdição refere-se ao anonimato, a ‘não-recepção’ para os textos publicados após QD, que passaram despercebidos pelo público leitor.

É inegável que não estamos proferindo que a denúncia seja o que caracterizaria essencialmente o sentido de autoria²³, mas que a discursividade literária em Carolina Maria de Jesus aponta para um lugar outro e, na ordem do devir, seria aquele em que tendo o sujeito-autor se valido do lugar da falta e, talvez, seja aí que estejam suas especificidades, constituiu uma discursividade que assinala, singularmente, para o discurso dos moradores da favela. É sobre esta escrita de si que deixa marcas em sua materialidade que a presente tese delimitou um dos seus percursos possíveis.

Nos excertos que seguem, apresentamos, de maneira breve, alguns enunciados que sinalizam para este exercício do dizer característico dos textos de Carolina Maria de Jesus, como acima apontávamos.

Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou a despontar eu fui buscar água (QD, p.22).

Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo (QD, p.24).

Enquanto as roupas corava eu sentei na calçada para escrever. Passou um senhor e perguntou-me: _ O que escreve? (QD, p.24).

Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem (QD, p.26).

Quis saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário. _ Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você. Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler (QD, 27).

Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo (QD, p.30).

...Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros (QD, p.36).

²³ - Embora esta também fosse uma aceção possível para os ingredientes presentes na escrita de Carolina Maria de Jesus, já que ela também se mune da denúncia para constituir os relatos.

Nos enunciados apresentados, há uma inscrição de um posicionamento do sujeito que objetiva narrar o mundo e/ou tomar o dia a dia como pauta para um diário e deixa evidente que é somente ele que se dispõe a falar de si e de outrem. Ao longo deste trabalho, contemplaremos estes e outros enunciados, de maneira mais amiúde.

Em face ao exposto, no pequeno teatro do dia-a-dia – as paupérrimas condições dos favelados, dos habitantes do quarto de despejo (a favela) – o sujeito-autor parece evidenciar as singularidades solenes dos desafortunados, conquanto coloca-se quase sempre em uma posição superior aos demais. É como se a este sujeito fosse dada, por filigranas do tempo, o desafio primeiro e talvez único de evidenciar as mazelas dos moradores do quarto de despejo. O poder minimamente conferido a este sujeito-autor se revela na capacidade intrínseca de escandalizar ou de resistir. Talvez esses dois ingredientes sejam, efetivamente, a condição *sine qua non* para revelar ao mundo o cotidiano dos desditosos e se tornar, ainda que, por uma limitada fração de tempo, uma das autoras a editar um livro que se tornou um *best-seller* da década de 1960.

Carolina Maria de Jesus – enquanto função autor²⁴ – trança com hábil ‘saber’ as guirlandas do discurso dos desvalidos, dos indignos de nota. Dizemos que é um traçado apropriado uma vez que o sujeito em posição autoria, para além de trazer à tona o discurso dos moradores da favela (ainda que se intitulado, de maneira recorrente, como um ser diferente deles), parece ter se agasalhado, não ‘conscientemente’, ao movimento de intitulada democratização do país ou o chamado movimento de contracultura e empregado o testemunho como recurso legítimo para esquivar às relações de poder e de saber, nas acepções foucaultianas²⁵.

As relações de poder, como propúnhamos anteriormente, são diversas, contraditórias e reversíveis. Em relação aos outros favelados, há um posicionamento do sujeito que se vale da condição de ser detentora do poder da escrita e ameaça denunciar os outros moradores do

²⁴ - Lembramos que para Foucault (2009) certa quantidade de discursos são providos da função ‘autor’, ao passo que outros são dela desprovidos. “A função autor é característica do modo de existência, circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade”. “A função autor não se exerce de forma universal e constante para todos os discursos” (FOUCAULT, 2009, p.46 a 48).

²⁵ - “Seria talvez preciso também renunciar a toda uma tradição que deixa imaginar que só pode haver saber onde as relações de poder estão suspensas e que o saber só pode se desenvolver fora de suas injunções, suas exigências e seus interesses. Seria talvez preciso renunciar a crer que o poder enlouquece e que em compensação a renúncia ao poder é uma das condições para que se possa se tornar sábio. Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2011e, p.30).

quarto de despejo dizendo-lhes que os mesmos servem de material para o relato que está fazendo sobre a favela, como podemos observar nos enunciados abaixo:

Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos (QD, p.21).

Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que a espada (QD, p.49).

Os enunciados supracitados apontam para estas relações de poder entre uma posição-sujeito que se coloca em uma posição diversa – entenda-se melhor – que os outros favelados e se vale desta situação de prestígio para acentuar que as palavras são poderosas e acaba por se instituir, de maneira recorrente, como a única pessoa hábil para criar o relato sobre o quarto de despejo.

Faz-se singular a inscrição dessa posição-sujeito favelada, moradora do quarto de despejo que pretende via ‘linguagem’ – como o espaço possível e/ou como o lugar da subversão e/ou da reinvenção de si – o intento reentrante de evidenciar um dizer, um ‘dito’, ainda que o seu já-dito e/ou seu como dizer esteja sinalizado por frases curtas e relate o dia-a-dia de suas desventuras e daqueles que estão no quarto de despejo. Desse modo, ao tentar se constituir em sujeito de um discurso, Carolina Maria de Jesus redimensiona as possibilidades de seu existir e se vale desta linguagem, de seus escritos e inscritos nas folhas encardidas, a metáfora para o seu existir. Lá fora, a podridão, a lama, a sujeira; aqui dentro, no interior de seu barraco, encontra no grafite nº 2 e nos papéis encardidos os alinhavos necessários para cerzir outro curso (outro lugar social, não mais favelada ao menos por um tempo) para a sua vida. Ela também procura na escrita, na escrita em diários – gênero tido naquela época como literatura menor – sentido, refrigério e possibilidades mais fecundas para esta existência anódina na favela.

Em outros momentos desta tese, discutiremos como este lugar social instaura simbolicamente outro lugar possível: o de escritora, pois, refletiremos sobre a escrita de si enquanto prática de constituição de si. Dessa maneira, faz-se relevante destacar que nossa motivação hipotética para a realização desta proposta de pesquisa foi atendermos prontamente a este notório aguilhoamento que os aludidos diários nos convidavam e, ainda, instigam em concomitância com a seriedade, a consistência e a tentadora obra de Foucault ao dedicar-se, especialmente, ao estudo do sujeito, sob diversas faces, o da escrita de si, o do cuidado de si, o sujeito da governamentalidade, ou, ainda, o sujeito constituído como tal por relações precisas de saber e de poder.

1.2- O cuidado de si

Importa-nos, nesta subdivisão, tomar os diários de Carolina Maria de Jesus como espaço possível para a constituição de uma subjetividade, talvez em razão disso, estamos insistindo na escrita de si rasurada, na assunção de diversas posições-sujeito que vão delineando a figura escorregadia do sujeito ao se constituir sujeito de uma discursividade, passando pelo cuidado de si, pelas práticas de cuidado de si (*epiméleia heautoú*) e intermediado por relações consigo e com outro quando imbuído da tentativa de ascensão aos jogos de verdade. A *epiméleia heautoú* é o cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo.

Retomando a questão do sujeito (questão do conhecimento do sujeito, do sujeito por ele mesmo) foi inicialmente, segundo Foucault (2011d, p.04) colocada em uma forma totalmente diferente e em um preceito totalmente outro: a fórmula délfica do *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”). Na realidade o “conhece-te a ti mesmo” é uma forma aproximada de se manter ocupado de si, de tomar cuidado consigo e de não descansar de si.

Dessa forma, ter cuidado consigo mesmo, não se esquecer de si constitui-se enquanto uma produção e/ou prática de subjetividade, de constituição de si pelo cuidado que o sujeito é capaz de dispensar a si mesmo e este cuidado de si se dá via relação com a verdade, com os jogos de verdade. Lembrando que a verdade não é aquilo que é verdadeiro ou falso, mas a relação com que as coisas ditas por um sujeito podem ser ditas a partir de um lugar e sob intrínseca correlação com a história, com a memória e com uma dada formação discursiva. Foucault entende por verdade:

o conjunto de procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros. Não há absolutamente instância suprema. Há regiões onde esses efeitos de verdade são perfeitamente codificados, onde o procedimento pelos quais se pode chegar a enunciar as verdades são conhecidos previamente, regulados (FOUCAULT, 2012b, p.227-228).

Na constituição do sujeito há que se pensar na inerente correlação entre este, o objeto e o conhecimento. Retomando este exercício de constituição do sujeito via cuidado de si, via relação com o outro, poderíamos afirmar, em conformidade com Foucault que, no período socrático-platônico, os candidatos ao governo de outrem deveriam, *a priori*, se ocuparem consigo mesmos, encerrarem uma estética da existência ‘de si’. Desse modo, se objetivem cuidar de outrem, deverão em princípio, fazê-lo por si mesmos. Nos séculos I e II d.C., no período helenístico (ou como queriam alguns, quer seja, nos estudos sobre o acesso à

verdade), o sujeito se ocuparia em cuidar de si mesmo e ocupar-se de si, será a um só tempo cuidar do corpo e da alma, tendo autoconhecimento, autodomínio e obediência a um código moral. Segundo Foucault “a *epiméleia heautoú* é uma atitude – para consigo, para com os outros, para com o mundo” (FOUCAULT, 2011d, p.11). O autor completa:

a verdade só é dada ao sujeito a um preço que põe em jogo o ser mesmo do sujeito. [...] A verdade é o que ilumina o sujeito; a verdade é o que lhe dá beatitude; a verdade é o que lhe dá tranquilidade de alma. Em suma, na verdade e no acesso à verdade, há alguma coisa que completa o próprio sujeito, que complementa o ser mesmo do sujeito e que o transfigura (FOUCAULT, 2011 d, p.16-17).

A propósito sobre o cuidado de si, assim propõe Foucault:

Por essa expressão é preciso compreender que o princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo o caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas, em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas, ensinadas; ele constitui assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e elaboração do saber (FOUCAULT, 2011 c, p.50).

O cuidado de si é “uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (FOUCAULT, 2011d, p.09).

Em síntese, poderíamos dizer, por meio das postulações de Foucault (2011d, p.17) que a *epiméleia heautoú* (cuidado de si) designa precisamente o conjunto das condições de espiritualidade, o conjunto das transformações de si que constituem a condição necessária para que se possa ter acesso à verdade. É pelo cuidado de si, por práticas de cuidado de si que o sujeito se produz sujeito. Quando, na história desloca-se a idade cronológica em que o sujeito deverá se ocupar de si não mais quando jovem e não mais com finalidade precisa: governar as cidades (no período platônico) como fora recomendado a Alcibíades, porém, quando se é adulto e durante todos os dias (todo o tempo), temos aí algumas consequências, entre elas, a função crítica da prática de si que vem dobrar e cobrir a função formadora. O adulto deverá se preparar continuamente e deve fazê-lo de maneira ininterrupta para salvar-se²⁶ das intempéries, das paixões²⁷, enfim, para suportar toda a sorte de infortúnio. Já não se

²⁶ - Salvar-se não tem, aqui, especialmente nos séculos I e II a conotação essencialmente religiosa enquanto tentativa para alcançar a salvação da alma, quando então, já velho o sujeito se põe a cuidar de si para alcançar a promessa de salvação. Trata-se, de maneira geral, de ‘salvar-se’, no sentido de se manter vivo, em permanente cuidado consigo e longe das doenças, afastado daquilo que consome todas as suas energias. Nesse sentido, salvar-se é uma atividade que se desdobra ao longo de toda a vida e cujo único operador é o próprio sujeito.

tem mais apenas o desejo de governar outrem, mas espera-se ocupar-se de si como objeto e como finalidade.

Para Foucault, se em Alcibíades a finalização do cuidar-se de si era a cidade, com o deslocamento cronológico para a idade adulta, há uma autofinalização: ‘ocupar-se’ de si tão somente como objeto e como finalidade. Formar-se e corrigir-se. Nesse caso, o ‘cuidado de si’ passa a ter para além da atribuição formadora, a corretora. Cuidar-se, curar-se e, então, como segunda consequência desse deslocamento cronológico do ‘cuidado si’ para a fase adulta, há uma aproximação entre cuidado de si e medicina. Cuidar-se para afastar-se dos males, das intempéries, cuidar do corpo e da alma²⁸. Como terceira consequência desse deslocamento houve uma resignificação da noção de velhice – não mais como término de um processo, mas como o lugar-refúgio, o abrigo e o momento em que o ser humano tenderá, pois tendo aprendido viver para ser velho, saberá nada esperar.

Nesse momento, fazem-se oportunas as considerações de Foucault no tocante à prática de si e à velhice:

A partir do momento em que o cuidado de si precisa ser praticado durante a vida, principalmente na idade adulta compreende-se bem que a mais alta forma do cuidado de si, o momento de sua recompensa estará, precisamente, na velhice (FOUCAULT, 2011 d, p.98).

Resguardadas as possíveis diferenças entre o cuidado de si no período socrático-platônico e no período helenístico, século I e II, importa-nos dizer que há no posicionamento do sujeito que escreve QD a necessidade de tentar ocupar-se de si e dos problemas que acometiam aos favelados. Por isso, desenvolvemos ao longo dessa pesquisa uma aproximação entre o cuidado de si, a escrita de si e a governamentalidade. Voltaremos a esta questão em outro momento deste texto. Talvez não seja outro o exercício compreendido pelo sujeito-autor ao compor o relato do dia em, notadamente, QD, um exercício de cuidado de si e um experimento de escriturar a si na pauta dos dias miseráveis.

Deve-se, pois ter o objetivo de salvar-se aquele que imbuído de uma prática de si, de um cuidado de si ocupou-se consigo todos os dias.

²⁷- Enquanto estado que mobiliza todos os sentidos e faz adoecer. Não é sem razão que a paixão fora correlacionada à doença e tendo como um de seus estágios o Páthos (movimento irracional da alma, traduzido em latim pela palavra *perturbatio* por Cícero e *affectus* por Sêneca).

²⁸- A alma tomada aqui como sujeito de ação (FOUCAULT, 2011d, p. 54) ou ainda: “A alma tem uma realidade, que é produzida permanentemente, em torno, na superfície, no interior do corpo pelo funcionamento de um poder que se exerce sobre os que são punidos – de uma maneira mais geral sobre os que são vigiados, treinados e corrigidos, sobre os loucos, as crianças, os escolares, os colonizados, sobre os que são fixados a um aparelho de produção e controlados durante toda a existência. Realidade histórica dessa alma, que, diferentemente da alma representada pela teologia cristã, não nasce faltosa e merecedora de castigo, mas nasce antes de procedimentos de punição, de vigilância, de castigo e de coação. Esta alma real e incorpórea não é absolutamente substância; é o elemento onde se articulam os efeitos de um certo tipo de poder e a referência de um saber, a engrenagem pela qual as relações de poder dão lugar a um saber possível, e o saber reconduz e reforça os efeitos de poder” (FOUCAULT, 2011e, p.32).

Quanto ao que estaremos chamando ao longo desta pesquisa de cuidado com ‘os outros’ (outrem) é em analogia com o cuidado de si no período helenístico, uma vez que para o candidato ao governo da cidade (o cuidado com o outro) era recomendado cuidar-se de si mesmo. Assim, não parece ser outro o posicionamento exercido pela posição-sujeito moradora e escritora, dentro do quarto de despejo: estabelecer a ordem em muitos momentos de desavenças.

1.3- Escrita de si

Nos trabalhos de Foucault, notadamente, na trilogia alcunhada de **História da Sexualidade**, volume: I, II e III, (2011a; 2012a; 2011b) e **O que é o autor?** (2009) há uma problematização da noção de *escrita de si*. Esta aparece como uma forma do sujeito, ao organizar a si mesmo, o fazer mediante uma prática de leitura e escrita. Esta escrita, de certa forma, oferecer-se-ia para o sujeito como uma possível tentativa de atenuar o perigo do isolamento e funcionaria como um elemento indispensável da vida ascética. Tratar-se-ia de um experimento realizado pelo sujeito no intuito de afastar os pensamentos nefastos e pecaminosos. Mediante o trabalho da escrita, o sujeito poderia se organizar em relação a si mesmo e em relação ao outro. Colocaria a si mesmo como pauta do dia e também afastaria os pensamentos indesejáveis. Exerceria uma ascese²⁹ e os escritos se constituiriam em seu companheiro de conhecimento e retiro. Ao anotar-se, nesta escrita, o sujeito que o faz estaria, pois, executando, duas ações complementares, porém distintas: 1) um movimento linear; vai da meditação à atividade da escrita e desta ao treino em situação real; 2) e um outro circular que antecede ao registro das notas (quando obriga o sujeito a meditar), conquanto, possa, após escrito, relançar o sujeito na meditação incidida antes mesmo da escrita, propriamente, dita. Portanto, a meditação anterior ao exercício da escrita, necessária a esta, faz-se recorrente após o conteúdo escrito, quando os escritos, novamente, sugerem uma prática contemplativa.

A *escrita de si* consistiria em um exercício pessoal, uma atividade do pensamento e teria, como objetivo, o conhecimento de si e o afastamento dos pensamentos indesejáveis. Apresentaria, pois, diversas configurações, desde uma escrita simples destinada a organização do pensamento e do dia, até outras formas mais precisas, como as recomendações e aconselhamentos de um preceptor a seu discípulo, bem similares aos *hypomnemata* – que

²⁹- “A áskesis (ascese) é o que permite que o dizer-verdadeiro – dizer-verdadeiro endereçado ao sujeito, dizer-verdadeiro que o sujeito endereça também a si mesmo – constitua-se como maneira de ser do sujeito” (FOUCAULT, 2011d, p.291).

eram, segundo Foucault, uma espécie de livro de registro, cadernos de anotações, tratados sobre algum tema, livros de contabilidade, anotações que preservavam a memória, o tesouro cultural de uma época, ou ainda, as *lettres de cachet* que se constituíam em uma petição de algum vizinho, pai de família ou outrem com o intuito de buscar o apoio do rei (governante) para tomar as providências possíveis, como interdição, prisão (privação deste ou daquele indivíduo do convívio social), quando ele estivesse agindo em desacordo com algum princípio listado como desejável.

Desse modo, *a escrita de si* funcionaria como um labor do sujeito sobre ele mesmo, uma tentativa de se ocupar de si, uma produção de subjetividade, uma forma de reflexão, um ensaio do cuidado de si, uma atividade relativa à ascese (*áskesis*). Um experimento daquele que escreve ao buscar conhecer a si mesmo, livrando-se dos pensamentos impuros. Um trabalho de si sobre si, por meio da escrita de si. Um tentame do exercício do sujeito acerca de uma possível verdade sobre ele mesmo.

Se *a escrita de si* recebeu diversas configurações: *hypomnemata* (cadernos de anotações), correspondências, diários, confissões, *lettres de cachet*, manteve, em tese, a condição de ser um instrumento de constituição de si, de singularização de um sujeito, de construção de uma subjetividade. É nesse aspecto que realizamos, aqui, uma aproximação entre o exercício depreendido pelo sujeito-autor ao compor, notadamente, QD.

1.3.1-No ensaio da *escrita de si*: a constituição de um sujeito na contradição (nem totalmente delator, nem propriamente porta-voz dos excluídos)

O discurso político da banalidade não podia ser senão solene.

(FOUCAULT, 2009, p.119)

Esta subdivisão da pesquisa tem por objetivo delinear as singularidades da discursividade em Carolina. Para cumprir tal objetivo, estaremos aportados nos preceitos da AD, especialmente, nos estudos foucaultianos, sobretudo, naqueles correlacionados à *escrita de si*.

Por ora, cumpre-nos elencar alguns conceitos que serão seguramente basilares em nossa pesquisa: sujeito/sentido; discurso/discursividade; acontecimento discursivo; sujeito discursivo; formação discursiva e autoria. Muitos desses conceitos já foram ou ainda serão cotejados durante esta e, nesta tese, já que não rascunharemos um capítulo, essencialmente, teórico, porque faremos, a exemplo da metodologia selecionada para a análise discursiva, um

recorrente percurso entre análise, teoria e análise, para relembrarmos, neste momento, os dizeres de Orlandi (2001b).

Finda esta primeira parte ou concomitantemente em que essas notações temáticas são elencadas, desenhamos, aqui, a configuração dessa seção, isto é, evidenciaremos de que maneira se apresenta *a escrita de si* nos diários tomados como materialidade linguística para a tese em esboço.

Ambicionamos com esta tarefa, descrever a singularidade da discursividade em Carolina, por meio da materialidade linguística cujos diários íntimos, QD e DB, constituem-se *corpus* para a referida análise discursiva, tentando evidenciar, nos traços possíveis de uma *escrita de si* (nos moldes foucaultianos), as fissuras de um discurso dos desvalidos que se apresenta premente; diríamos, contundente e aponta para a voz de uma posição-sujeito que grita ao mundo, ainda que, esteja e seja oriunda de um quarto de despejo, a dor dos desafortunados, a dor dilacerada, o dia-a-dia sempre igual a entremostrear que se os dias são miseráveis, os sonhos não o são.

Se a escrita parece ser lacerada, as aspirações de uma das posições do sujeito morador da favela e pretensão escritor não o são, já que ele se desvela capaz de: 1) sonhos venturosos, nos quais há o desejo de ser emancipador de uma voz denunciante, ainda que oriunda de um quarto de despejo (espaço público, a favela) a entremostrear a dor dos desarrimados; 2) anseios em ser uma voz pungente a falar dos dramas humanos, querem oriundos de um quarto de despejo, querem remanescentes de uma sala de estar.

Assim, tomaremos alguns conceitos que guiarão as rotas a seguir; entre eles, o de acontecimento discursivo³⁰, pois tentaremos, assim como Foucault, tentar desvelar as determinações sócio-históricas do dito e/ou procurar os vestígios deixados pela posição-autor do:

jogo inconsciente que emergiu involuntariamente do que disse ou da quase imperceptível fratura de suas palavras manifestas; de qualquer forma, trata-se de reconstituir um outro discurso, de descobrir a palavra muda, murmurante, inesgotável, que anima do interior a voz que escutamos, de restabelecer o texto miúdo e invisível que percorre o interstício das linhas escritas e, às vezes as desarruma (FOUCAULT, 2008, p.30-31).

³⁰ - “O campo dos acontecimentos discursivos é o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas; elas bem podem ser inumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda capacidade de registro, de memória, ou de leitura: elas constituem, entretanto, um conjunto finito. Eis a questão que a análise da língua coloca a propósito de qualquer fato de discurso: segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? A descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2008, p.30).

Talvez, por isso, ao intitularmos essa tese tenhamos, paradoxalmente, por vias factuais e/ou, ainda, impossíveis de serem depreendidas por uma ótica, meramente, utilitária, optado por “Nas fissuras dos cadernos encardidos: processos de subjetivação e a discursividade literária em Carolina Maria de Jesus”³¹. Entendemos tal como Foucault (2008, p.31), que se faz possível empreender uma expedição em que a grande questão pudesse ser: “o que se diz no que estava dito?” Ou por outras palavras: “que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma parte?”

Segundo ainda Foucault:

A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. A questão pertinente a uma tal análise poderia ser assim formulada: que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte? (FOUCAULT, 2008, p.31).

É instigante, aliás, desafiador pensar em uma discursividade literária rasurada e/ou ainda, em outro flanco, como os sujeitos se constituem sujeitos, especialmente, nos diários íntimos elegidos aqui como materialidade linguística desta tese. Por que este dizer recorrente, este dizer salpicado³² de lantejoulas³³ para relatar, anotar e assim preservar as misérias vividas? Por que este dizer singular ainda que retrate algo tão comum, ordinário (na acepção mesma de corriqueiro) os dias miseráveis e sempre repetíveis? Por que este dizer reentrante e não outro? Por que este dizer entrecortado de lirismo ao descrever os dias triviais dos

³¹ - Quando conversávamos com uma colega de doutoramento, bem ainda no início dessa demanda, confidenciando nossas inquietações, nossas temeridades, ela prontamente afirmara em seu sotaque baiano de ser, como quem enxerga para além do aparente: _ Fabiana, um título desses não nasce por acaso! Ele é forte, revelador e, sobretudo, intrigante. “Olha, menina, para o seu título e descobrirá um caminho a seguir. Ele está aí no seu título, basta tão somente seguir sua intuição primeira ao impetrar este título e percorrer, concomitantemente, os direcionamentos de seu orientador. Deixe vir à tona o que está aí e que você, daqui um tempo, certamente, mais amadurecida, o verá!” Essas palavras, proferidas por Rosely Costa Silva, durante meses, talvez anos ressoaram em nosso ser, uma vez primeiro interpelado – chamado à existência via ideologia (nos moldes apontados por Pêcheux/1997) e depois emoldurado pelo fascínio exercido diante das leituras discursivas. Assim seguimos o risco: realizar uma tese que pudesse se ater para os vestígios do *não-dito e/ou do jamais dito* bocejados *no dito* e, ainda, olharmos, detidamente, para aquele texto miúdo, invisível, para aqueles que se demandam tão somente em uma leitura distraída, apressada.

³² - Recorre-se, aqui, a um termo de Carolina ao utilizar o vocábulo salpicar... “o céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido.” (QD, p. 33)

³³ - Lantejola foi um termo utilizado por Marisa Lajolo no prefácio do livro de poemas de Carolina Maria de Jesus e refere-se à escolha feita por Carolina ao compor sua obra com o recurso de algumas expressões raras. Lantejoulas seriam estas expressões incomuns, este vocabulário raro.

favelados? Por que este dizer e não um dizer outro ao expor – trazer à tona – a cor roxa, cor da amargura que envolve os favelados? Nesse dito, haveria ou não inscrições subjacentes de um registro do sujeito em posição de autoria tentando evidenciar as diferenças existentes entre o viver do negro e pobre e, de outro lado, a vivência do rico e branco?

São tantas as inquietações que não pudemos e não poderemos nos afastar e não fazer dessas questões pauta ou norte a ser seguido. Assim dizer das especificidades da discursividade em Carolina Maria de Jesus é, não raras vezes, resvalar nessa *escrita de si* chamuscada de inscrições outras de seus irmãos favelados: personagens também alardeados de infâmia, de desventura. É ainda a tentativa premente do sujeito-autor de preservar o dia vivido ainda que seja do inexorável tempo que, para além de amarelar as folhas de cadernos encontradas nos lixos e nas quais Carolina Maria de Jesus escrevia, igualmente encarcera os sonhos nos escaninhos da memória e também silencia autor e obra (nas acepções foucaultianas)³⁴ nos contornos imprecisos do silêncio; quando não, emudece e amarelece os desejos do sujeito-autor de um dia ser reconhecido enquanto uma instância passível de ser atribuído um estatuto e, conseqüentemente, alguns bônus e inúmeros ônus.

Nesse sentido, que texto miúdo e invisível para nos valermos aqui das definições de Foucault (2008, p.31) se entremostra na materialidade linguística ora utilizada como corpus desta análise discursiva? Ou ainda que texto é esse, que singularidade é essa entrevista na escritura rasurada de Carolina Maria de Jesus que “percorre o interstício das linhas escritas e, às vezes, as desarruma”?

Arrazoamos, ainda, como Carolina não o sujeito-empírico (mãe solteira, negra, moradora da favela), mas o sujeito discursivo (que se institui em um dado discurso) conseguiu

³⁴ - Foucault assim pontua no tocante à obra: “Na verdade, se se fala com tanto prazer e sem maiores questionamentos sobre a “obra” de um autor, é porque a supomos definida por uma certa função de expressão. Admite-se que deve haver um nível (tão profundo quanto é preciso imaginar) no qual a obra se revela, em todas os seus fragmentos, mesmo os mais minúsculos e os menos essenciais, como a expressão do pensamento, ou da experiência, ou da imaginação, ou do inconsciente do autor, ou ainda das determinações históricas a que estava preso. Mas vê-se logo que tal unidade, longe de ser apresentada imediatamente, é constituída por uma operação; que essa operação é interpretativa (já que decifra, no texto, a transcrição de alguma coisa que ele esconde e manifesta ao mesmo tempo); que finalmente, a operação que determina o *opus* em sua unidade e, por conseguinte, a própria obra, não será a mesma no caso do autor do *Théâtre et son double* ou no caso do autor do *Tractatus*, e que assim, não é no mesmo sentido que se falará uma “obra”. A obra não pode ser considerada como unidade imediata, nem como unidade certa, nem como unidade homogênea (FOUCAULT, 2008, p.27). Quanto à acepção de autor Foucault afirmara que era cogente rediscutir as propostas anteriores sobre a morte do autor: “A marca do escritor não é mais do que a singularidade da sua ausência; é-lhe necessário representar o papel do morto no jogo da escrita. Tudo isto é conhecido; há já bastante tempo que a crítica e a filosofia vêm realçando este desaparecimento ou esta morte do autor.” (FOUCAULT, 2009, p.36-37). Ele ainda acresce: “Trata-se, sim, de localizar o espaço deixado vazio pelo desaparecimento do autor, seguir de perto a repartição das lacunas e das fissuras e perscrutar os espaços, as funções livres que esse desaparecimento deixa a descoberto” (FOUCAULT, 2009, p.41).

inventariar uma escrita singular³⁵? Como, ainda, instituiu uma linguagem entranhada de situações peculiares que fogem ao ‘já dito’ para fundar algo incomum e que as pessoas viam, mas não conseguiam (por esta ou aquela razão)³⁶ expressar? Por fim, como analisar e delinear, via análise do discurso, esse discurso ímpar que o sujeito discursivo constituiu embrenhando o seu dizer com palavras e expressões devedoras de um estilo romântico? Embora a indicação literária da época fosse a forma livre, sem nenhuma preocupação com uma temática cara aos motes românticos, dentre outras atribuições do estilo literário em voga.

Por outras palavras, como este dizer que, aqui, estamos denominando de rasurado, já que é um dizer que se volta por sobre, pôde por meio das palavras e expressões triviais criar uma imagem do real e/ou várias imagens desse real, aparentemente, corriqueiro, mas que se revela e se desvela como algo repleto e transpassado de significados?

A propósito, esta fotografia trivial do quarto de despejo (a favela) fora vista por inúmeras pessoas, moradores ou não da favela e que talvez tivessem em comum: o fato de serem leitores e personagens de uma época singular na história bibliográfica no Brasil, quiçá uma fotografia também lida em outros países, já que a obra de Carolina Maria de Jesus fora traduzida para outros idiomas.

Esta *escrita de si* é ou se apresenta como uma fotografia de uma determinada exterioridade (reveladora de determinadas condições de produções históricas, culturais, ideológicas e políticas dos idos anos 1960) ou ainda fotografa com outros matizes, algumas diversas condições de produção que ainda engendram, configuram muitos dos *quartos de despejo* que se têm em nosso quadro social. É evidente que com outros e novos matizes e entretons de dor.

O termo fotografia é empregado aqui com uma acepção diversa. Não utilizamos tal termo como um documento de verdade, não o é. Recorremos a este vocábulo com o intuito de evidenciar que a escrita do sujeito-autor deixa ver um registro de uma dada circunstância. Talvez, seja por isso que os diários ora analisados, via discursividade, são imiscuídos, entrelaçados de outros gêneros discursivos, entre eles, o da reportagem, o do relato do cotidiano (uma espécie de crônica). Como diria Bakhtin (2008), os gêneros são ilimitados e uns se juntam aos outros e vão formando outros tantos. Talvez por isso a *escrita de si*,

³⁵ - Singular no sentido de possuir algumas especificidades que a fizeram, de certo modo, instituir/criar uma discursividade ‘outra’ (sua) que marca sua escrita, que evidencia a vida dos favelados e que intenta ser a escrita em tom de desabafo.

³⁶ - Não estamos nem poderemos aventar, aqui, quais são/teriam sido as impossibilidades de outros favelados singularizarem os dramas humanos no quarto de despejo. Impedimentos sociais, impedimentos culturais, impedimentos diversos? O apontamento destes impedimentos pouco importa para os desdobramentos desta pesquisa.

notadamente, em QD, seja entranhada de diversos gêneros discursivos. Ao registrar o vivido, o sujeito-autor entremostra as singularidades daquele momento, por essa razão insistimos no termo fotografia que é o meio, o artifício utilizado por esse sujeito, na tentativa ainda que, possivelmente, ilusória de ser comprometido com as condições materiais de um momento que oportunizaram, por meio de uma *escrita de si* rasurada, entremostar as necessidades, incumbências e os propósitos de um sujeito-autor imbuído de algumas especificidades. Essas mesmas que engendraram ou que foram capazes de engendrar este ‘dito’, apreendido, ou ambicionado ser apreendido por este e neste exercício de análise.

Quanto aos vários posicionamentos do sujeito, vale ressaltar que uma das posições do sujeito em QD e DB recobra uma atenção porque se desvela singular de seus irmãos de fado; é ela, será ela a anotar os dias e preservá-los do tempo implacável. Essa posição-sujeito fora uma catadora de sonhos concomitantemente ao ato de recolher os papéis revoltos nas ruas de São Paulo. No exercício de empurrar o carrinho e recolher sucatas, ambicionava modificar o circundante: denunciar as mazelas sofridas por aqueles que estão no quarto de despejo (a favela). Dentre elas, aquelas correlacionadas à escassez de alimentos e as manobras realizadas para elevar os seus preços, a ganância dos políticos, as agruras do viver dos favelados, a inveja, o ódio, o abandono, o isolamento, a reclusão, a submissão. Vejamos a posição-sujeito que emerge do enunciado³⁷ a seguir:

(1)...Os preços aumentam igual as ondas do mar. Cada qual mais forte. Quem luta com as ondas? Só os tubarões. Mas o tubarão mais feroz é o racional. É o terrestre. É o atacadista. A lentilha está a 100 cruzeiros o quilo. Um fato que alegrou-me imensamente. Eu dancei, cantei e pulei. E agradei o rei dos juizes que é Deus. Foi em janeiro quando as águas invadiu os armazéns e estragou os alimentos. Bem feito. Em vez de vender barato, guarda esperando alta de preços: Vi os homens jogar sacos de arroz dentro do rio. Bacalhaau, queijo, doces. Fiquei com inveja dos peixes que não trabalham e passam bem (QD, p.60).

O enunciado supracitado aponta para uma posição-sujeito que, ao ver que as manobras realizadas pelos atacadistas para fazer com que os preços dos alimentos subissem, não tiveram êxito; ela saboreia, então, este insucesso. Desvela, ainda, um desejo de vingança, ora realizado, quando os atacadistas se viram obrigados a jogar os alimentos fora; entretanto, essa posição-sujeito recobra sua consciência e se enxerga mais infelicitada que os peixes “que não trabalham e passam bem”. Observamos aí uma inscrição política, histórica e ideológica do

³⁷ - Para fins didáticos, deliberamos organizar os enunciados, em alguns momentos, por numerais cardinais.

sujeito que vê associado à ideia de trabalho a realização material das necessidades primárias do ser humano, como saciar a fome.

Sonhos, raiva, vingança, desilusão, desconsolo, melancolia, solidão são ingredientes, aliás, constituem-se em instrumentos para facultarem ao sujeito a possibilidade de um dia ser reconhecidamente ‘uma poeta’ que apreendia no lixo, que garimpava no lixo alguns livros, alguns textos e alguns cadernos com folhas amarelecidas pelo tempo inexorável. Há inúmeros enunciados em QD que apontam para a constituição de uma posição sujeito comprometida com o papel social do escritor, como no enunciado (2); vejamos:

(2)...Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido (QD, p.40).

(3)...Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o país dos políticos açambarcadores (QD, p.40).

(4)... Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operários, para os mendigos, que são escravos da miséria (QD, p.61).

No enunciado (3), a posição-sujeito que surge é de alguém que parece confiante de que o país possa ser governado nomeadamente por aquele que tem capacidade e que tenha recebido como lição ‘passar fome’, pois este sujeito discursivo intui que a fome leciona habilmente às pessoas. Neste mesmo enunciado, há uma formação discursiva que parece indicar as especificações próprias do sujeito que emite de qual lado está ou estará caso haja uma revolta: a do lado dos pobres. Será que se esquecendo de que ele mesmo também é pobre ou será por esta mesma inscrição, porque é pobre, favelado que se inscreve neste lugar?

No quarto enunciado, novamente, o sujeito emerge como aquele que fala pelo outro e que sabe, habilmente, direcionar os tipos de palavras que deve destinar a cada um. Já no enunciado (5), o posicionamento de que “o país precisa ser governado por quem já passou fome”, tornar-se-á mais evidente, quando então enunciará: a fome é professora:

(5)...O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome é professora.
Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças (QD, p.31).

Neste enunciado (5), podemos inferir uma formação discursiva de cunho religioso de que é mandatório pensar no próximo, quase como preceito bíblico, indicativo de que aquele que tenha passado por esta condição se assenhora de atribuições cogentes para gerir o outro e também a ‘si mesmo’.

Os sonhos e as ambições de uma das posições do sujeito, sobretudo aquela que almejava escrever, que ambicionava anotar os dias de tristeza de um quarto de despejo, emerge de muitos enunciados obtidos em QD, como será e estará sendo apresentado no decorrer desta análise discursiva. Esta posição-sujeito entremostra, a partir dos enunciados elegidos para essa análise, que possuía sonhos e os perseguiu por longos anos na esperança quase sempre cega de atingir e provocar gritos de protestos contra a fome, contra a má distribuição de renda. Protestava, ainda, contra os comerciantes que esperavam os preços dos alimentos subirem e depois, muito depois, já deteriorados, eram jogados ao léu no quarto de despejo para que ali os moradores dessa favela se identificassem e se recordassem, ininterruptamente, que eles são o que são e se são o que são, devem, pois, permanecer feitos os caraminguás jogados ao quarto de despejo, como já apresentado no enunciado (1) desta subdivisão e neste que ora transcrevemos, vejamos:

(6)**14 de junho** ... Está chovendo. Eu não posso ir catar papel. O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso o uniforme dos indigentes. E hoje é sabado. Os favelados são considerados mendigos. Vou aproveitar a deixa. A Vera não vai sair comigo porque está chovendo. (...) Ageitei um guarda-chuva velho que achei no lixo e saí. Fui no Frigorífico, ganhei uns ossos. Já serve. Faço uma sôpa. Já que a barriga não fica vazia, tentei viver com ar. Comecei desmaiar. Então eu resolvi trabalhar porque eu não quero desistir da vida (QD, p.61).

No enunciado (6), surge um posicionamento do sujeito que diz de sua condição social de favelada e marginal. Em tom de escárnio, o sujeito discursivo diz desta condição de ser pobre e maltrapilho se valendo do léxico “uniforme” acrescido do adjetivo indigente. Não bastasse ser um uniforme (aquele que se usa rotineiramente) é um uniforme de indigente – daquele que se encontra em situação de mendicância.

Em momentos anteriores, fazíamos referência ao processo de constituição do sujeito e/ou das diversas posições do sujeito, proferindo que ele se valia e se vale de um lirismo recorrente, a julgar o sujeito em função de autoria que esta seria a rubrica para adentrar ao cânone literário em voga, ou ainda, porque esse lirismo presente no dito, desvela uma inscrição outra, a saber o ‘não-dito’ e/ou certamente este dito revela um ‘jamais-dito’, mas, provavelmente, dividido por esta mesma singularidade no/e do ‘já-dito’.

De maneira geral, olhando para o corpus da pesquisa, acrescentaríamos que é preciso considerar *no dito* algo que não fora dito ou que talvez sequer pudesse ser dito um dia – por esta ou aquela razão. Ou porque ao *ser dito algo* (as agruras dos desafortunados, a vida infame dos sem ventura), outro algo não pudesse ser dito com a mesma materialidade linguística deste *dito*. É como se ao dizer isso (as apoquentações dos favelados), aquilo *outro*

(as festas dos grandes salões da classe média alta da sociedade paulistana, para citar apenas uma possibilidade) não pudesse ser jamais dito.

Em muitos momentos, temos a inscrição de um sujeito que emerge de alguns enunciados recolhidos em QD como alguém que manifesta um possível contato com obras pertencentes a um estilo literário não mais em voga, mas que havia sido considerado um dos estilos listados no rol canônico, a saber, o romantismo. Esta posição-sujeito inscreve-se como alguém que acreditava que este era o salvo-conduto para ser aceita em um mundo intitulado literário; contudo, esta mesma inscrição só a fez distanciar-se dos modelos vigentes: o estilo pós-moderno, livre, transgressivo. É sabido que esta posição-sujeito que insurge dos enunciados seguintes (7) e (8) lera Casimiro de Abreu, Castro Alves, Victor Hugo (também citado nessa obra), dentre outros. Nesse sentido, os enunciados que seguem sinalizam e corroboram essa inscrição:

(7)Eu sou muito alegre. Todas manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço (QD, p.26-27).

(8)Toquei o carrinho e fui buscar mais papeis. A Vera ia sorrindo. E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: “Ri criança. A vida é bela”. Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a epoca está apropriada para dizer; “Chora criança. A vida é amarga” (QD, p.36).

(9)A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há varias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe (QD, p.44).

(10) O nome do cigano é Raimundo. Nasceu na capital da Bahia. Mas não usa peixeira. Ele parece o Castro Alves. Suas sobranceiras unem-se (QD, p.146).

Nos enunciados apresentados, há um posicionamento do sujeito que, ao alhear-se do espaço exterior, parece se esquecer dos dias miseráveis e alude a uma beleza particular para anunciar o dia quando então se compara aos pássaros proclamando o amanhecer: “Eu sou muito alegre. Todas manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre”. Este sujeito discursivo também se vale de um trocadilho ao recorrer aos versos de Casimiro de Abreu e apresentar momentos históricos diversos, materializados por meio da contradição “ri” e “chora”. Discursivamente, este trocadilho prenuncia que, se no momento em que Casimiro apregoava uma infância feliz, o contexto histórico que serviu de pano de fundo para a produção de QD parece dizer de outro e diverso lugar, não mais de felicidade, mas de tristeza. A infância apresentada como lugar seguro, em outro momento, no antes, quando Casimiro parecia cantar este tema, no agora, em trocadilho,

preludia, na perspectiva do sujeito, diferentes momentos históricos, embora não raras vezes exibam ou pareçam refletir também as diferenças sociais: pobres x ricos, moradores da sala de estar e residentes do quarto de despejo, sem contar que anuncia para os moradores das favelas (do quarto de despejo) que os preços dos alimentos de primeira necessidade ofuscam a beleza, porque são altos demais para suprir as necessidades desses sujeitos.

Faz-se reentrante nessa *escrita de si* o que estamos denominando nesta pesquisa por lirismo recorrente³⁸ e, além dele, os motes românticos, pontuais de um estilo característico de uma escola literária de título quase homônimo, romantismo. Essas especificidades vislumbram indícios de que *no dito* haveria filiações outras; este dizer sussurrante, este falar baixinho, como a brisa que faz reaparecer, ininterruptamente, o fogo suave de um pavio sempre aceso, como se faz observável nos enunciados (10) a (12):

(10) ...Contemplava extasiada o céu côr de anil. E eu fiquei compreendendo que eu adoro o meu Brasil. O meu olhar posou nos arvorêdos que existe no início da rua Pedro Vicente. As folhas movia-se. Pensei: elas estão aplaudindo este meu gesto de amor a minha Patria.(...) Toquei o carrinho e fui buscar mais papeis. A Vera ia sorrindo (QD, p.36).

(11).... Estou andando de um lado para outro, porque não suporto permanecer no barracão limpo como está. Casa que não tem lume no fogo fica tão triste! As panelas fervendo no fogo também serve de adorno. Enfeita um lar (QD, p.103).

(12)...Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para eles (QD, p.43).

No enunciado (10), há um sujeito discursivo que enuncia, de maneira quase ufanista e parece sugerir características pertencentes ao estilo romântico em uma de suas fases, a nacionalista: “Contemplava extasiada o céu côr de anil. E eu fiquei compreendendo que eu adoro o meu Brasil”. Este sujeito discursivo parece esquecer por filigranas do tempo, as adversidades da vida do morador do quarto de despejo.

O décimo primeiro enunciado, especialmente, “Casa que não tem lume no fogo fica triste! As panelas fervendo no fogo também serve de adorno. Enfeita um lar” parece indicar que, em um mundo da escassez, singelas cenas instituem beleza para um lugar que, em

³⁸ - Estamos denominando de lirismo este sentimentalismo ao falar do sol nascendo ou do céu da noite ou das pequenas belezas do cotidiano miserável. Em nosso entendimento, ao pensarmos em um escritor com pouca escolaridade formal, este exercício da escrita que parece comprometido com o desejo de registrar com poeticidade o dia-a-dia sem notoriedade, parece característico do que estamos intitulando, nesta pesquisa, de discursividade literária. Talvez em razão das limitações espaço-temporais não intencionamos, aqui, realizar um inventário de como este lirismo recorrente funcionaria textualmente nesta discursividade literária. Apenas limitamos a mostrar que ao escrever sobre a pobreza dos dias o sujeito-autor intenciona registrar esta pobreza com um pouco de lirismo, talvez por acreditar, supostamente, que o modelo estético lhe cobraria um empenho daquele que escreve com uma beleza possível dos motes.

princípio, não seria recinto de beleza. Igualmente, quer seja, com a mesma, poeticidade/sentimentalismo, o enunciado (12) também diz da beleza que há nas coisas mais simples ou talvez raras, já que comida (arroz com feijão) era sempre algo a se conquistar na e com a luta diária. Para este sujeito discursivo a cena de uma mãe realizando o alimento para suprir a fome de seus filhos seja de preciosa beleza e essa beleza se acha concretizada na metáfora da banha frigindo na panela ou, até mesmo, quando há feijão com arroz e a promessa de uma refeição, ainda que parca dos nutrientes necessários.

Pelo exposto, esta tese gira, essencialmente, em torno da descrição e interpretação do processo de objetivação de uma subjetividade a partir da *escrita de si*. Vale lembrar que esta *escrita de si* implica a escrita de *outrem* transpassada pelo viés daquele que se institui sujeito de um discurso, portanto, um sujeito discursivo. Um *si* que não se trata da individualidade, mas uma construção na/pela linguagem. Esta *escrita de si* ao dizer também a história de outrem não se constitui em uma escrita soberana de outrem, mas de si mesmo trespassada pela história de outrem: a dos proletários, a dos nortistas, a das crianças moradoras do quarto de despejo.

É preciso deixar evidente que, em numerosos momentos, uma das posições do sujeito parece dizer da constituição não só de uma instância que se intitula “primeira pessoa”, mas das diversas constituições de sujeitos plurais que emergem na materialidade de QD.

O sujeito discursivo em incontáveis momentos também insurge de um lugar em que não mais enuncia como favelado ou, especialmente, como o porta-voz desses favelados; ao revés, se coloca em outro lugar, não mais no de favelado e morador do quarto de despejo, mas, efetivamente, enquanto o apaziguador, aquele que viria pôr fim às brigas, desavenças e injustiças acometidas aos favelados. Vejamos os enunciados:

(13)...Hoje a D. Francisca mandou sua filha de sete anos provocar-me, mas eu estava com muito sono. Fechei a porta e deitei.(...) Fui visitar o filho recém nascido de D. Maria Puerta, uma espanhola de primeira. A jóia da favela. É o ouro no meio de chumbo (QD, p.28, grifos nossos).

(14)É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com êsse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém. Seu Gino insistia. Ele disse: _ Bate que eu abro a porta. Mas o meu coração não pede para eu ir no quarto dele (QD, p.29).

(15)Começo a ouvir uns brados. Saio para a rua. É O Ramiro que quer dar no senhor Binidito. Mal entendido. Caiu uma ripa no fio da luz e apagou a luz da casa do Ramiro. Por isso o Ramiro queria bater no senhor Binidito. Porque o Ramiro é forte e o senhor Binidito é fraco.

(16)O Ramiro ficou zangado porque eu fui a favor do senhor Binidito. Tentei concertar os fios. Enquanto eu tentava concertar o fio o Ramiro queria expandir o Binidito que estava alcoolizado e não podia parar de pé. Estava inconciente. Eu não posso descrever o efeito do álcool porque não bebo. Já bebi uma vez, em caráter experimental, mas o álcool não me tonteia. Enquanto eu pretendia concertar a luz o Ramiro dizia:
_ Liga a luz, liga a luz sinão eu te quebro a cara (QD, p.33).

O sujeito que insurge do enunciado (13) joga com a contradição, mais especificamente, com o contraste social materializado nas relações entre os moradores do quarto de despejo. De um lado, o ‘ouro’(D. Puerta) que comove esse sujeito e se singulariza em meio ao chumbo proeminente na favela. A contradição é evidente não só neste enunciado, mas ao longo de todo o diário e se constitui, especialmente, pelas especificações do sujeito, desvelando como é sua constituição (como um sujeito da e na contradição).

Nesse sentido, a contradição funcionaria como um princípio de constituição do sujeito (em suas diversas posições possíveis) e como um princípio de sua historicidade. É notório que o sujeito não se dá conta destas contradições, destas lacunas, destas impropriedades, das ausências, das incoerências explícitas ou implícitas, embora esta contradição seja, de fato, o modo singular de constituir-se sujeito de uma escrita, sujeito de uma discursividade.

No enunciado (14), o sujeito discursivo anuncia que vai escrever um livro e ele visa com este empreendimento sair da favela e alçar melhores condições. Neste caso, há um desejo de pertença a outra condição social – vislumbrável pelo produto da escrita: a construção/editação do livro. A escrita, na percepção desse sujeito discursivo, laboraria enquanto possibilidade material para sua inserção em outro espaço sociocultural.

Quanto ao enunciado (16), há um posicionamento do sujeito que, valendo-se de sua inscrição sócio-histórica e de uma dada moral, relata as brigas na favela e indica que os lugares já estão postos, o do forte e o do fraco. Neste caso, o mais forte (fisicamente) intenta bater no mais fraco, desvelando-nos a covardia. Nesse enunciado, o sujeito discursivo delibera proteger o mais fraco em sua visão e consoante com o seu código de conduta, representando, assim, na favela o lugar daquele que viria proteger e minimizar as discórdias. Esta proteção e tentativa de mitigar as discórdias são anunciadas por um sujeito-discursivo que é ele próprio quem delega/institui este lugar. Não são, especialmente, os outros que o fazem. E esses outros, na visão deste ‘um’ quase sempre são tomados como bestas feras, como incultos, como inferiores.

Desse modo, se observarmos QD como um todo, veremos que é esse sujeito discursivo que delega a si uma posição superior aos demais sujeitos. Em relação aos outros que não leem e não escrevem, o sujeito discursivo frequentemente tece vários comentários pouco

humanizados e faz questão de frisar que os favelados estão em uma posição inferior. Talvez, neste caso, estaria aqui anunciado que este sujeito na posição de pretendo delator das misérias do quarto de despejo, a exemplo do sujeito para a AD, não tenha plena consciência de si e que em sua subjetividade desvela inúmeros lapsos, contradições. E, nesse aspecto, insistimos, nesta seção, que este sujeito é construído nesta e por esta contradição: nem totalmente acusador dos favelados, nem soberanamente porta-voz dos excluídos.

Se, por um lado, como viemos proferindo, ao longo desta pesquisa, um dos posicionamentos do sujeito se constitui ou tenta se instituir como porta-voz dos desvalidos, por outros instantes, ao revés, também é aquele que faz calar, interditar as miudezas do viver dos habitantes do quarto de despejo, intentando pontuar, silenciar, emergenciar, driblar, contornar os relatos fatídicos do viver dos moradores do quarto de despejo; e, ainda, criar um diário com características de um gênero intitulado reportagem para dar a conhecer a *outrem* as condições de produção que gestaram aquela circunstancialidade. É como se nessa escritura rasurada houvesse vestígios e resquícios indicando as delimitações de uma dada época e os fatos ali ocorridos, como podemos observar nos enunciados abaixo:

(17) **29 de maio** - Até que enfim parou de chover. As nuvens deslisa-se para o poente. Apenas o frio nos fustiga. E varias pessoas da favela não tem agasalhos. Quando uns tem sapatos, não tem palitol. E eu fico condoida vendo as crianças pisar na lama. (...) Percebi que chegaram novas pessoas para a favela. Estão maltrapilhas e as faces desnutridas. Improvisaram um barracão. Condoí-me de ver tantas agruras reservadas aos proletarios. Fitei a nova companheira do infortunio. Ela olhava a favela, suas almas e suas crianças pauperrimas. Foi o olhar mais triste que eu já presenciei. Talvez ela não tem ilusão. Entregou sua vida aos cuidados da vida (QD, p.47).

(18) Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os cômrvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os cômrvos (QD, p.55).

(19) O preto ficou quieto. Eu vim embora. Quando alguém nos insulta é só falar que é da favela e pronto. Nos deixa em paz. Percebi que nós da favela somos temido. Eu desafiei o preto porque eu sabia que êle não ia vir. Eu não gosto de briga (QD, p.83)

Nos enunciados 17 e 18, há um posicionamento do sujeito que se apieda do sofrimento alheio que em reflexo também desvela a sua própria condição de proletariado, de maltrapilho. Os relatos constituem-se em um misto de desventura, de tristeza, de marginalidade e de embotada descrença, enviesados de lirismo ao contabilizar os dias como em: “As nuvens deslisa-se para o poente. (...) Entregou sua vida aos cuidados da vida”.

Poderíamos acrescentar que o sujeito discursivo que insurge no enunciado (19) evidencia que o fato de ser pertencente à favela, assegura-lhe o lugar social de temeridade,

como se todos que lá estivessem fossem da mesma configuração. Portanto, este sujeito discursivo parece intuir que os lugares sociais já estão assentados.

Nesse sentido, nesta *escrita de si*, faz-se possível apreender outras vozes, diríamos, múltiplas vozes que, não raras vezes, digladiam-se, interagem e, até mesmo, se (des)identificam umas com as outras, já que por intermédio de uma *escrita de si* rasurada é possível a recriação de remendos de recordações nestes livros das lembranças que são/se constituem, especialmente, os diários/cadernos de anotações realizados/escriturados por Carolina. Como proferimos, há uma posição-sujeito que ameaça denunciar os próprios favelados e outra que se condói do sofrimento desses mesmos favelados e talvez ela apiede-se porque, ainda assim, nessa posição de ‘condoer-se/apiedar-se’ acha-se superior aos outros favelados.

Em uma acepção devedora dos trabalhos de Authier-Revuz (1998), chamávamos de vozes, mas poderiam ser as diversas posições ocupadas por um sujeito morador da favela e escritor. Vejamos o enunciado abaixo que aponta para um típico processo de denegação, já que o sujeito favelado esquece que também ele é pobre, humilde e morador da favela e incrimina os seus vizinhos apelando para o seu espírito perverso:

(20)...Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar o seu sonho. Mas ela formou o meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos. É por isso que eu tenho dó dos favelados. Se bem que aqui tem pessoas dignas de desprezo, pessoas de espírito perverso (QD, p.49).

Em diversos momentos, assistimos também no quarto de despejo (o espaço físico favela), aos combates, às lidas das diversas posições-sujeito, como visualizado nos enunciados abaixo: uma que denuncia, outra que entende o sofrer do favelado e mais outra que se compadece com os sofrimentos das crianças; e por reconhecer superior aos outros favelados deverá se encarregar de relatar e poetizar suas agruras, colocando-as na ordem do dia, ou seja, como passível de nota:

(21) Varias pessoas afluíram-se. Eu, era o alvo das atenções. Fiquei apreensiva, porque eu estava catando papel, andrajosa (...) Depois, não quis falar com ninguém, porque precisava catar papel. Precisava de dinheiro. Eu não tinha dinheiro em casa para comprar pão. Trabalhei até as 11,30. Quando cheguei em casa era 24 horas. Esquentei comida, dei para a Vera Eunice, jantei e deitei-me. Quando despertei, os raios solares penetrava pelas frestas do barracão (QD, p.16).

(22) Levantei as 7 horas. Alegre e contente. Depois que veio os aborrecimentos. Fui no depósito receber...60 cruzeiros. Passei no Arnaldo. Comprei pão, leite, paguei o que devia e reservei dinheiro para comprar Licôr de Cacau para Vera Eunice.

Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos para fora. A D. Rosa, assim que viu o meu filho José Carlos começou a impricar com êle. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. Saiu com um pau para espancá-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com criança! As vezes eu saio, ela vem até a minha janela e joga o vaso de fezes nas crianças. Quando eu retorno encontro os travesseiros sujos e as crianças fétidas. Ela odeia-me. Diz que sou preferida pelos homens bonitos e distintos. E ganho mais dinheiro do que ela.

Surgio a D. Cecília. Veio repreender os meus filhos. Lhe joguei uma direta, ela retirou-se. Eu disse:

— Tem mulher que diz saber criar os filhos, mas algumas tem filhos na cadêia classificado como mau elemento.

Ela retirou-se. Veio a indolente Maria dos Anjos. Eu disse:

— Eu estava discutindo com a nota, já começou a chegar os trôcos. Os centavos. Eu não vou na porta de ninguém. É vocês quem vem na minha porta aborrecer-me. Eu nunca chinguei filhos de ninguém, nunca fui na porta de vocês reclamar contra seus filhos. Não pensa que eles são santos. É que eu tolero crianças (QD, p.16-17).

No enunciado (21), o sujeito discursivo como costumeiramente faz em outros enunciados no decorrer de QD, imiscui afazeres diários com a tentativa de apreender o dia em sua beleza que se desponta quando os raios solares penetravam pelas frestas do barracão. Em meio à falta de poesia do barro, em meio ao cheiro de excremento que exala da/na favela, este sujeito se encarrega de anotar com lirismo o dia-a-dia sem nenhuma alteração. Neste mesmo enunciado e, ao longo de QD, há uma formulação recorrente que aponta para o ‘sujeito da fome’ e que dia após dia sai impelido a angariar dinheiro para comprar pão para os seus filhos e para si como em “Eu não tinha dinheiro em casa para comprar pão”.

De maneira geral e, em especial, no enunciado (22), o sujeito coloca continuamente em pauta a própria índole em contraste com a dos outros moradores da favela. Este sujeito inscreve-se não só neste enunciado, mas no transcorrer dos enunciados de QD como um sujeito diverso e superior em relação aos outros favelados. Ele está sucessivamente reafirmando, endossando sua posição de superioridade. A diferença anunciada em relação aos outros favelados é sempre para assinalar uma espécie de ascendência ‘sua’. Assim, o sujeito que surge deste enunciado diz que tem paciência com as crianças de outras moradoras, embora essas não possuam a mesma deferência com os seus filhos, ao contrário, estão sempre a importuná-los. Este sujeito discursivo que profere saber lidar melhor com as crianças e, em outros momentos, com os outros seres humanos, o faz a partir de uma posição que se alça em um posicionamento de superioridade em relação aos demais moradores do quarto de despejo.

Há inúmeras inscrições deste sujeito discursivo em uma dada discursividade política, histórica, social, literária, dentre tantas outras possíveis. Assim, esse sujeito, em inúmeros momentos, fala da necessidade do poeta estar vinculado com aquilo que registra. Ele parece se reconhecer como poeta dos pobres, como no enunciado (23):

(23)Vi os pobres sair chorando. E as lagrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo (QD, p.54).

A posição-sujeito que emerge do enunciado “Vi os pobres sair chorando. E as lagrimas dos pobres comove os poetas” inscreve-se em uma dada formação discursiva que intui as diferenças existentes entre os motes para a constituição das poesias entre os poetas idealistas (os da favela) e os do salão. Talvez por se reconhecer como poeta idealista que atenta aos dramas que acometem aos favelados, possa falar em seu nome, dar a conhecer suas tragédias pessoais e aquelas provocadas pela assombrosa administração dos políticos. Mais uma vez, o sujeito discursivo eleva-se a uma posição de diferença (superioridade). Essa oposição (poetas idealista) x (poetas de salão) desvela as singularidades deste posicionamento que teria elegido o termo ‘idealista’ para autodesignar-se como ‘poeta’. Neste caso, o sujeito discursivo insurge como alguém que não somente seria poeta, mas um poeta idealista que se comove com os dramas alheios, com as injustiças sociais, com o sofrimento do favelado; ao contrário daquele que era intitulado por este sujeito discursivo de poeta de salão, em alusão aos poetas dos grandes salões. Talvez aqui houvesse uma analogia, em interdiscurso, com a poesia de Castro Alves, de caráter essencialmente social. Este talvez representasse supostamente, em sua opinião, o modelo a ser adotado.

Um dos posicionamentos do sujeito em QD, especialmente, aquele que intenta cuidar-se e ao fazê-lo cuidar de outrem (os moradores da favela) ou ainda, a instância que se intitula “eu” forma-se e cuida-se e ao cuidar-se, preocupa-se também com os seus; tal prática é, fundamentalmente, solidária. Para Foucault (2011c, p.60): “Formar-se e cuidar-se são atividades solidárias.” Ele ainda acresce:

O exame da noite era consagrado de maneira muito mais unívoca à memorização do dia transcorrido. A descrição mais detalhada desse exercício, regularmente recomendado por numerosos autores, é dada por Sêneca em *De ira*. Ele relaciona sua prática a Sextius, esse estóico romano cujo ensino ele conhecia através de papiros Fabianus e de Sotion. Ele apresenta a prática de Sextius como centrada essencialmente no balanço de um progresso no fim do dia; quando se recolhia para o repouso da noite (FOUCAULT, 2011 c, p.65-66).

Fora esta a postura adotada por um dos posicionamentos do sujeito: privar-se no espaço limítrofe do quarto de despejo (o seu quarto) para realizar o saldo do dia, tanto assim o é que, por uma questão de modalização, decidimos recorrer, no proceder desta tese, ao vocábulo inventariar, escriturar, contabilizar e outros sinônimos com o legítimo intuito de

fazer jus à atitude adotada por aquele que se anuncia como o “eu” de um dado discurso. É ajuizado entre mostrar, neste trabalho, que não queremos apresentar uma posição-sujeito em QD, como uma instância discursiva vitimada/‘vitimizada’, pois sob este viés alguns trabalhos, sobretudo, oriundos de outros campos epistemológicos, já o fizeram ao dizer de uma escritora *favelada*. Ademais, a perspectiva própria à AD implica/exige outras abordagens/direções.

Na contramão dessa ideia de vitimização, estão também os trabalhos de Regina Dalcastagné e de Marisa Lajolo que distinguem que a escrita de Carolina Maria de Jesus tem suas singularidades que a colocam como alguém que consegue, de certo modo, ‘abrilhantar’ o discurso miserável.

1.3.2- Escrita de si, cuidado de si e governamentalidade: alinhavos prováveis

Em face ao exposto, insistimos que há em QD e DB, notadamente naquele, o inventário do dia, ou o relato de um dia. É o relato de si através do relato do dia.

Implica-nos, sobremaneira, descrever e contabilizar os diversos posicionamentos do sujeito, em especial aquele que se intitula morador do quarto de despejo e pretendo candidato a escritor; pois, que, talvez, para além de tudo que o constituía enquanto sujeito, encontra-se, dentre outras posições, o fato de ser escritor, quer pelas circunscrições do intitulado momento, quer por outros e diversos motivos que escapariam aos reais propósitos desta tese. Por essa razão, importa-nos a função sujeito-autor e o que essa instância enunciativa contrariando todas as possíveis e otimizadas previsões aponta para o processo de constituição de um sujeito discursivo que desvela a constituição de tantos outros sujeitos plurais, contrastando com o que supostamente estivesse grudado à pele, entranhado em sua/e na sua constituição enquanto sujeito tributário e tributável de uma dada função autoria, a questão de ser favelado.

Assim, essa *escrita de si* aponta para além do fato de o sujeito-personagem e sujeito-narrador ser uma favelada, pois evidencia outras constituições possíveis, entre elas, o caso de ser, ainda que minimamente, detentora de uma dada vontade de saber. Singulariza também a posição de um sujeito de gênero feminino à frente do que seria esperado para uma mulher na época (que ela fosse subjugada ao poderio do gênero masculino, dentre outras atribuições, seguramente aguardadas), ainda que um dos posicionamentos do sujeito manifeste, em alguns instantes, uma visão que ampara os homens e ataca as mulheres.

Vejamos, nesta seção, estes diversos momentos em que o sujeito discursivo se faz enunciar por uma voz favelada, outras vezes, por uma voz delatora desses favelados; em outros instantes, por uma voz denunciante dos péssimos políticos e, ainda, por outros diversos

momentos, por uma voz apaziguadora das discórdias e que, aqui, para efeitos modais, intitulamos de uma governamentalidade existente no quarto de despejo (o espaço público) justamente para suprir a ausência dessa noção do que seja da ordem do governável. Será a esta instância que se institui como “eu” que ocupará, por este ou aquele precedente – ser leitora e escritora – a assunção de instaurar uma dada governamentalidade não só de *si*, mas também de *outrem*:

(01) Cheguei em casa, fiz o almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os péssimos vizinhos que eu tenho não dão socôgo aos meus filhos. Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa (QD, p.14).

(02) Comprei um pão as 2 horas. É 5 horas, fui partir um pedaço já está duro (...) O pão atual fez uma dupla com o coração dos políticos. Duro, diante do clamor publico (QD, p.54).

No espaço limítrofe da favela, Carolina representa uma posição de organização, interdição e penhora das desavenças. Figura, ainda, como a voz judiciosa, como o grito dos miseráveis e como o protesto daqueles que estão excluídos da sala de estar, não raras vezes também se institui em delatora dos atos inconvenientes e indignos dos mesmos favelados. Aliás, na visão desse sujeito discursivo, são poucos os momentos, como são raros os favelados que não sejam calúnies.

No enunciado (01), observamos, especialmente, a situação do sujeito discursivo que tem que deixar os filhos sozinhos para realizar a tarefa de todo dia: recolher lixo e trocar por gêneros alimentícios, ou seja, ele carece trabalhar. Não parece claro ao leitor se esta posição-sujeito sente culpa ao deixar os filhos sozinhos. Há ainda o posicionamento do sujeito que sabe que, mesmo acometido por mal estar, não pode gozar descanso, já que este benefício não pode ser concedido ao pobre – destituído dos bens materiais para sustentar sua casa (seu barraco) e seus filhos. Reiteramos que há neste posicionamento do sujeito discursivo uma inscrição política que intui no dia a dia miserável que aos pobres não será conferida a possibilidade do descanso, especialmente se estes tiveram como vizinhos os favelados que não deixam seus filhos em paz.

No enunciado (02), também há uma inscrição sócio-política daquele que percebe que a dureza do pão é análoga ao coração dos políticos. Na dureza do pão, este sujeito vê metaforizada a homilia não aprendida de cor pelos políticos que não se envolvem, não parecem compreender ou se importarem com as necessidades dos pobres, dos que estão nos

quartos de despejo. Neste momento, a escrita pretende se instituir enquanto denúncia; enfim, enquanto escrita do desabafo para anunciar os desmandos, a falta de gestão pública e toda sorte de infortúnio.

Pelo exposto, poderíamos proferir que uma das posições-sujeito apreensível nos enunciados elencados anteriormente, aponta para a constituição de um sujeito via lamento de sua sina. Ao se constituir sujeito o faz mediante um processo de evidenciação do lugar possível para os habitantes do quarto de despejo (a favela) que sabem, sentem que não podem gozar de descanso, a despeito de reconhecerem que essa impossibilidade de descansar está atrelada às relações de poder que determinam quem pode e quem não pode ter direito ao repouso ('Mas, o pobre não repousa').

De modo geral, há discursivamente noticiado que este sujeito discursivo, por ser aquele sujeito que detém um saber e/ou uma vontade de saber, seria o representante legítimo de uma possível governamentalidade junto aos favelados; lá mesmo, onde escasseia o governo e o cuidado com o outro, o sujeito emergiria como a voz de uma possível governamentalidade e/ou governamentalidade de si. Talvez seja isso o que faz o sujeito (não mais a individualidade em ato), mas um sujeito que vai sendo objetivado por uma prática de *escrita de si*. Talvez o sujeito discursivo representasse este sujeito que reivindicaria os direitos alheios por deter a leitura e a escrita e por figurar, em alguns momentos, a pessoa que viria por fim às desavenças.

Por governamentalidade entende-se – preservadas as devidas distinções entre o conceito desenvolvido por Foucault ao longo de seus estudos – uma gestão global da vida dos indivíduos (biopolítica). Essa biopolítica alude, não somente uma gestão da população, mas um controle das estratégias que os indivíduos, na sua liberdade, podem ter em relação a eles mesmos e uns em relação aos outros. Foucault (2012b) estende a análise da governamentalidade dos outros para uma análise do governo de si. Ele chama de 'governamentalidade' o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si. Tal conceito aplica-se, por definição, ao conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises, cálculos e táticas que permitem exercer essa forma bastante específica e complexa do poder, que tem por alvo a população como forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança. Contudo, como em princípio, dizíamos, Foucault amplia este conceito às técnicas de dominação exercidas sobre os outros e às técnicas de si.

Implica-nos, por ora, ao analisar a materialidade constituída para esta abordagem investigativa, tomar esses efeitos de dominação/organização em torno dos favelados por uma

favelada (habitante do quarto de despejo) que exerce junto a si e aos outros a necessidade de se organizar e organizar outrem, mediante o desafio primeiro de constituir uma possível subjetividade, sobre a pauta dos dias, via escrita rasurada de si; e como desafio posterior, intenta organizar a favela e os moradores desta.

Nessa mesma linha de proposições, poderíamos em uma possível inferência com a obra de Foucault que discorre sobre o *cuidado de si*, pensar em uma similitude entre Artemidoro com o sujeito enunciator em QD, que se constitui por uma *escrita de si* e tenta para além de governar a si mesmo, realizá-lo com os outros moradores da favela. Um dos posicionamentos do sujeito tenciona a constituição de um livro (diário íntimo) para falar de si e de toda a sorte de desventuras existentes no quarto de despejo. Vale dizer que esta *escrita de si*, não representa um si – enquanto ato individualizado, mas enquanto uma *escrita de si* que aponta para a constituição de diversas posições-sujeito, através de uma prática social investida do desafio de contar/recontar a sua estória e reescrevê-la em um processo que é, *a priori*, a construção de si ‘mesmo’.

Desse modo, a *escrita de si* funcionaria como uma pretensa glosa dos dias vividos e, por isso, labora com a necessidade de preservar os dias anotados com o intuito de gerir a si e aos outros, por isso, dizíamos do governo de ‘si’ e da pretensa governamentalidade de *outrem*. Nesse viés de análise, recorremos, pois a Foucault: “Uma outra razão refere-se à forma e ao destino particular da obra de Artemidoro: livro de homem que se dirige essencialmente aos homens para conduzir suas vidas de homens (FOUCAULT, 2011c, p. 35).

Nessa possibilidade de cuidado de si, por meio da tentativa de anotar os dias (escrever para não morrer em uma visão blanchotiana), preservando-os nas fissuras dos cadernos encardidos, além de ser valorizada e diligenciada a intensificada e apreciada *cultura de si e/ou o governo de si* e, em última instância de *outrem*, funda-se além de uma dada cultura de si, um governo de si e, por conseguinte, de outrem. É imperioso reafirmar que essa cultura de si não é tão somente o individual, mas o coletivo, pois o sujeito ao cuidar-se de si o faz também em relação a *outrem*, em uma notória valorização das relações de si para consigo e também para outrem.

Devemos dizer, em conformidade com Foucault, que é:

preciso entender que esse princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes: ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constitui assim uma prática

social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber (FOUCAULT, 2011 b, p.50).

Se são diversas as situações que podem ser ocupadas pelo sujeito do discurso em QD, deliberamos, aqui, evidenciar a posição de um sujeito que, ao ocupar-se de si também o faz com o outro (morador do quarto de despejo) e, nessa posição, importa-nos a inscrição de um sujeito que, ao anotar os dias, faz o inventário de sua subjetivação. Daí, a relevância da *escrita de si* como exercício de uma subjetividade ou para uma subjetividade.

Ao escrever, há um processo de tentativa de constituição de si, ainda que tenha o intuito primeiro de afastar os pensamentos ruins. No exercício da *escrita de si*, há a tentativa de escapar à inalterabilidade dos dias, ainda que escriturando precisamente este dia sempre igual. Há também o tentame de livrar-se de dores, de paixões impossíveis, de (re)constituição de uma integridade física e/ou mental ou ainda de buscar um amigo confidente virtual ou não para ouvir uma possível confissão, como nos enunciados abaixo:

(03)... A comida no estomago é como o combustível nas maquinas. Passei a trabalhar mais depressa. O meu corpo deixou de pesar. Comecei a andar mais depressa. Eu tinha impressão que eu deslisava no espaço. Comecei sorrir como se estivesse presenciando um lindo espetaculo. E haverá espetaculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida (QD, p.45).

(04)...Vesti o José Carlos para ir na escola. Quando eu estava na rua, comecei ficar nervosa. Todos os dias é a mesma luta. Andar igual a um judeu errante atraz de dinheiro, e o dinheiro que se ganha não dá pra nada. Passei no Frigorífico, ganhei uns ossos (QD, p.67).

(05)...Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no alcool. Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer: _ Muito bem, Carolina! (QD, p.73).

(06) Tive sonhos agitados. Eu estava tão nervosa que se eu tivesse azas eu voaria para o deserto ou para o sertão. Tem hora que eu revolto comigo por ter iludido com os homens e arranjado êstes filhos (QD, p.86).

Nos enunciados supracitados, há um posicionamento do sujeito que percebe que o diário pode se constituir em um amigo em tese para as ações, as reportagens, os relatos inventariados. Chega até pedir este ou aquele aval para a sua conduta, como em (5): “Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer: _ Muito bem, Carolina!”. No enunciado (03), há um posicionamento do sujeito que, ao descrever os sintomas da fome o faz valendo-se de elementos atípicos para a descrição desta; recorre a um léxico característico do capitalismo (como da máquina que se acha alimentada pelo combustível apropriado), assim o

corpo – máquina para o trabalho – carece de seu combustível adequado para executar o ofício de todo o dia: recolher lixo e transformá-lo em dinheiro-moeda para sanar a fome.

No enunciado (04), emerge um sujeito discursivo que, inscrito em dada formação discursiva, compara a sua vida com a dos judeus: ambos nômades e exilados de sua pátria. Este sujeito discursivo deixa evidente que a luta de todo dia é sempre igual. Poderíamos dizer ainda que, esta visão em relação aos judeus parece inscrita em uma formação discursiva que, possivelmente, indicaria uma ideia um tanto quanto ‘preconcebida’ dos povos nômades como em: ‘andar igual a um judeu errante atrás de dinheiro’. Em síntese, este enunciado (4) parece-nos indicar uma das posições-sujeito enquanto ‘sujeito do labor’.

Já no enunciado (05), também há uma inscrição do sujeito enquanto posição leitor e escritor que prefere empregar seu dinheiro em livros. Os enunciados supracitados indicam-nos que há um posicionamento do sujeito que vislumbra na escrita a composição da denúncia, do desabafo e, talvez, da possível redenção: escrever para não morrer; registrar para não passar incólume; historiar para afastar a tristeza; anotar para preencher o dia miserável; escrever para intentar alçar outra posição social e arranjar uma casa de alvenaria. Há nos enunciados acima elencados várias posições-sujeito, o sujeito do labor como em (04), o sujeito da leitura e da escrita como em (05).

Segundo Foucault (2009), essa prática de *escrita de si* é antiga, e sob vários motes, pretensões e objetivos. Escrevia-se para afastar as dores, os pensamentos ruins; escrevia-se para driblar a própria loucura premente; escrevia-se para organizar a si e a outrem; escrevia-se para aconselhar alguém sobre algo; escrevia-se para preservar a memória e recobrá-la *a posteriori*; escrevia-se para solicitar a interdição de um outro; escrevia-se para recapitular o dia ou para organizar este mesmo dia; dentre outras configurações possíveis para a prática de leitura e escrita.

Retomando as considerações no início desta tese quando anunciávamos, propriamente, sobre a análise discursiva que empreenderíamos ou que estamos construindo neste e por este texto, vale indicar que uma análise discursiva distanciaria³⁹, algumas vezes, de uma apreciação da língua, embora aquela se valha desta para constituir sua materialidade. Desse modo, Foucault (2008, p.30), ao aludir ainda que não explicitamente⁴⁰ aos postulados de

³⁹ - Uma análise discursiva pode e, sem perder o foco, realizar apreciações da língua com notória profundidade, embora não tenha, necessariamente, a judiciosa intenção de deter-se tão somente nesta análise. Vale-se de elementos de uma dada materialidade linguística e alça outro lugar, o de apreensão material dos sentidos e sujeitos, via linguagem.

⁴⁰ - Foucault não nomeia muitos dos autores que lhe serviram de argumento e/ou contra-argumento, talvez por julgá-los implícitos em seus textos. Isto ocorre não só com Chomsky, mas com inúmeros autores e de diversos campos epistemológicos.

Chomsky com a denominada gramática gerativa, evidencia como se dá o campo dos acontecimentos discursivos:

O campo dos acontecimentos discursivos, em compensação, é o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas; elas bem podem ser inumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda capacidade de registro, de memória, ou de leitura; elas constituem, entretanto, um conjunto finito. Eis a questão que a análise da língua coloca a propósito de qualquer fato de discurso: segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? A descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar? (FOUCAULT, 2008, p.30).

E, sendo assim, realizar uma análise discursiva implica, sobremaneira, partir de uma materialidade linguística com vista a empreender olhares outros para o que seria o sujeito, a discursividade, *a escrita de si*.

Valendo-nos dos aportes foucaultianos quando o filósofo traz à baila a noção de sujeito fundante do discurso não é outra a vontade de verdade⁴¹ que nos perpassa, no intuito, de realizar uma análise discursiva que levasse em conta essa noção, dentre outras apontadas por Foucault:

Seria possível que o tema do sujeito fundante permitisse elidir a realidade do discurso. O sujeito fundante, com efeito, está carregado de animar diretamente, com suas intenções, as formas vazias da língua; é ele que, atravessando a espessura ou a inércia das coisas vazias, reapreende, na intuição, o sentido que aí se encontra depositado; é ele igualmente que, para além do tempo, funda horizontes de significações que a história não terá senão de explicitar em seguida, e onde as proposições, as ciências, os conjuntos dedutivos encontrarão, afinal, seu fundamento. Na sua relação com o sentido, o sujeito fundador dispõe de signos, marcas, traços, letras (FOUCAULT, 2011 a, p.47).

Nesse sentido, uma análise que se pretenda discursiva deve partir do *já-dito* com o objetivo de empreender o *não-dito*, a voz entrecortada ou sussurrante, a voz miúda que subjaz ao/e no *dito*. Assim, uma análise discursiva colocaria como questão, insiste-se, aqui: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2008. p.30).

É controverso pensar que uma das posições-sujeito nos enunciados recolhidos em QD tenta valer-se das mazelas de seus vizinhos para denunciar, justamente, aquilo que mais atormenta o sujeito, na posição de favelada, a falta das condições mínimas de sobrevivência. Este, pois, configura-se no que aqui estamos delimitando, por meio das considerações foucaultianas, como o ‘dito’.

⁴¹ - Na acepção dada por Foucault (2011b)

É como se no ‘dito’, naquilo que havia sido ‘dito’, outros ‘não-ditos’ facilmente poderiam vir à baila, desde que permitidos por uma dada exterioridade – o momento político da época que ditava o que era permitido e aquilo que não o era.

O sujeito discursivo parece desvelar-se sagaz na leitura primeira, talvez aparente, dizia do óbvio: do viver do favelado, mas por entre as fissuras dos cadernos encardidos havia muito bem apreendido, apreensível um sujeito-narrador e também sujeito-personagem (para nos valermos de categorias literárias) que gritava ao mundo as contradições, os contragostos, as revoltas, as mazelas e inoperância dos governos gestores, que nada faziam, apenas prometiam a cada quatro anos, quer sejam, em campanhas eleitorais, a mitigar o sofrimento do favelado. Mas este sofrer só fazia avolumar-se, extenuando as esperanças verdes dos xurumbambos do quarto de despejo. Vejamos:

(10)... Quando um politico diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema êle vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade (QD, p.38).

(11) Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado (QD, p. 42).

(12) Para não ver os meus filhos passar fome fui pedir auxilio ao propalado Serviço Social. Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres. A unica coisa que eles querem saber são os nome e os endereços dos pobres.

Fui no Palacio, o Palacio mandou-me para a sede na AV. Brigadeiro Luis Antonio. Avenida Brigadeiro me enviou para o Serviço Social da Santa Casa. Falei com a Dona Maria Aparecida que ouviu-me e respondeu-me tantas coisas e não disse nada. Resolvi ir no Palacio e entrei na fila. Falei com o senhor Alcides. Um homem que não é niponico, mas é amarelo como manteiga deteriorada. Falei com o senhor Alcides:

_ Eu vim aqui pedir um auxilio porque estou doente. O senhor mandou me ir na Avenida Brigadeiro Luis Antonio, eu fui. Avenida Brigadeiro mandou-me ir na Santa Casa. E eu gastei o unico dinheiro que eu tinha com as conduções.

_ Prende ela!

Não me deixaram sair. E um soldado pois a baioneta no meu peito. Olhei o soldado nos olhos e percebi que êle estava com dó de mim. Disse-lhe:

_ Eu sou pobre, porisso é que vim aqui (QD, p.42-43).

O sujeito que emerge dos enunciados acima se inscreve no lugar de quem está à deriva, procurando esta ou aquela ajuda e, após idas e vindas, reconhece-se itinerante, pobre, desventurado e espoliado. No enunciado (10), há um posicionamento do sujeito que intui a partir de uma dada formação discursiva que os problemas que acometem aos pobres são utilizados como motes para os discursos dos políticos que, uma vez eleitos, esquecem-se dos compromissos assumidos. Neste mesmo enunciado, também se observa uma formação

discursiva que desvela um preconceito étnico-social complexo como em: “Um homem que não é nipônico, mas é amarelo como manteiga deteriorada.”

O sujeito em uma de suas posições, especialmente, naquela de denunciante das mazelas da favela e de suas próprias, por infindas vezes, fora tomado como louco, já que nos cadernos encardidos, sobretudo, aqueles tomados como *corpus* desta e para esta análise discursiva, entrevia-se resquícios de um discurso alvoroçado e singularizado por brados de protesto. Assim, que *escrita de si* poderia ser entrevista nas fissuras dos cadernos encardidos revoltos e apanhados nas ruas, senão aquela escritura que tenta gritar os infelicitados dias dos favelados e a sua própria desventura que chega a proferir ironicamente que os animais (alimentados pelos produtos deteriorados lançados ao rio) são mais felizes que os moradores do quarto de despejo? Vejamos os enunciados:

(12)Vi os homens jogar sacos de arroz dentro do rio. Bacalhaau, queijo, doces. Fiquei com inveja dos peixes que não trabalham e passam bem (QD, p.60).

(13)Fiquei nervosa ouvindo a mulher lamentar-se porque é duro a gente vir ao mundo e não poder nem comer. Pelo que observo, Deus é o rei dos sabios. Êle pois os homens e os animais no mundo. Mas os animais quem lhes alimenta é a Natureza porque se os animais fossem alimentados igual aos homens, havia de sofrer muito. Eu penso isto, porque quando eu não tenho nada para comer, invejo os animais (QD, p.61).

Contudo, ainda poderíamos pensar que por trás das/nas fendas desse *dizer de si*, houvesse a tentativa do sujeito pertencente ao mundo (quarto de despejo que relata) de anunciar uma verdade refugiada; e, por essa razão, fora tomado como insano pelos próprios moradores do quarto de despejo, já que esse sujeito morador de uma favela (se pensarmos nas singularidades de um diário íntimo) ameaçava pontuar esta ou aquela impropriedade, esta ou aquela briga, maus-tratos ocorridos e cometidos pelos próprios moradores da favela, como nos enunciados abaixo:

(14)...As mulheres que eu vejo passar vão nas igrejas buscar pães para os filhos. Que o Frei Luiz lhes dá, enquanto os espôsos permanecem debaixo das cobertas. Uns porque não encontram emprego. Outros porque estão doentes. Outros porque embriagam-se.

Eu não preocupo-me com os homens delas. Se fazem bailes eu não compareço porque não gosto de dançar. Só interfiro-me nas brigas onde prevejo um crime. Não sei a origem desta antipatia por mim (QD, p.38).

(15)...Tem um adolescente por nome Julião que as vezes expanca o pai. Quando bate no pai é com tanto sadismo e prazer. Acha que é invencível. Bate como se estivesse batendo num tambor. O pai queria que êle estudasse para advocacia (...) Quando Julião vai preso o pai lhe acompanha com os olhos rasos d'agua. Como se estivesse acompanhando um santo no andor (QD, p.38).

(16)Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem (QD, p. 22)

(17) Passou um senhor e perguntou-me:

_ O que escreve?

_ Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana (QD, p.24).

(18) No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos do seu pé abriram. O espaço era de vinte centímetros. Ele aumentou-se como se fosse de borracha. Os dedos do pé parecia leque. Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome.” (2007, p.41)

(19) ...Quando eu comecei escrever ouvi vozes alteradas.(...) Era a Odete e o seu esposo que estão separados. Brigavam porque êle trouxe outra mulher no carro que êle trabalha (QD, p.51).

(20) **22 de julho** Eu estava deitada. Era 5 horas quando a Teresinha e o Euclides começaram a falar:

_ Adalberto! Levanta e vai comprar pinga.

O Euclides disse:

_ Você não vai escrever? Não vai catar papel? Levanta para você escrever a vida dos outros.

Eu levantei, peguei um pau de vassoura e fui falar-lhe para não aborrecer-me que eu estou cansada de tanto trabalhar. E dei umas cacetadas no barraco. Êle calou e não disse mais nada (QD, p.175).

Nos enunciados elencados, especialmente, em (14), “Não sei a origem dessa antipatia por mim;”, no (16) “Aqui, todas impricam comigo. Dizem que falo muito bem” e em (20), notadamente, “_ Você não vai escrever? Não vai catar papel? Levanta para você escrever a vida dos outros”, há um posicionamento do sujeito que incide sobre a imagem que outrem tem de si – como aquela que é antipatizada, provocada e alcunhada como a delatora da vida alheia. Em alguns momentos, este sujeito discursivo diz não saber quais são as razões dessa antipatia ou então prefere não dizer quais são, conquanto em outros instantes⁴² pareça atribuir a razão de tanta implicância ao fato de se destacar de outros favelados ‘como aquela que fala muito bem’, ‘aquela que é supostamente mais bonita e que atrai mais homens’ e aquela que ganha mais dinheiro. Ao longo de QD, observamos que as razões das implicâncias são diversas, não sendo apenas pelo fato de saber ler e escrever, mas porque também se vale deste poder e se diferencia dos outros favelados como alguém diverso deles, chegando mesmo a alcunhá-los de ‘bestas feras’ ou de ‘projetos de gente humana’.

Nos enunciados (15) e (19), há um posicionamento do sujeito que evidencia os assuntos para o relato-reportagem, trazendo à tona, este ou aquele desentendimento, esta ou aquela briga alinhavados com certa melancolia. O sujeito que insurge deste último enunciado inscreve-se em uma formação discursiva que lhe autoriza a afirmar a nulidade, a impessoalidade do morador da favela ao proferir que marginal não tem nome. O favelado

⁴²- Já assinalados anteriormente no enunciado (22), na página 62.

morto (um Zé qualquer) fora enterrado como indigente/marginal e, portanto, destituído de identidade, nos dizeres desse sujeito discursivo.

Insistimos, aqui, que a vontade de verdade fora permitida, minimamente, consentida para Carolina – o sujeito-autor, depois era irrefutável que essa vontade de verdade tivesse que ser sufocada. Por que fora esse sujeito-autor a dizer quando havia tantos outros para fazê-lo? Por que a essa instância fora concedida esta possibilidade de evidenciar uma escrita de si, que dizia de tantos outros que viviam no quarto de despejo?

Tateando singularizar essa *escrita de si* (nos moldes foucaultianos), talvez houvesse por parte desse sujeito em função de autoria, uma judiciosa necessidade e capacidade intrínsecas de “enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber”, seja por escassear-lhes a capacidade de escrever o visto (ou seja, materializar suas percepções por meio da escrita) seja, ainda, por quaisquer outros motivos.

Como proferira Foucault no tocante à loucura:

Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo; pode ocorrer também em contrapartida, que se lhe atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber (FOUCAULT, 2011a, p.10-11).

A partir dos postulados foucaultianos sobre a segregação da loucura e, ainda por outros trabalhos e enunciados que serão destacados no decorrer desta análise discursiva, delineia-se a figura de uma posição-sujeito morador da favela e pretendente a escritor que apresenta uma intrínseca correlação com os dizeres de inúmeras outras posições do sujeito que vão configurando o QD: desde uma figura rotulada como louca por seus irmãos de sina (como a própria moradora da favela, que é igualmente favelada, miserável⁴³, embora denegue este lugar) até outras posições-sujeito – figuras apreensíveis nesta materialidade – como uma posição sujeito delatora, uma outra posição-sujeito inscrita em uma dada formação histórica e política que observa que os políticos são e estão distantes do clamor do povo, dentre outras posições que contracenam e apontam para a apreensão dessa subjetivação de um sujeito, via escrita de si, via escrita rasurada de si. Este sujeito em posição de pretensa escritora e, ainda em posição de um dos habitantes do quarto de despejo fora, insistimos, aqui, considerado louco pelos seus irmãos favelados; fora etiquetado como alguém a frente de seu tempo, por

⁴³ - “Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou o rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo” (QD, p.38).

ser uma mulher que ousou ser mãe de três filhos com progenitores diversos, um para cada um dos filhos. Vejamos os enunciados abaixo:

(21) Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar (QD, p.24).

(22) Não tenho marido, e nem quero! (QD, p.25).

(23) O seu João deu cinquenta centavos para cada menino. Quando ele me conheceu eu tinha só dois meninos (QD, p.27).

(24) O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal (QD, p.50).

(25) A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso país tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia. (JESUS, 2007, p.40)

(26) ...As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim (QD, p.37).

(27) De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas e as sucursais nos lares dos operários (QD, p.41).

Dessa forma, é particular que na *escrita de si* e dos *outros* houve e houvesse fortes coerções do poder, tanto econômico, social, editorial, político, sexual e outros. Se a *escrita de si* evidencia as relações de poder, também deixa em aberto como aquilo que sempre falta, que sempre esquiva, que sempre move, que sempre deixa nas fissuras a possibilidade de um *dizer outro*.

Assim, há em QD enunciados que apontam para a constituição de sujeitos plurais, tanto assim o é que por meio de uma voz de uma posição-sujeito criador dos relatos e também a partir de um sujeito em posição de habitante do quarto de despejo a singularização de outras vozes que ecoam de dentro do quarto de despejo (a favela). Vejamos os enunciados:

(28)...Os vizinhos ricos de alvenaria dizem que nós somos protegidos pelos políticos. É engano. Os políticos só aparece aqui no quarto de despejo, nas épocas eleitorais (QD, p.46).

(29)... Na favela tudo circula num minuto. E a notícia já circulou que a Dona Maria José faleceu (QD, p.34).

(30)...O que eu quero esclarecer sobre as pessoas que residem na favela é o seguinte: quem tira proveito aqui são os nortistas. Que trabalham e não dissipam. Compram casa ou retornam-se ao Norte (QD, p.46).

(31)Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração. Um lugar que não se pode plantar uma flôr para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O unico perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga (QD, p.47-48).

(32)...Hoje ninguém vai dormir porque os favelados que não trabalham já estão começando a fazer batucada. Lata, frigideira, panelas, tudo serve para acompanhar o cantar desafinado dos notívagos (QD, p.48).

Em resumo, pelos enunciados supracitados, observamos que, na discursividade literária em Carolina Maria de Jesus, há posições sujeito indicativas de: 1) um posicionamento de um ‘sujeito-mulher’ a frente do seu tempo (optou por viver só e cuidar dos filhos sem o apoio de um homem); 2) um posicionamento sujeito singularizado por uma inscrição política, social que sabe que no quarto de despejo os políticos só aparecem em épocas eleitorais; 3) um posicionamento do sujeito que percebe como é escatológica a condição dos favelados; 4) uma posição-sujeito que, ao realizar a síntese das posições anteriores, consegue criar os relatos para preservá-los da pobreza dos dias. Estes relatos dizem dos desvalidos, dos ébrios, dos larápios; enfim, diz do arsenal que constitui os habitantes do quarto de despejo e, ainda, enuncia sobre os habitantes da sala de estar (lá onde contracenam os políticos, os desembargadores, os assessores, as patroas).

Corolário a essa constituição de sujeitos plurais, observa-se uma *escrita de si* que, para além de dizer de si e de evidenciar a constituição de um sujeito por meio de sua *escrita de si*, singulariza a existência de uma escrita de *outrem*, a dos ébrios, a dos indigentes, a das mulheres que vivem no penado enquanto os homens se regozijam com a situação de serem providos por essas mulheres. Notemos este posicionamento do sujeito nos enunciados que seguem:

(33)...Nas favelas, as jovens de 15 anos permanecem até a hora que elas querem. Mescla-se com as meretrizes, contam suas aventuras (...) Há os que trabalham. E há os que levam a vida a torto e a direito. As pessoas de mais idade trabalham, os jovens é que renegam o trabalho. Tem as mães, que catam frutas e legumes nas feiras. Tem as igrejas que dá pão. Tem o São Francisco que todos os meses dá mantimentos, café, sabão etc (QD, p.20).

(34)...Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue as favelas. Há os que prevalecem do meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há mulheres que os espôsos adoece e elas no penado da enfermidade mantem o lar. Os espôsos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais (QD, p.22).

(35)...Na favela tem muitas crianças. As crianças são sempre em maior numero. Um casal tem 8 filhos, outro tem 6 e daí por diante (QD, p.74).

(36) As pessoas de alvenaria que residem perto da favela diz que não sabe como é que as pessoas de cultura dá atenção ao povo da favela (QD, p.81).

Os enunciados listados sinalizam para a singularidade dos seres desditosos que habitam a favela. O quarto de despejo (a favela) e, de maneira análoga, o diário QD são constituídos por uma heterogeneidade de sujeitos, cada um com sua especificidade, suas queixas, seu penado, suas expectativas. São pessoas que, por esta ou aquela razão, vieram constituir a favela.

Nos enunciados abaixo, a posição-sujeito circunscreve-se, inscreve-se por intermédio de uma escrita em diário. Por meio dos relatos nos diários, em meio a sua possível reclusão, ela opta por anotar os dias:

(37) O dia de hoje me foi benéfico. As rascôas da favela estão vendo eu escrever e sabe que é contra elas. Resolveram me deixar em paz. Nas favelas, os homens são mais tolerantes, mais delicados. As bagunceiras são as mulheres. As intrigas delas é igual a de Carlos Lacerda que irrita os nervos. E não há nervo que suporta. Mas eu sou forte! Não deixo nada impressionar-me profundamente. Não me abato (QD, p.22).

(38) O dia está triste igual a minha alma (QD, p.88).

(39) Hoje é o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu não posso fazer uma festinha porque isto é o mesmo que agarrar o sol com as mãos. Hoje não vai ter almoço. Só jantar (QD, p.92).

Nos enunciados acima elencados, notadamente no enunciado (37), há um apontamento do sujeito indicativo de uma possível prática de resistência, nos moldes apregoados por Foucault de que ela seria da mesma natureza que os efeitos de poder. Este sujeito discursivo de maneira recorrente diz da necessidade de se manter firme em seu propósito de registrar o dia a dia dos moradores da favela, a despeito das intrigas, dos falatórios e das desaprovações de outros moradores da favela, especialmente, das moradoras do quarto de despejo que, segundo ele, são sempre as mulheres a espalharem os mexericos. Aliás, este foi o meio encontrado pelo sujeito discursivo para escapar aos efeitos do poder: apoderar-se da escrita, do uso da linguagem como garantia de preservar os instantes vividos, subverter a dor, o esquecimento e, especialmente, alçar uma posição social com o produto de sua escrita.

Nesse sentido, as anotações nos cadernos encardidos aproximam-se, resguardadas as inúmeras diferenças e contextualizações, dos postulados foucaultianos da noção de *cuidado de si*:

É preciso tempo para isso. E é um dos grandes problemas dessa cultura de si fixar, no decorrer do dia ou da vida, a parte que convém consagrar-lhe. Recorre-se a muitas fórmulas diversas. Pode-se reservar, à noite ou de manhã, alguns momentos de recolhimento para o exame daquilo que se fez, para memorização de certos princípios

úteis, para o exame do dia transcorrido; o exame matinal e vespertal dos pitagóricos se encontra, sem dúvida com conteúdos diferentes, nos estoicos; [...] Pode-se também interromper de tempos em tempos as próprias atividades ordinárias e fazer um desses retiros que Musonius, dentre outros, recomendava vivamente: eles permitem ficar face a face consigo mesmo, recolher o próprio passado, colocar diante de si o conjunto da vida transcorrida, familiarizar-se, através da leitura, com os preceitos e os exemplos nos quais se quer inspirar e encontrar, graças a uma vida examinada, os princípios essenciais de uma conduta racional (FOUCAULT, 2011c, p.56)

Nesse exercício do *cuidado de si* e de preservação dos momentos vividos empreendidos no quarto de despejo (o espaço privado), notamos, por meio desse *cuidado de si*, um *cuidado de outrem*:

(40) Lhe aconselhei a não brigar, que o crime não trás vantagens a ninguém, apenas deturpa a vida. Senti o cheiro de alcool. Sei que os ebrios não atende. O senhor Ismael quando não está alcoolizado demonstra sua sapiencia. Já foi telegrafista. E do Circulo Exoterico. Tem conhecimentos biblicos, gosta de dar conselhos. Mas não tem valor. Deixou o alcool lhe dominar (QD, p.22-23)

(41) Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna.
Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela (QD, p.23)

O enunciado (40) aponta para a constituição de uma posição-sujeito que se preocupa com outros moradores da favela e que, não raras vezes, exerce junto a eles a figura de alguém que lhes parece cuidar. Este ocupar-se ‘consigo’ como exercício diário de se manter longe das confusões, de intentar não beber⁴⁴, de formar o seu caráter, de cuidar dos filhos (como no enunciado 41) sem a companhia de um homem, prenuncia, conservadas as devidas dessemelhanças, o princípio retomado por Foucault sobre o cuidado de si, a partir da cultura helenística de ocupar-se consigo, de tomar a si mesmo como objeto do cuidado de si e, notadamente, com a tentativa de constituição de uma subjetividade.

Era necessário, então, e como já foi anunciado anteriormente, um exercício ascético, baseado na *epimeleia heautou*, a preocupação consigo, que ganha forma nos *hypomnemata*. De acordo como Foucault (2009), os *hypomnemata* (cadernos de anotações) passaram a servir de registro para a escrita de si, um exercício ascético de constituição de si, elaborado conforme o conhecimento e o código moral de então. Tratava-se de uma prática de si viabilizada pela leitura e pela escrita. Para Foucault (2011d), na perspectiva do cristianismo,

⁴⁴- Pelos relatos observamos que o sujeito-personagem chega a beber e no dia seguinte fica com preguiça de ir trabalhar. Reconhece que precisa ficar longe do álcool que consome as melhores energias de uma pessoa, sem contar que o vício (no caso, o da bebida) passa a exigir o parco dinheiro destinado a comprar alimentos de primeira necessidade para saciar a fome dos seus filhos e a sua.

há mudanças nesta cultura que, ao invés de se organizar como *epimeleia heautou*, ou seja, como cuidado de si, passa também a ser *epimeleia tonallon* – o cuidado dos outros.

É sobre este aspecto enquanto um cuidado de si que se destina também ao outro que, resguardadas as devidas diferenças, implica-nos considerar aqui. Poderíamos ainda acrescentar que esta tentativa de preservar o dia, de anotar a mesmice do cotidiano com o intuito de se organizar e constituir-se, também, poderá representar uma tentativa de governar-se e, ao fazê-lo, eis que acaba por organizar o quarto de despejo (o espaço físico) e as desavenças, confusões, desajustes entre os moradores desse quarto. Segundo pontua Foucault:

Em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, na qual se ligam trabalho de si para consigo e a comunicação com outrem.

Tem-se aí um dos pontos mais importantes dessa atividade consagrada a si mesmo: ela não constitui um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social (FOUCAULT, 2011c, p.57).

Nas acepções foucaultianas:

Quando, no exercício do cuidado de si, faz-se apelo a um outro, o qual adivinha-se que possui aptidão para dirigir e para aconselhar, faz-se uso de um direito; e é um dever que se realiza quando se proporciona ajuda a um outro ou quando se recebe com gratidão as lições que ele pode dar (FOUCAULT, 2011c, p.58)

Ao tomarmos como exame os sujeitos discursivos apreensíveis na materialidade linguística dessa análise discursiva insistimos, ao longo deste texto, em apontar que uma das posições-sujeito toma para si o cuidado não só consigo, mas com *outrem*. O que, sob certo aspecto, retoma, resguardadas as diversas dessemelhanças, os dizeres de Foucault:

Acontece também do jogo entre os cuidados de si e a ajuda do outro inserir-se em relações preexistentes às quais ele dá uma nova coloração e um calor maior. O cuidado de si – ou os cuidados que se tem com o cuidado que os outros devem ter consigo mesmos – aparece como uma intensificação das relações sociais (FOUCAULT, 2011c, p.59).

Realizadas estas incursões em torno da *escrita de si*, do cuidado de si e de outrem, talvez fosse cogente trazer à baila que esta pesquisa constitui na real possibilidade de, ao recorrer ao comentário de uma dada materialidade linguística, reatualizar os diários QD e DB.

1.3.3- *Escrita de si*: fios que se (des)tecem em uma gradação de cores

Voltando à escrita de si nos dizeres foucaultianos, poderíamos ainda aventar a possibilidade de proferir que, no caso de QD e DB seria uma *reescrita de si* ininterrupta.

“Recomece e diga a verdade” (FOUCAULT, 2011, p.70). E onde estaria a verdade, senão na iminência possível do equívoco? É e será este o exercício empreendido pelo sujeito discursivo, contabilizar os dias miseráveis, realizar o saldo de sua solidão, quando, costumeiramente à noite, no cárcere de seu quarto de despejo (o espaço privado) realiza como tarefa diária escriturar o dia, aliás, os dias vividos, os sonhos ambicionados e a realidade experimentada em toda a sua aridez.

De acordo com as pontuações de Foucault:

[...] A confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer confissão, impõe-na, avalia-a, e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar, um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; enfim, um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação (FOUCAULT, 2011, p.70-71).

Se obtemperarmos sobre a *escrita de si em QD e DB*, possivelmente atentaremos-nos para uma reescrita de si, cíclica e ininterrupta, pois ao se pensar nos cadernos encardidos e amarelecidos pela ação do tempo inexorável, observa-se, aliás, traceja-se um movimento oriundo da posição-sujeito de resgatar as memórias e/ou as nuances de respingos de memória e de esquecimento a gerir os seus dias miseráveis e os de seus vizinhos.

A partir do texto de Foucault sobre a escrita de si (2009), criamos uma espécie de neologismo para suscitar que a escrita de Carolina é uma *reescrita de si*, já que ao sondar seu interior, ela tenta apreender recortes de uma infância, de uma menina-moça e de uma mulher sob o crivo de uma memória discursiva singularizada por todas as suas inscrições sociopolíticas e históricas, como em DB.

Os dizeres de uma posição-sujeito (desventurado e pretenso escritor) constituem-se em clarões em meio a estilhaços de revolta, amargura, denúncia e inalterabilidade dos dias, tanto em QD quanto em DB.

É por intermédio da *reescrita de si* que o leitor, o sujeito a receber e julgar a confissão, familiariza-se com os dias imutáveis de uma das posições sujeito – aquela que se encarrega do relato. Contudo, a despeito da inalterabilidade dos dias, existe a recursividade ao uso dos motes românticos na composição do relato. Assim, há uma instância enunciativa que se vale, prontamente, do estilo romântico ao escriturar e inventariar algo sofrível: sua extrema miséria e a de seus irmãos de cor e de sina:

(3)_ Deus que ajude os homens do Brasil! E chorava, dizendo: _ O homem que nasce escravo e morre chorando. Quando eles nos expulsaram das fazendas, nós não tínhamos um teto decente; se nos encostávamos num canto, aquele local tinha dono e os meirinhos nos enxotavam. (...) O que favorece é que vamos morrer um dia e do outro lado não existe a cor como divisa; lá predominarão as boas obras que praticamos aqui (DB, p.68).

(4)Havia os pretos que morriam com vinte e cinco anos: de tristeza, porque ficaram com nojo de serem vendidos. Hoje estavam aqui, amanhã ali, como se fossem folhas espalhadas pelo vento. Eles tinham inveja das árvores que nasciam, cresciam e morriam no mesmo lugar (DB, p.69).

(5)A escravidão era como cicatriz na alma do negro (DB, p.70).

(6)O povo era revoltado porque seu sonho era aprender a ler para ler o livro de Castro Alves. Os negros adoravam o Tiradentes em silêncio. Se um negro mencionasse o nome de Tiradentes, era chicoteado, ia para o palanque para servir de exemplo. Para os portugueses, o Tiradentes era o secretário do diabo. Para os negros, ele era o ministro de Deus (DB, p.70).

(7)Eu olhava o rosto de meu tio Joaquim. Um rosto triste como uma noite sem lua. Ele não sorria, nunca vi seus dentes. Ele era analfabeto. Se soubesse ler, poderia nos revelar suas qualidades intelectuais (D B, p.79).

(8)Com a insistência de mamãe, eu deixava o leito, ia aleluiar no regato, fitando a água que promanava do seio das pedras cor de chumbo e era sempre tépida. A brisa perpassava suavemente. Eu aspirava os perfumes que exalavam as flores silvestres (D B, p.159).

Nos enunciados supracitados evidenciam-se alguns ‘clarões’, para recorrermos aqui aos vocábulos foucaultianos, delineadores de uma posição-sujeito que, ao se inscrever em determinadas condições sociais, políticas, ideológicas e econômicas, passa a enunciar sobre as singularidades desse lugar, entremostrando as dores que acometem aos negros nesse país de que foram obrigados a: 1)sair do seu lugar de origem, vivendo permanentemente em uma diáspora; 2) de que não possuem um lugar onde morrer, se encostarem a exemplo dos vegetais que assim o têm; 3) de que são infelicitados, injustiçados e que nem sequer podem lamentar seus ais, suas queixas; 4) de que foram desapropriados e viraram propriedades alheias, quer sejam, de outrem, dos brancos e ricos.

No enunciado (6), são materializadas algumas formações discursivas em torno da escravidão, do poeta Castro Alves e da figura de Tiradentes que trazem para o sujeito discursivo um imaginário coletivo em torno de cada um dos léxicos apresentados. Castro Alves, sabidamente, o poeta dos escravos, já mencionado (em interdiscurso) em outros enunciados de QD e DB por esse sujeito discursivo. Talvez por isso, o sujeito discursivo inscrito em uma dada formação discursiva relate que, para os negros ao verbalizarem o nome de Tiradentes, seriam açoitados por terem dito algo impróprio já marcado historicamente por todas as inscrições atribuídas a este líder popular. O jogo de palavras ‘Tiradentes – o

secretário do diabo x o ministro de Deus’ evidencia as formações discursivas de pertença ou não a este ou aquele lugar. Essas formações discursivas materializadas nos enunciados supracitados dizem da escravidão e das condições escravocratas. Os corpos são marcados exemplarmente e ao negro restava amar Tiradentes em silêncio. Acrescentaríamos que este sujeito discursivo está inscrito em uma história, em um lugar social, político que lhe autoriza certos dizeres e não outros. Diz dos sonhos de outrem que era ser alfabetizado para ler o livro de Castro Alves e diz, ainda, que os negros amavam em silêncio Tiradentes, já que amá-lo publicamente era interdito com o consequente castigo para o corpo.

A ideia da figura de Tiradentes como o ministro de Deus em oposição ao secretário do diabo indica uma formação discursiva em oposição à escravatura. Há por parte deste sujeito discursivo um desejo libertário que se inscreve a partir desta oposição. E aliada a esta ideia de liberdade, o desejo de conquista pela alfabetização/ pelo conhecimento que, de certa maneira, poderia, na acepção deste sujeito discursivo, viabilizar esta aquisição de liberdade materializada pelo enunciado: “Ele era analfabeto. Se soubesse ler, poderia nos revelar suas qualidades intelectuais”.

Nesse sentido, esse sujeito discursivo constitui-se nestas oposições, nestes lugares de poder e a partir de tentativas de prática de resistência. Talvez o desejo de ‘escrita de si’ configurar-se-ia ou instituir-se-ia como a possibilidade de resistir aos efeitos do poder e de não se sucumbir.

Em uma crescente de tons e entretons, a posição-sujeito tanto em QD quanto em DB, especialmente no primeiro evidencia as cores da amargura que envolvem os favelados, saem do roxo até chegarem ao preto. Não passa, evidentemente, pelo lilás, mas crê, ainda que o arco-íris fuja sempre, na possibilidade, ainda que remota, dos políticos desvendarem suas óticas e olharem, de fato, para as minorias, para os excluídos.

Desse modo, pela materialidade linguística elegida como *corpus* desta análise discursiva, observamos que o sujeito discursivo tenta mostrar que sua confissão é digna de nota e, por esta razão, digna de legitimidade; já que está falando em nome de uma classe, a dos desfavorecidos; enfim, daqueles que vivem nos quartos de despejo, nos entornos, embora não raras vezes, contraditoriamente, ameça acoimar as lambanças dos favelados, intitulando-se a apaziguadora, a porta-voz dos desamparados.

O tom de amargura, de tristeza é facilmente perceptível não só nos motes para a confecção de QD e DB, se constitui, ainda, em pauta para o relato das misérias, dos desmandos, da corrupção dos políticos que só retornam à favela de quatro em quatro anos; é

também inventário da podridão e das mazelas humanas, tão prementes na atualidade, ainda que tenha transcorrido mais de meio século da publicação dessas obras.

Se a pauta para QD e DB são os sentimentos ignóbeis, a miséria em todas as suas acepções e nuances, como sonhar com outros matizes tão evidentes no arco-íris? Nesse sentido, a metáfora do arco-íris utilizada no QD é e será impossível, por isso a sensação apresentada quando criança e que a seguiu por toda a vida seja “o arco-íris foge de mim”. É impraticável uma tarde lilás, é inverossímil um final feliz; por isso, a indicação seja justamente aquela apresentada no último dia do diário que poderá em um processo cíclico ser também o reinício “**1 de janeiro de 1960** Levantei as 5 horas e fui carregar água (QD,182)”.

Desse modo e talvez pelas mesmas razões, o sujeito discursivo em sua antevisão admita que “Segui pensando: quem escreve gosta de coisas bonitas. Eu só encontro tristezas e lamentos” (QD, p.175). Na visão um tanto quanto equivocada, ou lardeada do ponto de vista do que era intitulado gosto estético em voga (na década de 1960), já que o sujeito-autor se valia de textos e informações tardias colhidas e angariadas aqui e acolá entre um lixo e outro, como saber do que era moda, do que era aceito e intitulado acadêmico, canônico, já que todas as informações já chegavam filtradas pelo tempo implacável?

Assim, inversamente, o sujeito discursivo apreensível por meio dos enunciados recolhidos de QD e DB ambiciona o belo interligado ao bom, ao justo, ao otimismo, à sala de estar, ao arco-íris, à tarde lilás, embora em seu relato, no relato dos que vivem no QD e DB só haja, de fato, sofrimento, miséria, tristezas e lamentos como a aproximá-los dos tons e semitons negros, pretos e roxos esboçados no decorrer dos relatos: “Cor roxa. Cor da amargura que envolve os corações dos favelados” (QD, 34). “Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia” (QD,44).

Na pauta do dia, a miséria tem cor, tem cheiro, tem som e se mistura aos excrementos da favela; aliás, que exalam da favela e dos favelados. Os mexericos se espalham feito o ciscar das galinhas que tudo revolvem por meio das bocas das mulheres que se encarregam de repassar e aumentar este ou aquele adereço deste ou daquele acontecimento. No inventário de QD, os amores são escorregadios e/ou têm asas nos pés feito o cigano pelo qual a personagem principal (para nos valermos aqui de categorias literárias) se apaixonara e vislumbrou que era e seria sempre impossível vivenciar este amor pois seria como agarrar o vento, seguir o vento, como agarrá-lo? Vejamos os enunciados:

Parece que este cigano quer hospedar-se no meu coração (QD, p.146).

Pensei: se eu estivesse sozinha dava-lhe um abraço. Que emoção que eu sentia vendo-o ao meu lado. Pensei: se algum dia eu for exilada e este homem indo na minha companhia, ele há de suavizar o castigo (QD, p.147)

Para dissipar a tristeza que estava arroxendo a minha alma, eu fui falar com o cigano. Peguei os cadernos e o tinteiro e fui lá (QD, p.148).

Não há como sonhar com o arco-íris, com a tarde lilás, (enquanto promessa de felicidade), não há como mudar de gênero, pois se o que apregoava a mãe: “passar por debaixo do arco-íris” era a condição *sine qua non* para a mudança e, assim, protagonizar o próprio relato de feitos heroicos, sempre representados por homens, era algo impossível; então, como conseguir tamanha façanha tão ambicionada pela posição-sujeito que emerge do enunciado que segue?

(9)...Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe:

_Porque a senhora não faz eu virar homem?

Ela dizia:

_ Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem.

Quando o arco-íris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre distanciando. Igual os políticos distante do povo (QD, p. 54-55).

O presente enunciado aponta para a constituição de um sujeito discursivo que faz emergir os sonhos como o lugar único para ser feliz. Por outras palavras, o sujeito do discurso parece entremostar que só se é feliz nos sonhos – lugar possível; lá (nos sonhos desvendáveis ou não) pobre pode comprar terrenos, lá favelado é feliz, lá se espera e se crê no ‘bem querer’, crê-se ainda no futuro, lá se é feliz, simplesmente:

(10)Ela disse-me que só mesmo no sonho é que podemos comprar terrenos. No sonho eu via as palmeiras inclinando-se para o mar. Que bonito! A coisa mais linda é o sonho. Achei graça nas palavras da D. Angelina, que disse-me a verdade. O povo brasileiro só é feliz quando está dormindo” (QD, p.131-132).

Pelos enunciados supracitados, entremostre-se a posição de um sujeito discursivo que evidencia, aliás, diz de um lugar social, de determinada posição sócio-histórica em que se observa que, só no sonho não há luta de classes, mais valia, preconceito, discrepâncias, incompreensões, injustiça social, ambições, cobiças, concubinatos, ingratidões, promiscuidade, fome, miséria, desmandos. Nos sonhos uma tarde lilás, contrariamente, à realidade, será sempre possível. Assim, deveríamos alegar que, ao menos nos sonhos ou então na ordem do devir, do vir a ser, do tornar-se, Carolina – enquanto sujeito-autor – populariza o gênero discursivo (diário) no Brasil e no exterior que havia sido reconhecido aprioristicamente por homens e, altamente, escolarizados.

Destarte, uma tarde lilás se não é da pauta do dia é da ordem do devir e, assim, inventaria um lugar possível para uma escritora que a despeito de suas singularidades, todas

contrárias às melhores previsões, expõe uma singularidade do viver rechaçado pela dor e, a despeito dessa dor, presentifica a condição da mulher negra, semiescolarizada, favelada, mãe solteira e provedora do lar. É esta mulher que relatará as mazelas dos favelados e de seus iguais.

Carolina Maria de Jesus, ao ser, ininterruptamente, constituída sujeito de um discurso, desvela sua constituição histórica, sua inscrição sociopolítica, entre outros lugares possíveis. Um deles já comentados nos parágrafos anteriores, quando apresentávamos o cobiçado desejo de uma das posições-sujeito de ser homem, já que sempre havia lido nos relatos que os grandes feitos históricos eram protagonizados por homens. Daí, seu impulso primeiro e genuíno tenha sido, tivesse sido, desejar ser homem, ainda que, inocentemente, almejasse passar por debaixo do arco-íris, condição *sine qua non* apresentada por sua mãe para, de fato, ser aquilo que não era e que, por razões óbvias, jamais seria: homem. Portanto, não preenchia duas condições imperativas, aliás, tomadas como tais (em seu lugar social) para ser escritora: ser homem e detentora de um saber intitulado escolarizado.

Os enunciados lançados mão para esta análise discursiva trazem a marca do posicionamento de um sujeito que tenta falar pela maioria. Se esta voz só se fez audível em um circunscrito momento editorial, e/ou até de camuflada popularização cultural no Brasil, quando então se apregoava aos quatro ventos o desejo, o limitado desejo de dar voz às minorias, ainda que presas por um aparelho ideológico e político cordato, esse posicionamento figura, tempos depois e, até mesmo, enquanto efeitos de uma exterioridade, como uma autora que terá certa visibilidade, tornando-se sazonalmente uma autora de um best-seller. Estes são feitos, aliás, são realizações que mostram em devir⁴⁵, os desdobramentos, as singularidades de uma autora que, embora não tivesse recebido os acenos da crítica literária aspirados como legítimos, como reconhecedores do talento, dos esforços de Carolina Maria de Jesus, (des)velam, enquanto recepção que autora e obra foram acolhidas.

⁴⁵ - Devir na acepção dada por Deleuze de que “é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão ‘o que você está se tornando?’ é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos”(DELEUZE, 1998, p.3).

1.3.4-Confissão: sinuosidades das/nas relações de poder

Tanto a ternura mais desarmada quanto os mais sangrentos poderes têm necessidade de confissões.
(FOUCAULT, 2011b, p.68)

Faz-se incipiente singularizar uma *escrita de si* que não levasse em conta as características singulares do gênero elegido pelo sujeito-autor para fazer chegar a *outrem* a escrita de ‘um’, no caso, de si. E, neste caso, estamos falando do gênero memorialístico denominado confissão. Assim, tem esta subdivisão o objetivo de singularizar a *escrita de si* – enquanto confissão de alguém para outrem. Em outro trabalho de Foucault referente às especificidades e mudanças que o vocábulo confissão ganhou ao longo do tempo, esse pensador elenca sobre as singularidades da confissão:

Desde a Idade Média, pelo menos, as sociedades ocidentais colocaram a confissão entre os rituais mais importantes de que se espera a produção de verdade: a regulamentação do sacramento da penitência pelo Concílio de Latrão em 1215; o desenvolvimento das técnicas de confissão que vêm em seguida; o recuo, na justiça criminal, dos processos acusatórios; o desaparecimento das provações de culpa (juramentos, duelos, julgamentos de Deus); e o desenvolvimento dos métodos de interrogatório e de inquéritos; a importância cada vez maior ganha pela administração real na inculpação das infrações – e isso às expensas dos processos de transação privada – a instauração dos tribunais de Inquisição, tudo isso contribui para dar à confissão um papel central na ordem dos poderes civis e religiosos (FOUCAULT, 2011b, p.66-67).

Em conformidade ainda com as asseverações foucaultianas, a palavra confissão fora imbuída de uma dada transformação, sofrendo, pois, algumas singularidades e funções jurídicas, o que lhe conferira uma dada garantia de “status, de identidade e de valor atribuído a alguém por outrem, passou-se à confissão como reconhecimento, por alguém, de suas próprias ações ou pensamentos” (FOUCAULT, 2011b, p.67).

Cabe assinalar, em um viés foucaultiano:

O indivíduo, durante muito tempo, foi autenticado pela referência dos outros e pela manifestação de seu vínculo com outrem (família, lealdade, proteção); posteriormente passou a ser autenticado pelo discurso de verdade que era capaz de (ou obrigado a) ter sobre si mesmo. A confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder. (FOUCAULT, 2011b, p.67)

Por outras palavras, a confissão, o confidenciar para além das acepções que possam ter sido outorgadas ao confessor:

passou a ser, no Ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizada para produzir a verdade.⁴⁶ Desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda. A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância, confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros. Confessa-se – ou se é forçado a confessar (FOUCAULT, 2011b, p.67-68).

Um dos posicionamentos do sujeito em QD e DB fazendo jus ao que dissera Foucault sobre a confissão enquanto produção de verdade, tenta empreender a temerária e singular tarefa de contabilizar e inventariar os dias vividos, entre a soma e a subtração, entre a realidade e o ambicionado, entre o desejável e o concretizável. Empreende, ainda, uma confissão, uma espontânea confissão e, então, lança-se nesse empreendimento, em que o sujeito *confessor* principia o singular ofício de confessar o que talvez seria e pudesse ser da ordem do inconfessável: as dores, os amores, as dificuldades, as injustiças, a lida diária entre o catar lixo e transformá-lo em moeda de troca para angariar escassos gêneros alimentícios. Talvez tenha sido este o movimento realizado, duplamente empreendido pela posição-sujeito, em QD, *confessar-se* e tentar imiscuir-se, por meio da escrita, do poder da escrita, nos meios jornalísticos e literários da época.

Cumpre-nos ressaltar que estamos tomando a confissão – não enquanto ato institucionalizado para redimir-se de uma possível culpa e assumir um crime, mas da confissão enquanto tentativa de exercer uma prática de si, uma escrita de si, um exercício ascético. Neste caso, o diário, parece estabelecer as margens possíveis de uma confissão, confessa-se para o amigo mais íntimo: o diário. Assim, aquele que escreve ou no caso que está a fazer uma confissão – o confessor tem a rigor, um sujeito em potencial para o qual se confessa.

Em DB, temos a confissão de uma infância singularizada, o sujeito que insurge dos enunciados abaixo deixa ver que havia nascido predestinado para ser escritor, fato este atestado por um médico de Sacramento que o atendera na infância em um passado longínquo.

(1)Minha mãe chegou do trabalho, não me ouvindo chorar, foi averiguar. Eu estava inconsciente.

Minha mãe pegou-me e levou-me ao médico espírita, o senhor Eurípedes Barsanulfo. Ele olhou-me, sorriu e disse:

_ Ela está embriagada; deram-lhe álcool para beber e adormecer.

Minha mãe queixou-se de que eu chorava dia e noite.

⁴⁶ - Lembrando que o que é da ordem da verdade, também o é, em conformidade com as circunstâncias sociopolíticas e históricas de uma dada época e obedecem, aliás, trazem marcadas as relações de poder que se estabelecem no intitulado momento para etiquetar/rotular o que seria uma verdade.

Ele lhe disse que meu crânio não tinha espaço suficiente para alojar os miolos, que ficavam comprimidos, e eu sentia dor de cabeça. Explicou-lhe que, até os vinte e um anos, eu ia viver como se estivesse sonhando, que minha vida ia ser atabalhoada. “Ela vai adorar tudo que é belo! Tua filha é poetisa. Pobre Sacramento... do teu seio sai uma poetisa.” E sorriu. Deu-me uns remédios para vomitar o álcool e disse com voz enérgica:

_ Você... nunca há de beber. O álcool é péssimo promotor. Porque hei de auxiliá-la sempre (DB, p.84-85).

Tem-se, ainda, o relato de uma infância itinerante fugindo às adversidades da vida, ora neste ou naquele lugar, ora na cidade, ora na zona rural. As únicas coisas repetíveis são os dias miseráveis e toda sua sorte de desventuras e as de seus irmãos de infâmia. Na maior parte dos relatos, o desejo deste posicionamento do sujeito é trazer à tona as desventuras e precariedade vivida, ainda que seja nesse movimento ininterrupto de sondar e buscar, no seu interior o que seria da ordem do confessável e/ou inconfessável e a custa de muita resiliência e extrema determinação.

(2)Trabalhamos quatro anos na fazenda. Depois o fazendeiro nos expulsou de suas terras.

_ Vão embora! Não os quero na minha fazenda. Vocês não me dão lucro. Só me dão prejuízos, a sua lavoura é fraca (DB,p.166).

Embora a prática da confissão tenha sido realizada há muito tempo e com objetivos diversos, anunciamos que, na materialidade linguística constituída pelos dois diários QD e DB, observa-se um exercício de confissão; e esse treino entremostra um desejo de capturar o instante do presente, constituí-lo como pauta para narrar-se a ‘si’ e aos favelados, em uma atividade que lembra o que Foucault já anunciara sobre a função *etopoiética* da escrita de si ao lembrar Plutarco. (2009, p.134). Nesse caso, ao exercitar-se por meio da confissão, aquele que o faz poderia ou teria a chance de modificar o seu *êthos* (modificar o modo de ser do sujeito).

CAPÍTULO II

DIÁRIOS ÍNTIMOS, *LETTRES DE CACHET* E *HYPOMNEMATA*

2-Esquadrinhando uma *escrita de si* pelos meandros dos diários íntimos

2.1-Linguagem Rasurada, Discursividade e Devir

Se a escrita apreendida na materialidade linguística constituída pelo QD, de Carolina Maria de Jesus é rasurada, certamente, porque deixa entrever as regularidades e tentativas de inscrição/circunscrição em um mundo exterior em que da função autoria foi exigida a afeição à norma padrão da língua. Cônsua do papel que lhe seria estabelecido para ser aceita em um intitulado modelo⁴⁷, a saber, o literário, Carolina, enquanto sujeito-autor, tenta se valer deste experimento de inscrição nos moldes acadêmicos em voga. Contudo, ao arriscar-se na aventura de ser aceita e pertencer a esta denominada academia, deixa os rastros de suas titubeantes inscrições no código estabelecido como letrado, pois, seguramente, os dois anos cursados no antigo primário não lhe garantiriam tal pertencimento, mesmo para alguém autodidata.

Insistimos na acepção *rasurada* para evidenciar que o exercício da escrita de si é desvelador desta tentativa do sujeito-autor de se apossar de um código de língua padrão para agradar e/ou para ser aceita em uma dada comunidade acadêmica cujo passaporte de entrada ou convite; entenda-se, carta de aceite era seguramente dominar a língua, em sua modalidade padrão. Talvez seja por isso ou em razão disso, a recorrência em QD por vocábulos atípicos para alguém com pouca escolaridade, a saber: afluíram-se, andrajosa, fétidas, ósculos. Não queremos dizer que o saber escrever deste sujeito-autor tenha se dado, sobremaneira, pela instrução formal, já que ele parece ter vindo também de um exercício diário quase autodidata daquele que sempre manifestou um apreço por leitura e escrita. Não estamos legitimando aqui o saber como oriundo de uma educação formal, talvez ele tenha vindo, conjuntamente, com esse exercício diário de leitura e escrita.

⁴⁷ - Pela fortuna crítica não se avanta a intenção da autora, aliás, esta não é uma expedição a ser realizada, aqui, qual seja realmente saber se ela tinha ou não tinha interesse em alçar o cânone. O fato é que por estas mesmas leituras depreende-se que Carolina almejava sobreviver da escrita e ser reconhecidamente poeta, seja lá o que isso for ou tenha sido.

Ao escrever, ao criar uma prática de si, uma estética da existência⁴⁸, uma forma de subjetivar-se mediante relações de saber e poder, o sujeito constrói uma forma de resistência. Nesse sentido, tenta uma discursividade outra e que intitulamos, nesta pesquisa, de rasurada, porque deixa ‘no dito’ suas cambaleantes inscrições ou tentativas de inscrições a partir de um modelo padrão de uso da língua.

Nesse sentido, é que realizamos aqui um trocadilho: contabilizar os dias miseráveis em uma linguagem que se vale de palavras difíceis, incomuns. Assim, luxo ao escriturar o lixo, requinte ao inventariar o quotidiano humilde. Quarto de despejo, refúgio de um sujeito em função-autoria que ambicionava driblar os dias com o lirismo pungente de alguém que parecia querer mais. Queria ser poeta, reconhecidamente poeta, a despeito de ter sido conhecida como a autora de diário. Destarte, os desejos do sujeito discursivo são da ordem do devir, do vir a ser, do tornar-se; quem sabe, um dia, seus textos ganhariam um estatuto – fundador de uma autoria e, poderiam, como assim o foram, especialmente a obra ora pesquisada, QD, expediente para algumas alterações históricas e culturais conforme acepções pontuadas por Foucault de que a história é da ordem da descontinuidade, da liberdade, das rupturas, das controvérsias, das mobilidades:

[...] uma história que não seria escansão, mas devir; que não seria jogo de relações, mas liberdade; que não seria forma, mas esforço incessante de uma consciência em se recompor e em tentar readquirir o domínio de si própria, até as profundezas de suas condições; uma história que seria, ao mesmo tempo, longa paciência ininterrupta e vivacidade de um movimento que acabasse por romper todos os limites (FOUCAULT, 2008, p.15).

Discorre-se, aqui, sobre as possíveis expedições de um sujeito-autor que engendrou um diário que se tornou um best-seller na década de 1960 e que fundou uma discursividade outra. Insistimos, nesta tese, que os feitos de Carolina Maria de Jesus são da ordem do devir, pois que seus diários, seus escritos são delineadores de uma *escrita de si* singularizada, por uma escritura rasurada que tenta se inscrever nos moldes de uma língua padrão; entretanto, deixa ver nas fissuras dos cadernos encardidos as inscrições outras de um sujeito tatuado por efeitos de uma historicidade e uma exterioridade em que os acessos aos meios educacionais foram regradados. A despeito do restrito acesso aos meios de produção cultural/educacional, as ações desse sujeito e o seu desejo de mudar o circundante impulsionaram-no a ousar o risco: ler e escrever ainda que fossem ofícios atípicos para semiescolarizados, favelados, catadores de lixo e negros.

⁴⁸ - Foucault estabelece os princípios daquilo a que se poderia chamar “artes da existência” como “práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo” (FOUCAULT, 2012a, p.17-18).

Como então discutir o objetivo principal desta tese, isto é, deliberar sobre como os indivíduos se constituem sujeitos nas fissuras dos cadernos encardidos? A propósito, nos pareceu salutar, advertir como este objetivo principal incita outro que, para efeitos metodológicos, intitulamos de discursividade literária em Carolina Maria de Jesus. Faz-se notar nos enunciados de QD e DB, sobretudo naquele, uma singularidade que nos instigou a realizar a presente tese.

Poderíamos ainda indagar que muitos outros escritores, para além do que seja apregoado enquanto discursividade intitulada canônica, desestabilizaram as supostas predileções, os conjecturados paradigmas e configuraram, a *posteriori*, o próprio cânone; entre eles, Shakespeare, Kafka, que noutros tempos eram apontados por realizarem uma literatura menor⁴⁹ e, atualmente, o primeiro deles é, seguramente, uma referência canônica para muitos aspirantes a escritores, para nos determos aqui apenas nestes dois, embora inúmeros outros tenham desestabilizado o cânone. Talvez a marca da arte – enquanto espaço de transgressão ou para a transgressão – seja o estranho, o diverso porque ela intenta desestabilizar o ‘já-posto’ e propõe novas formas de dizer o ‘já-dito’.

Carolina Maria de Jesus ao criar o discurso dos indignos de nota, tenha se munido do ‘já lá’, do antigo (do modelo romântico) e acabou por criar uma discursividade outra que se vale de elementos do ‘já lá’ para circunscrever essa discursividade que intitulamos, neste trabalho, de rasurada.

Para além dos propalados cânones, resta-nos ponderar sobre os estudos pós-estruturalistas, os estudos transdisciplinares e/ou *indisciplinados*, os aportes teóricos da pós-modernidade que estabelecem uma proposta outra, em que os paradigmas não são tão nítidos assim. Bauman (2005), em seus estudos, tece justamente sobre esta modernidade líquida, fluída, sobre as movências das relações e dos relacionamentos.

Então, para longe do que possa ser discutido em termos de literatura e/ou o que seria a literatura acrescida ou não do adjetivo canônica ou ‘não-canônica’, a grande questão que se coloca, por ora, é que a discursividade de Carolina Maria de Jesus resiste, sobrevive e situa em outro lugar – talvez para além do que possa ser atestado/creditado pela noção do cânone. Nessa perspectiva, o livro **O cânone colonial** (1997) aponta-nos alguns direcionamentos não para a descrição das características de um cânone como em **Altas literaturas** (1988) e em **O cânone ocidental** (1995) – ao inventariar um conjunto de autores da ordem deste cânone – mas no deslocamento daquilo que é instituído enquanto modelo ‘clássico’ de uma época, de uma historicidade que é determinada, comumente, por uma minoria ética e de grupos socialmente determinados, fazendo-nos refletir sobre o lugar de instituição de um cânone ou ainda

⁴⁹ - Literatura menor na acepção dada por Deleuze e Guattari.

perpetrando-nos ajuizar sobre os paradigmas que se instalam neste ou naquele dado momento, que bem podem, se outras fossem as indicações, naturalmente serem alterados.

Assim, a partir desta direção de pensamento, poderíamos inferir que a discursividade literária de Carolina Maria de Jesus talvez seja para alguns da ordem do ‘estranho’, pois ela resta como alguém que, sabidamente, escreveu peças teatrais, sambas populares, carta, contos, diários – gênero que a fez conhecida e divulgada em mais de 40 países e traduzida em mais de 13 idiomas.

Nesse sentido, não tem esta pesquisa o compromisso de discutir/singularizar o que seria ou não da ordem da literatura, mas, tão somente, indicar que o que estamos tomando enquanto discursividade literária independe da instituição/legitimação de um lugar neste campo epistemológico denominado literatura ou como literatura; passa ao léu também de uma escolarização formal de um dado autor, no caso em questão de Carolina Maria de Jesus. Independe até de uma intitulada formação literária clássica/formal, embora fosse notório que a presente autora fora leitora de textos clássicos do romantismo a julgar que estes seriam o modelo a ser abraçado por ela ao se lançar na tarefa de ser escritora.

QD e DB antes de serem e se constituírem em um relato real da vida de alguém, é um gênero discursivo nas acepções elencadas por Bakhtin. Para o referido autor, o gênero discursivo acha-se assim definido:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana [...] Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gênero do discurso* (BAKHTIN, 1997, p.279. grifos do autor).

Desse forma, será sobre este viés que a presente tese, sobretudo, esta seção, também deverá se ater, paralelamente ao relato sobre *a escrita de si*. Esta se constitui tão somente em uma leitura entre tantas outras possíveis. Trata-se, aqui, de pesquisar sobre a escrita de si, com base nas propostas foucaultianas, sobretudo, no texto de título homônimo: “A escrita de si”, como também “A vida dos homens infames”, ambos pertencentes ao livro: *O que é um autor?*, com o desígnio de realizar uma análise discursiva que leve em conta as singularidades da tessitura de QD: em que nas fissuras dos cadernos encardidos se faz evidenciar uma *escrita de si* que, a par de colocar como pauta a vida miserável das pessoas sem grandes e nobres

feitos traz para as discussões na década de 1960, um discurso sobre as marginalidades, sobre os miseráveis, sobre a vida dos personagens sem importância e, assim, instaura, um discurso⁵⁰ outro para além do categorizável, para além do reconhecido, legitimado.

Em razão disso, origina em ‘devir’ um tipo de discursividade singularizada, distanciada dos modelos em voga intitulados como canônicos, a saber: a escrita livre, o vocabulário comum, sem erudição, com palavras de uso cotidiano, já que a escola literária vigente era contrária ao elitismo. Carolina ‘desestabiliza’ ‘o posto’ e é um desestabilizar entre aspas, não no sentido de reinaugurar novas formas de dizer, mas por voltar a formas antigas e se valer delas para compor um diário sobre a vida das pessoas sem notoriedade. Nesse sentido, parece inaugurar um discurso singular para dizer da vida dos desafortunados. Talvez, por esta razão, em seu evidente afastamento do modelo apregoado na época, esse sujeito tenha encontrado nos diários íntimos, uma saída possível – entenda-se, necessária, ainda que incompatível com os ditames da academia.

Insistimos nesta possibilidade do devir, pois que, a exemplo do que já postulou Foucault,

[...] não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer alguma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e, na superfície do solo, lancem, sua primeira claridade. Mas esta dificuldade não é apenas negativa; não se deve associá-la a um obstáculo cujo poder seria, exclusivamente, de cegar, perturbar, impedir a descoberta, mascarar a pureza da evidência ou a obstinação muda das próprias coisas; o objeto não espera nos limbos a ordem que vai liberá-lo e permitir-lhe que se encarne em uma visível e loquaz objetividade; ele não preexiste a si mesmo, retido por algum obstáculo aos primeiros contornos da luz, mas existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações (FOUCAULT, 2008, p.50).

Por ora, importa considerar QD e DB como gêneros discursivos intitulados memorialísticos. Segundo Mathias:

O gênero memorialístico inclui fundamentalmente as memórias, as autobiografias, certas correspondências e os diários, porque em todas estas expressões a memória representa o elemento primacial que lhes serve de traço comum. Partilham também o facto de se centrarem na pessoa do autor, privilegiando o olhar individual, pois que é dele, e da sua singularidade, que decorre todo o resto (MATHIAS, 1997, p.41).

Mathias ainda acrescenta que:

⁵⁰-Discurso aqui será retomado a partir das asseverações de Foucault: “[...] Os discursos tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras: trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras; gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva” (FOUCAULT, 2008, p.54-55).

Desde logo, convém sublinhar que o exercício autobiográfico se situa na perspectiva do tempo que procura exumar e reconstruir. Retrospectiva ordenada quase sempre em função de critérios cronológicos, apresenta-se como um todo e como um todo pretende ser considerada. Esta busca de unidade constitui o mais específico da exigência autobiográfica (MATHIAS, 1997, p.41).

Evidencia-se na discursividade caroliniana uma singularidade que aqui, para efeito teórico-metodológico, intitulamos de discursividade rasurada para fugir ao nome já firmado nos estudos de base literária ao denominá-la de poética de resíduos. Entendemos tal como Bakhtin:

Que não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a conseqüente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo). [...] a distinção entre gêneros primários e gêneros secundários tem grande importância teórica, sendo esta a razão pela qual a natureza do enunciado deve ser elucidada e definida por uma natureza de ambos os gêneros. Só com esta condição a análise se adequaria à natureza complexa e sutil do enunciado e abrangeria seus aspectos essenciais. Tomar como ponto de referência apenas os gêneros primários leva irremediavelmente a trivializá-los. A inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação de gêneros secundários do outro, eis o que esclarece a natureza do enunciado (e, acima de tudo, o difícil problema da correlação entre língua, ideologias e visões do mundo) (BAKHTIN, 1997, p.281 e 282).

Importa-nos, por ora, dizer que ao nos valermos do termo rasurado, estamos insistindo em demonstrar que a obra de Carolina Maria de Jesus – não somente aqueles textos que foram publicados, mas outros que se encontram na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – não é/não seja, evidentemente, pura poética de resíduos. Carolina, enquanto sujeito empírico⁵¹, com uma dada escolaridade, com profissão não reconhecida, ainda assim, tinha projetos literários; tanto assim o é que deixou sob os cuidados de sua filha Vera Eunice, vários gêneros discursivos escritos e não publicados. Não se trata somente de uma poética de resíduos; há, seguramente, um projeto que se não fora levado ao extremo, é porque fora impossibilitado por fortes coerções socioeconômicas, culturais e acadêmicas que ajudaram a silenciar autora e obra nos escaninhos do esquecimento. Na Biblioteca Nacional, é possível ter acesso aos manuscritos desta autora: 37 (trinta e sete) cadernos não publicados e, ainda, não separados por gênero discursivo.

Discursividade rasurada é um termo impresso por nós – como já assinalamos – para sugerir a tentativa do sujeito-autor de se valer do processo de reescrita com o intuito de tentar

⁵¹ - O sujeito empírico não é o mesmo que sujeito discursivo encontrado nos textos em análise. É o sujeito do mundo, de uma dada época e portador de uma inscrição jurídica, com desejos, sonhos.

autorizar a sua produção, circunscrevendo-a ou tentando circunscrevê-la nos limites imprecisos do gênero discursivo legitimado pelos pareceres da academia. Tarefa inglória, pois, esta do sujeito-autor, já que desconhecendo a chancela para se infiltrar nos meios acadêmicos, vale-se, justamente, do modelo romântico e dos vocábulos raros quando o modelo de literatura aceito, na década de 1960, era avesso aos moldes românticos, antagônico ao vocabulário incomum.

Nessa discursividade literária rasurada, há um processo que demonstra, visivelmente, as práticas de escrita, isto é, as tentativas de inscrições de um sujeito em um processo de aquisição de uma língua, ainda que houvesse o anseio deste sujeito, inscrevendo-se por práticas de leitura e escrita, um projeto literário (ou seja, há o desejo de construir uma produção artística, seja lá o que isso for).

Retomando as discussões sobre a escrita rasurada de Carolina gostaríamos, *a priori*, de deixar evidente que a acepção rasurada não traz aqui nenhuma conotação depreciativa de nossa parte. Trata-se, antes, de elencar as singularidades de uma escritora que, para além das ausências de políticas culturais e educacionais em nosso país, conseguiu, “em devir”, destacar-se, em meio as suas limitadas possibilidades financeiras, econômicas e culturais e trouxe à baila uma exterioridade espaço-temporal que quiçá passasse despercebida por outros sujeitos que não tinham e não teriam as especificidades de Carolina; dentre elas, deter as práticas de leitura e escrita, de maneira autodidata impetrada.

2.2- *Lettres de cachet, hypomnemata e escrita de si: algumas considerações*

Em meio à secura da vida dos infelicitados, em meio aos desgraçados dias dos favelados, em meio à vida escassa, desdita dos moradores dos quartos de despejo, faz-se ver uma analogia de QD com *A vida dos homens infames*, de Foucault (2009, p.89-128), salvaguardadas as inúmeras diferenças entre as condições de produção que gestaram este ou aquele texto. Desse modo, há uma provável confluência entre um e outro, a despeito das diferenças de época (local e historicidade) que impulsionaram vir à tona uma e outra obra, sob a garantia e legitimação do poder o qual concebia possível um discurso dos desditosos desde que ‘sob o aval fidedigno do poder, através das *lettres de cachet*’, para nos atermos nesse, nesta seção. Assim, se antes a vida dos sem importância não era digna de nota, com estas intituladas *lettres de cachet* era possível legitimar e pedir ao monarca que tomasse as providências cabíveis para este ou aquele caso.

Em regra, as *lettres de cachet* constituíam-se em pedidos de súplica para interditar esta ou aquela pessoa, condenar este ou aquele indivíduo por algum delito para aquela ocasião. Eram redigidas por vizinhos, por familiares com a ajuda desta ou daquela pessoa que melhor conhecia as letras; por isso, essas *lettres (de cachet)* representam paralelamente o relato dos desafortunados, uma espécie de suplício, uma reivindicação sobre como proceder diante daquele problema que ali se redigia e que, naquele exato momento, era dado a conhecer ao rei que, de posse das informações, deveria dar um destino àquele caso.

Destarte, o silêncio e a vida sem importância passaram assim a ter certa notoriedade, já que mediante o poder do rei receberiam fatidicamente uma sentença, um destino.⁵² Normalmente, as *lettres de cachet* entremostravam o poder soberano do rei que poderia convalidar/legitimar esta ou aquela sentença mediante os relatos contidos nessas. O poder sempre legitimando ou invalidando as singularidades de um discurso dos desditosos desde que permeados das marcas dos efeitos do poder e levados ao conhecimento de um monarca para que houvesse possibilidade de se tornarem discurso dos desvalidos, dos seres de muitas cinzas e diversas obscuridades.

Deste modo, ao recorrermos aos postulados de Foucault, poderíamos acrescentar que:

[...] a soberania política vem inserir-se no nível mais elementar do corpo social; de sujeito a sujeito – trata-se, por vezes, dos mais humildes –, entre os membros de uma mesma família, em relações de vizinhança, de interesse, de profissão, de rivalidade, de amor e de ódio, é possível fazer valer, além das tradicionais armas da autoridade e da obediência, os recursos de um poder político que tem a forma do absolutismo; cada um, se souber jogar o jogo, pode tornar-se face ao outro um monarca terrível e sem lei: *homo homini rex*; uma cadeia política inteira vem entrecruzar-se com a trama do quotidiano (FOUCAULT, 2009, p.115).

As personagens desditosas de QD e DB fazem lembrar em simbiose as regras atribuídas pelo próprio Foucault que abonassem nos dizeres desse autor a possibilidade de discorrer sobre os relatos dos infames, dos desditosos:

Foi para reencontrar algo como aquelas existências-clarão, como aqueles poemas-vida, que impus a mim mesmo um certo número de regras simples: _ que se tratasse de personagens realmente existentes; _ que essas existências tenham sido ao mesmo tempo obscuras e desafortunadas; _ que fossem contadas em algumas páginas, ou melhor algumas frases, tão breves quanto possível; _ que tais relatos não fossem simples anedotas estranhas ou patéticas, mas que de uma maneira ou de outra (porque eram queixas, denúncias, ordens ou relatórios) tenham realmente feito parte da história minúscula, da sua raiva ou da sua duvidosa loucura; _ e que do choque dessas palavras e dessas vidas ainda nos venha um certo efeito no qual se misturam beleza e assombro (FOUCAULT, 2009, p.93-94).

⁵² - “O sistema de *lettre de cachet* – enclausuramento não passou de um breve episódio: não mais de um século e localizado na França somente. Nem por isso é menos importante na história dos mecanismos de poder” (FOUCAULT, 2009, p.114). Para maiores especificações conferir o texto que tem por título *A vida dos homens infames* que se encontra editado no livro *O que é um autor?* (FOUCAULT, 2009).

Não fora senão sobre uma similaridade com estas personagens realmente existentes que a discursividade literária em Carolina parece manter uma afinidade. São existências clarões em QD: o favelado, o suicida, o marido traído, a esposa alcoólatra, os desafortunados, enfim, todos aqueles entregues à sorte e ao desvario. Em uma das posições-sujeito, apreensível nos enunciados de QD, existe aquela que faz uma comparação entre a miséria dos humanos com os animais, descobrindo, estarecida, que estes são mais felizes: “Fiquei com inveja dos peixes que não trabalham e passam bem.” (QD, p.82). Cumpre-nos dizer que este enunciado, contextualmente, não se refere a qualquer peixe; na realidade, faz referência àqueles que se alimentam das comidas lançadas pelos atacadistas nos rios. Esta posição-sujeito em outro enunciado faz ver que as histórias ali são reais, faz conhecer a todos os leitores o nome de suas personagens e indica-lhes até o endereço, suas singularidades, onde trabalham e o que fazem (há aqueles que nada fazem).

Poderíamos conjecturar ainda que a própria posição-sujeito ‘escritora’ parece figurar uma existência-clarão, especialmente, se atentarmos para o fato de que a força enunciativa desta discursividade rasurada faz emergirem como existências-clarão os outros personagens de seu diário. Aliás, ao discorrer sobre as *lettres de cachet*, Foucault salienta que as existências-clarão vieram à tona porque *outrem* deliberou solicitar um destino/uma interdição dos infames e ao ser intentado um provimento para esses seres de muitas brumas, eles vieram a configurar a pauta dos relatos, ganhando assim notoriedade momentânea. Os relatos parecem ser um misto de obscuridade e de extrema desventura:

(1)...Estive revendo os aborrecimentos que tive esses dias (...) Suporto as contingências da vida resoluta. Eu não consegui armazenar para viver, resolvi armazenar paciência.

Nunca feri ninguém. Tenho muito senso! Não quero ter processos. O meu risgistro geral é 845.936 (QD, p.19).

Seguindo ainda estas regras sugeridas por Foucault (2009) ao tomar nota da vida dos homens infames, resta esta intrínseca correlação entre a beleza e o assombro. Talvez a beleza estivesse nos verdes sonhos do sujeito-autor ao mudar o curso da história e na linguagem prenhe de lantejoulas que aponta para um exercício de escriturar o dia, valendo-se de certo brilho ao tratar/registrar as desgraças humanas, sob diversas óticas.

Na análise da discursividade, o uso destas lantejoulas parece sugerir as marcas de um sujeito organizador de uma disposição na escrita. Talvez houvesse um imperativo ao trazer um relato que, a despeito de ilustrar a miséria, o faz com o uso de certo verniz. É instigante pensar que o mote para os relatos e as personagens e, ainda, a linguagem são miseráveis,

conquanto haja, de maneira recorrente, na materialidade linguística, palavras incomuns. Há na tentativa de constituição de uma prática de si, de uma escrita de si, o ensaio de uma reorganização de si e de outros. Em síntese, os relatos sobre os moradores do quarto de despejo parecem evidenciar o desejo premente de dizer com um pouco de beleza aquilo que não seria *a priori* da ordem do belo: as mazelas, a podridão, o cheiro de excrementos, a miséria que assola os moradores do quarto de despejo, lá onde são lançados os xurumbambos.

Ao intentarmos, nessa divisão, realizar um contraponto entre as personagens de QD com as personagens (as existências-clarões) impelidas à interdição – características das *lettres de cachet* – deveríamos dizer que há semelhanças quanto ao desafortunado; as mazelas entre as personagens corporificadas nas *lettres de cachet* com aquelas apresentadas em QD, conquanto o sujeito-autor não possa, literalmente, inscrever-se como um instrumento/uma petição para solicitar ao governante que faça algo, que tome alguma providência no tocante ao quarto de despejo e aos seus moradores, ao menos não literalmente.

De fato, ao trazer à baila as histórias de misérias em QD, Carolina, só possa anunciar uma realidade que muitos gostariam de ver sob os tapetes, distante do olhar abastado, inclusive uma das posições-sujeito em QD também acredita, antes de todos, que a realidade da favela é escatológica, como pode ser depreendido ao longo dos enunciados elencados no decorrer desta pesquisa.

Em outro texto, de igual relevância, Foucault (2009, p.134), ao tecer anotações sobre a ‘escrita de si’, o faz recorrendo ao princípio da analogia entre os *hypomnemata* e as correspondências. Apesar das inúmeras divergências e até confluências entre uma e outra, o fato é que *a escrita de si* desvencilha o sujeito da solidão. Devolve-lhe a possibilidade do sujeito-autor colocar como pauta a rotina de seus dias. Desse modo, Foucault retoma Plutarco e lembra-nos que *a escrita de si* funciona como treino de si, a escrita tem uma função etopoiética: é um operador da transformação da verdade em ethos. Os *hypomnemata* “constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas: ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior” (2009, p.135).

Foucault ainda acrescenta:

Os *hypomnemata* não deveriam ser encarados como um simples auxiliar da memória, que poderiam consultar-se de vez em quando, se a ocasião se oferecesse. Não são destinados a substituir-se à recordação porventura desvanecida. Antes constituem um material e um enquadramento para exercícios a efectuar frequentemente: ler, reler, meditar, entreter-se a sós ou com outros, etc (FOUCAULT, 2009, p.136).

Em outro momento, este mesmo autor pontuou sobre a necessidade de se diferenciar os diários íntimos e/ou relatos de experiências espirituais (tentações, lutas, fracassos, vitórias)

que podem ser encontrados largamente na literatura cristã anterior. Assim, os *hypomnemata* tratam “não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (FOUCAULT, 2009, p.137).

Retomando, ainda, acrescemos que uma das possíveis posições adotadas por esse sujeito é aquela que entremostra o processo de (des)identificação com a exterioridade, evidenciando em primeira instância que os lugares já estão postos, de antemão: para os negros e favelados, o quarto de despejo; para *outrem*, a sala de visita. Vale insistir que um dos posicionamentos do sujeito é aquele que denega seu lugar de favelado, desvelando-nos que sua constituição em sujeito se dá, especialmente por e nesta contradição, nem totalmente favelado, nem pertencente à sala de estar:

(2)Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (QD, p.37).

(3)12 de junho – Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de outro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (QD, p.59).

(4)A favela ficou quente igual a pimenta (QD, p.75).

No enunciado (2), insurreciona um posicionamento do sujeito que identifica nos espaços sala de estar x quarto de despejo as contradições evidentes. Na sala de estar, a beleza, o luxo, o ornamento, o ideal almejado; no quarto de despejo, a abjeção, o horror, o nada, o sem serventia. Os enunciados (2) a (4) ratificam esta ideia de que o quarto de despejo é o lugar a se evitar. No enunciado (3), surge um sujeito que, na ordem do sonho alça estar em outro lugar, diverso do quarto de despejo. É a contradição não só abrigada no posicionamento do sujeito discursivo (que ora compassivo com o drama do favelado ora acusador deste mesmo favelado), mas refugiada na própria constituição de uma subjetividade que se dá na e por meio desta contradição. A referida contradição também se instala na metáfora do espaço almejado: a sala de estar e o espaço ocupado: o quarto de despejo.

Retomando o que, até bem pouco tempo, estávamos esboçando e, ainda, valendo-nos dos trabalhos de Foucault sobre *a escrita de si*, cumpre evidenciar que:

A escrita como exercício pessoal praticado por si e para si é uma arte da verdade contrastiva: ou, mais precisamente, uma maneira reflectida de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam o seu uso (FOUCAULT, 2009, p.141).

O sujeito discursivo na ação de recontar os dias vale-se tanto dos textos lidos quanto dos fatos vividos e experimentados. E, nesse processo ininterrupto, sem ponto de partida e/ou de chegada, o sujeito se constitui ou tenta constituir as especificidades de sua escritura mediante uma ação/reação e ‘recoleção’ das coisas ditas (atualização/e re(atualização) de suas inscrições ideológicas)⁵³, sociais, históricas e, ainda, delineando as singularidades de seu olhar, ora identificando, desidentificando e/ou contra-identificando com esta ou aquela particularidade.

Os termos identificação/desidentificação e/ou contra-identificação são tomados na acepção dada por Pêcheux (1997) de que o sujeito ao ser interpelado, ao se constituir sujeito o é ora identificando/(des)identificando e/ou contra-identificando com esta ou aquela inscrição histórica, social, ideológica e política. Desse modo, o sujeito-autor, não raras vezes, desidentifica-se com o quarto de despejo e sonha com a sala de estar ou ao menos com uma casa de alvenaria, um lar decente e comida farta para alimentar seus rebentos. Outras vezes, desidentifica-se com as especificidades de um governo que faz vista grossa para as necessidades dos pobres e, em muitos outros momentos, contra-identifica-se com os próprios moradores do quarto de despejo.⁵⁴

Em uma leve aproximação com Foucault (2009), poderíamos indagar que, sob a pauta cotidiana da pobreza e da luta diária pela sobrevivência, desvela-se um entrelaçamento de jogos políticos, sociais, históricos e econômicos em *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*. De tal modo, segundo esse autor: “[...] uma cadeia política inteira vem entrecruzar-se com a trama do cotidiano” (2009, p.115).

Cumpra-nos singularizar que Foucault não leu a obra de Carolina, apenas estamos realizando, nesta seção, um contraponto entre a ‘vida dos homens infames’ e a *escrita de si* como traços identitários possíveis com os diários íntimos de Carolina Maria de Jesus,

⁵³ - Talvez fosse oportuno registrar que, neste momento, valemo-nos dos estudos discursivos de base pecheutiana, e, neste caso, eles são devedores do materialismo histórico e trazem premente a noção de ideologia.

⁵⁴ - No decorrer desta seção, sobretudo nesse parágrafo, quarto de despejo é uma metáfora utilizada por Carolina Maria de Jesus e seguida por nós como sinônimo de favela. No transcorrer da obra *Quarto de despejo – diário de uma favelada* a autora entremostra seu singular descontentamento com o quarto de despejo (a favela) e nos faz pensar sobre o que, habilmente, levamos para esse quarto de despejo; para o quarto de despejo de nossa casa, de nosso bairro, de nossa cidade, de nosso país. A sala de estar é tomada pelo sujeito-autor como o lugar confortável da cidade, em que há casas bonitas, gente bem cuidada e bem vestida. “Os políticos só aparece aqui no quarto de despejo, nas épocas eleitorais” (QD, p.46).

especialmente, quando ela se vale da vida dos personagens desditosos para compor os seus diários.

Desse modo, “o mal minúsculo da miséria e da falta venial já não é remetido ao céu pelo segredar quase inaudível da confissão; acumula-se na terra sob a forma de traços escritos” (FOUCAULT, 2009, p.112). A discursividade em QD é reveladora desta tentativa de preservar os dias, anotá-los para ‘o devir’, retê-los para a posterioridade. A trama do cotidiano não ficou restrita, no caso da presente autora, aos escaninhos do esquecimento de um relato/confissão; ao revés, fez-se matéria constituinte de um livro, que se tornaria na década de 1960, um sucesso editorial, superando, em um só dia de lançamento, autores denominados canônicos como Jorge Amado.

Em conformidade com o que vimos delineando ao longo desta tese, esboça-se uma tessitura que focaliza a miséria, a vida indigna de homens e mulheres desafortunados que vivem nos escombros do quarto de despejo e de lá espiam e aspiram uma e por uma vida melhor, mais digna e menos desumana.

A vida de baixo, ou melhor, as vidas dos moradores do quarto de despejo constituem-se em assunto para a escrita de um sujeito em posição de autoria que ambiciona alçar as estórias da escassez, da marginalidade, da pobreza ao rol de um livro/diário publicável. Entenda-se, aqui, conhecido, possível de ser lido, passível de ser editado e, seguramente, na visão de um sujeito em função de autoria carregado de verdes sonhos e de fartas expectativas de um dia ver o fruto colhido, assim como a amora que espera pelo tempo de amadurar.

Nessa perspectiva, senão pelas mesmas e singulares inscrições e circunscrições das especificidades que constituem a vida dos homens infames, a escrita de si (do sujeito-autor) arriscada faz-se notar nas singularidades das vidas sem feitos ditosos, sem grandes gestos, sem vitórias ou feitos nobres. Trata-se da vida como ela é, na sua pequenez, na sua mesmice, na sua falta de notoriedade; tanto assim o é, que o diário QD se vale dessa inalterabilidade, não só nos excertos iniciais de cada dia vivido e anotado, como também no mote da fome para constituir o diário. Os dias são uma repetição da falta de ventura, das adversidades dos favelados. Nesse caso, o último dia do diário, 1º de janeiro de 1960: “Levantei as 5 horas e fui carregar água” (QD, p.182), facilmente pode ser, como efeito cíclico, o reinício dos primeiros dias anotados/preservados, a saber: 16 de julho de 1955: “Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui busca água.” (QD, p.13). A labuta do sujeito-personagem é sempre a mesma: buscar água, realizar a refeição para os filhos e ir catar papel/lixo.

(11) Deixei o leito as 5 e meia para pegar água. Não gosto de estar entre as mulheres porque é na torneira que elas falam de todos e de tudo. Estou tão indisposta que se eu pudesse deitar um pouco! Mas eu não tenho nada para os meninos comer. O

único jeito é sair. Deixei o João estudando. Ganhei 10,00 e achei metais. Achei um arco de pua e um estudante pediu-me. Dei-lhe. Ele deu-me 3 cruzeiros para um café. (...) Passei na feira. Comprei batata, doce e peixe. Quando cheguei na favela era 12 horas. Esquentei a comida para o João e fui ajeitando o barracão. Depois fui vender umas latas e ganhei 40 cruzeiros. Retornei a favela e fiz o jantar (QD, p.89).

O sujeito, que emerge dos enunciados abaixo, decide contar a sua sina e a de outros favelados sob o discurso miserável alinhava uma *escrita de si* que, para além de revelar as injustiças sociais, também desvela as agruras dos favelados e, ainda, delata ou ameaça apontar as ações infames de muitos moradores da favela.

(12)Tem a Maria José, mais conhecida por Zefa, que reside no barracão da Rua B numero 9. É uma alcoolatra. Quando está gestante bebe demais. E as crianças nascem e morrem antes dos dozes meses. Ela odêia-me porque os meus filhos vingam e por eu ter radio. Um dia ela pediu-me o radio emprestado. Disse-lhe que não podia emprestar. Que ela não tinha filhos, podia trabalhar e comprar. Mas, é sabido que pessoas que são dadas ao vicio não prosperam. Ela as vezes joga agua nos meus filhos. Não sou dada a violência (QD, p.18).

(13)Fui catar papel e permaneci fora de casa uma hora. Quando retornei vi varias pessoas as margens do rio. É que lá estava um senhor inconciente pelo alcool e os homens indolentes da favela vasculhavam os bolsos. Roubaram o dinheiro e rasgaram os documentos (QD, p.18).

E, então, outra vez mais, fazem-nos operantes os dizeres de Foucault (2009, p.117): “O insignificante deixa de pertencer ao silêncio, ao rumor passageiro ou à confiança fugaz” ganha o estatuto de legitimidade, de autoria e, na trivialidade e mesquinhez dos dias, esboça-se, esquadrinha-se, alinhava-se uma *escrita de si* desveladora dos sobejos humanos. Todas aquelas coisas que constituem o ordinário, o comum, o pormenor insignificante para os frequentadores da sala de estar, a obscuridade, os insípidos dias ‘devem ser ditas, - mais, escritas’.

Faz-se produtivo lembrar que esse discurso miserável, ordinário (comum) só fora possível, segundo Foucault (2009), porque estava invariavelmente, ao menos na França, durante um século, entrelaçado à figura do poder, no caso do monarca, ainda que virtualmente por meio das *lettres de cachet*. Quase na mesma configuração, resguardadas as devidas diferenças, ousamos dizer que o relato de Carolina Maria de Jesus também só fora possível porque havia e houve na época, toda uma preparação para receber os relatos dos dias miseráveis de uma favelada. Havia um intitulado movimento de popularização no país e nada mais convincente que mostrar a favela por ela mesma, quer seja, por uma favelada. Dois anos antes da publicação de QD, Audálio Dantas, o jornalista que pontuou e editou o livro,

veiculava espaçadamente notas em jornais sobre uma catadora de lixo e moradora da favela do Canindé que também escrevia.

Destarte, quando anteriormente recorremos ao vocábulo preparação, estávamos nos atentando para este jogo do mercado editorial – lançar/divulgar notas esporádicas aqui e ali para arregimentar o terreno em que dois anos depois seria palco para os holofotes de *Quarto de Despejo – diário de uma favelada* (1960).

Em conformidade com os postulados foucaultianos:

com o dispositivo das petições, das *lettres de cachet*, do internamento, da polícia, vai nascer uma infinidade de discursos que atravessam em todos os sentidos o cotidiano e se encarregam, mas de um modo completamente diferente da confissão, do mal minúsculo das vidas sem importância (FOUCAULT, 2009, p.116).

Nas artimanhas do poder, também se desvelam as brigas entre vizinhos, as intrigas entre os familiares, as mazelas escancaradas e tatuadas no rosto de cada um dos favelados, as paixões secretas e/ou públicas, os rastros de dor, os abusos políticos e as conspirações dos governos e fornecedores para elevarem o preço deste ou daquele alimento; enfim, os grandes excessos, os desentendimentos, as intrigas constituem-se em pauta, aliás, em ingrediente para que a escritura rasurada de Carolina tome corpo, assuma forma e estabeleça a relação uníssona entre poder e discursividade, entre exterioridade e interioridade, entre o espaço privado (o quarto de Carolina e suas anotações diárias) e o espaço público, o quarto de despejo – na acepção de favela, daquilo que, fatalmente, levar-se-ia para o Quarto de Despejo (metáfora dos desvalidos, dos desafortunados, dos desditos, dos sem utilidade premente).

Por outras palavras ou senão pelas mesmas, retomamos, igualmente, os enunciados foucaultianos:

Que na ordem quotidiana pudesse haver qualquer coisa como um segredo a desvendar, que a insignificância pudesse ser, de certa maneira, importante, tal permaneceu excluído até que viesse pousar, nessas turbulências minúsculas, o alvo olhar do poder (FOUCAULT, 2009, p.117).

Cumpro proferir que a referida citação faz parte dos estudos foucaultianos sobre a vida dos homens infames, em um dado momento e em um dado país (França); conquanto estejamos realizando, nesta pesquisa, uma relação entre as singularidades da vida dos homens infames com a dos relatos de Carolina Maria de Jesus, que se vale, a exemplo daquele, das personagens sem notoriedade, das situações ignóbeis. Talvez, por esta razão, possa-se justificar o interesse dos diversos públicos, tanto nacional, *a priori*, quanto internacional pelas

singularidades, pelas vidas minúsculas e desditosas dos favelados – personagens singulares dos diários QD e DB.

Segundo Foucault (2009, p.131) “a pedra de toque: ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo.” O sujeito na posição de autoria ambiciona pontuar os dias, anotá-los com o legítimo desejo de preservá-los e também preservar a si mesmo da solidão, da miséria e até mesmo da loucura. Escreve para preservar não somente os dias repetíveis nas misérias, nas injustiças, mas efetivamente, porque ambiciona deixar um legado do seu tempo, visto pelas singularidades de uma função autor, chamuscada pelas contradições de um sujeito permeado por tantos outros “eus”. O referido autor ainda acrescenta que: “[...] o facto de se escrever para si e para outrem – só tardiamente – tenha começado a desempenhar um papel considerável” (FOUCAULT, 2009, p.132).

O referido pensador adiciona que:

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, “um corpo” (*quicquid lectione collectum est, stills redigat in corpus*). E, este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim – de acordo com a metáfora tantas vezes evocada da digestão – como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue” (*in vires, in sanguinem*). Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de acção racional. Em contrapartida, porém, o escritor constitui a sua própria identidade, mediante essa recollecção das coisas ditas (FOUCAULT, 2009, p.143-144).

Ao elucidar sobre a correspondência em paralelo com os *hypomnemata*, Foucault também traz a singularidade desta escritura que, ao interpelar um outro, ao se dirigir ao outro, também o faz sobre aquele que a escreve:

A carta enviada actua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como actua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe. Esta dupla função faz com que a correspondência muito se aproxime dos *hypomnemata* e com que a sua forma frequentemente lhes seja muito vizinha (FOUCAULT, 2009, p. 145).

Os estudos foucaultianos, especialmente, o texto *O que é o autor?*, problematiza a categoria intitulada sujeito e a sua singular e, irrestrita, correlação com a escrita. Coloca em questão o que seria da ordem do imponderável, do não categorizável e, por isso mesmo, paradoxalmente, digno de nota: a questão da autoria, entre tantas outras funções/posições possíveis para o sujeito. O sujeito que é cindido, incompleto e pode assumir inúmeros nomes, e “entre eles o de autor” (CASCAIS & MIRANDA, 2009, p.8).

Desse modo, ainda que minimamente, este tópico procurou esquadriñar o inventário da vida dos desditosos através da discursividade literária em QD, entremostrando que, ao

procurar esboçar a figura insólita e escorregadiça do sujeito, envereda-se por um caminho onde se faz imperioso desconstituir este sujeito, torná-lo passível de um corpo, por intermédio da *escrita de si*, do gesto de juntar ainda que, equivocadamente, as duas pontas e/ou tantas e tantas pontas de um novelo que, ao se constituir, desconstitui-se, ao se inscrever e escrever a *escrita de si*, perde-se e, paradoxalmente, se encontra pelos e nos labirintos de uma materialidade linguística que ao se mostrar, também se esconde, ao se apresentar, também se dispersa, no tecido movediço denominado *escrita de si*.

Talvez por isso, ao referendar o texto de Foucault *O que é um autor?* Cascais & Miranda tenham recorrido à metáfora das paralelas utilizada pelo próprio Foucault em lançamento de outra coleção denominada “Vidas Paralelas”: “*As paralelas, bem sei, são feitas para se encontrarem no infinito. Imaginemos outras que divergem indefinidamente. Sem ponto de encontro, nem lugar para se reunir*” (CAISCAIS & MIRANDA, 2009, p.09, grifos em itálico dos autores).

Assim, esta seção intitulada: “Esquadrinhando uma *escrita de si* pelos meandros dos diários íntimos” tentou elencar as singularidades da *escrita de si*, especialmente, por intermédio do gênero discursivo diário íntimo e, ao fazê-lo, eis que, uma vez mais, estamos tentando, corajosamente, delinear as especificidades da escritura de Carolina Maria de Jesus e, por ora, tão impetuosamente, indagamos: as paralelas podem ou não se juntar lá adiante?

Haveria, pois, um ponto de encontro entre duas retas: autor e obra, o problema da subjetividade e a impossibilidade de se instituir um método para tratar a figura do autor, já que à revelia deste mesmo, ela (a posição-sujeito) escapa por entre os dedos, é movência, deslocamento, pluralidade de vozes que se perdem e, concomitantemente, ressoam na materialidade discursiva que ora elegemos, no presente trabalho, os diários QD e DB.

Acrescendo à temática da *escrita de si*, poderíamos dizer que Foucault insiste, sobretudo, nos últimos anos que antecederam à sua morte, que a *escrita* talvez seja essa possibilidade de se poder denegar, destruir, banalizar, trivializar e até mesmo salvaguardar a própria *escrita*, o próprio gesto do sujeito que, ao anotar os dias, tenta preservá-lo dos baús acinzentados da reminiscência.

A propósito, seguindo as considerações foucaultianas bem delineadas nas linhas do livro *O que é um autor?*, bem como nas folhas que antecedem a este e atribuídas aos prefaciadores do livro: mais vale o projeto de empreender uma tentativa de rascunhar uma *escrita de si*, portanto acreditar-se no gesto de superar que nas próprias superações; “a própria *escrita* (grafia) é um gesto da vida, e que, se a pode negar, destruir, banalizar, também a pode ‘salvar’” (CASCAIS & MIRANDA, 2009, p.8-9). Talvez no exercício de catar o lixo e

salvaguardar os dias vividos, haja no corpo de QD e em DB, especialmente no primeiro, um projeto social, literário e filosófico do sujeito-autor de proteger-se da própria solidão, salvar-se da loucura, defender-se da miséria que consome os sonhos e os engaveta nos escaninhos intrincados da memória.

Como indagações quase finais para esta subdivisão e que não se encerram com a proposição desta leitura, faríamos nossas as palavras de Ullmo⁵⁵ (2009, p.87):

Onde é que se encontra o que especifica um autor? Bem, o que especifica um autor é justamente a capacidade de alterar, de reorientar o campo epistemológico ou o tecido discursivo, como formulou. De facto, só existe autor quando se sai do anonimato, porque se orientam os campos epistemológicos, porque se cria um novo campo discursivo que modifica, que transforma radicalmente o precedente (ULLMO, 2009, p.87).

Carolina Maria de Jesus desestabilizou o posto, permitiu-se ir além do quarto de despejo, ousou um arrojo: possuir uma Casa de alvenaria⁵⁶, considerado na época um afoitamento de negra metida, arrombou a literatura da ocasião, nos dizeres de Marisa Lajolo, provocou fissuras no meio jornalístico e ainda que não tenha sido considerada uma autora da ordem do cânone, desestabilizou o posto e constituiu uma discursividade outra para além do cânone. Inventariou um legado que lhe permitiu escrever diversos gêneros discursivos, teatro, poemas, canções, cartas, novelas, diários, dentre outros.

Carolina – na condição de autor – sai do anonimato, desestabiliza, quebra regras, ainda que tenha o intuito de seguir a norma considerada padrão, a norma culta, incomoda por não ser possível imputar-lhe uma categoria, uma etiqueta. Este sujeito fere todas as etiquetas intituladas e rotuladas como aceitáveis para ser considerada uma escritora: ser escolarizada, ter formação clássica e vir de uma camada social mais abastada.

Por outras palavras, Carolina Maria de Jesus recolhia lixo e, ao catá-lo, entrevia uma realidade outra, acreditava no poder da escrita como forma de anotar os dias e preservá-los do esquecimento. Tentava, ainda, registrar os alardes de outros favelados e apontar os resvales deste e daquele governante. Tinha uma coragem para além do prontamente esperado, ao

⁵⁵ - O livro de Foucault *O que é um autor?* é resultante de uma seleção de textos do autor reunidos sobre a problemática do sujeito e a sua relação com a escrita. Trata-se de uma de suas inúmeras conferências e traz a participação de alguns debatedores, entre eles: Maurice de Gandillac, Lucien Goldmann, J. Ullmo que realizaram algumas contribuições/questões durante a conferência que resultou nesse livro.

⁵⁶ - Casa de alvenaria está sendo usado aqui em duplo sentido: o primeiro deles, talvez mais premente, é a casa de alvenaria conquistada por Carolina com a vendagem do seu primeiro livro lançado, a saber: Quarto de despejo – diário de uma favelada (1960) e, na segunda acepção, também se refere a outro livro bancado, desta feita pela própria autora com o dinheiro ganho na edição de Quarto de despejo. Vale dizer que Casa de alvenaria não recebeu os acenos tanto de público, quanto de mídia e, ainda, do meio acadêmico como uma grande promessa empreendida por Carolina. Assim, tanto a autora como os livros publicados após seu *best-seller* Quarto de despejo, foram fadados ao esquecimento.

apanhar os lixos, mantinha o desejo de um dia mudar o curso da história, separava esse lixo e o trocava por gêneros alimentícios em uma época que não se falava, de maneira mais amiúde, em reciclagem. Resgatou e preservou seu instinto primeiro de escriturar e inventariar o que é e seria da ordem do não inventariável: a vida infame dos homens comuns. E se sua *escrita de si* abespinha-se, é também porque desestabiliza o posto, esfolia regras, funda um novo campo discursivo e, intenta falar da vida cotidiana, com todas as suas singularidades, com toda a precariedade e inalterabilidade dos dias em que vida privada e pública entrelaçam-se no quarto de despejo (espaço privado, o quarto de Carolina), mas contracenam aos olhos de todos os favelados, no meio da favela (no quarto de despejo, espaço público), no centro paupérrimo do descaso, lá onde jorram todas as estórias e escórias da cidade, quiçá do país.

CAPÍTULO III

PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

3- Processos de subjetivação: o prenúncio de uma subjetividade

Os critérios para a escolha dos dois diários como *corpus* desta tese se devem, entre outros aspectos, por apresentar uma singularidade ligada a fatores de uma exterioridade que engendraram discursos diversos. QD fora um sucesso editorial da época e evidencia o dia-a-dia dos favelados, já DB, inversamente, é um relato que a par de contar os testemunhos do sujeito-personagem, também evidencia um dizer que passou pelo crivo da correção ortográfica como é comum ocorrer com autores de renome quando se lançam na empreitada de editar um livro. Trata-se de uma tradução já que o livro fora lançado primeiro na França e editado, postumamente, por uma jornalista francesa.

Fomos movidos a constituir o *corpus* de análise, pensando nas singularidades ora expostas: um livro (QD) que não passou por uma revisão, deixando nos rastros do dito, as especificidades de uma autora que, apesar da baixa escolaridade, conseguiu muito em termos de letramento; razão pela qual insistimos na acepção discursividade rasurada, *uma escrita por sobre*, isto é, uma escrita que volta sobre si mesma e tenta intuitivamente reescrever o dito⁵⁷. E fomos incitados, ainda pelo outro texto (DB), que recebera a correção devida quando se pensa na possível publicação de um livro. Cumpre-nos ressaltar que, nos deteremos sobretudo em QD por apresentar uma linguagem que conserva os traços primeiros do que estamos concebendo como marcas de uma possível autoria, desvelando esta discursividade que intitulamos de rasurada.

Por outras palavras, cogitamos enquanto uma das hipóteses de investigação deste trabalho que os diários QD e DB evidencia, por intermédio de muitos dos enunciados recolhidos para a composição do *corpus* desta tese, um processo de (des)identificação do sujeito discursivo, que não se aproxima da *sala de estar* (a cidade, os habitantes ricos desta cidade) e toma para si, a exemplo do que ocorrera com outras posições do sujeito, o espaço deslocado do *quarto de despejo*; consubstanciando, assim, o que Foucault (2008) dissera a respeito da dispersão dos sujeitos no espaço instável do discurso:

⁵⁷ - Esta discursividade rasurada será pauta em outros momentos deste trabalho.

No discurso buscaremos antes um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade. O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo (FOUCAULT, 2008, p.61).

Desse modo, pensando no discurso – enquanto campo de regularidades e espaço para dispersão dos sujeitos – diligenciamos, nesta ocasião, a descrição dessa regularidade e a apreensão da dispersão dos sujeitos em relação a si e no tocante a outrem. Há em QD e DB um posicionamento do sujeito que delibera escrever sobre si (uma existência andarilha) na tentativa de se organizar e organizar a outrem, no caso de QD, os outros moradores da favela. Poderíamos, ainda, afirmar que há na discursividade literária em QD e DB um posicionamento do sujeito sensibilizado pela situação escatológica do quarto de despejo, afetado, ainda, pelo viver do morador da favela, pela condição dos negros no Brasil (como em DB); igualmente sensibilizado pelo anseio de, a par de evidenciar a voz dos excluídos, denunciar estes mesmos favelados. Portanto, haveria um conflito entre algumas posições-sujeito, ora solidária à causa dos pobres, ora delator das faltas destes mesmos, ora confidente de uma voz dos excluídos, ora irritado com os humilhados.

Na tentativa de analisar os processos de subjetivação a partir de uma objetivação de uma escrita rasurada de *si* e de *outrem*, observamos diversas posições do sujeito. Em uma dessas posições, conforme se evidencia neste trabalho, é aquela que cunha uma fabulação que, ao retratar as agruras dos favelados, é capaz de borrar em sua escritura, por meio de sua escrita, um lugar possível, um lugar social, uma formação discursiva que (re)vela suas inscrições sociais, políticas, religiosas, estético-retóricas singulares.

Se quisermos, ainda, poderíamos recorrer para além do termo subjetivação, às relações de poder e, ainda, de saber, nas acepções foucaultianas, que permeiam a constituição dos sujeitos, por intermédio dessas referidas relações de poder. Relações tais que cerceiam, circunscrevem e reescrevem o sujeito, a partir de dadas condições sociais de produção de sentido(s), sujeito(s) e discurso(s). Ou ainda, se o escolhermos, mais propriamente, tentaremos evidenciar como os sujeitos se constituem sujeitos via relações de poder.

Dessa forma, em uma das possíveis constituições de sujeitos e/ou posições plurais, encontra-se a emergência de um sujeito que ao se constituir também o faz no movimento, na instabilidade, a partir de uma exterioridade, sendo esta, a história, o lugar social, cultural, as concepções estilístico-retóricas do que lhe fora dado, ensinado e compreendido enquanto efeitos estilísticos. Por intermédio da memória discursiva, este sujeito esquadrinha uma especificidade de sua produção discursiva em constante relação dialógica com a exterioridade.

Esta exterioridade é entendida não somente como o espaço físico, quarto de despejo, mas entendendo-se/tomando-se, aqui, o social, o histórico que serve de figuração não só para seu objeto literário, mas, frequentemente, dita-lhe o tom, (re)velando-nos, esboçando-nos um retrato de mulher, de sujeito favelado, de sujeito escritor, de sujeito delator e de sujeito apaziguador das brigas entre os moradores da favela; enfim, desenha-nos as diversas posições do sujeito chamuscado pelas relações de poder e saber que constituem o sujeito em sujeito a ou de.

Insistimos que o termo subjetivação designa para Foucault, um processo pelo qual se impetra a constituição de um sujeito, ou, mais precisamente, de uma subjetividade. Os “modos de subjetivação” ou “processos de subjetivação” (como fora utilizado no título desta tese) do ser humano correspondem, na realidade, a dois tipos de análise: de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos – o que significa que há somente sujeitos objetivados e, que os modos de subjetivação, são, nesse sentido, práticas de objetivação; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência.

Foucault (2011d) ocupa-se, dentre outras formas de subjetivação, daquela correlacionada à escrita de si e, ainda, com a análise detalhada dos *hypomnemata*, como forma de constituição de si a partir de uma prática contínua de procedimento de ‘escrita de si’ e para ‘si’, isto é, uma subjetivação. O pensador francês também se dedicou a realizar um inventário sobre as práticas de si no período helenístico que eram utilizadas como tentativa daquele que a empreende para se libertar dos movimentos que atordoam a alma, ainda que, confiados por uma prática de experiência espiritual, como o retiro.

Por isso, ao arriscarmos na descrição de ‘um ensaio de si’ a partir de uma escrita rasurada, objetivávamos delinear a constituição de um sujeito, inscrito em um lugar institucional que lhe confere, atribui-lhe, em tese, o lugar onde obtém seu discurso e onde este encontra sua origem quase ilegítima para falar em nome dos moradores do quarto de despejo, a partir de um *status* – aquele que lhe conferira a possibilidade sazoadada de falar em nome dos desvalidos. Dizemos ilegítima porque diante dos próprios moradores da favela ela figuraria como a delatora, a favelada que fazia questão de se individualizar dos outros por seus atributos advindos com a escrita e com a leitura, e ainda com os seus supostos atributos físicos. Inversamente, para os moradores da sala de estar, não passaria de uma favelada que registrou o viver no quarto de despejo, via linguagem, salvo esta ou aquela exceção. Como favelada e/ou como um dos moradores do quarto de despejo, estaria atestada sua legitimidade: falar em nome daqueles que são seus iguais, embora o QD desvelará – pelas contradições

evidentes entre os diversos posicionamentos do sujeito do discurso – um posicionamento recorrente de um sujeito discursivo que se vale da diferença para registrar sua condição de escritora e possível porta-voz dos infames e, assim, anunciar as misérias existentes no quarto de despejo.

Há nos enunciados de QD um sujeito que, ao enunciar em primeira pessoa deixa à mostra a constituição de inúmeras posições-sujeito: aquela que em paradoxo, vale-se de passagens do discurso de uma exterioridade para em agonia abraçar o discurso interno: "Sou rebotalho. Estou no Quarto de despejo e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo" (QD, p.38).

Em muitos enunciados recolhidos, especialmente, em QD, uma das posições-sujeito acode-se deste embate entre exterioridade e interioridade para trazer à mostra (na materialidade linguística) as suas diversas inscrições/circunscrições; ora é alguém que protege o lar e recorre às mazelas do favelado para enunciar, ora é uma delatora que se vale do poder da escrita para tentar repreender estes mesmos favelados, ora é um sujeito apaziguador. Estamos tomando a interioridade como a constituição histórica, política, ideológica do sujeito discursivo. Vejamos os enunciados:

(7) Quando cheguei em casa encontrei D. Francisca brigando com o meu filho João José. Uma mulher de quarenta anos discutindo com uma criança de seis anos. Puis o menino para dentro e fechei o portão. Ela continuou falando. Para fazer ela calar é preciso lhe dizer:

_ Cala a bôca tuberculosa!

Não gosto de aludir os males físicos porque ninguém tem culpa de adquirir molestias contagiosas. Mas quando a gente percebe que não pode tolerar a impricancia do analfabeto, apela para as enfermidades (QD, p.27-28).

(8)... O Adalberto errou o quarto. Em vez de entrar no dele entrou no quartinho da Aparecida. E os favelados queriam retirá-lo de lá, porque se o Negrão chegasse havia de espancá-lo. Eu fui retirá-lo de lá porque êle me obedece. Resolveu sair (QD, p.160).

Os enunciados expostos apontam para a inscrição de um sujeito que acena para uma enfermidade para sobrelevar seus argumentos contra os outros favelados, ao expressar que, quando não há como debater com pessoas sem escolaridade, acaba apelando para alguma moléstia. Este posicionamento do sujeito desvela sua inscrição em outro lugar social – o de escritora e, neste lugar, reconhece-se em situação de superioridade em relação aos outros favelados.

Nos enunciados de QD, há também um posicionamento do sujeito que, valendo-se das coisas que lhe parecem favoráveis e desfavoráveis, separa e classifica as coisas em sujas x limpas; úteis x inúteis; pertencentes ao quarto de despejo x originários de uma sala de estar. Assim, este sujeito, em uma dada posição e, a partir de uma dada formação discursiva, parece

enunciar e demonstrar que, ao escrever/guardar os dias, inscreve-se ‘a si’ e aos outros, em um compromisso que beira a uma prática social, comprometida em reconstruir as imagens da realidade e filtrá-las com a recursividade da lembrança e/ou daquilo que se recorta como digno de nota. Na interioridade, esta posição-sujeito, em raros instantes, reconhece-se como lixo ainda que seja capaz de catar palavras (escrever).

Desfilam, aos olhos do sujeito-leitor, inúmeras cenas colhidas na tentativa de emoldurar o exterior e narrá-lo. É assim que a favela, sendo o quarto de despejo de São Paulo, vai sendo esboçada em todos os seus matizes:

(9) **20 de julho** Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou a despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e sarpei. (...) Fui no Arnaldo buscar o leite e o pão. Quando retornei encontrei o senhor Ismael com uma faca de 30 centímetros mais ou menos. Disse-me que estava a espera do Binidito e do Miguel para matá-los, que eles lhe expancaram quando êle estava embriagado(QD, p.22).

Os enunciados abaixo (10) a (15) apontam, de maneira geral, para um sujeito discursivo que desvela a partir de uma escrita autobiográfica a evidente preocupação com o seu desejo de alçar a possibilidade de ser denominada escritora que precisa estar livre, que precisa estar atenta à palavra.

(10)A minha porta atualmente é teatro. Todas crianças jogam pedras, mas os meus filhos são os bodes expiatórios. Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade.

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar (QD, p.17).

(11) Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente. Os que preferiu-me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis (QD, p.18).

(12)Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo (QD, p.24).

(13) Olhou as crianças ao meu redor e perguntou:

_Estes filhos são seus?

Olhei as crianças. Meu, era apenas dois. Mas como todas eram da mesma côr, afirmei que sim.

_ Seu marido onde trabalha?

_ Não tenho marido, e nem quero! (QD, p.24-25)

(14)Eu gosto da noite só para contemplar as estrelas sintilantes, ler e escrever. Durante a noite há mais silencio. (QD, 1960, p.37)⁵⁸

⁵⁸ - Não é demais acrescentar que todas as citações seguem à risca a edição pesquisada. Em outro momento encontramos neste mesmo texto, nesta mesma obra o vocábulo “sintilante” registrado com outra grafia, desta feita, “cintilante”: “A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul” (QD, 1960, p.44). Dalcastagné (2007) anunciara sobre a evidente preocupação de autores ditos “normais” (entenda-se aqui, portadores de uma

(15)O senhor Manuel apareceu dizendo que queria casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro (QD, 1960, p.50).

É possível entrever, ainda, a partir desses enunciados – (10) ao (15) –, as singularidades de um sujeito discursivo que assume uma disposição de uma constituição de um sujeito à frente de um tempo, de uma dada condição sócio-histórica-econômica e, culturalmente, delegada às mulheres. Contrariamente a essas imposições, esse sujeito pensava para além das delegações sobre as singularidades necessárias a um sujeito em posição de autoria que na ordem do devir (do vir a ser, do tornar-se) abriria mão de um casamento, de um trabalho fixo, para ser e ter oportunizado uma atividade de escritora que não coadunaria (conforme às circunscrições históricas e culturais da época) com o fato de ser mulher e, sobretudo, casada.

Nos enunciados elencados (10) e (15), há uma posição-sujeito que reafirma a vantagem de ser uma mulher sem a presença de uma figura masculina, já que aquelas que o tem, parecem ser mais infelizes. Esta posição-sujeito ainda demonstra que, ao cuidar sozinha dos filhos o faz com mais dignidade que outras mulheres faveladas, que são obrigadas a sustentarem os filhos com a ajuda de outras instituições; entre elas, a igreja. Esta posição-sujeito também destaca que preferiu viver só a aceitar imposições de um homem. O sujeito que insurge desses enunciados inscreve-se no lugar de quem possui plena convicção que não precisa se casar para sustentar os filhos e que delibera não se casar a ter que sujeitar a um casamento não escolhido, de fato.

Em suma, poderíamos dizer que esta posição-sujeito delibera escrever *sobre si*. Em incontáveis momentos, ela relata este desejo de estar só e se põe a confidenciar a sua verdade ou a sua *vontade de verdade*. Em razão disso, não raras vezes, era flagrada com lápis e papel nas mãos pelos próprios moradores da favela – personagens de seu diário/confissão. O enunciado (15) é elucidativo quando o sujeito se inscreve como alguém que opta estar só para escrever. Assim, a escrita de Carolina, enquanto formas de subjetivação, institui uma *escrita de si* – nas acepções dada por Foucault (2009) – como prática social, política e cultural. Os enunciados anteriormente expostos apontam para esta necessidade da posição-sujeito de se exercitar na escrita.

dada cultura letrada) que ao editar seus livros, o fazem, após sucessivas revisões gramaticais. Esta é uma das questões apontadas por esta pesquisadora ao indagar sobre o fato dos textos de Carolina não receberem a atenção devida quando se editora um livro, quer seja, passar por uma revisão gramatical. Para além dessas questões, se deve ou não ser corrigido o texto, talvez o que nos interessa, nesta pesquisa, seja, o que esta linguagem ‘não corrigida’ anuncia em termos daquilo que estamos tomando por discursividade outra.

Desse modo, o sujeito em sua posição de autoria desvela em QD as singularidades de um sujeito inconcluso, sujeito às movimentações da exterioridade ou ainda apresenta vários posicionamentos. Vejamos os enunciados:

(16)Fui torcer as minhas roupas. A D. Aparecida perguntou-me:

_ A senhora está grávida?

_ Não senhora _ respondi gentilmente.

E lhe chinguei interiormente. Se estou grávida não é de sua conta. Tenho pavor destas mulheres da favela. Tudo quer saber! A língua delas é como os pés de galinha. Tudo espalha. Está circulando rumor que eu estou grávida! E eu, não sabia! (QD, p.15).

(17) _ Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos (QD, p.21).

(18) É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com êsse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém (QD, p.28).

(19)...Os favelados todos os anos fazem fogueiras. Mas em vez de arranjar lenha rouba uns aos outros. Entram nos quintais e carregam as madeiras de outros favelados. (...) Eu tinha um caibro, eles levaram para queimar. Não sei porque é que os favelados são tão nocivos (QD, p.71).

O enunciado (16) aponta para a constituição de uma posição-sujeito que se vale da relação de poder frente aos outros favelados, já que se recorre à possibilidade da escrita, do poder da escrita para ameaçar delatar os outros favelados que, por esta ou aquela razão, quase sempre por ações de brigas oferecem os argumentos para o relato sobre a favela. É apresentado um posicionamento do sujeito que vislumbra na escrita a possibilidade de ascensão social, isto é, intenta afastar-se da favela e conquistar uma casa de alvenaria e retirar-se da condição de catadora de lixo para a de escritora de renome.

No enunciado (17), evidencia-se a posição de um sujeito que não se reconhece favelado, já que ao falar sobre o caráter dos favelados, parece fazê-lo de outro lugar – denegando a própria constituição/atribuição ‘favelado’. Este sujeito discursivo institui uma posição diferenciada em relação aos outros favelados. Esse sujeito do discurso vale-se desta posição de superioridade para justificar seu posicionamento em relação aos outros moradores da favela. Os outros são sempre ‘nocivos’, ‘bestas feras’, ‘incultos’, ‘baderneiros’, ‘ladrões’, ‘beberões’, intolerantes com as crianças, dentre outras predicções nesta mesma direção de depreciação.

Poderíamos dizer ainda que, no decorrer de QD a despeito do sujeito discursivo intentar representar aquele que viria por fim às desavenças no quarto de despejo (a favela) é e

será sempre aquela posição que não se reconhece como um deles (dos favelados) ao revés faz questão de salientar sua diferença em relação aos outros.

Nesse sentido, o sujeito que insurge dos enunciados expostos parece vislumbrar na escrita uma possível prática de salvação. É importante evidenciar que o vocábulo salvação não é tomado aqui na acepção estabelecida pelo cristianismo, mas seguramente o que era aferido pelos gregos no período I e II a.C, a saber: o sujeito deve ocupar-se de si e este exercício cumprido por, desde sempre, confere ao sujeito a possibilidade de tendo cuidado de sua vida, poderá ao cabo dela, salvar-se das admoestações exteriores, dos tormentos que afligem a alma, dos pensamentos ruins e não como forma de alçar aos céus (salvar-se dos pecados, como no cristianismo).

A escrita, no caso, o que estamos tomando enquanto *escrita de si*, a partir dos estudos de Foucault (2009), funcionaria como forma de resistência aos efeitos de poder; como transgressão do sujeito em relação a sua própria condição e, ainda, como uma forma de o sujeito discursivo operar seu “poder” em relação aos demais sujeitos da favela como em: “Não sei porque os favelados são tão nocivos.” “Vocês são incultas”, não pode compreender.” Neste caso, ao operar o seu poder em relação aos outros sujeitos moradores da favela o sujeito discursivo vale-se de seu ‘saber’ (o da escrita e da leitura) como veículo para externar a diferença marcada em relação as outras moradoras. O sujeito discursivo escritor (sapiente) a outras faveladas (incultas). Talvez seja este um dos posicionamentos evidentes em QD, o uso da linguagem, enquanto meio para denunciar às condições subumanas dos moradores do quarto de despejo, a revolta da população, sobretudo, a revolta da posição-sujeito que intenta denunciar a péssima administração pública, as desigualdades sociais e, especialmente, as lambanças dos moradores da favela.

Uma das posições-sujeito apreensíveis nos enunciados de QD aponta para a constituição de um sujeito que sabe de cor as agruras dos que vivem à margem, lançados aos quartos de despejo, às favelas. Esta posição-sujeito sabe que o viver do favelado é negro, duro, árduo. Deveríamos dizer que as posições do sujeito divisadas, a partir dos enunciados recolhidos e elegidos para a constituição desta tese, parecem fugir à figura padrão, dita padrão de mulher branca, escolarizada e escritora. A voz de uma das posições-sujeito apreendida via materialidade linguística é contundente, pungente como a luta pela dura sobrevivência: “Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatríveis” (QD, p.49).

(20)Quando eu puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a côr negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia. (QD, p.44)

(21)...A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro. (QD, p.160)

Paradoxalmente, para não dizer quase que em um oxímoro, esta posição-sujeito tenta a despeito de enfrentar bravamente o real (entenda-se aqui o dia-a-dia sempre igual na luta de uma favelada para sustentar seus filhos) fugir à realidade circundante e, ambiciona, assim, adejar outros mundos e se lançar, por meio da escrita, em outro universo material e intelectual.

Ao descrevermos as posições do sujeito deveríamos igualmente esboçar a situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos, um certo estatuto: o sujeito é aquele que questiona, que observa, que se sujeita, que titubeia, que escapa aos efeitos do poder constituindo novas formas de resistência, e é, sobretudo, aquele que é disperso em relação a si mesmo, que se compadece da dor alheia e, ainda, da própria dor, mas, é, especialmente, aquele que, a despeito de intentar se constituir em sujeito porta-voz dos excluídos é aquele que também não se identifica com eles e que, não raras vezes, os acusa. É, justamente, nessa contradição, nem totalmente porta-voz, nem soberanamente delator que, se organiza o prenúncio de uma subjetividade.

3.1-Lugar social, invisibilidade social e discursividade não canônica

Carolina em meio ao infortúnio intenta encontrar na escrita em diários a necessidade premente de escriturar os dias comuns e alçar uma possível ascensão com o produto desta escrita, contrastando com um histórico secular anterior que, instituiu, majoritariamente, um “falar de si” vetado ao público feminino, já que inúmeras mulheres quando escreviam, quando eram dadas à escrita tinham que o fazer sob as penas/sob as vestes de um pseudônimo masculino.

Esta pesquisa tem o desejo de se inscrever como um espaço possível para uma análise discursiva que apresenta um lugar para problematizar o que aqui estamos denominando por discursividade literária em Carolina Maria de Jesus. Assim, poderíamos dizer, por ora, que Carolina Maria de Jesus singulariza a possibilidade de uma voz oriunda das minorias: uma mulher negra, pobre, mãe solteira, catadora de lixo, favelada, semialfabetizada e a despeito de todas essas **marginalidades**, autora de diários.

Devemos ilustrar que é manifesto este desejo do sujeito em posição autoria de se valer do processo da escrita como uma forma de inserção em outro meio social. O enunciado abaixo circunscreve-o. Vejamos:

É que estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com êsse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. (QD, p.29)

O sujeito que emerge desse enunciado inscreve-se no lugar de quem possui o legítimo anseio de ascender socialmente por meio da escrita, consolidando, assim, a fuga do quarto de despejo para a intitulada sala de estar, por meio de uma porta entreaberta que seria a escrita (enquanto materialização dos sonhos de ser escritora). Haveria, então, uma posição-sujeito que entremostra e/ou aponta para uma mulher que escreve, que conspira, que acredita, que deposita fichas na palavra; mais ainda, que vislumbra, na escrita, uma esperada redenção, uma porta entreaberta para a realização material de seus sonhos: ter as condições básicas que todo ser humano precisa para viver, um lar decente, comida farta, sustentar seus filhos, poder dormir bem e trabalhar dignamente.

O vocábulo **marginalidades** encontra-se negrito na tentativa de aguilhoar sentidos outros para além da margem, da dita e esperada centralidade. Para recorrermos aqui a um trocadilho, a antiga favela do Canindé onde Carolina Maria de Jesus morava, estaria nas proximidades de onde hoje fica a Marginal do Rio Tietê. Carolina saiu da margem e pôde, ainda que de maneira passageira contemplar a outra margem: o sucesso, o breve sucesso de uma escritora que teve sua obra, no presente caso, QD, como um dos grandes sucessos editoriais de nosso país.

Por outras palavras, deveríamos dizer que todas as pessoas colocadas à margem podem escrever, conquanto não possam, por esta ou aquela razão, darem a conhecer o produto de sua escrita. Já que nem todas, aliás, uma restrita parcela pode levar a cabo o resultado dessa escrita, via editoração, via cuidado com a organização do texto, via oportunidade de serem conhecidas pelo público.

É sugestivo o fato de que em uma época (final da década de 1950 e princípio de 1960), esta favelada e catadora de lixo opte e entreveja na escrita a possibilidade material de um sonho que ainda hoje não se faz facilmente possível concretizar: a publicação de livros neste país onde, para além das indagações que possam ser feitas no tocante às políticas editoriais, há ainda o “silenciamento” para não dizer, certa “suspensão” sobre quem e a quê pode ser dado voz, conferir estatuto de literatura, já apresentado nesta pesquisa.

Nesse sentido, cumpre-nos analisar a constituição de sujeitos, o que estamos denominando, aqui, com o apoio de Foucault (2007; 2008; 2009; 2011a; 2011b; 2011c; 2011d; 2011e) como analisar os processos de subjetivação (ou seja, como os sujeitos se constituem) nas fissuras dos cadernos encardidos. Por que nas fissuras? O que isso quer dizer? Isso tem alguma relação com a discursividade literária? O que a torna não canônica? O que em sua produção a desvia do cânone? Como o cânone é estabelecido? Essas questões configurarão em nosso fio condutor, como um leme a conduzir o navio, não raras vezes, quando ficarmos tentados assim como Ulisses a empreender outros percursos diversos daquele estabelecido *a priori*. Neste caso, a AD e, ainda, a nossa base teórica foucaultiana, em muitos momentos, nos fazem retornar ao *corpus* elegido e realizarmos questionamentos vários e de novo desvelar o que tenha nos instigado a constituir-nos sujeitos-pesquisadores em AD, de base eminentemente francesa.

Tal como Foucault é sempre enriquecedor colocar as próprias bases, sob suspeitas e ponderações, pois que elas crescem e fazem-nos construir ou tentar buscar as limitações e configurações de um ou tantos bastidores de nosso bordado.

Ainda conforme Dalcastagnè:

Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque a definição de “literatura” exclui suas formas de expressão. Ou seja, a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros (DALCASTAGNÉ, 2009, p.04).

Nesse caso, os diários eleitos aqui como *corpus*, escapam ao protótipo de literatura vigente na época, justamente por suas singularidades socioeconômicas, políticas e ideológicas, e também pelo desvio da norma linguística empregada. Se pensarmos nas condições de produção – enquanto condições políticas, econômicas, históricas, ideológicas e sociais – que gestaram as singularidades na produção editorial de QD, poderíamos lembrar que Carolina Maria de Jesus, enquanto sujeito empírico, é favelada, não tem *um teto todo seu*⁵⁹ (quer seja, uma possível estabilidade financeira para viver do ofício de ser escritora); enfim, ela é favelada, catadora de lixo, negra, semiescolarizada. Talvez nesse sentido, ela fugiria ao cânone literário, já que para ter acesso a ele, dentre outros requisitos faz-se inegável

⁵⁹ - Em outro e diverso momento histórico Virgínia Woolf afirmaria em um de seus livros de título homônimo que para a mulher viver de sua escrita deveria ter, necessariamente, *um teto todo seu*. Compreendendo por teto – uma condição financeira razoável que assegurasse, a uma dada escritora, sua sobrevivência – só assim ela poderia se lançar na empreitada/no ofício de ser escritora quando tivesse resguardadas suas condições financeiras.

o fato de ser pertencente a uma camada mais abastada da sociedade e possuir, dentre outras especificações, uma cultura letrada. Nem um e outro são seus atributos.

Se o seu texto, os seus diários, por um lado, não se encaixam, isto é, não representam um gosto estético e não se adaptam ao uso padrão da língua exibem, por outro e talvez, seja aí que esteja a constituição de outra discursividade possível, aquela que ao falar sobre o quarto de despejo o faz por meio de uma linguagem que é ela própria também destituída de meios asseados⁶⁰ para isso, conquanto seja a única possível e aquela que coadunaria com a vida desafortunada daqueles que vivem sob os quartos de despejo.

A linguagem utilizada seria, assim, o resíduo, o restolho, o avesso, a falta, a rasura. Sob este aspecto, o da escassez, inscreve-se uma discursividade que anuncia sob outro viés, a vida dos moradores do quarto de despejo, por meio dos diários íntimos de uma favelada que os leitores do Brasil e de parte do mundo, quisessem abrir e ver o que haveria. Talvez seja por este aspecto – o da escassez – que estaria a força de uma discursividade rasurada. Essa discursividade é forte/marcante porque é, especialmente, rasurada.

Desse modo, temos uma discursividade outra que, por não representar o modelo, instaura por suas especificidades um viés outro, o de alguém que faz, via escrita, o ‘inventário de si’ e também de outros favelados. Destarte, é para além das especificações do texto: 1) se escrito em conformidade com a norma padrão; 2) se há efeitos estilísticos; 3) se apresenta uma singularidade tal que o faz pertencer a este ou aquele momento literário que é negado à Carolina Maria de Jesus o acesso ao cânone, embora estas particularizações também tenham sido utilizadas enquanto expedientes para negar-lhe o direito a ele. Assim, sua possível exclusão se faz, *a priori*, por sua inscrição em um lugar social, que interdita quem pode ou não ser alçado à ordem do cânone. As especificações do texto seriam e foram avaliadas, embora não fossem os únicos requisitos julgados. Os textos de Carolina Maria de Jesus também não se encaixariam nas determinações de um modelo institucionalizado na época. Vejamos o enunciado abaixo:

(1) Quando cheguei no ponto de onibus encontrei com o Toninho da Dona Adelaide. Ele trabalha na Livraria Saraiva. Disse-lhe:

— Pois é, Toninho, os editores do Brasil não imprime o que escrevo porque sou pobre e não tenho dinheiro para pagar. Por isso eu vou enviar o meu livro para os Estados Unidos. Ele deu-me varios endereços de editoras que eu devia procurar (QD, p.128).

⁶⁰- Não há no uso do vocábulo nenhuma conotação depreciativa, apenas nos valemos dele com o intuito de realizar uma alusão à metáfora do lixo, ao termo encardido e, ainda, ao quarto de despejo. Dizemos que não é asseada na medida em que não se vale do uso formal da língua.

Em uma das posições do sujeito, apreensíveis nos enunciados, há o desejo de ocupar outro lugar: o de escritora, ser aceita e reconhecida. Em alguns enunciados, observamos que este posicionamento do sujeito aponta para o não desejo de almejar vestir as roupas de sua(s) patroa(s)⁶¹, quer, tão somente, dar voz, dar estatuto ao seu ato de fala, escrever/se inscrever em outro espaço, já de antemão interditado para as minorias raciais, culturais e sexuais deste país. Para essa posição-sujeito, talvez escrever fosse a condição *sine qua non* para a sua efetiva participação em outro mundo, em outro meio, sua inserção em outra camada social.

Nos enunciados supracitados e, ainda, no que segue elencado (2) há um posicionamento do sujeito que vislumbra na escrita uma porta entreaberta para outros lugares mais amenos, embora, não raras vezes, também intua que o fato de ser negra também lhe exclui a possibilidade de publicar seus escritos. Vejamos:

(2)...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:
_ É uma pena você ser preta (QD, p.65).

No enunciado acima, há um posicionamento do sujeito que, a partir de uma dada formação discursiva, desvela uma inscrição outra (dos diretores de circos) repleta de preconceito sobre o produto oriundo das mãos de uma escritora negra, marcada/singularizada na expressão é “uma pena você ser preta”. Que pena a pena/o trabalho vir de mãos negras.

A posição-sujeito, a partir dos enunciados abaixo elencados, deixa ver que o ofício de ser escritora não é visto com bons olhos, aliás, é mal visto ou entrevisto com restrição. Esta posição histórica aparece tatuada na voz de uma personagem que esboça: ‘_ A senhora vai cuidar de sua vida!’(QD, p.103). Esta é a posição de um sujeito inscrito em uma disposição histórica, social, econômica em que parece deixar evidente que escrever não há de dar em nada, não há de ser boa coisa, traduzida pela expressão “_A senhora vai cuidar de sua vida”. (QD, p.103)

1 de agosto ... A Assistencia estava chegando. Vinha examinar o Português que vende doces. Dia 28 de julho eu fui visita-lo. (...) Quando cheguei na favela fui visita-lo. Ele estava gemendo e tinha duas senhoras portuguesas que lhe visitava. Perguntei-lhe se estava melhor. Disse-me que não. A portuguesa perguntou-me:
_ O que é que a senhora faz?
_ Eu cato papel, ferro, e nas horas vagas escrevo.
Ela disse-me com a voz mais sensata que já ouvi até hoje:
_ A senhora vai cuidar de sua vida! (QD, p.102-103)

⁶¹ - Se tornar como as patroas para as quais trabalhava. O sonho desse sujeito parece ser o de se tornar uma escritora reconhecida.

O sujeito que emerge desse enunciado “_ A senhora vai cuidar de sua vida!” inscreve-se no lugar de quem parece intuitivamente compreender que as determinações sociais, econômicas, históricas, políticas e ideológicas respaldam e circunscrevem que o ofício de ser escritor não há de ser boa coisa e não há de dar em algo, especialmente, se vier de mãos femininas e negras. A voz anunciada quase em *alter ego* como possivelmente ‘sensata’ (foi a voz mais sensata que já ouvi até hoje) é aquela que em coro, inscreve-se no lugar de um sujeito que aconselha ao outro a cuidar de sua vida e cuidar de sua vida é; entenda-se, aqui, abandonar o ofício da escrita e se lançar em outro trabalho. Este cuidar de sua vida poderia ser tomado ainda como uma discriminação social, já que o sujeito discursivo poderia ser considerado pelas portuguesas como uma pessoa inoportuna, uma intrusa. E uma intrusa também no mundo das letras, lugar ocupado tipicamente por uma maioria masculina e altamente escolarizada.

Não tem esta tese o desejo de contemplar, espaçadamente, a questão do gênero, expediente este que demandaria outra proposta de projeto de pesquisa e, conseqüentemente, outra tese com os mesmos e talvez outros mais ingredientes acurados para esquadrihar outro bastidor, desta feita, sob a acepção de gênero. Anunciamos que, ao resvalar ainda que de maneira incipiente, nessa questão, só ambicionávamos ter dito que a autoria na materialidade discursiva caroliniana trata-se de algo singular em todas as acepções.

Parte significativa da fortuna crítica da autora coteja os seus instantes de visibilidade e invisibilidade. Aqueles são representados pelo QD e todo o arsenal editorial lançado antes e após seu único sucesso, já estes parecem ser praticamente todos os dias subsequentes – quando então passado o *boom* editorial de QD, a referida autora se recolhe em um Sítio em Parelheiro (interior de São Paulo) onde passa a rememorar o passado.

Ao realizar um contraponto entre visibilidade e invisibilidade social, poderíamos acrescentar que, em relação aos moradores da favela – irmãos de penado de uma favelada – Carolina Maria de Jesus também se fazia invisível e, não raras vezes, odiada (quando ameaçava pontuar os gestos infames dos favelados). Invisível pelos intelectuais de uma época, invisível, ainda, para uma academia e, especialmente, invisível para um momento subsequente ao lançamento de QD. Carolina Maria de Jesus – afoita para ser apreciada como literata no mundo dos brancos e intelectuais – acabou sendo exilada e antipatizada, especialmente, pelos vizinhos e moradores da favela. Carolina, escritora de natureza inconformada, apresentou sua discursividade literária como uma espécie de verborragia espargida de maneira a sobrepujar a dor e a loucura que aquele ambiente tão adverso (de constrição, de carência, de falta, de lamento, de humilhação) lhe ajustava. Visibilidade e invisibilidade para além de constituir em

um par indicativo da aceitação/'não-aceitação' de uma discursividade rasurada em Carolina deixa à mostra que o sonho de inserção de um sujeito-autor só fora possível por um sazornado momento, restando, portanto, como uma situação plausível na ordem do devir.

3.2- A posição-sujeito menina errante em DB

Neste momento, talvez fosse oportuno trazer à baila alguns enunciados recolhidos em DB para suscitar a possível constituição de sujeitos, especialmente, o de sujeito menina errante que junto com a mãe e o avô, sai da zona urbana e retorna ao campo e, de novo (ciclicamente), sai do campo e volta à cidade em busca de melhores condições de vida. Trata-se, para recorremos aos postulados foucaultianos, de uma subjetivação do sujeito via 'escrita de si' que, ao pontuar o cuidado de si, a relação com o outro e o governo de si e ainda de outrem assinala a constituição de um sujeito menina, inconformada, rebelde, traquina e desejosa por ser de outro gênero. Posteriormente, um sujeito adulto, mãe, dona de casa, preocupada com a situação dos negros no Brasil.

Os enunciados abaixo apontam para um sujeito menina que, desde sempre, mostrava-se desassossegada, inquietadora e talvez, por essas razões, estaria parcialmente atestada sua poeticidade descoberta ainda na infância. Um sujeito menina que encontraria na escrita a possibilidade de constituir-se e relacionar-se consigo e com os outros via escrita e relato de si.

(1)Minhas idéias variavam de minuto a minuto, iguais às nuvens no espaço que formam belíssimos cenários, porque se o céu fosse sempre azul não seria gracioso. (DB, p.10)

(2) Quando eu ia buscar lenha com minha mãe, avistava o céu no mesmo formato.

No mato eu vi um homem cortar uma árvore. Fiquei com inveja e decidi ser homem para ter força. Fui procurar minha mãe e supliquei-lhe:

_ Mamãe... eu quero virar homem. Não gosto de ser mulher! Vamos, mamãe! Faça eu virar homem!(DB, p.11)

(3) Eu era insuportável. Quando queria alguma coisa era capaz de chorar dia e noite até consegui-la. Eu era persistente em todos os caprichos. Pensava que o importante é conseguir o que desejamos. (DB, p.14)

(4) _ Que negrinha feia! Além de feia, antipática. Se ela fosse minha filha eu a mataria.

Minha mãe me olhava e dizia:

_ Mãe não mata o filho. O que a mãe precisa ter é um estoque de paciência. O senhor Eurípedes Barsanulfo disse-me que ela é poetisa!

No enunciado (1) há o posicionamento de um sujeito ao afirmar que a poeticidade habita na inconstância do espetáculo da natureza como em: “o céu fosse sempre azul não seria tão gracioso”. A beleza reside, pois, na mutabilidade. No enunciado (2), há a inscrição de uma posição-sujeito que alude ao fato de desejar ser homem para se inscrever em outro lugar: o daqueles que possuem força. O sujeito insurge como aquele que denega sua condição de mulher e passa ambicionar outro lugar sócio-histórico e cultural instituído por outra inscrição: a de ser homem. Nos enunciados (3) e (4), há um posicionamento do sujeito que desvela sua insistência desde criança para conseguir seus intentos. Este sujeito discursivo alude ao fato de, concomitantemente, com o desejo de se lutar pelas coisas desejadas (um certo voluntarismo), há um preceito quase divino e atestado por uma inscrição científica e religiosa autorizada pelos dizeres de um médico espírita Eurípedes Barsanulfo de que seria poetisa.

Em outro capítulo de DB, todos eles divididos em tópicos quase autoexplicativos e nomeados por trazerem esta ou aquela informação ao leitor (sujeito-confesso) do sujeito em posição de autoria, tem-se a enumeração de razões para que, de fato, seja revista a situação dos negros no Brasil. Em muitos desses enunciados, há uma voz do sujeito-personagem avô deslindando o rosário dos negros – remanescentes do regime escravocrata:

(5) _ Deus que ajude os homens do Brasil! E chorava, dizendo: _ O homem que nasce escravo, nasce chorando, vive chorando e morre chorando. Quando eles nos expulsaram das fazendas, nós não tínhamos um teto decente; se nos encostávamos num canto, aquele local tinha dono e os meirinhos nos enxotavam. (DB, p.68)

Uma das posições do sujeito identificáveis em DB refere-se a seu posicionamento diante das condições dos negros no Brasil. Evidencia os resquícios da escravidão assinalados não só na história da sujeição no Brasil como entremostra na alma cicatrizada do negro, a vontade premente de ser, estar e ter guarida certa. Os enunciados anteriormente elencados são recorrências que cunham essa inscrição em um dado lugar social, econômico e, ainda, político. A posição-sujeito diz de onde enuncia, de quais inscrições lhe foram circunscritas na pele e também na alma.

Em diversos enunciados recortados em DB, observamos, por intermédio de uma *escrita de si*, as vivências e trajetórias que se ficcionalizam e se convertem em narrativas chamuscadas de dor e de fios e retalhos de escassas alegrias, ainda que as experiências do sujeito personagem sejam, efetivamente, marcadas de tristeza e sofrimento, sempre às voltas com a errância dos pais e também de si.

DB se configura na *escrita de si*, borrada de fios de memória e também de invenção, uma vez que recordar é também trazer à tona aquilo que fora encharcado, uma vez primeira, pelo coração. É, em razão disso que, pelos enunciados utilizados para análise, assistimos aos

desfechos trágicos e cíclicos dos familiares da personagem principal que saem da cidade, migram para o campo em busca de melhores condições de vida e, novamente, retornam à cidade – ainda mais pobres do que eram quando decidem ir para o campo.

(6)Minha mãe me dizia que o protesto ainda não estava ao dispor dos pretos. Chorei. (DB, p.165)

(7)Trabalhamos quatro anos na fazenda. Depois o fazendeiro nos expulsou de suas terras. (DB, p.166)

(8)Chorei com dó de deixar nossa casinha, as verduras, os pés de jiló. O senhor Olímpio Rodrigues de Araújo era o único homem que sabia ler. Oferecemos a um motorista nossos porcos e as aves, e ele nos levou de volta para Sacramento (DB, p.167)

(9) Nós entramos pobres na fazenda, e saímos mais pobres ainda. Carpimos doze mil pés de café, e o colhemos também, e não recebemos nada. Que crueldade! Tirar-nos da nossa casa, espoliar-nos, e abandonar-nos sem um tostão. (DB, p.173)

O sujeito que emerge dos enunciados (6) ao (9) se inscreve no lugar de quem sabe que os pobres e negros são e serão sempre espoliados, abandonados e entregues à própria sorte.

Em outras palavras, DB é a trajetória de uma existência andarilha, o testemunho de si, ou ainda, o que estamos denominando aqui, de *escrita de si* por intermédio das postulações de Foucault (2009). Esta narrativa tem início com o relato de Carolina – enquanto posição-sujeito ocupando outros lugares como o de narrador e também personagem – deslindando o rosário de si, as suas agruras, as de sua família e as dos pobres e negros no Brasil. Tem como título do primeiro capítulo **Infância** e se encerra ou se entreabre com o capítulo denominado **Ser Cozinheira** que testemunha a felicidade do sujeito-narrador/personagem no tocante a sua ida para a cidade de São Paulo, descrita pelo sujeito em posição de narradora-personagem como o lugar próspero, o lugar ameno, o lugar outro onde, talvez, as misérias não fossem tão cortantes quanto as idas e vindas de uma cidade interiorana (Sacramento) para o campo e vice-versa. Vejamos:

(10)Até que enfim, eu ia conhecer a ínclita cidade de São Paulo! Eu trabalhava cantando, porque todas as pessoas que vão residir na capital do estado de São Paulo rejubilam-se como se fosse para o céu.

Quando cheguei à capital, gostei da cidade porque São Paulo é o eixo do Brasil. É a espinha dorsal do nosso país. Quantos políticos! Que cidade progressista. São Paulo deve ser o figurino para que este país se transforme num bom Brasil para os brasileiros.

Rezava agradecendo a Deus e pedindo-lhe proteção.

Quem sabe ia conseguir meios para comprar uma casinha e viver o resto de meus dias com tranquilidade.... (DB, p.250)

Não estamos tentando colocar função autor (que é um conceito na teoria discursiva) em justaposição aos termos narrador e personagem (categoria literária). Sabemos que são conceitos de duas áreas distintas: AD e Literatura e, referem-se a instâncias diferentes; contudo não dá para escapar em uma leitura geral (pelas próprias especificidades de um enunciado autobiográfico em que estas instâncias autor, narrador e personagem parecem, à primeira vista, intercambiáveis) desses termos se resvalarem. Portanto, importa tomar, nesta tese, a movimentação do sujeito ou do que estamos tomando aqui como posições-sujeito nas acepções foucaultianas.

Nos enunciados que seguem, há a tentativa de evidenciar a dor dos pobres e negros que são espoliados, vitimados e que vivem à margem da sociedade. Aliás, as agruras do sujeito menina e, posteriormente, mulher andarilha são descritas do início ao fim, na obra DB:

Já estava cansada de viver às margens da vida (DB, p.184).

As irmãs disseram que eu deveria lavar as roupas dos asilados.
Eu lavava a roupa das trinta pessoas que estavam asiladas. As pernas não saravam.
Cansei-me daquela vida; disse à irmã Augusta que queria voltar para a minha terra.
Não tinha um tratamento adequado.

Ela implorou:

_ Não vai! O mundo é um teatro de agruras (DB, p.185).

Anunciávamos em linhas anteriores que DB, a exemplo de QD, é um texto cíclico já que o final pode ser facilmente o princípio e o fim pode se constituir no início de tudo. Se observarmos que DB fora publicado após a morte de Carolina por uma jornalista francesa com o título original de *Journal de Bitita*, o último capítulo do DB traz a esperança verde do sujeito-personagem de se livrar das péssimas condições em que vivia, embora o leitor mais avisado ou aquele que lera QD identificaria que São Paulo para os moradores do quarto de despejo (a favela) fora apenas um entre tantos outros sonhos esquecidos nos caraminguás de um *quarto de despejo* qualquer. Os enunciados anteriormente apresentados apontam para este desejo de um dos posicionamentos do sujeito de apostar fichas na cidade nova que conhecera e viria residir.

CAPÍTULO IV

AUTORIA, ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA E EXCEDENTE DE VISÃO

4-Autoria: princípio de agrupamento de um discurso

O olho será destinado a ver e somente a ver; o ouvido somente a ouvir. O discurso terá realmente por tarefa dizer o que é, mas não será nada mais que o que diz.

(FOUCAULT, 2007, p.59)

É imperioso considerar nesta seção a autoria como “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 2011a, p.26). Este princípio de agrupamento do discurso não vale para todos os tipos de discurso, apenas e tão somente para aqueles em que a figura do autor se faz cogente, como os discursos jurídicos, literários, filosóficos e outros, a depender das características históricas; pois, se em um pretense momento a atribuição de uma dada autoria a um autor era desejável/exigida, como indicador de verdade, isso, na Idade Média para os discursos científicos, em outro, o autor só funciona para dar um nome a um teorema, em efeito, um exemplo, uma síndrome.

No caso dos discursos literários, conforme as pontuações de Foucault:

pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real (FOUCAULT, 2011a, p.27-28).

Retomando o escopo teórico desta tese (os estudos fundados em Foucault – 2008; 2009; 2011 a; 2011b; 2011c; 2011d; 2011e) este pensador definira a função autor como sendo: uma “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade”. [...] “E os textos, os livros, os discursos começaram efectivamente a ter autores (outros que não personagens míticas ou figuras sacralizadas e sacralizantes) na medida em que o autor se tornou passível de ser punido, isto é, na medida em que os discursos se tornaram transgressores” (FOUCAULT, 2009, p.46-47). É nesse

momento que o referido autor também acrescenta a noção de estatuto⁶²: não é qualquer discurso, não é qualquer texto que terá assegurado o direito a ter seu estatuto de autoria e, conseqüentemente, a possibilidade de aceitação ou punição, certamente alguns o terão, outros não. Acrescentando, poderíamos, afirmar que a possibilidade de transgressão é aferida apenas para alguns discursos e não para todos.

Valendo-nos dos estudos de Foucault, talvez fora esta a atitude cobrada em relação ao texto primeiro (Quarto de despejo) e ainda a todos os outros subsequentes publicados por Carolina Maria de Jesus. Em princípio, fora posta sob suspeição aquilo que escrevera: o dia-a-dia dos favelados, como se o fato desta autora ter escrito um diário não coadunasse com a sua condição de semiescolarizada. Foram exigidas de Carolina algumas prestações de conta, sobretudo, em relação ao texto escrito e referendado por um jornalista; ainda que este texto publicado fosse de caráter autobiográfico e desvelasse as mazelas desse sujeito-autor que intentou arrematar e alinhar os nós de uma coerência interna e externa de uma obra que evidencia as vivências reais dos favelados.

Carolina – a instância sujeito-autor – deu à inquietante linguagem da ficção suas unidades, já que mesmo um texto autobiográfico carrega, no exercício de anotar os dias, o recorte feito por esta ou aquela realidade, por este ou aquele acontecimento. Anotar os dias também é feito por um sujeito permeado por algumas especificidades. Se há recorte do real, há também, um real ficcionalizado onde o sujeito da escrita tenciona anotar, com uma ‘vontade de verdade’, os dias vividos.

Sobre o que elencou Foucault no tocante à vontade de verdade e à vontade de saber, deveríamos mencionar que, elas sob certo aspecto, arregimentam, cerceiam o discurso, especialmente, institucionalizando-o, tornando-o singularizado, “como se a própria palavra da lei não pudesse mais ser autorizada, em nossa sociedade, senão por um discurso de verdade” (FOUCAULT, 2011a, p.19).

Para além dos três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso, *a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade*, como assim proferira Foucault (2011a, p.19)⁶³, da função autoria fora cobrado este compromisso com a verdade; aliás, a vontade de verdade era a pauta dos diários de Carolina Maria de Jesus que, ora imiscuindo o sujeito-autor com a função narrador e, ainda, com a função personagem, tenta dar indícios que corroboram a veracidade de seu testemunho; um deles é dar a conhecer a autenticidade de seu

⁶² - Estatuto não é um conceito ganhado corpo nos postulados foucaultianos. Foucault acrescenta esta acepção aos textos que foram tomados como literário e/ou científicos quando tinha uma dada regularidade e atingiram um intitulado estatuto.

⁶³ - Grifos nossos.

testemunho por intermédio da carteira de identidade do sujeito empírico, o cidadão do mundo. Vale dizer que o compromisso com o lugar de verdade assumido por esse sujeito era o anseio daquele que escrevia, conquanto também fora uma cobrança imposta por uma exterioridade após publicação do diário:

(1) Nunca feri ninguém. Tenho muito senso! Não quero ter processos. O meu risgistro geral é 845.936 (QD, p.19).

Em inúmeras ocasiões o discurso dos desvalidos proferido por uma favelada semiescolarizada beira ao proibido, ao descabido, tem resquícios de um discurso insano. Cumprindo assim, ao menos, em tese, dois dos três processos de exclusão que atingem o discurso: a palavra proibida, a segregação da loucura. O sujeito que emerge do enunciado acima e de outros já ilustrados, nesta análise, aponta para o posicionamento de um sujeito que fora intitulado, não só pelos próprios favelados como louco, aquele que viria delatar a discórdia e relatar e denunciar os atos insanos dos favelados, mas o que iria trazer e alterar os rumos dos moradores do quarto de despejo (a favela) e modificaria, em última instância, as direções de uma escrita que fugiria ao controle dos acadêmicos, nem literária, nem propriamente não canônica.

Carolina fora considerada pela crítica da época como apropriadora de um dizer não condizente com a sua capacidade intelectual alcançada com dois anos cursados do antigo primário. O diverso incomoda e, não raras vezes, escapa à categorização; talvez seja isso uma das explicações para a má vontade em relação aos seus diversos gêneros discursivos escritos e não publicados. Sempre fora olhada com certo desdém, nem pertencente à camada dos letrados, nem propriamente uma simples favelada. Ela ficava, assim, sob o interstício, talvez no limbo, no entremeio, nem lá, nem cá.

Nesse sentido, valendo-nos dos aportes teóricos foucaultianos, retomariamos em outra parte desta tese o que dissera Foucault de que: “O autor é aquele que dá à sua inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (FOUCAULT, 2011 a, p.28). Se pensarmos no exame de um sujeito-autor com as singularidades de uma função autoria, observa-se na escrita de Carolina Maria de Jesus esta tentativa de dar legitimidade a um projeto literário que, se não fora levado a cabo (quer seja vir à tona, ser publicado), vislumbra uma especificidade do *dito* que faz com que alguns ‘nós de coerência’ sejam identificáveis em uma dada materialidade.

Desse modo, para Foucault (2009, p.41), a respeito da controversa morte de autor: “Trata-se, de localizar o espaço deixado vazio pelo desaparecimento do autor, seguir de perto a

repartição das lacunas, as funções livres que esse desaparecimento deixa a descoberto.” Em seguida estabelece algumas inquirições: “O que é um nome do autor? E como funciona? Bem longe de vos dar uma solução, limitaremos a indicar algumas das dificuldades que ele apresenta.”

Para o pensador francês, a função autor:

não se forma espontaneamente como a atribuição de um discurso a um indivíduo. É antes o resultado de uma operação complexa que constrói um certo ser racional a que chamamos o autor. Provavelmente, tenta-se dar a este ser racional um estatuto realista: seria no indivíduo uma instância “profunda”, um poder “criador”, um “projecto”, o lugar originário da escrita (FOUCAULT, 2009, p.50-51).

Esse pensador ainda acresce que “seria tão falso procurar o autor no escritor real como no locutor fictício: a função autor efectua-se na própria cisão – nessa divisão e nessa distância. De facto, todos os discursos que são providos da função autor comportam esta pluralidade de ‘eus’”. (FOUCAULT, 2009, p.55). É talvez, por essa mesma razão, há muito noticiada por Foucault (2009), que seja temerário atribuir uma função autor, tributar alguns bônus e inúmeros ônus para essa instância que se apresenta complexa, fugidia e que, não raras vezes, se dispersa em uma dada materialidade discursiva.

No tocante ao pacto autobiográfico, essa figura denominada autoria institui-se ainda mais como fugidia, especialmente se atentarmos para o compromisso que o sujeito escritor tenta manter com o sujeito leitor sobre aquilo que seria o discurso fictício, já que é impraticável transcrever um relato confessional incluindo aí toda a variedade deste gênero (escrita autobiográfica, diário íntimo, testemunhos, memoriais) sem que haja uma linha tênue entre o que seria da ordem do fictício e aquilo outro que seria da ordem do real, sem passar, evidentemente, por um retalho daquele que escreve, como ainda, daquele que se pôs a ler e, que aceita, via linguagem, o desafio de assinar um contrato de leitura.

Pacto autobiográfico é uma notação temática proposta por Lejeune (2008) que ilustra uma espécie de contrato entre aquele que escreve o texto e aquele que o lerá. É evidente que se trata de um acordo tácito, não firmado, de fato, apenas o é, enquanto possibilidade ficcional atribuída a um escritor para um leitor previsto para o texto de ficção.

De maneira simplista, ao retomarmos a questão estabelecida e devidamente formulada por Lejeune (2008) referente ao pacto autobiográfico, poderíamos conceituá-lo como uma espécie de acordo entre cavalheiros: de um lado, a figura do autor ao escrever um texto em 1ª pessoa com pinçadas de um dado testemunho, e, de outro, aquele chamado a ler este testemunho, no caso o leitor de textos autobiográficos, a conceber o texto como um simulacro do real e não, propriamente, a anotação dos fatos tais e quais transcorridos.

Em outras palavras, para além das questões que podem ser aferidas sobre o que seria ou não da ordem do autobiográfico, compreendemos, aqui, que os textos autobiográficos constituem-se numa tentativa de ofertar ao leitor um simulacro desse real, já que é impossível pintá-lo e recortá-lo fidedignamente sobre os matizes de uma suposta verdade. O gênero testemunhal institui-se, ainda, como uma tentativa de retratar uma experiência humana, via linguagem. É sobre essa tentativa enquanto experimentação do real via linguagem que nos ocupamos nesta tese de doutoramento. Importa-nos, aqui, a materialidade linguística com vista a discorrer sobre como os sujeitos se constituem via linguagem – local da subversão, da criatividade, da instabilidade, de movência – em sujeito (s) discursivo (s).

Insistimos, é cogente, nesta pesquisa, a problemática do sujeito e sua relação com a escrita. Em função disso, ao longo desta pesquisa, desenvolvemos algumas notações temáticas em torno disso, quer seja, a escrita de si, o cuidado de si, a noção de autoria, dentre outras.

Os enunciados abaixo assinalam essa figura instável e fugidia, ainda que constituam provenientes de textos autobiográficos e que tenta fazer um retrato do real malogrado ou não.

(2) Quer dizer que quando o sofrimento bate na porta do lar pobre, ele encontra guarida (DB, p.119).

(3)Eu olhava o dinheiro e pensava: “Sem ele ninguém vive. Ele nos domina e predomina na nossa vida. Os que têm bastante são fortes, são respeitados, são os donos do leme; quem não o tem em grande quantidade é João-ninguém, pé-rapado; são os desconsiderados, são os fracos”. Eu só conseguia comer quando estava empregada (DB, p.238).

Os enunciados (2) e (3) apontam para um sujeito discursivo constituído em um dado lugar social, a partir de uma dada historicidade e sob determinadas condições ideológicas, políticas e culturais. Esse sujeito do discurso emerge por intermédio de uma voz obstinada que traz à baila a situação do negro no Brasil. Situação essa de discriminação, de privação e, especialmente, de extremada miséria.

Esboçadas a noção de função-autor, influi-nos a retomada da autoria enquanto um princípio de agrupamento de um discurso. É assim que vemos uma discursividade rasurada em Carolina Maria de Jesus por todas as características apontadas ao longo desta análise. Um princípio de agrupamento de uma singularidade que deixa no ‘dito’, na materialidade linguística, vestígios que apontam para a figura de um autor.

Como propositor de uma discursividade outra, observamos, a partir das condições de produção de QD e DB que há uma reprimenda do autor como reunidor desta discursividade. O relato/o dito estava posto, agora se cobrava a responsabilidade sobre este dito. Talvez date daí o

interesse do público leitor por um relato que se apresentava como uma proposta de abrir as portas do quarto de despejo e evidenciar as mazelas humanas. Posteriormente, o princípio de autoria fora também colocado sob desconfiança: se os relatos eram tais e quais de Carolina ou de Audálio Dantas, jornalista que referendou QD. E ultrapassada esta suspeição, ocorreram alguns apontamentos em relação à discursividade de Carolina Maria de Jesus enquanto passível de responsabilidade de dizer esse dito. Decorreram, nesse sentido, as responsabilidades sociais/jurídicas do relato sobre a favela por uma favelada.

Este princípio de coerência interna, esta unidade identificável nos vestígios deixados em uma superfície textual e esta inserção no real vemo-nos na escrita de Carolina. Tanto assim o é que modalizamos, nesta pesquisa, estes nós de coerência como uma escrita rasurada de ‘si’, em que se tracejam os matizes de dor, as notas dos desvalidos como cicatrizes de um princípio de tentativa dessa coerência interna: o tema do relato é o cotidiano do favelado ou da menina andarilha no caso de (DB) e a linguagem, por diversas razões já apontadas no decorrer deste trabalho, é combinada com este viver desprovido. Uma escrita que traz como pauta diária os lamentos, os protestos dos indignos, dos negros, dos favelados, daqueles que foram lançados aos quartos de despejo e sujeitos a toda sorte de desventura. Assim, o sujeito que agrupa o discurso, que dá os nós de uma coerência interna dispõe de signos, marcas, traços e letras. E esse discurso ajuntado se apresenta, no caso em análise, como uma discursividade rasurada.

4.1- Os diários íntimos e a noção de excedente de visão: primeiros apontamentos

Nessa seção, faremos uma incursão teórica em Bakhtin sobre: 1) o gênero memorialístico; 2) a noção de ‘não acabamento’ e 3) de excedente de visão, alinhavados com fios oriundos de uma *escrita de si* e, ainda, recorreremos à noção de diários íntimos colhida em Mathias (1997) e em Blanchot (2005).

Se a empreitada não se encontra finda, quer seja, a de concluir o diário íntimo, outro fantasma também parece ameaçar a escritura do sujeito-autor é o seu comprometimento com o calendário, com os acontecimentos do dia, ser-lhe fiel, ser-lhe parcimonioso, ser-lhe, devedor. Assim, não haveria tão somente aquela gratuidade, aquela liberdade do sujeito-autor ao escrever o seu diário. Para muitos escritores que se ocupam da tarefa de sistematizar as características de um diário íntimo, entre eles, Blanchot:

O diário íntimo, que parece tão livre de forma, tão dócil aos movimentos da vida e capaz de todas as liberdades já que pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe convém, na ordem e

na desordem que se quiser, é submetido a uma cláusula aparentemente leve, mas perigosa: deve respeitar o calendário. Esse é o pacto que ele assina. O calendário é seu demônio, o inspirador, o compositor, o provocador e o vigilante. Escrever um diário íntimo é colocar-se momentaneamente sob a proteção dos dias comuns, colocar a escrita sob essa proteção (BLANCHOT, 2005, p.270).

Na materialidade linguística tomada para esta análise, especialmente em QD existe a garantia desta cláusula de “colocar-se momentaneamente sob a proteção dos dias comuns”; aliás, são os dias comuns que são escriturados.

Poderíamos acrescentar que, conforme anunciara Blanchot (2005) sobre a possível espontaneidade do diário íntimo, haveria a permissividade para registrar o dia a dia e, paralelo a isso, algumas descrições de foro íntimo, alguns trechos, excertos, algumas inspirações, embora o referido autor admita que esta possível autonomia acha-se comprometida *por uma cláusula de contrato*, o peso de ser fiel ou ao menos de seguir o tempo cronológico.

O sujeito-autor não se furta a isso quando entende que precisa modificar ainda que, minimamente as expressões que iniciam os excertos dos dias, pois é sabido deste leitor que os dias assim como as expressões que principiam os referidos dias são sempre as mesmas: o sujeito-leitor já sabe que a personagem “levanta e vai buscar a água” em um único ponto da favela.

16 de outubro ... Vocês já sabem que eu vou carregar agua todos os dias. Agora eu vou modificar o inicio da narrativa diurna, isto é, o que ocorreu comigo durante o dia. (QD, 1960, p.121)

Advogamos que, os movimentos da vida aparentemente tão dócil à forma do diário, conforme apregoados por Blanchot (2005), não são leves, em nada, em absolutamente nada, a inscrição de uma escrita de si rasurada fora leve, os movimentos da posição-sujeito apontam para a intrínseca correlação entre estes movimentos que são condicionados à luta diária para catar o seu sustento e o de seus filhos.

Por outros termos, há via linguagem rasurada, um movimento de constituição do sujeito e, essa construção se dá muito provavelmente contra as formas de sujeição deste mesmo (sujeito). Portanto, alça da condição de negra e favelada para instituir outro *ethos*, o de escritora.

Assim, para avultar os traçados utilizados, aqui, para compor uma guirlanda sobre a discursividade em Carolina, acrescentaríamos os fios teóricos foucaultianos quando incidem: “Recomece e diga a verdade” (2011b, p.70). Se como diria Blanchot (2005) o comprometimento daquele que escreve um diário é com o calendário, o calendário é o seu

demônio, poderíamos ainda acoplar outro quase aforismo de Foucault ao pontuar que a verdade seria da ordem da guerra. O que é a verdade? Recomece e diga a verdade Carolina!

Pelos enunciados listados no decorrer desta tese faz-se oportuno proferir que o sujeito discursivo em diversos e singulares momentos anuncia sobre essa possível verdade e por meio dela entremostra que as relações de poder são, em parte, fundadas por essa intitulada verdade. O dinheiro, o lugar social, o poder econômico, a cor da pele, a ‘não-escolaridade’ estabelecem as margens – enquanto limites possíveis – para os favelados, os destituídos de posse que vão configurar o espaço público, a favela.

Adicionamos que o sujeito discursivo também se vale da condição de porta-voz dos desvalidos para estabelecer dentro do quarto de despejo (a favela) e, ainda, no interior do acontecimento discursivo as intituladas relações de poder e saber– sua escrita, seu poder de escrever lhe confere certo poder em relação aos outros favelados.

Segundo Blanchot:

Escrever um diário íntimo é colocar-se momentaneamente sob a proteção dos dias comuns, colocar a escrita sob esta proteção, e é também proteger-se da escrita, submetendo-a à regularidade feliz que nos comprometemos a não ameaçar. O que se escreve se enraíza então, quer se queira, quer não, no cotidiano e na perspectiva que o cotidiano delimita (BLANCHOT, 2005, p. 271).

Carolina Maria de Jesus – enquanto sujeito-autor – intui as regularidades dos fatos como o ingrediente imprescindível para tecer o diário, vale-se das ‘circunstancialidades’ sociais e históricas; enfim, vale-se das condições de produção que gestaram um indivíduo a se constituir sujeito e tomar uma posição frente aos desmandos na favela e entre os favelados, embora em muitos momentos compreenda essa rotina comprometida com uma suposta verdade tão desgastante não só para o sujeito-autor, como também para o sujeito-leitor. É neste momento que tenta modificar as expressões que entreabrem o início do relato dos dias, pois é sabido do leitor que o sujeito-personagem vai todos os dias, infalivelmente, buscar água – primeira ação do dia.

Não obstante este sujeito na função de autoria parecer comprometido com uma ‘verdade’, com os relatos dos dias, por diversas e antagônicas ocasiões, ele tem desejos de ser feliz, tem pretensão de que os dias se modifiquem, tem sonhos verdes de que a favela seja extinta e com ela toda a pobreza; enfim, tem sonhos de Ícaro⁶⁴ e adeja voar por outros

⁶⁴ - Na mitologia grega, Ícaro (grego: Íkaros, língua etrusca: Vicare, alemão e inglês: Ikarus) ficou famoso pela sua morte por cair no Egeu quando a cera segurando suas asas artificiais derreteu. Dédalo projetou asas, juntando penas de aves de vários tamanhos, amarrando-as com fios e fixando-as com cera, para que não se descolassem. Foi moldando com as mãos e com ajuda de Ícaro, de forma que as asas se tornassem perfeitas como as das aves. Estando o trabalho pronto, o artista, agitando suas asas, se viu suspenso no ar. Equipou seu filho e o ensinou a voar. Então, antes do voo final, advertiu seu filho de que deveriam voar a uma altura média, nem tão próximo ao Sol, para que o calor não derretesse a cera que colava as penas, nem tão baixo, para que o mar não pudesse

lugares possíveis. Por alguns momentos este posicionamento do sujeito indaga-se, como se o leitor o estivesse a fazê-lo, colocando-o sob suspeição: se os fatos relatados são e foram tais quais os descritos, pois, por diversos instantes, a miséria é tamanha que parece não crível que possa exigir alguém que seja privado das coisas mais elementares: como saciar a fome, a sede, ter um teto onde repousar, dentre outras: “...Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá...isto é mentira! Mas, as miserias são reais” (QD, p.47).

Blanchot expõe:

Os pensamentos mais remotos, mais aberrantes, são mantidos no círculo da vida cotidiana e não devem faltar com a verdade. Disso decorre que a sinceridade representa, para o diário, a exigência que ele deve atingir, mas não deve ultrapassar. Ninguém deve ser mais sincero do que o autor de um diário, e a sinceridade é a transparência que lhe permite não lançar sombras sobre a existência confinada de cada dia, à qual ele limita o cuidado da escrita. É preciso ser superficial para não faltar com a sinceridade, grande virtude que exige também a coragem. A profundidade tem suas vantagens. Pelo menos, a profundidade exige a resolução de não manter o juramento que nos liga a nós mesmos e aos outros por meio de alguma verdade (BLANCHOT, 2005, p.271-272).

O interesse do diário é sua insignificância. Essa é sua inclinação, sua lei. Escrever cada dia, sob a garantia desse dia e para lembrá-lo a si mesmo, é uma maneira cômoda de escapar ao silêncio, como ao que há de extremo na fala. Cada dia nos diz alguma coisa. Cada dia anotado é um dia preservado. Dupla e vantajosa operação. Assim, vivemos duas vezes (BLANCHOT, 2005, p.273).

Mas não olvidemos que é apenas parcial e momentaneamente que se tem a sensação de guardar o dia vivido, pois o sujeito que vive a história – os dias vividos – é completamente distinto daquele que se embrenha na tentativa de anotar os dias. Aquele que vive a história vive sob as condições de produção daquela realidade e aquele que vai relatá-la é outrem tentando pontuar as singularidades, os contornos de uma figura elevada à condição de sujeito-personagem. E caberá, portanto, à instância sujeito, em sua função de autoria, dar a conhecer os dias vividos daquele que os viveu. Ao autor, será imprescindível o excedente de visão para dar contornos e acabamentos tais que o personagem e/ou herói não possuía de si, nas acepções propostas por Bakhtin (1997).

molhá-las. Dédalo levantou voo e foi seguido por Ícaro. Eles primeiramente se sentiram como deuses que haviam dominado o ar. Passaram por Samos, Delos e Lebinto. Ícaro deslumbrou-se com a bela imagem do Sol e, sentindo-se atraído, voou em sua direção esquecendo-se das orientações de seu pai, talvez inebriado pela sensação de liberdade e poder. A cera de suas asas começou rapidamente a derreter e logo caiu no mar. Quando Dédalo notou que seu filho não o acompanhava mais, gritou: "Ícaro, Ícaro, onde você está?". Logo depois, viu as penas das asas de Ícaro flutuando no mar. Lamentando suas próprias habilidades, enterrou o corpo numa ilha e chamou-a de Icaria em memória a seu filho. Chegou seguro à Sicília, onde construiu um templo a Apolo, deixando suas asas como oferenda.

Para Blanchot, conforme listado em outros e diversos momentos acima, a escrita é a possibilidade de inscrição, de garantia de permanência, ainda que o tempo seja inexorável. De certo modo, poderíamos realizar, aqui, um leve contraponto com os dizeres foucaultianos: “Falar para não morrer” (FOUCAULT, 2001, p.47).

A narrativa em diários se constitui para o sujeito discursivo na eminência e evidência de permanecer, frente ao tempo implacável que tudo devora. É imperioso grafar, com toda a força possível, para desafiar tempo e espaço como o fizera o sujeito-autor ao diligenciar na empreitada de construir um diário. Entenda-se, por espaço não somente o recinto físico (a favela, São Paulo, Brasil e depois alguns países do mundo), mas o espaço enquanto limite onde se escreve/se inscreve/se circunscreve nos papéis (cadernos amarelados e nos papéis de pão), encontrados no lixo e, já uma vez primeira, escrito por *outrem*⁶⁵, com o desejo genuíno de marcar as condições sociais de uma época, as singularidades histórico-ideológicas de um sujeito heterogêneo, multifacetado e, atordoado com a ganância humana, com os preços abusivos dos alimentos e com a falta de decência dos políticos. Inscrever-se e escrever poderia se constituir na garantia de preservar os dias vividos.

Assim como a um eco, as condições de produção gestaram algumas singularidades do sujeito compromissado com a escritura: “cada dia anotado era um dia preservado” não só para si, mas para outros e *outrem* que um dia haveria de se interessar por tudo aquilo que pontuava, sendo, portanto, como diria Gilles Deleuze (1997), da ordem do ‘devir’, ‘do vir a ser’, ‘do tornar-se’.

Há um artigo no escopo teórico fundado nas bases da história, de autoria de Meilhy (2009) que atesta a singularidade dos diários íntimos de Carolina Maria de Jesus com os de Maura Lopes Cançado. As duas – cada uma, à sua maneira – recorre à escrita como forma de inserção social, como ambição de desafiar a dor, anotar a sua sina e daqueles que estão fora do centro, constituindo as *ex-centricidades*, os de fora.

Neste caso então, a inserção por intermédio de uma escrita é a tentativa de superar a fome e/ou pontuá-la, com o intuito de lutar contra ela, de combater as injustiças, de impetrar e se proteger da loucura, tanto no caso de Maura quanto no de Carolina Maria de Jesus já que, para muitos moradores da favela, aquela figura excêntrica, atrevida e delatora e, contraditoriamente, a porta-voz dos excluídos, em primeira e última instância, era tomada como louca. No presente caso, a exemplo do que apregoara Blanchot (2005, p.273), “o diário aparece aqui como uma proteção contra a loucura, contra o perigo da escrita”.

⁶⁵-Em algumas entrevistas concedidas por Carolina ela pontuara que sua escrita principiou pelos cadernos encontrados nos lixos e neles havia rastro de uma escrita anterior, por isso dizíamos escrito por *outrem*.

Retomando nosso roteiro de tese, especialmente, àquele delineado para esta subdivisão, cumpre dizer que para Bakhtin (1995; 1997), o sujeito se constitui como tal, ou seja, se funda em meio à interação verbal – em meio a uma arena da luta de classes, ou melhor, de signos. Para ele, os sujeitos são, essencialmente, dialógicos e sua constituição dá-se mediante a visão exotópica do outro, que possui um excedente de visão tal que constitui o sujeito naquilo que falta ao próprio sujeito; este olhar diverso, este olhar contemplador que só e somente o outro fará e terá de mim. Nos dizeres de Bakhtin (1997), o outro me completa naquilo que me falta e/ou ainda é a consciência do outro que vê e que diz da minha limitação frente o olhar de minha própria consciência. Assim, Bakhtin (1997, p.26) expõe: “é ainda em nós mesmos que somos menos aptos para perceber o todo da nossa pessoa”.

É assim que se apresenta o viver na favela, nesse dia-a-dia, contraditoriamente igual e irrepetível. Nesse cotidiano, o que resta, o que se torna matéria-prima é a luta do sujeito-autor para compor um sujeito-personagem e, ainda, um sujeito-narrador borrado por cores de um e de outro. Há um desejo por cerzir a pauta do dia, a luta pela sobrevivência, mas esta também se acha invadida pela necessidade premente de também não fugir ao tempo cronológico, histórico; todavia, este mesmo sujeito-autor intua que ao escrever o diário já é também realizar um esforço para não ser pego em pleno ato de recorte. Ao intentar um diário, relatar dia-a-dia as agruras do tempo e espaço do sujeito-personagem (ou, para recorrermos aos termos bakhtinianos, da figura do herói), o autor se vê diante de duas consciências que não se opõem, mas que são, evidentemente, duas consciências: a sua (que é a do autor) e a do herói, embora entrelaçadas, são e sejam *a priori* duas consciências.

Para Bakhtin:

Na biografia, o autor é ingênuo, aparenta-se com o herói: podem inverter seus respectivos lugares (daí a possibilidade de uma coincidência de pessoas na vida, isto é, da autobiografia). O autor, claro, como um elemento constitutivo da obra de arte, jamais coincide com o herói: eles *são dois*, sem entrar todavia numa relação de oposição, já que o contexto de seus respectivos valores é da mesma natureza; o portador da unidade da vida - o herói -, e o portador da unidade da forma - o autor - pertencem ambos a um mesmo mundo de valores. O autor, como portador da unidade formal acabada, não tem de superar a *resistência do herói* no nível do sentido da vida (ético-cognitivo), o herói em sua vida encontra-se sob o domínio do autor-outro potencial. Ambos, o herói e o autor, são *os outros*, e pertencem a um mesmo mundo de valores dos *outros* que serve de norma (BAKHTIN, 1997, p.178).

Assim, Bakhtin proferira que só o autor terá a *exotopia/o excedente de visão* capaz de contemplar aquilo que foge à limitada consciência do herói, devido às circunscritas possibilidades espaciais e temporais e, ainda, estéticas deste herói, especialmente se

atentarmos para as singularidades dos dois textos autobiográficos e/ou memorialísticos, como o são QD e DB. Assim, ao retomarmos os postulados bakhtinianos poderíamos dizer que:

O herói não é o único que se separa do processo de que emana, o autor faz o mesmo. E por esta razão cumpre destacar a produtividade enquanto tal, da atividade criadora e da reação global ao herói: um autor não é o depositário de uma vivência anterior, e sua reação global não decorre de um sentimento passivo ou de uma percepção receptiva; o autor é a única fonte de energia produtora das formas, a qual não é dada à consciência psicologizada, mas se estabiliza em um produto cultural significante; a reação ativa do autor se manifesta na estrutura, que ela mesma condiciona, de uma visão ativa do herói percebido como um todo, na estrutura, que ela mesma condiciona, de uma visão ativa do herói percebido como um todo, na estrutura de sua imagem, no ritmo de sua revelação, na estrutura de entonação e na escolha das unidades significantes da obra (BAKHTIN, 1997, p.28).

Destarte, o sujeito em sua função de autoria recobre as singularidades de um sujeito-personagem e/ou nos dizeres de Bakhtin, a figura do herói, que é bosquejado por este excedente de visão, por esta capacidade que a instância autor tem de conferir contornos singulares ao outro, no caso, ao herói. Cada uma destas esferas tem suas singularidades e não há, como diria o referido autor, uma coincidência entre fatos pertencentes, respectivamente, à vida do herói e à do autor.

Por outro lado, este acabamento conferido ao herói pelo autor não é tão simples, não é tão fácil, sobretudo:

[...] quando o herói é autobiográfico, embora esse não seja o único caso: costuma ser tão difícil situar-se fora daquele que é o companheiro do acontecimento quanto fora daquele que é o adversário; tanto faz situar-se dentro do herói, ao seu lado ou à sua frente, todas estas posições que, do ponto de vista dos valores, desnaturam a visão e não contribuem para contemplar o herói e assegurar-lhe o acabamento; em todos esses casos, os valores da vida triunfam sobre aquele que são seus depositários (BAKHTIN, 1997, p.35).

Bakhtin ainda adiciona:

Quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem. Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e a minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, a expressão do rosto -, o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando estamos nos olhando, dois mundos diferentes se refletem na pupila dos nossos olhos (BAKHTIN, 1997, p.42).

Nesse sentido, fora sob este viés, quer seja, o do excedente de visão que só e somente só o outro poderá ter de mim, já que ele me vê a partir de determinados ângulos que, ao sujeito, são impossíveis que a presente subdivisão da tese alinhavou um aporte da análise

discursiva pretendida: delinear a constituição do sujeito nas fissuras dos cadernos encardidos. Ao empreender este exercício o fá-lo-emos de posse de uma base referencial fundada em outras notações de Bakhtin (1995; 1997; 2008), a saber, a partir da noção de dialogismo de que sob a voz do sujeito ressoam outras e tantas vozes. Tal temática será desenvolvida, de maneira amiúde, na próxima seção.

Observamos em QD e DB um posicionamento do sujeito que se valendo de outras vozes tenta instituir em sua voz as especificidades de um discurso que, a despeito das contradições (ora delator, ora apaziguador), inscreve-se como aquele que intenta representar a voz dos excluídos. Dentre outras vozes, existe aquela de pertença a uma atitude religiosa de que é preciso não cumular tesouros porque lá também estará o seu coração: “...Eu não nasci ambiciosa. Recordei este trecho da Bíblia: “Não acumule tesouros, porque lá estará o teu coração”. (QD, p.155); ou ainda: “Voltei e fui esquentar comida para os filhos. Arroz e peixe. O arroz e o peixe era pouco. Os filhos comeram e ficaram com fome. Pensei: Se Jesus Cristo pudesse multiplicar estes peixes!” (QD, p.180). Há outras vozes que evidenciam o posicionamento político e religioso do sujeito discursivo como em: “Eu acho que o Dr. Adhemar está revoltado. E resolveu ser energético com o povo para demonstrar que ele tem forma para nos castigar. Eu acho que os espíritos superiores não se vingam” (QD, p.127). Há também outros posicionamentos que, em interdiscurso, evidenciam uma existência de personagens reais que são ou serão anotadas no diários, inclusive, reportagens sobre a Carolina – cidadã do mundo que havia saído no jornal O Cruzeiro⁶⁶:

(1) **25 de setembro** ... Não dormi por estar exausta. Pensei até que ia morrer. Eu tenho impressão que estou num deserto. Tem hora que eu odeio o reporter Audálio Dantas. Se ele não prendesse o meu livro eu enviava os manuscritos para os Estados Unidos e já estava sossegada (QD, p.119).

(2)O que será que eles escreveram a meu respeito? Quando o João voltou com a revista, li – **Retrato da favela no Diário de Carolina**. Li o artigo e sorri. Pensei no reporter e pretendo agradecê-lo(...) Troquei roupas e fui na cidade receber o dinheiro da Vera. Na cidade eu disse para os jornalistas que a reportagem do **O Cruzeiro** era minha. (...) Fui receber o dinheiro e avisei o tesoureiro que eu estava no **O Cruzeiro** (QD, p.164).

(3)**11 de maio** Levantei e fui carregar água. Depois fui fazer compras. Troquei os filhos, eles foram para a escola. Eu não queria sair, mas estou com pouco dinheiro. Preciso sair. Quando circulava pelas ruas o povo abordava-me para dizer que havia me visto no **O Cruzeiro** (QD, p.164).

(4)...Dei jantar para os filhos e sentei na cama para escrever. Bateram na porta. Mandei o João ver quem era e disse:
_ Entra, negra!
_ Ela não é negra, mamãe. É uma mulher branquinha e está com **O Cruzeiro** na mão.

⁶⁶ - Grifos do autor.

Ela entrou. Uma loira muito bonita. Disse-me que havia lido a reportagem no **O Cruzeiro** e queria levar-me no **Diário** para conseguir auxílio para mim (QD, p.165).

(5)**13 de junho** Eu saí. Fui catar um pouco de papel. Ouço varias pessoas dizer:

_ É aquela que está no **O Cruzeiro**!

_ Mas como está suja!

... Conversei com os operarios. Desfiz as caixas de papelão, ensaquei outros papeis. Ganhei 100 cruzeiros. As moças do deposito começaram a cantar:

Carolina, hum, hum, hum... (QD, p.165).

No enunciado (1), há o posicionamento do sujeito que diz que odeia o repórter Audálio Dantas – o mesmo que viabilizou os seus escritos. Vale dizer que esse sujeito entremostra pelos relatos que fizera inúmeras tentativas de enviar os seus originais para outras editoras, inclusive, há, ao longo do diário QD, referência ao envio para a revista *Seleções/The Reader Digest* nos Estados Unidos que, tempos depois, devolveu os originais com a recusa para publicação⁶⁷.

Desse modo, apoiando-nos, ainda, nos pressupostos bakhtinianos, podemos proferir que Carolina – enquanto sujeito-autor – vale-se da palavra (ainda que lhe conferida minimamente), “enquanto arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema” (BAKHTIN, 1995, p.14) para tentar agregar as múltiplas vozes e proferir um discurso que, em princípio, possa acomodar-se e trazer à baila as inúmeras vozes entre os diversos e singulares burburinhos veiculados, especialmente, na obra QD.

Assim, ora se tem as brigas entre os moradores do quarto de despejo, ora se tem o gênero reportagem – quando o sujeito-autor traz relatos de fatos ocorridos na favela, concomitantemente, ao relato do dia sempre fadado ao insucesso e, em outros e singulares momentos, temos a *escrita de si* caroliniana que, reclusa no quarto de despejo (o quarto, espaço privado), delineia a vida desafortunada de si e de *outrem* (seus irmãos favelados) e, em outras diversas ocasiões, ainda temos a escrita de si comprometida com um lirismo aguçado, como pode ser apreendido no enunciado abaixo:

(6)... O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astro rei sempre pontual para despontar-se e recluir-se. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há varias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe (QD, p.44).

⁶⁷ - “**16 de janeiro** Fui no Correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. (...) Cheguei na favela. Triste como se tivessem mutilado os meus membros. O The Reader Digest devolveu os originais. A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra” (QD, p.147).

Ao retomarmos os dizeres de Todorov (1997, p.16) sobre a obra de Bakhtin, especialmente, **Estética da Criação Verbal** que fora prefaciada por aquele, evidencia-se que: “saber que o outro pode ver-me determina radicalmente a minha condição.” A constituição do sujeito não é imune ao outro que me complementa naquilo que, efetivamente, me falta. De tal modo, falar sobre a discursividade é também fazê-la pelo crivo do sujeito e do(s) sentido(s), em relação inseparável com a historicidade, com a memória discursiva, com a exterioridade.

Segundo ainda Todorov: “a obra é acima de tudo heterologia, pluralidade de vozes, reminiscência e antecipação dos discursos passados e futuros.” Ele ainda adiciona que:

Na ordem do ser, a liberdade humana é apenas relativa e enganadora. Mas na ordem do sentido ela é, por princípio, absoluta, uma vez que o sentido nasce do encontro de dois sujeitos, e esse encontro recomeça eternamente. O sentido é liberdade e a interpretação é o seu exercício [...] (TODOROV, 1997, p. 20).

Retomando a questão do excedente de visão, já que ao cotejarmos o sujeito via Bakhtin (1997), não dá para pensar nesta constituição do sujeito sem ser na relação com o outro, pois, conforme já disséramos, é somente o outro que detém aquilo que falta ao sujeito:

O excedente de minha visão, com relação ao outro, instaura uma esfera particular da minha atividade, isto é, um conjunto de atos internos ou externos que só eu posso pré-formar a respeito desse outro e que o complementam justamente onde ele não pode completar-se. Esses atos podem ser infinitamente variados em função da infinita diversidade das situações em que a vida pode colocar-nos, a ambos, num dado momento (BAKHTIN, 1997, p.45).

Bakhtin acresce:

Enquanto a representação que tenho do outro corresponde à visão total que tenho efetivamente dele, a representação que tenho de mim é uma construção da mente e não corresponde a nenhuma percepção efetiva. O essencial daquilo que constitui a vivência real de mim mesmo permanece além da minha visão exterior (BAKHTIN, 1997, p.56).

Portanto, pertence ao outro, aquele que estando fora de minha limitada compreensão, consegue ter um excedente de visão que eu jamais teria sobre mim. É o outro que dá contornos tais ao ‘sujeito um’, pois possui um ângulo de visão que lhe permite ver o que o ‘sujeito um’ jamais poderia ver/deter/possuir. Ademais o referido autor ainda salienta: “Vivencio o eu do outro de modo totalmente diferente daquele como vivencio meu próprio eu” (1997, p.57).

Retornando ainda ao que dissera Bakhtin sobre a natureza dos textos autobiográficos, realçamos que:

Na biografia, não saímos fora dos limites do mundo dos outros, e a atividade criadora do autor não nos leva além desses limites: ela se situa inteiramente dentro da alteridade e é solidária com o herói em sua passividade ingênua. A criação do

autor não se prende ao ato, mas à existência, o que a deixa na insegurança e na necessidade. O ato de biografia é, em certa medida, um ato unilateral: há duas consciências, sem haver duas posições de valores; há duas pessoas e, em vez de *eu* e *o outro*, *há dois outros*. O princípio de alteridade do herói não se acha expresso: a tarefa não impunha assegurar o resgate do passado sem levar em conta o sentido. Observamos, claro, o encontro de duas consciências, mas ambas estão de acordo, e o mundo de seus respectivos valores quase coincide: o mundo do autor não se beneficia do princípio que lhe assegura seu excedente; falta igualmente o princípio segundo o qual duas consciências se autodeterminam uma em relação à outra (uma delas é passiva no plano da vida, ao passo que a outra é ativa no plano estético) (BAKHTIN, 1997, p.178-179).

Para Bakhtin:

No mais fundo de si mesmo, claro, também o autor da biografia vive sua não coincidência consigo mesmo e com seu herói, pois ele não se entrega plenamente na biografia, preservando para si uma saída interior que lhe permite fugir para fora das fronteiras do dado e o que o faz viver é, naturalmente, esse excedente que o beneficia no tocante ao dado-existencial; porém, no interior da biografia, esse excedente só encontra certa expressão negativa, sem poder alcançar uma expressão positiva: o excedente do autor é transferido ao herói e a seu mundo, e, por conseguinte, compromete-lhe a conclusão e o acabamento.

O mundo da biografia não é fechado nem concluído, e o princípio de fronteiras firmes não o isola no interior do acontecimento da existência [...] A biografia não é uma obra, é um ato orgânico e ingênuo que se realiza na tonalidade estética, no interior de um mundo em princípio aberto, mas que tem seus próprios valores autoritários e é organicamente auto-suficiente (BAKHTIN, 1997, p.179-180).

Não é sem razão que, comumente, em uma leitura distraída, o sujeito-leitor tenda a ver e achar, prontamente, que o herói e/ou sujeito-personagem são a mesma pessoa que o sujeito-autor, ou tão somente o autor – aquele que cria o objeto estético, que concebe ainda o herói, o narrador e todas as outras personagens. Em um texto memorialístico, incluso aí o diário íntimo, não raras vezes, o leitor pensará que as três instâncias: o autor, a personagem e o narrador sejam, em princípio, o mesmo sujeito.

De acordo com Toledo ao realizar uma análise da obra de Carolina,

A obra caroliniana sempre teve somente uma aliada: a verdade marginal. Independente do gênero literário que se dedicava a escrever, a autora usava como fonte alimentadora a sua vivência empírica e as situações às quais estava acostumada a presenciar. Em certos apontamentos, não se sabe até que momento temos autora, narradora e personagem; todas falam em *unísono* de um lugar designado baixa sociedade, onde a mulher é submissa ao homem ou ao meio social. Essa realidade relatada na obra da favelada revelou a maneira como era tratada, no Canindé, por seus vizinhos que não aceitavam sua condição de mulher sem ter a proteção matrimonial. A autora dos diários favelados lutou pela sua aceitação enquanto escritora, mulher e pela sua condição independente, tendo sido invisível e indesejável nas demais localidades da cidade, tendo utilidade apenas para catar papel e limpar o espaço ao qual não pertencia: a cidade jardim. Sem amparo na comunidade onde vivia a escritora não encontrava chão amistoso para se instalar com seus filhos sem abrir mão da sua autonomia (TOLEDO, 2010 p.252).

Bakhtin (1997), ao tecer algumas considerações sobre a dificuldade de se criar um *excedente de visão* que capte o herói naquilo em que ele mesmo não o é, suficientemente capaz de realizá-lo, afirma que, quando se trata de textos memorialísticos e/ou biográficos, este excedente de visão só será crível por intermédio do sujeito-leitor, já que autor e herói são peças singulares e se acham comprometidas quase que com a mesma ‘consciência de si’; trata-se, evidentemente, de duas consciências sem serem perfeitamente diversas. Assim, em consonância com o que profere Bakhtin:

Quando o autor cria o herói e sua vida, é guiado pelos valores em que o herói se inspira nesta vida; o autor, por princípio, não sabe mais que o herói e não dispõe de elementos excedentes e transcendentais para a criação que o próprio herói não possua para sua vida; em sua criação, somente continua o que é iniciado através da vida do herói. Não há oposição fundamental entre o ponto de vista estético e o ponto de vista a partir do qual a vida do herói é percebida: a biografia é sincrética. Tudo o que o autor vê em seu herói e quer para ele é o que este vê e quer em si mesmo e para si mesmo em sua vida. Se o herói da aventura viver suas peripécias com interesse, o autor, na representação que lhes dá, será guiado por um interesse idêntico ao que ele sentir pelas peripécias do herói; (...) Os valores e as possibilidades interiores que guiam o autor em sua representação do herói são os mesmos que guiam o herói em sua vida, pois a vida deste é espontânea e ingenuamente estética (os valores que a guiam são valores estéticos ou, mais exatamente, sincréticos), e é com igual espontaneidade e ingenuidade que o ato de criação será sincrético (os valores do autor não são valores puramente estéticos e não se opõem aos valores da vida, isto é, aos valores ético-cognitivos); o autor não é puro artista, assim como o herói não é puro sujeito ético (BAKHTIN, 1997, p.177-178).

De posse dos trabalhos de Bakhtin sobre a noção de ‘não acabamento’, poderíamos sinalizar, fazendo um contraponto com os diários íntimos QD e DB que o sujeito-autor tenta registrar os dias sempre iguais; contudo, como é típico do gênero memorialístico, as referidas obras permanecem em aberto, restam inconclusas, o fim poderá e será sempre o recomeço, como em um processo cíclico.

Vale dizer que a noção de ‘não acabamento’ não é só para a escrita biográfica, é especialmente para a figura do herói-personagem (nos dizeres bakhtinianos) e é ainda também para aquele que cria o relato: finda a última linha, morre então seu autor, ressalvadas as possíveis diferenças de abordagens investigativas entre o texto literário e uma análise discursiva. Persistimos, a questão do ‘não acabamento’, para Bakhtin, trata-se de um ‘não acabamento’ estético entre duas consciências (a do autor) e a do herói.

4.2- O diário como tentativa de serenar a solidão, acobertar-se da loucura e atenuar o perigo da morte: outros mais arremates

Acreditamos que não só a composição formal de um diário deve se constituir em alguns alinhavos desta pesquisa, mas ainda a natureza intrínseca do diário enquanto tentativa de escapar-se à loucura, fugir à solidão e evadir-se do desespero de ‘não ter nada a dizer’. Assim, mais que apontar a estrutura do diário: texto cíclico (o início pode ser o fim e, este por sua vez, aquele), com datas indicativas da passagem inexorável do tempo, escrito em primeira pessoa, com um confidente virtual (aquele que é, de certa maneira, confiado para que leia as confidências possíveis ou sequer as possa ler) – é cogente o que viemos apontando ao longo desta pesquisa de que o diário idêntico ao que dissera Blanchot (2005), atenuaria o perigo da solidão, aferiria a possibilidade daquele que se encarrega de anotar o dia, a possível garantia de se constituir nas fissuras/nas fendas do dito e recompor no presente (no momento da escrita no diário) os fatos passados e remendar a natureza intrínseca de um sujeito ou ainda a individualização de um sujeito.

Neste aspecto, Carolina acaba por confidenciar os sentimentos controversos que lhe constituem, embora não tenha plena consciência deles. Esta contradição, conforme já dissemos, é visível/apreensível na materialidade linguística nos relatos inclinados de revolta, tristeza, solidão, agonia, denúncia, desesperança e miséria. Cumpre-nos dizer que ao construir um diário, aquele que o faz se vale da tentativa de recorrer às lembranças e, recompor o passado ou aquilo que dele ficara retido. Assim, tenta constituir um mosaico de si, por meio de um exercício de si, nos moldes aqui arrazoados. Neste caso, então, ao intencionarmos uma analogia com o que viemos discutindo anteriormente sobre uma discursividade rasurada em Carolina Maria de Jesus em contraponto com a noção de diário, poderíamos aventar que a construção do diário é mobilizada por efeitos da memória enquanto prática para a constituição de uma subjetividade que se acode da tarefa de juntar remendos do passado no momento presente (de construção do diário). Ao vincular, por meio da escrita cotidiana, a tentativa de construção de um espaço para desafiar a morte, preservar-se do esquecimento, aquele que o faz se mune de processos intermitentes entre a memória e o esquecimento. É neste exercício entre ambos (memória e esquecimento) que o diário vai sendo tecido com a sensação iminente de que aquele que escreve afasta a solidão e preenche os dias com a ilusão de ‘escrever para não morrer’.

Blanchot acresce que o diário “está ligado à estranha convicção de que podemos nos observar e que devemos nos conhecer” (BLANCHOT, 2005, p.275). Seguindo este raciocínio,

diríamos que Carolina cataloga na pauta do cotidiano as dores por ter se ‘iludido’ com os homens e restar com três filhos; lamenta um amor (os sentimentos amorosos por alguém que não se fixa em lugar algum); arrola as fragilidades de uma administração pública; registra o abandono dos que não conseguem suprir suas necessidades primárias e saem em busca do propalados serviços sociais; elenca o cotidiano miserável; enfim, anota “para salvar sua vida pela escrita, para salvar seu pequeno eu (as desforras que se tira contra os outros, as maldades que se destilam) ou para salvar seu grande eu, dando-lhe um pouco de ar” (BLANCHOT, 2005, p.274).

Para o referido ensaísta e crítico literário, no diário “narra-se o que não se pode relatar. Narra-se o que é demasiadamente real para não arruinar as condições da realidade comedida que é nossa” (BLANCHOT, 2005, p.272); talvez, em função disso, o diário possa alimentar esta sensação quase dolorida de confabular o segredo tanto para aquele que se lança na empreitada de construir um diário, tanto aquele outro que atina que via diário/escrita terá acesso à natureza intrínseca de uma confissão. Confissão, neste caso, não na assumpção de uma culpa, mas na ordem da declaração de um possível segredo.

Carolina Maria de Jesus confessa/escreve ‘para não se perder na pobreza dos dias’ e intenta preservar os dias vividos, sob a garantia de tê-los passado para o papel. Segundo ainda Blanchot: “Escrevemos para nos salvar das esterilidades”. “Escrevemos para nos lembrar de nós” (2005, p.275). Neste aspecto, o da tentativa de permanecer por *il filo di tempo* ou da pretensão de nos lembrar de nós, haja nos diários de Carolina, sobretudo em QD, uma discursividade que diz do quarto de despejo e da tentativa de um sujeito de alçar, pela escrita, outro lugar, não entre os favelados, mas na sala de estar.

4.2.2- Mathias, Bakhtin e Foucault:

Ao realizar um paralelo entre os estudos de Bakhtin (1997; 2008) e Mathias (1997), poderíamos acrescentar que a escrita autobiográfica não tem um fim, encontra-se, a exemplo do herói bakhtiniano, inacabada, inconclusa; não no sentido de ser disforme, mas no sentido primeiro de não haver nunca um fim absoluto, embora seja este o grande e maior desafio do gênero memorialístico: a busca da unidade. “Quem, contudo, a pode dar por finda?” (MATHIAS, 1997, p.42). Se, como proferimos a escrita autobiográfica não tem um fim, encontra-se inacabada, assim também o é o sujeito, em ininterrupta movência e/ou ainda como diria Bakhtin (2008) um sujeito atravessado por outros, já que em sua voz outras vozes

ressoam. E ou ainda um sujeito em via de assujeitamento, na medida em que ao ser interpelado se assume enquanto sujeito, como diria Pêcheux (1997).

Do mesmo modo, demonstramos, por meio da materialidade linguística constituída pelo *corpus* elegido, um processo de subjetivação, isto é como os sujeitos são constituídos e que singularidades lhe perpassam. Dizíamos de um sujeito-autor que tece a circunstancialidade dos seus dias, quase sempre iguais, sobretudo, na luta pela busca da sobrevivência e no cuidado com os filhos. Os problemas relacionados ao exterior se constituem em pauta para a tessitura dos diários⁶⁸: os problemas sociais, econômicos, a ganância dos comerciantes, as promessas vãs dos políticos que retornam à favela de quatro em quatro anos; enfim, os fatos cronológicos, as misérias que assolam os favelados, tudo se constitui em mote para a discursividade anunciada. É sobre estas condições de produção, insistimos, aqui, que o sujeito-autor configura a pauta para os diários QD e DB.

O sujeito discursivo inscreve-se, sobretudo, em QD, como aquele que circunscrito em uma dada condição social, faz falar a favela por ela mesma, isto é, por alguém que vivencia as singularidades de um quarto de despejo (a favela). Esse sujeito discursivo fala de um lugar social (a favela). E o relato autobiográfico desvela dentro destas especificidades, um documento histórico-social de uma época. Diz da favela do Canindé, diz das condições de seus moradores e intenta, ainda, ser a metáfora para singularizar o que habilmente está no quarto de despejo.

Retomando a noção de ‘não acabamento’, poderíamos inferir que tanto o diário é inacabado quanto o sujeito na pós-modernidade são devedores desta predicação.⁶⁹

Carolina Maria de Jesus – enquanto sujeito-autor – tenta desafiar o tempo e o espaço, tenta sair do torvelinho de problemas e/ou tenta ver neste emaranhado a pauta possível para o seu diário íntimo e uma possível inserção social. Enquanto sujeito-autor se enche, aliás, fica prenhe de expectativas e de esperança com o legítimo objetivo de rascunhar a matéria-prima e liquefaz de sua existência paupérrima; embora em alguns instantes pressinta que precisa desafiar a inexorabilidade do tempo, do espaço limítrofe e as circunstâncias socioeconômicas com vista a relatar o dia a dia com todas as suas incertezas e ambicionando existir e permanecer frente ao tempo implacável.

Em conformidade com os prefaciadores do livro de Foucault **O que é o autor?**

⁶⁸ - Assim como Orlandi entendemos que “no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação.” [...] As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados.” (ORLANDI, 2001a, p.21)

⁶⁹ - Estamos tomando aqui enquanto sujeito na pós-modernidade os estudos de Stuart Hall (2006) e de Z. Baumam (2005) que circunscrevem uma identidade líquida.

Cada leitura é uma forma mínima de biografia, e a sua única lei seria esta: em vez da síntese, a errância do pensamento: em vez de autor, o traço da vida (des)fazendo-se; em lugar da estabilização e a vontade de perdurar, o reconhecimento da finitude humana. E tudo o contrário, aquilo que precisamos para nos agarrar a alguma coisa, isso é nos dado pela escrita, essa tensão de vida e morte (DE MIRANDA & CAISCAIS, 2009, p.27).

Nesta tensão entre a vida e a morte, na finitude e na não finitude, na aparência e no desaparecimento do sujeito da escrita que, ao perpetrarmos uma relação com QD e DB, poderíamos dizer que o sujeito-autor tenta rascunhar um lugar possível para a sua discursividade; tenta dar cunho de veracidade para os fatos ali expostos, ainda que, ao relatá-los, já é uma releitura desses fatos que se dispõe e que está a fazer. Esta função-autor deseja pintar o retrato de ‘si’ e o da favela, como ainda o retrato em sépia dos favelados sem saber que, ao fazê-lo, é sempre outra e outra face que se desvela a exemplo de um palimpsesto será sempre outras as escrituras anteriores. Nesse sentido, Mathias acresce:

que toda autobiografia comporta ainda uma contradição insanável que é a de querer conferir forma e sentido a algo de inacabado: a própria vida de quem a escreve. (A última linha de uma autobiografia é, em definitivo, a morte física do seu autor.) Há quem sustente por isso mesmo que a autobiografia deve situar-se a meio caminho e não, a modos de conclusão, em fim de percurso. Não há destino individual, isolado e autônomo, fora do contexto social e histórico que o envolve e delimita. O passado só existe em função da percepção eminentemente falível que o ato de recordar confere. Assim, a cada presente, a ficção do seu passado (MATHIAS, 1997, p. 42).

A propósito, o referido autor profere: “Ao juntar pedaços duma existência estilhaçada sem que haja nela um pólo unificador, o narrador explora um eu itinerante, igual e sempre outro, sem ponto de partida, sem lugar de regresso. Jogo de antíteses, ou forma de abolir o tempo e de lhe desenhar novos contornos” (MATHIAS, 1997, p.45).

Para recorrermos aqui às acepções de Foucault (2009), ao rediscutir a problemática do autor e intentar pontuar as implicações decorrentes do possível apagamento do autor, ele coloca em outras direções a necessidade de se averiguar o que ele próprio chama de as funções do autor que é uma função variável do discurso. Ao redefinir e tentar instituir o que ele apresenta enquanto função autor que “é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 2009, p.46) apresenta quatro proposições sobre esta função autoria, a saber: 1) a função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; 2) não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos; 3) não se forma espontaneamente como a atribuição de um discurso a um indivíduo (ao seu produtor), mas através de uma série de operações específicas e complexas; 4) não

reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários ‘eus’ em, simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar.

A questão do autor ou mais propriamente nas acepções foucaultianas, da função-autor’ traz para o palco das discussões uma introdução àquilo que o pensador francês asseverava de uma ‘introdução à análise histórica dos discursos’. Vejamos:

talvez seja tempo de estudar os discursos não somente pelo seu valor expressivo ou pelas suas transformações formais, mas nas modalidades da sua existência: os modos de circulação, de valorização, de atribuição, de apropriação dos discursos variam com cada cultura e modificam-se no interior de cada uma; a maneira como se articula sobre relações sociais decifra-se de forma mais directa, parece-me, no jogo da função autor e nas suas modificações do que nos temas ou nos conceitos que empregam (FOUCAULT, 2009, p.68-69).

Assim, seguindo os direcionamentos de Foucault, talvez fosse cogente pensar: 1)Segundo que condições e sob que formas, algo como um sujeito pode aparecer na ordem dos discursos? 2)Que lugar pode o sujeito ocupar em cada tipo de discurso, que funções pode exercer e obedecendo a que regras? Para Foucault, “trata-se de retirar ao sujeito (ou ao seu substituto) o papel de fundamento originário e de o analisar como uma função variável e complexa do discurso” (FOUCAULT, 2009, p.70).

Retomando as implicações deste estudo sobre a função autoria em contraponto com as singularidades das condições de produção em que foram lançados os diários de Carolina, especialmente o QD, vislumbramos uma função-autoria que, ao seu modo, intentou driblar as astúcias do tempo, do espaço, as condições sócio-históricas que gestaram e/ou ainda ajudaram a construir um diário pessoal em meio a um momento histórico e cultural que se dizia ou pretendia dizer em época de popularização e divulgação das produções públicas. É, portanto, sob essas condições de produção que Carolina é “encontrada” por Audálio Dantas, jornalista que tinha ido à favela em busca de informações sobre a vida dos favelados e descobre inesperadamente que, na intitulada favela do Canindé, havia uma favelada que relatava dia a dia o que ali ocorria.

Foucault, ao indagar “Que importa quem fala”, talvez tivesse lançado as bases para toda uma problemática do sujeito em relação à escrita e contribuído para o processo de autoria enquanto uma função modificável e intrínseca do discurso.

Ao intentarmos uma possível justaposição com as postulações de Foucault (2009), Bakhtin (1997) e de Mathias (1997), resguardadas as inúmeras diferenças de abordagem tanto da questão da autoria e do objeto estético (enquanto algo inacabado), quanto, ainda, das diferenças epistemológicas apresentadas por cada um dos autores, colocados em aproximação,

intencionávamos problematizar como um sujeito com as singularidades de Carolina Maria de Jesus pode aparecer na ordem dos discursos e instituir, de certa maneira, uma discursividade que aponta para a vida dos seres desafortunados.

Em face ao que foi exposto, deveríamos pronunciar que na materialidade linguística, de QD e DB confluem-se diversos direcionamentos. Tínhamos, por princípio, realizar uma descrição das referidas obras e, *a posteriori*, discorrermos sobre as suas singularidades e as nossas especificidades também, já que ao realizarmos um recorte e ao propormo-nos realizar **algo** já desvela nossa vinculação; entenda-se, aqui, uma inscrição neste campo teórico (AD) e não em outro. Não que aquele seja melhor, mais amplo, mais inquiridor, mas, sobretudo, porque não podemos fugir àquilo que, de fato e, prontamente, constitui-nos e a par de constituir-nos, grita em nós após serem travadas lutas infindas numa arena de luta de classes e entremostra, ao menos, duas vozes constituindo-nos para recorrermos aqui aos dizeres de Bakhtin (1995).

Tomamos por **algo** o intento desta tese que é de evidenciar como os sujeitos se constituem nas fissuras dos cadernos encardidos e, aliado a isso, delinear como se dá a discursividade literária em Carolina Maria de Jesus. Não é demais dizer que ao escolher este título, fomos uma vez primeira tomada por nossos arroubos literários tão constituintes de nós mesmos enquanto sujeito – que se constitui como tal por relações de poder e saber. E essa constituição desvela um olhar diferenciado para e/o pela literatura e, concomitante a esta, também fomos instigados em nossa constituição enquanto sujeito de ou pelo escopo teórico de base discursiva. O título de nosso trabalho já revela nossa constituição enquanto sujeito e, especialmente, sujeito de e em uma pesquisa em AD. Portanto, respondendo quais seriam as vozes que nos constituem, deveríamos anunciar que uma delas diz respeito ao comprometimento afetivo com as questões literárias que parece exigir/singularizar uma escrita quase ativista. E outra voz seria aquela que também tão prontamente nos incita à existência: a paixão pelos apontamentos discursivos.

Dadas às singularidades dos processos de subjetivação, deveríamos acrescentar que o sujeito discursivo em QD e DB acha-se inscrito em uma historicidade, em um lugar social, cultural e político e, ao se constituir sujeito de uma subjetividade o faz a partir destas singularidades. Se pensarmos nas diversas posições-sujeito em QD e DB, conjecturaríamos que, embora haja o intento de relatar o dia a dia quase sempre igual, há algumas contradições conhecidas no posicionamento daquele que se incube de contar o cotidiano da favela, inscrevendo-se nessas admitidas diversas posições-sujeito que viemos delineando ao longo desta pesquisa. Assim, este sujeito discursivo inscrito em uma dada formação discursiva sob

efeitos do poder e sob relações precisas de saber, também anuncia em muitos momentos que, mesmo se intitulando como a poeta dos desvalidos reconhece, aliás mais que isto, apregoa que na pobreza não há poesia como em: “Como é horrível ouvir um pobre lamentando-se! A voz do pobre não tem poesia”(QD, p.135) e inscreve-se como a voz que também amaldiçoa os favelados, (des)velando suas características infaustas.

A exemplo desta plurivocalidade, o sujeito discursivo parece entremostrear a necessidade de deixar premente as queixas dos favelados, seus irmãos de fatalidade. Talvez, por isso tenha descoberto que o seu quarto de despejo seria pequeno demais para suportar seus gritos, seus instintos, seus desejos mais genuínos de desvelar a sua agrura e a de seus irmãos favelados. Posteriormente, experimentou a exclusão por ter ambicionado uma **Casa de alvenaria** – esta se despontou tempos depois ser um empreendimento imponente demais; seria, pois, um atrevimento de negra abusada e, por fim, silenciou-se e/ou fora emudecida em um sítio em Parelheiros até 1977, ano de sua morte.⁷⁰

Nesse sentido, acreditamos que, nas materialidades linguísticas aferidas em QD e DB, afloram efeitos de sentidos diversos e é, certamente, pensando nessa diversidade que aqui optamos por pensar em fios teóricos que se interpenetram e não, ao revés, que se destoassem.

Nos aportes teóricos da AD, encontramos, não raras vezes, a definição de muitos conceitos com os quais trabalhamos e estamos a cotejar, justamente, por oposição, por aquilo que ele não é, e isto principia até mesmo pela noção de autor, de sujeito, de obra. Definimos, sobretudo, o sujeito, por aquilo que ele não é. Ele não é o sujeito uno. Ele não é mais o sujeito cartesiano. Para a AD, a noção de sujeito desvela-nos, sobretudo, pela negatividade, pela lacunosidade, pelo espaço preenchido por uma forma-sujeito que, ao assumir um lugar social e histórico, faz uma tomada de posição e se constitui, então, sujeito. Deliberamos que o sujeito não é o indivíduo – enquanto sujeito empírico, com uma identidade, solteiro, casado, feliz e/ou infeliz.

Na AD, o sujeito é multifacetado, plurivocal e sujeito a constituir se em ‘sujeito a’ e sujeito ‘de’ nas acepções foucaultianas. Trata-se de um processo inconcluso e nunca o é na sua ‘inteireza’/por completo, há sempre possibilidade de escapar aos efeitos de poder, por meio da prática de resistência que é/se apresenta com a mesma configuração/natureza dos efeitos de poder. O sujeito só pode ser apreendido enquanto sujeito inscrito em um lugar social, em um

⁷⁰ - Ao concretizar o sonho de possuir uma casa de alvenaria –conquistada com o dinheiro ganho com a publicação/vendagem do QD, Carolina se viu às voltas com o desafio de ‘não ser aceita’ entre os vizinhos de alvenaria (vizinhos do bairro de Santana – onde Carolina fora morar). Por outro lado, entre os favelados ela não passava de alguém que deveria ajudá-los financeiramente. Conseguiu ajudar muitos deles, mas como tinha certa dificuldade para movimentar o dinheiro ganho e dificuldades, ainda, em negar ajuda aos favelados, preferiu vender a casa e mudar-se para um sítio em Parelheiros.

lugar discursivo e sob determinadas inscrições sociais, históricas, políticas, econômicas e outras e, ainda, fortemente marcado por intrínsecas relações de poder. Ou, conforme expõe Bakhtin (1995), o sujeito é constituído na interação social, não é o centro de seu dizer; em sua voz, um conjunto de outras vozes, heterogêneas, desponta-se. O sujeito é polifônico e é constituído por uma heterogeneidade de discursos.

A polifonia é utilizada aqui no sentido conferido por Bakhtin (2008) ao empregar o conceito na análise da ficção *dostoievskiana* e sugerindo que a mesma colocava em jogo uma multiplicidade de vozes ideologicamente distintas, as quais resistiam ao discurso autoral de caráter monológico. Nesse sentido, “a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes *plenivalentes* constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski”. (BAKHTIN, 2008, p.05). A noção de plenivalência acha-se definida por Bakhtin como vozes plenas de valor, que mantém com as outras vozes do discurso uma relação de absoluta igualdade como participantes do grande diálogo. Para Bakhtin, a polifonia é parte essencial de toda enunciação, uma vez que em um mesmo texto ocorrem diferentes vozes que se expressam, e que todo discurso é formado por diversos discursos. Haveria, pois, algumas características tributárias desta polifonia, a saber: a noção de ‘inconclusibilidade’, de inacabamento, de consciências múltiplas e intercambiáveis, de dialogismo (presença de diversas vozes de distintas inscrições ideológicas). Segundo Bakhtin: “Dostoiévski teve a capacidade de auscultar relações dialógicas em toda a parte, em todas as manifestações da vida humana consciente e racional; para ele, onde começa a consciência começa o diálogo” (BAKHTIN, 2008, p.47).

Insistimos que Bakhtin estabelece a noção de polifonia ao realizar um estudo detalhado da obra de Dostoiévski. Portanto, não parte de um *a priori para encaixar a noção de polifonia em Dostoiévski*, ao revés, ao estudar minuciosamente essa obra, apresenta as características de um romance polifônico. A noção de inconclusibilidade e de inacabamento singulariza que o herói – como uma consciência outra do autor – é inacabado/incompleto assim como todo o romance. O autor, ao intentar estabelecer os contornos de um herói/personagem, fá-lo no movimento da imagem inconclusa. Ele não fala de um herói, ele fala com o herói; daí, a noção de diálogos entre duas consciências. No romance polifônico há várias consciências, há várias e distintas vozes e cada qual se apresenta por si mesma com sua inscrição ideológica e social. A abordagem polifônica apresenta, portanto, o herói no herói, ou o ‘homem no homem’ e destrói a imagem ingênua do homem sobre uma consciência; as consciências se apresentam diluídas, turvas, assim, como diria Bakhtin, “o enfoque dialógico de si mesmo rasga as roupagens externas da imagem de si mesmo, que existem para outras pessoas, determinam a avaliação

externa do homem (aos olhos dos outros) e turvam a nitidez da consciência-de-si” (Bakhtin, 2008, p.137).

Ao empreendermos nessa seção uma leitura dos diários íntimos QD e DB sobre a ótica de Bakhtin e Mathias, o fizemos no sentido de ilustrar que a anotação do cotidiano constitui o que outrora dissera Blanchot que é preciso anotar para preservar o dia, glosar para não morrer. De outro modo, em um aporte foucaultiano, poderíamos dizer que escrever sobre si, ter cuidado consigo é um tentame de constituição de uma subjetividade. Ao se organizar diante de si e, ainda perante o outro, funda-se uma subjetividade.

Pelo exposto, deveríamos, ainda, proferir que, ao realizar um contraponto entre as obras de Bakhtin, Mathias e Blanchot sobre o gênero autobiográfico, a noção de excedente de visão e de preservação dos dias vividos/anotados tínhamos em tese realizar uma leitura de nosso *corpus* sob este viés, pois, que, em outro momento e, não raras vezes, neste mesmo, fazíamos nos em relação aos postulados foucaultianos. São apreensões distintas sobre a constituição de um processo de subjetividade: para Bakhtin (1997; 2008), via linguagem, via relação com o outro (o outro confere a noção de excedente de visão que falta ao próprio autor/eu), via luta admitida de palavras e consciências/posições ideológicas; já para Foucault a constituição de uma subjetividade dar-se-ia via escrita de si, via anotação de si, via cuidado de si e do outro, como já foram desenvolvidos ao longo desta pesquisa.

4.3-Nas marcas de um dito, a inscrição de um já-dito: assim, “já não falamos senão entre aspas”⁷¹

Por toda a parte há somente um mesmo jogo, o do signo e do similar, e é por isso que a natureza e o verbo podem se entrecruzar ao infinito, formando, para quem sabe ler, como que um grande texto único.
(FOUCAULT, 2007, p.47)

Diríamos que a discursividade empreendida e delineada em QD e DB singulariza um trabalho ininterrupto do sujeito frente ao(s) sentido(s). Assim, sujeito e sentido são produzidos na história. Pensar em uma teoria que envolva a noção de sujeito é, fatalmente, indagar sobre

⁷¹ - Ao prefaciar o livro de Bakhtin intitulado **Estética da Criação Verbal** (1997, p.07), TODOROV tece alguns apontamentos teóricos com outras obras do próprio Bakhtin e profere: “[...]pois não há mais, de um lado, a verdade absoluta (do autor) e, do outro, a singularidade da personagem; existem apenas posições singulares, e nenhum lugar para o absoluto.[...] já não se ousa dizer nada com convicção; e para dissimular as incertezas, as pessoas refugiam-se nos diversos graus da citação: já não falamos senão entre aspas.” Recorremos a este excerto com o intuito de dar título a presente seção, já que nesta ambicionamos delinear por meio da materialidade linguística de **Quarto de despejo**, as singularidades da discursividade literária que recorre a vozes outras para compor o dito, neste caso, o sujeito sendo sempre um *já-sujeito* também traz em sua discursividade (no dito) as marcas de um já-dito e marcas de um dizer outro.

a questão do sentido, pois este e aquele são produzidos na história, em outras palavras, são determinados por esta ou aquela historicidade. Insistimos, pensar em uma teoria e análise do discurso é sobremaneira indagar a respeito de uma teoria do sentido, pois, conforme apontara Malidier (2003, p.51) ao recorrer aos postulados pecheutianos: “O sentido não é dado mais do que o sujeito”. Há traços no discurso de elementos discursivos anteriores cujo enunciador foi esquecido, o que Pêcheux em *Semântica e Discurso* (1997) intitula de pré-construído e que, posteriormente, denominou de interdiscurso. Há uma relação inerente entre interdiscurso e intradiscurso. Este autor define intradiscurso como:

o funcionamento do discurso com relação a si mesmo (o que eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que eu direi depois; portanto, o conjunto dos fenômenos de “co-refêrencia” que garantem aquilo que se pode chamar o “fio do discurso”, enquanto discurso de um sujeito (PÊCHEUX, 1997, p.166).

Ele ainda acresce que o intradiscurso só pode ser compreendido na relação com o interdiscurso. Assim, o intradiscurso só pode ser pensado como o lugar em que a forma-sujeito tende a “absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso” (1997, p.167). Ao retomarmos, a materialidade linguística deste trabalho, observamos que o sujeito-autor vale-se da exterioridade, tomada aqui, enquanto as condições sociais, históricas, políticas, jurídicas, econômicas e culturais que engendraram a possibilidade de uma discursividade singular, especialmente, se adotadas as ‘circunstancialidades’ de quarto de despejo em todas as possíveis acepções que o vocábulo possa abarcar.

Nesse sentido, poderíamos retomar as discussões principiadas anteriormente de que, na materialidade discursiva, se faz emergirem posições-sujeito diversas e há, ainda, uma intrínseca correlação entre os atravessamentos possíveis entre sujeito e sentido(s); assim, haveria um dizer já-dito e, ainda, recorrente “já lá”, seja aquele retirado, destacado dos provérbios, das falas, dos livros que lhe caíam às mãos (no caso do autor Carolina), seja outros pertencentes ao imaginário coletivo. Tanto assim o é que o sujeito na posição de autor se vale de textos lidos, entre eles Casimiro de Abreu, Castro Alves, Victor Hugo e de reportagens colhidas e registradas, especialmente, em QD. Vejamos os enunciados:

(1)...Tem hora que revolto com a vida atribulada que levo. E tem hora que me conformo. Conversei com uma senhora que cria uma menina de cor. É tão boa para a menina... Lhe compra vestidos de alto preço. Eu disse: _ Antigamente eram os pretos que criava os brancos. Hoje são os brancos que criam os pretos (QD, p.24).

(2) (...) Toquei o carrinho e fui buscar mais papeis. A Vera ia sorrindo. E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: “Ria criança. A vida é bela”. Só se a

vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está mais apropriada para dizer: “Chora criança. A vida é amarga” (QD, p.36).

O já dito, o já lá é algo bem evidente, bem marcado no intradiscurso de QD:

(3) Comecei sentir fome. E quem está com fome não dorme. Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalem: _ “Não chores por mim. Chora por vós” – suas palavras profetizava o governo do Senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome (QD, p.128).

(4) Eu não nasci ambiciosa. Recordei este trecho da Bíblia: “Não acumules tesouros, porque lá estará o teu coração.”
Sempre ouvi dizer que o rico não tem tranquilidade de espírito. Mas o pobre também não tem, porque luta para arranjar dinheiro para comer (QD, p.155).

O sujeito discursivo que emerge no enunciado “Antigamente eram os pretos que criavam os brancos. Hoje são os brancos que criam os pretos” inscreve-se a partir de uma formação discursiva que intui no passado (em outro momento histórico-social) que eram os pretos (as amas de leite) que criavam os brancos; no agora, esta posição acha-se invertida. Este sujeito discursivo traz à baila uma formação discursiva a respeito da constituição das singularidades da escravidão no Brasil, especialmente na configuração do lar (na Casa Grande), isto é, da figura da negra alimentando os filhos brancos. Hoje os brancos adotam, criam crianças negras desvelando outro arranjo familiar, outras condições de produção e outras formações discursivas sobre a escravidão ou as diversas disposições da escravidão e das configurações familiares.

O enunciado “(...) Toquei o carrinho e fui buscar mais papeis. A Vera ia sorrindo. E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: “Ria criança. A vida é bela” já fora contemplado anteriormente e importa, por ora, apenas elucidar que ele traz à mostra (em interdiscurso) os versos de Casimiro de Abreu materializados em outra formação discursiva, aliás, sob outras configurações histórico-sociais. Ao término deste, o sujeito discursivo esboça “O tempo está mais para dizer: ‘Chora criança a vida é amarga’”. Este enunciado “Ria criança. A vida é bela” já traz a palavra do outro em evidência, ou seja mostrada, como já diria Authier-Revuz sobre a heterogeneidade mostrada.

No enunciado “Comecei a sentir fome. E quem está com fome não dorme. Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalem: _ “Não chores por mim. Chora por vós” – suas palavras profetizava o governo do Senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome.” há um posicionamento do sujeito do discurso que atualiza os dizeres bíblicos em outras condições

histórico-políticas. Neste contexto, de agora, o povo continua a representar o penado da miséria, da fome. O sujeito que emerge desses enunciados alude que ele é leitor de textos bíblicos. Dessa forma, entendemos que **o intradiscurso** desvelaria filiações heterogêneas no fio do discurso, seria, para recorrermos a uma metáfora, **um lugar de tensão/confronto**, um nó discursivo, cujas frestas deixam entrever os efeitos de sentidos entre o que seria da ordem das regularidades/constituição e o da ordem da formulação (intradiscurso).

Insistimos que as palavras do outro e/ou colocadas ‘sob aspas’ corroboram uma suspensão, uma ausência que se faz presente; entenda-se marcada de um enunciador outro, conforme já dissera Authier-Revuz (1998): “Palavras mantidas à distância”. A autora, por meio de uma fusão de exemplos finamente trabalhados, abordava a questão das aspas que, colocadas em uma palavra ou expressão, marca uma suspensão da tomada a cargo pelo enunciador. Esta questão tocava diretamente no surgimento do outro no discurso de ‘um’ sujeito. Assim, no intradiscurso há marcas de outros enunciadores ou para recorrermos ao vocábulo utilizado por Bakhtin (1997), no discurso há outras vozes enunciadas.

Poderíamos acrescentar que os trabalhos de Bakhtin trazem à tona a problemática da heterogeneidade, ou, por outras palavras, o surgimento do *outro* no discurso de *um sujeito*, colocando-a sob um ponto de ancoragem para a análise discursiva.

Esse discurso outro no interior do próprio discurso singulariza o que é da ordem do entrelaçamento, pois, dos ‘fios do discurso’ e sua relação com o interdiscurso, amplamente cotejada por Authier-Revuz (1998) com a intitulada heterogeneidade do discurso, evidencia um espaço a ser contemplado pela análise de discurso. Todos os exemplos arrolados acima aferem o dizer outro no dizer de um sujeito. Vejamos o enunciado: “Eu não nasci ambiciosa. Recordei este trecho da Bíblia: “Não acumules tesouros, porque lá estará o teu coração. Sempre ouvi dizer que o rico não tem tranquilidade de espírito. Mas o pobre também não tem, porque luta para arranjar dinheiro para comer””: o sujeito discursivo aqui se vale de textos alheios (no caso o bíblico) para compor o relato atual sobre a miséria e a falta de tranquilidade de espírito que não só está vinculada àqueles que muito possuem, mas sobretudo àqueles que nada têm, pois a estes também escassa o sossego, já que se veem às voltas com a luta para sanar a fome.

Sob este mesmo enunciado “Eu não nasci ambiciosa. Recordei este trecho da Bíblia: ‘Não acumules tesouros, porque lá estará o teu coração’” poderíamos acrescentar que ele faz o mesmo, traz a palavra do outro sob aspas, conquanto as reatualize sob outras condições histórico-políticas e econômicas.

Não é sem propósito, não é ingênuo pensar que o sujeito discursivo lera Casimiro de Abreu, Castro Alves, dentre outros românticos que lhe caíram nas mãos, como não é sem intenção, pueril acreditar que Carolina – enquanto sujeito-autor – tenha escrito nos cadernos encardidos tão somente porque ela os havia encontrado nos lixos; ela poderia ter escrito em qualquer tipo de papel que lhe chegasse às mãos, mas fora nos cadernos encardidos, fora nos cadernos recolhidos no lixo que ali iniciou uma escrita, fortemente marcada, como em um palimpsesto – como se a temer que algo pudesse ocorrer, como se algo pudesse apagar, silenciar sua discursividade literária, seus diversos gêneros discursivos e talvez temesse também seu próprio desaparecimento⁷².

A singularidade desta discursividade se evidencia, ainda por meio do que, aqui, estamos tomando como rasurada, já que o sujeito em sua função autoria tenta se valer de discursos outros – Casimiro de Abreu, alguns mitos africanos, algumas leituras, alguns provérbios, enfim ele tenta se munir de elementos diversos para constituir uma discursividade singular. E é rasurada, na medida em que esta discursividade se entremostra nas fissuras dos cadernos encardidos; que são encardidos tanto pela ação do tempo quanto por marcas de outros inscritos anteriormente listados, em que a posição-sujeito tenta apagar e escrever/se inscrever por cima, no exercício de também reciclar os papéis que iriam constituir uma instância sujeito, em função autoria, distinta das singularidades excludentes do sujeito empírico.

Recentemente, tivemos a possibilidade remota de ter tido acesso aos microfilmes dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus, ainda não publicados, de fato, embora estejam ao alcance do leitor na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e, por intermédio deles, desvela-se um sujeito em sua função autoria tão singular: escrevera sob a pauta do dia, contudo, o fez sob o crivo de diversos gêneros discursivos, notória a versatilidade desse sujeito-autor que não se abatia frente às limitações culturais, financeiras, econômicas e políticas impostas pelo lugar social em que estava inscrita/circunscrita.

Nesse sentido, não só o sujeito discursivo se constitui nas/pelas singularidades já delineadas sobre o sujeito empírico Carolina Maria de Jesus; quanto a discursividade, também é constituída por estas especificidades. Assim se o sujeito se constitui na/pela alteridade com um outro, a discursividade caroliniana também se desvela dialógica, já que diversas outras vozes ecoam dos/nos diário QD e DB. Por isso, esperamos que a expressão rasurada faça mais jus à sua discursividade. A discursividade é rasurada, pois há a tentativa do sujeito discursivo voltar atrás e se inscrever tentando recuperar palavras, expressões, inícios de frases que havia

⁷² - Nos manuscritos de Carolina Maria de Jesus, observa-se uma letra redonda, grafada com muita força.

sido escrito com “certos equívocos” em relação à norma intitulada padrão⁷³. É rasurada porque o sujeito-autor deixa ver o que fora escrito antes e o que está sendo corrigido, na tentativa de melhor se adequar à língua formal. E é, ainda, rasurada, porque o processo de produção do discurso apresenta-se marcado pela presença de outras vozes. Na voz do sujeito um se apresenta enunciações outras.

Assim, ao discorrer sobre a discursividade literária em QD, devemos dizer que estamos diante de uma posição sujeito que criva o mundo, ressignifica-o e o enuncia no entremeio de uma literariedade. Trata-se, pois, de uma tentativa de deslocamento de um lugar social de pobreza e extrema miséria para um lugar discursivo imaginário de constituição pelo seu dizer sobre si. Um exercício de alteridade da/e pela linguagem que lhe afere uma autoria como forma de emergência de um sujeito do mundo nele próprio.

4.4- A Discursividade Rasurada em Quarto de despejo

Nosso objetivo geral com esta subdivisão é delinear, a partir dos enunciados de QD, algumas regularidades quanto ao que estamos denominando de discursividade rasurada em QD. Carolina Maria de Jesus se vale de tentativas de inscrição em uma dada norma padrão da língua para compor os relatos. É manifesto, na materialidade dos enunciados de QD, algumas incorreções gramaticais e/ou ortográficas e, ainda, as intituladas hipercorreções que seria esta tentativa de o sujeito ao se inscrever em uma língua que não é propriamente a sua. Segundo Cox (2004, p. 136), a “hipercorreção” “nada mais é do que o desejo de se apropriar das formas linguísticas que valem mais no mercado de bens simbólicos.” Vale dizer que, na perspectiva em que nos inscrevemos, esse “desejo” de se apropriar do código definido como padrão não é do conhecimento do sujeito, já que se constitui ideologicamente: “*todos*” querem falar e escrever “certo”, da “melhor” forma possível. Para isso, traz à tona o imaginário das formas linguísticas hegemônicas que construíram nas suas experiências, nas suas práticas linguísticas nos espaços formais de enunciação.

Citamos esse jogo discursivo de formações imaginárias, pois, especialmente através da análise do fato linguístico “hipercorreção”, é possível alegar que os diferentes sujeitos, considerando a imagem que têm de si mesmos, a imagem da imagem que seu interlocutor tem

⁷³ - Este exercício só fora possível quando da leitura dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus. Nas obras publicadas tal prática é impossível.

dele, assim como a imagem que têm da língua, buscam reproduzir os traços linguísticos legitimados como “corretos”.

É oportuno observar que uma das definições de “hipercorreção” citada constitui-se tanto pelo imaginário de que a linguagem urbana é a ideal quanto traz em si, materializada, a ideia de “erro”, de “incorreção”: “erros populares”, “usos incorretos”.

No caso de Carolina, o que lhe impulsionaria a se corrigir, talvez fosse o desejo cogente de ser escritora, ainda que só detivesse dois anos do antigo primário enquanto subsídio para construir e se tornar, na ordem do devir, uma possível escritora com todos os ônus e os consequentes bônus advindos com e de sua discursividade. Ela fora incitada, ainda, por seu desejo arrebatador de ser aceita em um mundo intitulado “letrado” cuja chancela era ser detentora dos códigos de uma língua padrão, entenda-se, com todos os contornos de uma norma da cultura letrada.

Nesse sentido, o que a motivara não era *a priori* a ascensão social, conquanto depositasse nesta possibilidade de ascensão, todas as suas esperanças de possuir uma casa de alvenaria e sobreviver do produto de sua escrita. De sorte, que a ascensão era apetecida via produto de uma escrita que, de certo modo, daria sua liberdade, sua possível redenção. Sabemos que os anos subsequentes ao lançamento de QD evidenciaram que a ascensão a uma nova classe social não lhe fora possível, de fato. No exemplo da referida autora lhe fora exigido muito mais; além de ser detentora de uma língua de registro intitulado padrão, fora lhe ordenado outros pré-requisitos para ter acesso à cultura letrada: as condições socioeconômicas e culturais impraticáveis, em tese, para alguém com as suas singularidades.

Não é sem razão que, ao realizarmos uma leitura de parte dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus facilmente identifica-se uma escritura que precisa grafar com força, com toda a força possível – necessidade de escrever e reescrever, fortemente, sua história se circunscrevendo em um texto como se ele fosse sempre um palimpsesto, uma escritura em palimpsesto. A escrita em palimpsesto é utilizada aqui com a concepção que era dada pelos gregos na acepção de raspar o texto e reescrever, fortemente, por cima e, no presente caso, também deixa à mostra aquela versão primeira (os primeiros caracteres). Deveríamos frisar que a aludida autora já escrevia em cadernos que eram retirados do lixo e, neste caso, já evidenciavam, já traziam em si uma página amarela, folhas arrancadas, descoladas e reaproveitadas – um dizer já premente e outro que seria, profundamente, reescrito nas folhas dos cadernos encardidos.

Essa escrita *por sobre* revela uma historicidade que pertence a uma anterioridade que determina o lugar social do sujeito, trazendo a superposição de outra escrita que, por uma

alteridade em clivagem, revela o lugar discursivo da instância sujeito. Dessa forma, a alteridade ‘por sobre’/‘superposição’ significa essa movência do sujeito, que constitui uma posição-sujeito que se traduz por seu lugar social e faz emergir uma tomada de posição revelando o lugar discursivo autor. Ao mesmo tempo não se pode deixar de registrar o deslocamento simultâneo entre os três lugares (posição-sujeito, lugar social e lugar discursivo), síntese da criação discursiva que se enuncia nos cadernos encardidos.

Poderíamos anunciar que há no diário QD, eleito nesta seção como *corpus* para a presente análise, uma materialidade linguística que aponta para uma discursividade singularizada e que estamos tomando por rasurada. As diversas posições-sujeito enunciam a partir de determinados lugares sócio-político-econômico que circunscrevem as suas condições de produção. Talvez seja por esta razão que poderíamos pensar que a escrita, simbolicamente, representa a tentativa de um sujeito de se apossar de uma língua/linguagem e alçar os sonhos de ser denominada pela alcunha de escritora.

Realizada esta incursão pelas e nas singularidades que envolveram a autora e seu diário QD, utilizado enquanto *corpus* para uma análise das regularidades das incorreções gramaticais e/ou ortográficas e do fenômeno linguístico hipercorreção, cumpre-nos mostrar algumas ocorrências, uma vez que realizar um inventário delas seria desnecessário e não queremos restringir Carolina Maria de Jesus neste lugar de aceitabilidade linguística ou não, cobrando-lhe, a exemplo de outrem, esta ou aquela inscrição aos códigos linguísticos denominados por modalidade padrão.

Insiste-se aqui que Carolina empreende as intituladas hipercorreções ao tentar se adequar a um código linguístico tomado como padrão. Influi-nos, no momento, selecionar algumas destas tentativas de se ‘autocorriger’ e ela realizava-as com o intuito de preencher determinados pré-requisitos ordenados para se inscrever enquanto uma escritora.

Vale destacar que a maioria das hipercorreções encontradas na obra QD dá-se na colocação pronominal, em inúmeros casos em que a regra geral exige ênclise, o sujeito-autor coloca próclise e, muitas vezes, a recíproca contrária é verdadeira, por entender que o padrão estabelecido pela norma culta da língua portuguesa requer, necessariamente, o domínio de princípios básicos da língua, entre eles, o uso do pronome, a grafia correta das palavras, a escrita de nomes próprios com letra maiúscula, o início de frases com maiúscula, a concordância verbal e também a nominal, dentre outros aspectos, como veremos, brevemente, ao longo desta seção.

Nesta subdivisão, exibiremos enunciados (recortados de QD) já apresentados anteriormente, mas aqui os reapresentaremos com propósitos distintos dos anteriores.

Insistimos, esta reapresentação com a finalidade de explorar aspectos ainda não abordados é de extrema valia para os propósitos ora intentados: delinear a discursividade rasurada em Quarto de despejo – diário de uma favelada.

É sabido que Carolina Maria de Jesus não detinha a maior parte das regras da norma padrão, uma vez que somente dois anos de escolaridade seriam insuficientes para assegurar-lhe o pleno domínio do registro formal da Língua Portuguesa. Assim, visando a “arrumar/ajustar” a língua falada à norma padrão comete alguns ‘desajustes’, na medida, em que ao intuir o que seria da ordem do padrão, Carolina, enquanto sujeito-autor, corrige-se e/ou se ‘hipercorrige’.

Nos excertos a seguir observamos o uso ‘incorreto’ da colocação pronominal. Comumente a norma padrão dita como regime de “aceitabilidade” a predominância de ênclise, conquanto o português do dia a dia, como diria Oswald de Andrade⁷⁴, seja sempre a próclise: “Me dá um cigarro”. Carolina na tentativa de arrumar/ajustar a língua ao que era apregoadado enquanto norma padrão, entenda-se, língua socialmente aceita/de prestígio, recorre à ênclise, indiscriminadamente, até mesmo, naqueles diálogos pertencentes à fala coloquial, aos quais, inevitavelmente, se exigiria a próclise.

Nesse sentido, mesmo os excertos pertencentes aos diálogos dos favelados, os quais deveriam ser da forma como falam estas pessoas simples, quer seja, espontaneamente, com predomínio de próclise, com palavras e expressões populares, com palavras de baixo calão, com gírias, enfim, expressões típicas da coloquialidade das falas reais dos favelados, o sujeito-autor confere aos diálogos marcas de texto citado, marcas de ênclise, quando, seguramente, a realidade/a situação contextual das falas demandariam a próclise. Vejamos:

Fui torcer as minhas roupas. A D. Aparecida perguntou-me:

_ A senhora está grávida?

E **lhe chinguei** interiormente (QD, 1960, p.15)⁷⁵.

Quando retornei do rio o feijão estava cosido. [...] Hoje é a Nair Mathias quem começou a impricar com os meus filhos (QD, p.15).

O **que aborrece-me** é elas vir na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade interior (...) Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. (QD, 1960, p.17)⁷⁶.

⁷⁴ - Pronominais de Oswald de Andrade: “Diz a gramática/Do professor e do aluno/E do mulato sabido/Mas o bom negro e o bom branco/Da Nação Brasileira/Dizem todos os dias/Deixa disso camarada/Me dá um cigarro”.

⁷⁵ - As expressões sublinhadas indicam a grafia “incorreta”, ou melhor, sem prestígio quando comparada com a língua na modalidade padrão (de prestígio). Já as expressões em negrito evidenciam a colocação pronominal. No início do diálogo, a autora recorreu à ênclise, quando pelos padrões de uma língua mais espontânea seria desnecessário e até ilegítimo utilizá-la.

⁷⁶ - As expressões em negrito neste enunciado e no seguinte evidenciam o emprego “inadequado” do pronome, já que quando se tem o pronome relativo **que**, o pronome fica junto a ele, portanto, emprega-se, de acordo com a

Os **que preferiu-me** eram soezes e as condições que êles me impunham eram horriveis (QD, p.18).

Ela **odeia-me** porque os meus filhos vingam e por eu ter radio⁷⁷ (QD, p.18).

Os enunciados em negrito evidenciam o “mau uso” da colocação pronominal e os trechos sublinhados demonstram alguns pequenos equívocos *de grafia*; todos estes intitulados *equívocos* foram levados em consideração nesta análise, tomando-se como modelo os celebrizados preceitos da norma padrão da Língua Portuguesa.

Em alguns momentos, encontramos também excessos ou os “intitulados erros” ortográficos que, em uma revisão autorizada para os autores altamente escolarizados tal não ocorreria, ou seja, antes de se lançar um livro, ele já teria sido passado por uma ou mais revisões. Este não fora o que ocorrera com a obra denominada QD, já que esta suposta revisão não fora realizada na obra da autora, conforme, já insistimos nas considerações antecedentes sobre a anterioridade discursiva que engendraram as singularidades de QD.

Poderíamos acrescentar que essa não correção também fora um dos motes que instituíram a nossa captura em relação ao *corpus* a ser analisado discursivamente, talvez seja, justamente, esta não correção que tenha nos impelido para a singularidade desta escrita. Em outras palavras, esse não-lugar (enquanto lugar possível) e esta não revisão foram responsáveis, em parte, por nossa interpelação frente ao nosso objeto de análise, quer seja, o *corpus* escolhido e, ainda, o arcabouço teórico a ser utilizado enquanto embasamento teórico discursivo.

Assim, alinhavamos uma seção que pretendia delinear a discursividade rasurada em QD, pois, embora o sujeito-empírico Carolina Maria de Jesus detivesse modesta escolaridade formal, possuía muito mais atributos e manejo com a língua que, provavelmente, dois anos lhe ofertariam. Pode-se dizer que, à medida que a autora ia tendo acesso a este ou aquele livro, por um reflexo inverso ela também retomava suas escrituras e corrigia algumas expressões, início de palavras e até mesmo se valia de muitas expressões atípicas para alguém com pouca escolaridade formal. Seria o que, pontualmente, asseverou a crítica literária Marisa Lajolo ao prefaciá-lo o livro de poemas de Carolina Maria de Jesus, que ela se vale/valeu dos preciosismos vocabulares, a quem dera o nome de lantejoulas.

Insistimos em anunciar que, se a discursividade é rasurada em QD é porque há um processo da instância sujeito autor de *nunca acabar*⁷⁸ com o manejo, o preparo, a tessitura de

gramática prescritiva, a próclise. No presente caso, fora empregada a ênclise nestes dois enunciados contrariamente aos preceitos.

⁷⁷ - Todas as palavras que estiverem assim destacadas o foram por estarem fora dos padrões aferidos pela norma padrão. Normalmente o que fazem estas expressões diferentes do que prontamente estabelece a norma padrão de uma língua pode ser simplesmente a falta de acento e/ou ainda a grafia “intitulada errada”.

seus diários, uma vez que o objetivo intrínseco desta instância enunciativa entenda-se o seu desejo íntimo e inadiável era ser na ordem do devir, uma instância sujeito escritora conhecida e reconhecida por sua obra – indicativos de uma mulher que por sua anterioridade histórica, já nos entremostra que ela estava e esteve a frente de seu tempo, a despeito do que as adversas condições socioeconômicas e culturais lhe outorgariam, já largamente anunciadas e explicitadas, nesta tese, em especial, nesta seção.

Persistimos: quando se tem acesso aos manuscritos de Carolina Maria de Jesus, observa-se esse processo de reescritura, esta tentativa de retornar e retomar a escritura e lá acrescentar-lhe novos alinhavos. Por isso, recorremos, aqui, a uma expressão pecheutiana de “nunca acabar”, pois o trabalho do sujeito-autor com a sua escritura entremostra este exercício infindo, por isso sempre e/ou quase sempre entreaberto e nunca conclusivo. Por alguns momentos, tivemos contato e visualizamos através dos microfilmes, parte de sua obra e, nesse sentido, ressalvamos, prontamente, este processo de reescrita, esta tentativa de retornar e retomar a escritura e lá, acrescentar-lhe novos remendos. Para além das questões que possam aferir o objetivo inicial desta subdivisão – delinear as singularidades de uma discursividade rasurada em QD –, entendemos que dominar a norma padrão de uma dada língua não é tarefa fácil e, certamente, está/resta e restará imbuída de diversas condições de produção histórico-sociais e ainda jurídicas e financeiras de que a língua embora seja e deveria ser acessível a todos, não o é, de fato.

Inúmeras razões apontariam toda esta problemática, mas todas elas escapam ao objetivo primeiro desta subdivisão e abarcam, seguramente, políticas linguísticas e educacionais neste país – ou a falta/ausência de tais políticas; circunscrevem, ainda, ausência de incentivo à prática de leitura e escrita e, forçosamente, também evidenciam que, embora em termos estatísticos a grande maioria dos brasileiros seja denominada alfabetizada, muitos não são sequer usuários (produtores) competentes em sua língua.

Em tese, ao realizarmos aqui uma analogia com o que apregoava Virgínia Woolf, em outras condições materiais, intelectuais, enfim, sob outras condições de produção histórico-ideológica e sociocultural, de que a mulher que escrevia, que quisesse lançar mão de ser *escritora* deveria fazê-lo quando, de fato, tivesse um *teto todo seu*; Carolina, em meio ao caos, literalmente, em meio ao lixo, tenta encontrar nos cadernos encardidos recolhidos deste mesmo lixo, a possibilidade entreaberta de sair de seu mundo e confabular meios, entenda-se,

⁷⁸. Esta expressão encontra-se em Pêcheux (1997) ao referir-se ao processo de constituição do sujeito como algo inconclusivo e/ou de ‘nunca acabar’, sem ponto de partida ou de chegada.

aqui, materiais, intelectuais e financeiros para prover os seus e provê-los com o dinheiro advindo da escrita. Sua escritura que, a despeito de *ter e ser* um valor testemunhal inegável, revela uma autenticidade do vivido, desvela, ainda, uma espontaneidade de sua consciência de mulher, mãe, favelada, escritora, delatora e/ou relatora das ocorrências da favela.

Finda esta leitura, aliás, esta proposta de seção, esperamos ter contemplado, ainda que, de maneira incipiente, dadas as limitações espaço-temporais desta subdivisão, algumas incursões teóricas iniciais e basilares desse setorial, quer seja, as características linguística, históricas e sociais daquilo que estamos alcunhando de discursividade rasurada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assentimos com Foucault ao proferir que os começos são institucionalizados como solenes embora a contragosto de muitos. A exemplo dos começos, as palavras finais também carregam algo da mesma natureza dos inícios:

Existe em muita gente, penso eu, um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo de se encontrar, logo de entrada, do outro lado do discurso, sem ter de considerar do exterior o que ele poderia ter de singular, de terrível, talvez de maléfico. A essa aspiração tão comum, a instituição responde de modo irônico: pois que torna os começos solenes, cerca-os de um círculo de atenção e de silêncio, e lhes impõe formas ritualizadas, como para sinalizá-los à distância (FOUCAULT, 2011 a, p.6-7).

É sempre desafiador ter que colocar um ponto final e/ou um ponto-e-vírgula, já que também não cremos em proposição definitiva, nem muito menos em *gran final* e/ou *the end*. Fixamos que não só os começos são investidos de solenidade, os finais também carregam algo similar. Nesse sentido, como alinhar uma abordagem teórica fundada em Foucault e atravessada por outros referenciais complementares com *corpus* literário e singular como aqueles pesquisados, aqui? Como sair desse exercício, senão, sendo invadido pelas singularidades de um e outra, tanto Foucault, como Carolina Maria de Jesus nos incitam a pronunciar que não se sai imune a tudo isso. Como suturar esses fios teóricos com *corpus* literário com destreza, sem pender-nos para esta ou aquela convergência? Foucault dizia ao citar outrem: “Você não tem por que temer começar, estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis;” (2011 a, p. 07) Conquanto, recorrendo a esses e tantos outros dizeres, proferimos que os desfechos também são singularizados por judiciosa solenidade. Em nosso caso, em nossa inauguração com Foucault, acrescentaríamos que investidos de uma dupla estreia tanto em Foucault quanto em e com o nosso *corpus* (Carolina Maria de Jesus). Há sempre o medo, há sempre as inseguranças e os arroubos de alegria e, certa, tristeza.

É quase um oxímoro proferir que os finais indiciam, trazem os vestígios de dor e de alegria, feito um bordado com linhas quentes e frias também somos arrebatados por sentimentos controversos: alegria x tristeza; alívio x desconforto; angústia x consolo.

Deveríamos, sim, estar alegres tão somente, mas não; também estamos tristes. Não é fácil por fim a uma convivência de anos, dia a dia sendo cerzida com a linha mais pródiga denominada disciplina. Disciplina na tarefa de se debruçar sobre a leitura de Foucault e disciplina, ainda, ao exercermos, prontamente, o ofício arriscado de tecer uma tese de doutoramento.

Diríamos que esse era para ser tão somente um final, conquanto ele se apresenta, plasticamente, com uma suntuosidade, com uma celebridade regada não só com sabores de alegria. É abluído com sabores outros nem sempre tão afáveis. Por ora, alguns sabores se imiscuem e temos um agridoce, ou quaisquer outros sabores. É que temos medo de por fim a uma convivência de anos. Os sabores, as texturas, os cheiros, os sentidos se mesclam e, de maneira, paradoxal, temos ao alinhar os instantes finais de uma tese, certos paradoxos: delícia, prazer, tristeza e, por fim, certo, aliás, um imenso vazio. Sim, vazio! É que se encerra, ou se entreabre, aqui, longos anos de coexistência com a dor da consternação de um sujeito em posição de autoria que muito nos diz (Carolina Maria de Jesus) e, ainda, temos, um pensador elegante, singular na sua escrita que fomos fisgados por sua autenticidade e por suas, sempre suas indagações; seria esse mesmo o termo, acreditamos que sim. Insistimos fomos enlaçados pelo conhecimento, o saber, ou melhor, *a vontade de saber* sendo postos à prova a todo e qualquer momento.

Como então colocar um ponto-e-vírgula, para não sermos tomados precipitadamente como sujeitos cartesianos ao tentar sentenciar certas considerações finais? Assim como Foucault:

gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa (FOUCAULT, 2011 a, p.05).

A despeito dessa vontade de falar uma voz sem nome, eis que estamos e restamos órfãos; não sabemos ao certo como seria esta voz sem nome. Que os leitores mais afoitos não vejam nesta atitude tão somente ou, especialmente, uma estratégia de preenchimento textual, não é. É que, de repente, demo-nos conta que somos sujeitos em curso e ainda estamos em curso, e assim, entendemos que não há fim absoluto, como não há um dizer original. Quem teria dito as palavras adâmicas? Acreditamos, de posse agora dos dizeres de Bakhtin que não há um dizer adâmico/primeiro. Então, seguindo esses dizeres, poderíamos pensar que seria fácil dizer o *já-dito*, seria simples dizer a voz sem nome. Não o é! Relembremos, pois, Foucault:

Porque agora não há mais aquela palavra primeira, absolutamente inicial, pela qual se achava fundado e limitado o movimento infinito do discurso; doravante a linguagem vai crescer sem começo, sem termo e sem promessa. É o percurso desse espaço vazio e fundamental que traça, dia a dia, o texto da literatura (FOUCAULT, 2007, p.61).

Para aqueles que esperam das considerações finais: 1) um leve e breve regresso ao que, de fato, fora apresentado durante o percurso desta e nesta pesquisa; 2) que sejam elencadas, uma a uma as possíveis relevâncias deste trabalho; 3) que sejam pinceladas em palavras/(verbo), aliás, o ponto nevrálgico desta análise discursiva; 4) que sejam apontadas as especificidades de uma *escrita de si*; 5) que seja rapidamente retomada a materialidade discursiva dos diários íntimos – enunciados memorialísticos com características singulares ao anotar e preservar o presente, no momento mesmo do presente, ainda que sob recortes de uma dada realidade, de um tempo e de um espaço, o que proferimos, tão somente, não nos levem a mal, caros leitores, é que os finais são ruidosos e queremos que a nossa vontade de verdade há muito silenciada por relações precisas de poder e de saber reapareça e, com ela, aquele desejo de dizer. Conquanto, valendo-nos ainda dos dizeres de Foucault (2011 b, p.19-20) sobre os três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso, a saber: a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade, é do terceiro que o referido autor talvez mais prontamente o fala. Para Foucault, a vontade de verdade, em contrapartida, não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e mais incontornável. Vejamos:

Como se para nós a vontade de verdade e suas peripécias fossem mascaradas pela própria verdade em seu desenrolar necessário. E a razão disso é, talvez, esta: é que se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder? O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la. (FOUCAULT, 2011b, p.19 e 20)

Destarte, ao intentarmos colocar aqui um ponto-e-vírgula nesta tese, poderíamos dizer que, pelas especificidades do discurso de Carolina Maria de Jesus, evidencia-se uma *escrita de si* que passou por todos estes processos de exclusão que atingem o discurso, talvez na mesma ordem apontada por Foucault, ora citado. O sujeito em posição autoria ousou dizer em sua *escrita de si*, por intermédio de sua *escrita de si*, da palavra tolhida: o clamor de uma posição sujeito que ousava dizer da vida dos homens infames em pleno período que anos mais tarde conheceria o cerceamento levado ao extremo, a liberdade repreendida, severamente admoestada nos anos vindouros, pós-1964, quer seja 1º de abril de 1964 depois de um golpe das Forças Armadas contra o então presidente do país, João Goulart.

O desejo de um sujeito em posição autoria de entremostrear os sonhos de um sujeito-personagem e narrador de alçar os sonhos de escriturar a vida desafortunada fora etiquetado de discurso louco, segregado, insano. E, como outro e terceiro regime de exclusão do discurso, fora posto sob desconfiança, a vontade de verdade desse sujeito autor, apreendido,

apreensível nessa escritura rasurada de si, especialmente, porque já não se fazia desejável por parte do que era rotulado como bem-vindo na época – década de sessenta – dizer dos desvalidos que habitavam e coabitavam os quartos de despejos, primeiro de São Paulo, depois de tantos e tantos outros lugares aludidos nas duas obras tomadas enquanto materialidade linguística (Ribeirão Preto, Uberaba, Sacramento, e as fazendas no interior de Minas), mas que, de certo modo, ainda dizem de muitos quartos de despejos que há por aí.

Nesse sentido, há neste sujeito-pesquisador um jogo entre o que, de fato, constitui o nosso desejo de vontade, embora esse desejo se amálgama na própria e escorregadia verdade e/ou no desejo de verdade que subjaz a e neste trabalho. É uma luta sabida de palavras, ainda que os conflitos e a contradição sejam ingredientes indispensáveis de e para a constituição de um discurso.

Inventariar uma escrita de si por intermédio das fissuras dos cadernos encardidos é trazer à baila a tentativa do sujeito autor, ao escrever sobre si e outrem (os favelados), de rascunhar um lugar possível, uma alteridade necessária para a sua escrita, ainda que combatida de dor, alcança uma dada emancipação senão para os moradores da favela, para si mesmo – enquanto alguém que a despeito das circunscritas limitações socioeconômicas e histórico-culturais impetrou alçar voos para além daqueles, prontamente, esperados – ousou escrever sobre si, talvez seja este o exercício empreendido por Carolina Maira de Jesus que atesta a singularidade de sua escrita, pois que na ordem do devir viria a ser um sujeito em função autoria tributário de uma dada discursividade.

Insistimos que é ou trata-se de uma *escrita de si* e de *outrem* que singulariza vestígios de uma denominada *governamentalidade* e um *cuidado de si* e também de *outrem*, ainda que em muitos momentos, haja nos escritos carolinianos eleitos aqui como *corpus* desta e para esta análise discursiva, algumas contradições, pois, concomitante, ao ato de por fim a inúmeros desentendimentos entre os moradores da favela, em outros singulares instantes observa-se o desejo paradoxal de apontar os deslizes desses mesmos moradores.

Assim, uma das características de uma das posições-sujeito em QD e DB é anunciar o desejo emancipatório de um sujeito morador do quarto de despejo (a favela) com suas singularidades de sujeito catador de lixo e de palavras, de garimpar no lixo ou na escrita atípica para aquele intitulado momento, a inscrição outra de outros e diversos resquícios, de outras e diversas palavras a sussurrar a dor dos desvalidos e colocá-la como pauta de um diário a ser preservado.

O quarto de despejo (espaço privado) configurava na promessa ainda que longínqua do sujeito em posição autoria de gritar ao mundo a dor dos desarrimados; por outro lado, o

quarto de despejo (o espaço público) constitui-se na tentativa de exercer um possível *cuidado de si* e de *outrem*, ainda que se valendo de uma possível governamentalidade de si nos moldes anunciados por Foucault. O sujeito, em função autoria, tem clarividência de uma luta sabida de palavras, embora a maior batalha fosse e assim o foi em uma arena em que *a priori* só os brancos, oriundos de uma camada mais abastada e, altamente, escolarizados seriam e poderiam ser arrolados como os autores literários, entenda-se, canônicos. Cônsia ou não do desejo de (re)encontrar a verdade, nesse jogo intrincado entre desejo, poder e vontade de saber e de poder, Carolina – sujeito autoria – experimenta os opostos e consegue publicar alguns diários que, por suas singularidades, não lhe deu nem daria a carta convite para ser aceita em um mundo que, já de antemão, retém-na, pois não possuía e nem chegou a possuir os pré-requisitos necessários para ser arrolada como uma poeta.

Para além das questões que possam ser aferidas no tocante ao diário, especialmente, aquelas eleitas aqui, como *corpus* desta pesquisa, importa salientar que os textos confessionais (memórias, diários, autobiografias) são uma tentativa do sujeito que se intitula o “eu” da narração no desejo de registrar uma experiência humana, via linguagem literária – lugar possível da e para a transgressão. Ora, a escrita autobiográfica (no presente caso, os diários íntimos) constitui-se na tentativa de narração de si, aliás, fora este o exercício empreendido por Carolina Maria de Jesus no final dos anos sessenta. Assim, quem fala, o faz a partir de um determinado lugar, sob determinadas condições de produção, a partir de relações precisas de poder e circunscrito por esta ou aquela formação discursiva.

Não ambicionávamos, nesta pesquisa, cunhar uma escrita enquanto identidade autoral relativa a uma vitimização, pois que o sujeito autor para além de suas condições socioeconômicas evidencia uma possível *escrita de si* que não raramente também é uma tentativa de reinvenção e/ou (re)invenções de si (como diria Foucault fazer de sua vida uma obra de arte, uma estética da existência). Ao se inscrever e se circunscrever a partir de um lugar social, o de favelada, delibera escrever sobre o dia-a-dia objetivando senão modificar o circundante, ao menos inventariar outro lugar para si (longe da favela e, se possível, em uma casa de alvenaria), por isso, anunciávamos, anteriormente, que a escrita de si em QD e DB reescreve a tentativa do sujeito que se incumbe da narração de si, de empreender uma melhoria para sua própria vida e talvez para os outros favelados.

A *escrita de si* – para retomarmos aqui as acepções foucaultianas – delibera a possibilidade do *dizer de si*, do *dizer de outrem*, ainda que, chamuscados de (re)invenções de si. Não cremos que a escrita autobiográfica, designada, por muito tempo, como um gênero discursivo menor, o seja, de fato, menor. Aliás, nem adentraremos no mérito desta questão,

pois foge aos propósitos e objetivos desta tese, uma vez que demandaria uma inscrição outra e uma expedição por outros e diversos caminhos, talvez o da crítica literária e o da estética da recepção.

Implica, por ora, concebermos a *escrita de si*, de natureza testemunhal, como o espaço das possibilidades de *escrita de si* e de (re)invenções de si e de *outrem*, pois que por meio da linguagem, o sujeito se constitui como tal.

Nesse sentido, a escrita é quase sempre, em certa medida, autobiográfica, ainda que dada à ficção ou não, pois que a instância enunciativa autoral a despeito de falar de *si*, pode fazê-lo com matizes outros, isso é, acrescido de vieses ficcionais, ainda que esteja compactuada a dizer tão somente uma suposta verdade. Segundo Foucault ao retomar Aldrovandi: “a natureza, em si mesma, é um tecido ininterrupto de palavras e de marcas, de narrativas e de caracteres, de discursos e de formas.” (FOUCAULT, 2007, p.55). Por essa razão, proferimos acima que a escrita é fatalmente a inscrição mais ou menos comprometida de uma instância enunciativa com uma suposta verdade. Se mais comprometida, intitularam-na de autobiográfica, se não, designaram-na, de não biográfica e, por isso, intitulada, de gênero maior.

Por outras palavras, ainda que não estivéssemos realizando uma análise discursiva de um gênero discursivo alcunhado autobiográfico, ainda assim, a instância enunciativa autoral faria recortes de uma dada materialidade que, ao ser transformada/codificada, em linguagem literária, estaria chamuscada de matizes reais e outros, quer sejam invencionais, visto que toda tentativa de escrita, seguramente, deixa à mostra um processo de simulacro do real. Nesse sentido, este possível real não seria mais que a tentativa malograda ou não de escriturar o real ainda que com vieses inventivos.

A análise dos enunciados selecionados em QD e DB possibilitou-nos a remissão à concepção de poder foucaultiana para entreabrir essa relação binária entre individual e social e considerar a heterogeneidade das relações sociais, as quais implicam não somente imposições sociais aos sujeitos, mas também na possibilidade de que os sujeitos atuem nas teias dessas relações, evidenciando que o poder não é algo que deriva de determinado grupo social, mas que é, efetivamente, uma prática dos sujeitos. Em muitos momentos, um dos posicionamentos do sujeito se vale do poder da escrita para ameaçar os outros favelados, em outros, uma posição do sujeito que se compadece destes mesmos favelados, portanto, há que pensarmos, conforme Foucault, em efeitos de poder, de natureza, reversíveis.

Fixamos nessas considerações que tomamos a obra literária como um acontecimento discursivo e como tal funciona dentro de uma regularidade de discursos ou para valermos dos

trabalhos de Foucault, dentro de uma ordem do discurso e sob efeitos de uma dada exterioridade. Nesse sentido, a obra literária não seria um espelho da realidade, ela é a possibilidade de constituição de uma subjetividade. Daí que recorreremos nesta pesquisa à ideia de processos de subjetivação. É evidente que a objetivação de uma subjetividade só é possível mediante o desafio teórico e analítico de identificarmos as singularidades desta subjetivação, pois que ela só aparece objetivada, na medida em que haja o desejo de descrevê-la e isso fora feito pelo artifício de uma objetivação não de uma individualidade, mas de uma subjetividade. Daí pensarmos em posições-sujeito. Esta subjetivação trata-se de um processo ininterrupto, movente, fluído, sujeito a efeitos de uma exterioridade.

Assim, o sujeito vai assumindo em QD e DB diversos posicionamentos no discurso: de mulher favelada à mulher escritora, de mulher compassiva dos problemas e mazelas sociais à mulher delatora dos deslizes dos favelados, de dona de casa à catadora de lixo e de palavras, de mulher semiescolarizada à escritora em QD e, ainda, de menina errante à mulher cônica de seu papel social em DB; de menina que ambiciona mudar de gênero – porque já acreditava que a condição feminina, a exemplo de outras (o fato de ser negra e pobre) seria um empecilho na conquista de seu sonho de tornar-se, tempos depois escritora – à mulher provedora de um teto e responsável pelos seus filhos.

Esta constituição do sujeito como empreendemos ao longo desta tese deu-se pela ‘escrita de si’ ou o que denominamos em uma das sessões por: “No ensaio de si: a constituição de um sujeito na contradição (nem totalmente delator, nem propriamente portavoz dos excluídos)”. No exercício de escrever ou no ensaio da escrita de si há, em analogia, salvaguardadas as diversas e possíveis diferenças com os hypomnemata, a necessidade de se inscrever, colocar-se como pauta, como possibilidade de organização de si, via escrita, via cuidado de si, ainda que seja para, como diria Blanchot (2005), ‘escrever para não morrer’; escrever como necessidade de se manter viva e perpetuar o presente ainda que macerado de dor.

Somos cômicos de que Carolina, a escritora autodidata e com tantas restrições econômicas, culturais e sob efeitos de tantos impedimentos, esteve imersa em uma condição de produção singular. Talvez, para alguns leitores, seria demais pensar em uma ‘escrita de si’, em um discurso fundante de uma discursividade outra. Esta análise discursiva não poderia, evidentemente, atentar-se para intenções, há que nos determos na análise de nossa materialidade. Conquanto, talvez estas mesmas condições de produção adversas para a consolidação de uma autora tenham justamente permitido a constituição de uma

discursividade outra que na ordem do devir colocaria autora e obra no rol dos autores mais lidos no Brasil.

Resguardadas as inúmeras diferenças entre a constituição dos hypomnemata, da ‘escrita de si’, do cuidado de si retomados e tratados por Foucault, esta pesquisa buscou um gesto de leitura possível e veiculou a possibilidade de se pensar para além do etiquetável, especialmente, ao tomarmos o *corpus* de análise como organizador de uma discursividade. Conforme pudemos depreender durante e com as análises, há em QD e DB, um projeto literário de tentativa de escrita de si e se esta escrita escapa ao modelo padrão de uso da língua formal; por outro lado, inaugura um tipo de texto – diário íntimo inusitado ao vir de pena feminina e, ainda, de uma posição social favelada. No gesto da escrita de si, há, seguramente, uma tentativa de organização da realidade, de reorganização de si e de tentame de inscrição em outra realidade – ainda que seja fazendo uso da recursividade das aspirações.

Pela análise discursiva depreendida, pelo estudo teórico proposto e ambicionado, resta dizer que chegamos aqui às linhas finais para que seja efetivado um possível arremate. Contudo, há que dizermos que uma pesquisa, fatalmente, nunca estará conclusa. Haverá sempre outros e tantos outros gestos de leitura possíveis e pontos nodais. O texto está posto, as palavras já foram ditas, os embates se exibem e as faltas, estas nos incitam a olhar novamente para esta pesquisa com outros olhos, talvez menos ingênuos, menos afoitos e empreender outro caminho possível. Assim, limitamos a proferir que este sujeito investigador, durante o processo investigativo passou por várias nuances particulares em sua vida que acabam por manifestar no seu trabalho (as retomadas, os excessos de zelo e para alguns as repetições – resquício de um pedagogismo exacerbado que, desde longa data nos constitui). Por ora, esperamos; ao menos, é esta a ilusão de completude a qual nos alimenta que o ir e vir da pesquisa e na pesquisa traz ou parece trazer resultados cogentes para a tese, uma vez que vai aparando as arestas do corpus para chegar ao resultado final ou primeiro, por fim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Caderno de Estudos Linguísticos. Campinas, v.19, p. 25-42, jul./dez. 1998

_____. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AZAMBUJA, Elizete Beatriz. **A relação sujeito/língua dividida, na produção da “hipercorreção”**. *ÍCONE – Revista de Letras*, São Luís de Montes Belos, v. 2, p. 88-104. Publicado em jul./2008. Disponível em [ttp://www.slmb.ueg.br/iconeletras](http://www.slmb.ueg.br/iconeletras)

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7ª edição. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Problemas na poética de Dostoiévski**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1994.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **A conversa infinita: a experiência limite**. São Paulo: Escuta, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. De Maria João da Costa Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENEVENUTO, Silvana José. **Quarto de despejo: A escrita como arma e conforto à fome**. Baleia na Rede. Revista on-line do Grupo de Pesquisa e Estudos em Cinema e Literatura. ISSN: 1808-8473

BENVENISTE, Émile. “O aparelho forma da enunciação”. In: **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p.81-90.

BLOM, Harold. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro, 1995. Objetiva.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: Lições americanas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARRIJO, Fabiana Rodrigues. No ensaio da ‘escrita de si’: a escritura rasurada de Carolina Maria de Jesus. In: **Michel Foucault e o discurso: aportes teóricos e metodológicos**. (Orgs) Wellisson Marques, Maria Aparecida Conti, Cleudemar Alves Fernandes. Uberlândia: EDUFU, 2013, Linguística IN FOCUS, 9) p.121-149

COSTA, Cláudia de Lima. “O leito de Procusto: gênero, linguagem e as teorias feministas”. In: **Cadernos Pagu nº02**, Campinas, 1994, p.141-174

COX, Maria Inês Pagliarini. **Pedagogias da língua: muito siso e pouco riso**. *Caderno Cedes*, Campinas, vol. 24, n. 63, maio/agosto, 2004, p. 135-148.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Constrangimento Discursivo e estratégias de legitimação na literatura brasileira contemporânea**. Revista de Pós-Graduação em Letras – UFPB – João Pessoa, vol. 7, N.2/1, 2005 – p. 65-70. ISSN 1516-1536.

_____. **A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea**. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 4, p. 18-31, dezembro 2007.

_____. **Imagens da mulher na narrativa brasileira**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit>. Acesso em outubro de 2009a.

_____. A personagem do romance brasileiro contemporâneo – 1990- 2004. Disponível em: http://www.cronopios.com.br/anexos/regina_dalcastagne.swf. Acesso em setembro de 2009b.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. O que é uma literatura menor? In: **Franz Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1978. cap. 3., p. 25-42.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 4, Rio de Janeiro, Editora 34, 1997, p. 18-19.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

ECO, Humberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Estética, literatura e pintura, música e cinema**. Org. de MOTTA, Manoel de Barros. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 9ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **A arqueologia do saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ªed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.

_____. **O que é um autor?**. 7ª ed. Trad. José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens, 2009.

_____. A vida dos homens infames. In:_____. **O que é um autor?**. 7ª ed. Trad. de José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens, 2009. p. 87 a 126.

_____. A escrita de si. In:_____. **O que é um autor?**. 7ª edição. Trad. de José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens, 2009.p.127 a 158.

_____. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 21ª ed, São Paulo/SP, Edições Loyola, 2011 a, 79p.

_____. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A.Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2011b.

_____. **História da Sexualidade 3: O cuidado de si**. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque Rio de Janeiro, Edições Graal, 2011c.

_____. **História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2012a.

_____. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Edição estabelecida sob a direção de Francois Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros. 3ª ed. Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. 3º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011d, 2ª tiragem.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. de Raquel Ramallete. 39.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011e.

_____. **Estratégia, Poder-Saber**. Ditos e Escritos IV. Org. de MOTTA, Manoel de Barros. Trad. De Vera Lucia Avellar Ribeiro. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Trad. de Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Campinas: Pontes, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso**. Tradução: Maria Fausta P. de Castro. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo – diário de uma favelada**. V. 1 da Coleção Contrastes e Confrontos. São Paulo: Oficinas Gráficas de Linográfica Editora Ltda , 1960 .

_____. **Casa de Alvenaria**. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

_____. **Pedaços da fome**. São Paulo, Águila, 1963

_____. **Provérbios**. São Paulo, Águila, 1963.

_____. **Antologia Pessoal**. Org. de José Carlos Sebe Bom Meihy; [revisão de] Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

_____. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2007

KLEIMAN, A.B. (org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, Mercado das Letras, 1995.

KOTHE, R. Flávio. **O cânone colonial**. Brasília. Editora da Universidade de Brasília, 1997.

LAJOLO, Marisa. *Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina*. In: **Antologia Pessoal**. Org. de José Carlos Sebe Bom Meihy; [revisão de] Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

LEJEUNE, PHILLIPE. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LEVINE, Robert. “Um olhar americano”. In: MEIHY, José Carlos Sebe & LEVINE, Robert. **Cinderela negra. A saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1994.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Uma reflexão metodológica sobre análise de discurso. In: **Análise do Discurso: Unidade e Dispersão**. Uberlândia: Entremeios, 2004 p.109 -114

_____. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FERNANDEZ, Andréa Raffaella. **Percursos de uma poética de resíduos na obra de Carolina Maria de Jesus**. Itinerários, Araraquara, n. 27, p.125-146, jul./dez. 2008

MAGNABOSCO, Maria Madalena. **Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus: um estudo sobre gênero**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002. 267p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad de Eni P. Orlandi: Campinas: Pontes, 2003

MATHIAS, M.D. Autobiografias e diários. In: Revista Colóquio/Letras. Ensaio, nº143-144, janeiro 1997, p.41-62. Disponível em: <http://coloquio.gulbendian.pt/sirius.exe/explore>. Acesso em: 29 de dezembro de 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom & LEVINE, Robert. **Cinderela negra. A saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1994.

_____. & LEVINE, Robert. **Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio**. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da USP. Texto disponível em: <http://cefetsp.br/edu/eso/cidadania/meihysp.html>. Acesso em 24/06/2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *O inventário de uma certa poetisa*. In: **Antologia Pessoal**. Org. de José Carlos Sebe Bom Meihy; [revisão de] Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

_____. Anos Dourados, Mulheres Malditas, Diários Esquecidos. Carolina Maria de Jesus e Maura Lopes Cançado. Texto disponível em: www.2dbd.puc_rio.br/pergamum/.../06610454_08_postextual.pdf. Acesso em: 07 de agosto de 2009.

MENEGHEL, Stela Nazareth et al. **Histórias de resistência de mulheres negras**. Estudos Feministas. Florianópolis, 13 (3): 567-583, setembro-dezembro/2005.

MILNER, Jean-Claude. **O amor da língua**. Tradução: Ângela Cristina Jesuino. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MORAIS, Mara Rúbia de Souza Rodrigues. **A trama discursiva de si, entre o estético e o ordinário: identidade e diferença nos fios da memória**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Unesp. Araraquara, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 3ª edição. Campinas, S.P: Pontes, 2001a

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001b.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad, Eni Puccinelli Orlandi. Et al. Campinas, S.P: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. 5ª edição, Campinas: Pontes, 2008.

_____. “Os fundamentos teóricos da Análise automática do discurso de Michel” (1969). In: GADET, F. & HAK, T. (org). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**, trad. Bethânia S. Mariani et. al. Campinas, S.P: Editora da UNICAMP, 1997, p.13-60.

_____. Papel da memória. In: **Papel da Memória**. ACHARD, Pierre et al. Tradução e introdução: José Horta Nunes, 3ª, Campinas, São Paulo: Pontes, 2010

PERPÉTUA, Elzira Divina. **Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de 'Quarto de despejo'**. Belo Horizonte: Fale/UFGM, 2000. 366p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Fale/UFGM, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RENNOTTE, Maria. **Escritoras negras**. Disponível em <http://cucamott.sites.uol.com.br/escritorasnegras.htm>. Acesso em 02 de junho de 2009.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad. de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SILVESTRE, Nathércia. **Carolina de Jesus: a beleza de ser “diferente”**. Baleia na Rede. Revista on-line do Grupo de Pesquisa e Estudos em Cinema e Literatura. ISSN: 1808-8473

SILVA, José Carlos Gomes da. **Memórias da infância e juventude em Carolina Maria de Jesus (1914-1977)**. Disponível em: www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n2/pdf/08-jose.pdf. Acesso em 07/09/2009.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus – o estranho diário da escritora vira-lata**. Tese de Doutorado. Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 262p.

SOUSA, Marisa de Assis. **Tarefa do Dia: Abrir as portas e jogar o despejo fora**. FCJP Universo do Conhecimento - Revista Acadêmica Multidisciplinar. Ano 1, número 1, outubro de 2006.

TOLEDO, Christiane V. S. **Carolina Maria de Jesus: a escrita de si**. In: Letrônica v. 3, n. 1, p. 247-257, julho 2010.

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. In: SCHARZ, Roberto (org.) **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.